

Eterna Paixão

Cherished

Elizabeth Thornton



Inglaterra, 1796

Um começo eletrizante... Um encontro sedutor... Um casamento perigoso!

Quando tinha apenas dezesseis anos, lady Emily Brockford foi forçada a se casar com Leon Devereux para salvaguardar sua reputação. Entretanto, foi apenas uma união formal, e logo o sedutor Leon partiu em busca de uma vida de aventuras. Agora ele está de volta, reivindicando a consumação do matrimônio. Mas Emily não tem a menor intenção de se sujeitar às exigências do "marido", por mais irresistível que seja o charme dele...

Apesar de sua fama de homem conquistador e mulherengo, o coração de Leon sempre pertenceu a Emily, com quem ele teve de se casar quando ela era praticamente uma menina. Mas agora Emily se transformou numa linda e encantadora mulher, que o faz ansiar por um amor que ele nunca conheceu...

Digitalização: Joyce
Doação e Revisão: Andréa





Elizabeth Thornton é especialista em escrever romances históricos. Ela adora pesquisar. Procura criar tramas em lugares do passado cuja descrição seja o mais autêntica possível. Depois de três anos sem lançar nenhum livro, Elizabeth retorna as prateleiras de best-sellers com o mesmo sucesso, e mais elogiada e prestigiada do que nunca!

Prólogo

Como sempre, naquele verão os pomares e os jardins de Kent foram os primeiros a florir em toda a Inglaterra. Emily caminhava pelas alamedas de pedra de Rivard Abbey, enlevada com a profusão de aromas, sons e visuais que a circundavam. Sentia-se desperta, como se a vibração daquele verão em particular pulsasse em uníssono com seu coração, trazendo promessas de algo desconhecido. Emily não era mais uma menina, porém ainda não se tornara mulher.

Encontrava-se perdida em contemplação, quando ele surgiu junto à fonte. Chamou-a pelo nome, e ela ergueu a cabeça, pondo a mão espalmada pouco acima dos olhos para quebrar a luminosidade.

Por um momento não o reconheceu. Viu apenas um rapaz na casa dos vinte anos, que parecia deslocado entre as flores do jardim.

— Seu tio me disse que a encontraria aqui. - O sorriso se apagou do rosto feminino.

— Leon! — Emily exclamou, estendendo-lhe a mão, na tentativa de se recuperar do choque de vê-lo outra vez.

Sem que ela esperasse, o rapaz depositou-lhe um beijo na palma de cada mão. O charme que emanava dele era palpável.

Emily nunca duvidara disso. O que a espantava, porém, era que ele o desperdiçasse com ela. Jamais haviam sido amigos, desde a mais tenra infância. Experimentaram uma aversão mútua desde o primeiro momento em que se viram.

— Quando chegou a Inglaterra, Leon? Tia Zoe não me disse nada. Ela o esperava?

— Ninguém me aguardava. Resolvi fazer uma surpresa a todos. Além do mais, não perderia seu aniversário por nada deste mundo. — Ante a expressão de espanto de Emily, ele continuou: — Feche a boca, garota travessa, isso não é próprio de uma dama. Você finalmente cobriu aquele feixe de ossos. Está bem mais apresentável, mas não estou certo se gostei de você ter cortado os cabelos. Ficavam-lhe melhor compridos.

Agora sim, parecia-se mais com o Leon Devereux que Emily conhecia.

— E você não mudou nada — ela sibilou por entre os dentes. Ele soltou uma sonora gargalhada.

— Sabia que os seus olhos mudam de cor quando fica com raiva? Estão brilhando

como ametistas neste exato momento.

As respostas que aquele homem odioso merecia custavam a vir-lhe à mente. Afinal, estava sem prática. Não o via há quase dois anos, desde que a livrara de sua odiosa presença, indo viver em Nova York.

Não obtendo resposta, Leon prosseguiu:

— Quando pensava em você, imaginava-a neste exato lugar. Uma rosa inglesa num jardim florido: segura, enclausurada, inviolável... — disse com ternura.

Aquelas súbitas mudanças de humor confundiam-na. Além disso, duvidava que aquele homem tivesse lhe devotado nem sequer um pensamento durante todo o tempo em que estivera ausente.

— Quanto tempo pretende ficar?

O olhar profundo de Leon se estreitou.

— Não muito. Nova York é meu lar agora. Mas tenho negócios concluir na Inglaterra. Em seguida partirei.

Com perfeita sinceridade, Emily disse:

— Espero que seus negócios sejam concluídos satisfatoriamente muito em breve.

— Diga-me, lady Emily, o que tem feito durante minha ausência? — ele perguntou, ignorando o comentário sarcástico.

Enquanto conversavam, Leon a guiava pelas aléias, parando vez ou outra para admirar uma flor rara. Não havia muito para contar. Emily fizera poucos amigos na escola e recebera um número considerável de méritos no dia da formatura. O que não mencionou foi que trocava tudo aquilo por um décimo da popularidade da irmã. Sara não lograra muito êxito acadêmico, porém era a garota mais popular de toda a escola. Não lhe diria nada disso, no entanto, pois certa vez ele a acusara de ter ciúme da irmã.

— Sara ficará desapontada de não estar aqui para lhe dar as boas-vindas — concluiu, encerrando a narrativa. — Quando terminou o ano letivo, ela viajou para visitar alguns amigos, mas voltará no final de semana.

Leon não teceu comentário algum sobre isso. Após um longo silêncio, perguntou:

— E quanto ao futuro? O que pretende fazer? — Emily deu de ombros.

— Uma temporada em Londres. Bailes. Festas. Esse tipo de coisa. — Não prosseguiu, pois não acreditava que ele estivesse interessado nesses assuntos. A vida dele era milhares de vezes mais excitante. — Conte-me sobre a América e o Canadá. Tia Zoe disse que você se saiu muito bem por si próprio. Ainda vive com sua irmã Claire e a família dela?

— Você quer dizer que me saí bem para um refugiado francês que chegou à Inglaterra só com a roupa do corpo? — Quando ela fez menção de sair correndo, Leon a segurou pelo braço. — Não. Eu não pretendo brigar com você. O comentário saiu sem pensar. E, sim, me saí bem. Claro que tive a ajuda generosa de meu cunhado. Agora, não sou mais o parente pobre que depende da caridade alheia, Emily.

— Ninguém o considerava assim.

— Talvez não. Talvez eu fosse muito sensível. Seu tio custeou meus estudos, as roupas que vestia e o teto sobre minha cabeça. Além de dar-me uma mesada, pois eu

não tinha nada de meu. Como deveria me sentir? — Parou abruptamente e se afastou dela alguns passos. — Às vezes me esqueço da sua falta de experiência. Esqueço que você tem apenas dezesseis anos. A mesma idade que eu tinha quando cheguei a Inglaterra. Mas a minha vida era muito diferente da sua.

Emily tinha plena consciência disso. Dez anos antes, Leon chegara como uma consequência da Revolução Francesa. Apesar de não conhecer os detalhes, sabia que seu tio Rolfe livrara o irmão de sua mulher da guilhotina.

Nos dias que se seguiram, Emily descobriu que Leon ocupava quase todos os seus pensamentos. Tinha mudado radicalmente naqueles dois anos e para melhor. Não se podia negar que se tornara um homem muito bonito. Às vezes era difícil acreditar que se tratava do mesmo garoto horrível que atormentara sua infância. Reconhecia que ela também devia ter sido uma criança difícil. Mas isso talvez se devesse a uma série de eventos catastróficos que lhe sucederam antes que completasse o sétimo aniversário. Num curto intervalo, ela e a irmã perderam o pai, a mãe e o padrasto, que lhes deixara um considerável dote. O irmão de seu pai, tio Rolfe, fora designado como tutor até que completassem a maioridade. Quando ele se casou com Zoe Devereux e a trouxe para Rivard, as duas meninas já haviam sido mimadas demais pelos criados e adquirido um temperamento impossível.

No verão de 1796, surgira Leon Devereux. O rapaz de cabelos negros tinha a aparência de um cigano e, daquele dia em diante, tudo mudou na vida das duas irmãs.

Diante de dois olhinhos arregalados, o garoto dissera no dia de sua chegada:

— Não fique alarmada, criança, sou Leon Devereux, irmão de Zoe. — E, em um tom mais baixo, acrescentara: — *Et comme je souhaite que tu aies dix ans de plus.*

Houvera um intervalo em que ninguém disse nada, então Emily recuperou a voz para perguntar:

— Por que gostaria que eu tivesse dez anos a mais?

O rapaz ficara com as faces da cor escarlate. Porém antes que pudesse responder, a voz de Sara se fez ouvir do corredor:

— Emily! Emily! Leon está aqui. O irmão de tia Zoe. O que acha... Oh! — Estacou ao entrar na sala.

Daquele momento em diante, Emily fora esquecida. A língua de Sara não parou mais. Enchia o rapaz de perguntas e monopolizava sua atenção. Ela simplesmente o idolatrava.

Leon, por sua vez, parecia cativado pela vivacidade da criança e fazia-lhe todas as vontades.

Emily era mais cautelosa. Convencera a si mesma de que ora completamente indiferente a ele e ocupou seu tempo cuidando dos filhos de tia Zoe, que nasciam um atrás do outro.

Na véspera do baile de aniversário de Emily, a família se encontrava reunida na sala de estar. Ela parecia taciturna e quase não falara durante o jantar. Seus pensamentos vagueavam no passado.

"Quando eu crescer, vou me casar com Leon", dissera Sara certa vez, fazendo todos os adultos gargalharem.

— Em que está pensando? — A voz de Leon trouxe-a de volta ao presente.

Emily não respondeu de imediato. Olhou de relance para a tia, que estava absorta em seu bordado.

— Você estava perdida em pensamentos durante todo o jantar e continua calada. O que a preocupa, querida? — insistiu tio Rolfe.

— Estou pensando que amanhã será o grande dia e preciso me recolher mais cedo.

Estava sorrindo ao se despedir, porém o sorriso esmoreceu em seus lábios quando alcançou seus aposentos. Na verdade, pensava na irmã. Como reagiria no dia seguinte? Será que Leon e Sara se tornariam outra vez inseparáveis?

Cinco minutos após a chegada de Sara, Emily obteve a resposta. Sua irmã irrompeu sala adentro quando a família fazia o desjejum. Leon apenas teve tempo de se levantar antes que ela se pendurasse em seu pescoço e lhe beijasse as faces efusivamente.

— Não posso acreditar! — exclamou. — Quando o mordomo me contou, eu não acreditei! Você, seu demônio! Por que não me contou que estava vindo? Já viu minha égua nova? Está no estábulo. Tio Rolfe me deu de presente de aniversário... — A torrente de palavras parecia não ter fim. — Olá, Emily. Como estão todos? Venha, Leon, tenho tanto para lhe contar... — concluiu, agarrando-o pelo braço e retirando-o da sala.

Afinal chegara a hora da festa. Emily apareceu deslumbrante no alto da escada, e os homens a fitaram com admiração. Quando desceu, Leon estendeu-lhe a mão.

— Decididamente você não é mais uma menina — disse ele, beijando-lhe a face e enviando uma mensagem muda e indecifrável a tio Rolfe.

Mas não era assim que ela se sentia. Ao contrário, considerava-se uma criança, e Leon Devereux era outra vez aquele garoto horrível, inventando toda sorte de traquinagens para humilhá-la.

— Tem razão, Leon — concordou tio Rolfe. — Não me espantaria se antes de o baile acabar você recebesse várias propostas de casamento, minha querida.

Emily deu um sorriso brilhante. E assim permaneceu até que chegou o momento de dançar com Leon. Sabia que não poderia enfrentá-lo. Não desejava uma contenda verbal no dia de seu aniversário. Antes que ele pudesse alcançá-la, ela esgueirou-se pelo salão e foi se esconder na biblioteca.

Não se passara nem um minuto, porém, quando Leon irrompeu porta adentro.

— Se não me falha a memória, esta seria a nossa dança — ele vociferou, aproximando-se, até a encurralar contra a estante.

Tremendo da cabeça aos pés, Emily estendeu ambas as mãos para afastá-lo.

— Pois eu preferia abraçar uma cobra venenosa a dançar com você.

Havia um brilho perigoso no olhar de Leon.

— Palavras não funcionam com você, não é mesmo, Emily? Talvez isto lhe ensine uma lição.

Ela abriu a boca para protestar, mas, antes que soubesse o que estava acontecendo, sentiu seus lábios sendo pressionados contra os dele, abafando seus gritos.

Braços fortes a envolviam com tanta força que julgou que sua coluna se partiria em duas. Porém não se tratava de um abraço entre duas pessoas apaixonadas. Era algo selvagem. Leon parecia querer castigá-la! Lágrimas escorriam pelas faces rubras de Emily. Por fim, os lábios doloridos conseguiram proferir:

— Eu odeio você com todas as minhas forças.

Naquele momento, notou que Leon não a encarava. Seu olhar voltava-se para a porta que se abrira. Parado com uma expressão de cólera, estava tio Rolfe.

— Leon, você deve um pedido de desculpas a minha sobrinha — o tio sibilou por entre os dentes.

Leon hesitou. Por fim, estendeu a mão para ela.

— Lady Emily, minhas sinceras desculpas.

Seus olhos, no entanto, não deixavam transparecer um só traço de arrependimento. Em seguida, girou sobre os calcanhares e se retirou do aposento.

A festa terminara. Os convidados já tinham se retirado havia algum tempo e os anfitriões estavam recolhidos em seus aposentos. Antes que Emily se despisse, Sara irrompeu em seu quarto em prantos.

Aguardou até que a torrente de palavras da irmã fizesse algum sentido.

— Ele me humilhou. Eles marcaram um encontro bem debaixo do meu nariz! Oh, você pode acreditar? Vão se encontrar no quarto da torre.

Emily sabia exatamente a quem Sara se referia. Seus olhos seguiram Leon a noite inteira, observando suas frequentes idas à poncheira. Tampouco perdera os flertes ultrajantes com lady Judith Riddley.

— Mas lady Riddley é casada — objetou ela. — E seu marido é amigo de tio Rolfe.

— E daí? — vociferou Sara — Às vezes você parece tão criança!

— O que pretende fazer? — Emily perguntou à irmã.

— O que pretendo fazer? Acho que vou atrás deles com um chicote, ou talvez pegue a pistola de tio Rolfe e dou um tiro neles. Ou melhor, vou colocar uma bala nos meus miolos para que ele se sinta culpado até morrer... Ou ainda... — Sara saiu do quarto aos prantos.

Todo aquele ataque logo passaria, pensou Emily. Sara sempre fora passional. Seu temperamento parecia um incêndio que se apagava ao primeiro jato de água. No entanto, por via das dúvidas, seria melhor deixar a pistola do tio fora de se alcance.

Emily jamais descobriu como se desenrolou o curso dos acontecimentos que se seguiram naquela noite. Suas emoções se encontravam em um turbilhão desde que Leon a humilhara com aquele beijo repugnante. Não pensava com clareza. Sabia apenas que não permitiria que Leon Devereux profanasse o quarto que um dia fora ocupado por sua querida avó.

O quarto da torre encontrava-se vazio havia anos. A mobília ainda era a mesma. Sem refletir, deitou-se na cama, onde tantas vezes dormira com a avó, e caiu em um sono profundo.

— Leon! — Emily despertou assustada e esfregou os olhos. Estava sonhando com ele. Será que dissera seu nome alto? A pistola jazia em seu peito. — Leon! Por favor! —

Agora o som era mais nítido. Emily levantou-se, estarrecida. A voz feminina vinha do quarto em frente e pertencia a lady Riddley. A porta estava aberta e, de onde se encontrava, podia vislumbrar, à luz fraca, a mulher nua estendida em cima da cama. Os cabelos revoltos espalhavam-se no lençol. Um homem estava de pé junto ao leito, despiendo-se. Emily ficou paralisada e o sangue congelou-lhe nas veias ao reconhecer Leon.

- Depressa — disse lady Riddley. — Estou queimando por você...
- Você parece um animal no cio — respondeu ele.
- Se eu sou um animal, o que você é? — soou rouca a voz da mulher.
- Um garanhão sentindo o cheiro da égua.

Emily tapou a boca para reprimir o grito de horror que insistia em lhe sair da garganta. Sentia-se nauseada e tremia com violência da cabeça aos pés.

Leon inclinou-se sobre a mulher, que gemia e se contorcia. A respiração de Emily estava pesada. Julgou estar assistindo a dois gladiadores em um combate mortal. Por um momento temeu que Leon matasse aquela mulher. Por fim, como uma sonâmbula, conseguiu dar alguns passos até o corredor.

Foi então que a mulher soltou um grito. Ele realmente a estava machucando. Lágrimas escorriam pelas faces de Emily, que se encostou à parede do corredor para não cair. Algo terrível estava acontecendo naquele quarto. Os gritos e gemidos pareciam não ter fim. De repente, tudo cessou. Estava prestes a se afastar quando ouviu a voz de lady Riddley.

- Eu me interessei por você no instante em que o vi.
- Eu sei. — O tom de voz de Leon era sarcástico.
- Só não entendi esse seu súbito interesse por mim — declarou ela.
- Não tem um motivo especial, apenas aconteceu.
- Acho que eu sei a resposta... a sobrinha de Rivard...
- Deixe-a fora disso. Ela é apenas uma criança — ele falou irritado.

Ao ouvir aquelas palavras, Emily não conseguiu mais conter a náusea e começou a tremer em espasmos e convulsões.

— Quem está aí? — a voz de Leon soou estridente. Com uma mão na boca e a outra segurando a pistola, Emily dirigiu-se à escada, enquanto Leon, nu como no dia em que nascera, aparecia no corredor.

— Meu Deus, Emily! O que está fazendo aqui? — Deu alguns passos em sua direção, e ela se precipitou pela escada, parando apenas quando entrou no hall da casa principal. Seus nervos estavam em frangalhos e ela se encontrava a um passo da histeria. Tinha dificuldade em respirar. Não havia sinal de passos a segui-la, então decidiu confinar-se na biblioteca.

— Emily! — Aquela voz queimou em seu cérebro. Como Leon conseguira vestir-se tão rápido e chegar ali antes dela? Havia quanto tempo estaria ali? — O que você viu?

Ela o encarou com olhos assustados.

- Eu... eu cheguei lá antes de você. Quando acordei, o vi... com aquela mulher.

— Onde você estava dormindo?

— No quarto de minha avó. — Estava terrificada pela expressão que via no rosto masculino.

— Emily, tenho quase vinte e sete anos. O que você acha? O que esperava? Que eu fizesse um voto de castidade? — Tentando acalmar-se, continuou com voz suave, como se falasse a uma criança. — O que viu, o que escutou... não será assim com você. Quando se casar, seu marido vai amá-la e será gentil. O que aconteceu naquele quarto não tinha nada a ver com amor — Leon concluiu agarrando-a pelos ombros.

Emily afastou-se dele e apontou a pistola com mãos trêmulas.

— Não me toque. Nunca mais toque em mim. Deixe-me sozinha... eu... eu sei como se usa isto. Vá embora. Juro que não direi uma palavra a Sara.

— Que diabos tem Sara a ver com isso? — Leon indagou, irritado, dando um passo em sua direção.

Emily agiu por reflexo. Puxou o gatilho, e uma explosão se fez ouvir no silêncio da noite. Quando a fumaça cedeu, ela viu Leon contra a porta. Um filete de sangue escorria-lhe do ombro.

— Deus do céu, Emily, você acordou a casa inteira! E se pudesse ver-se, saberia o que pensarão. Parece uma virgem que acaba de ser deflorada. Não há como escapar. Teremos de nos casar imediatamente.

— Nãaaao! — gritou ela. — Eu o odeio com todas as minhas forças. Vou odiá-lo pelo resto da minha vida.

Três dias mais tarde, casaram-se com uma cerimônia simples na Capela Rivard. E no dia seguinte Leon viajou para os Estados Unidos.

Capítulo I

A temporada em Londres estava a todo vapor. A alegria, naquele ano de 1811, superava a das temporadas anteriores. Era como se todos os pensamentos sobre a guerra com a França tivessem sido esquecidos. Emily usava seu melhor vestido. Cintura alta, corpete justo enfeitado com fitas de cetim e renda eram uma moda que havia muito deixara de chocar as viúvas mais pudicas.

Deslizando os olhos pelo salão de baile de lady Spencer, Emily refletiu que os elegantes soldados com suas túnicas escarlates não eram os únicos a trajar uniformes. Os cavalheiros não ligados ao Exército seguiam a preferência de Brummel por casacos escuros e elaborados cachecóis, enquanto as musselinas pálidas das damas quase não se distinguiam umas das outras. Mesmo assim, o cenário era brilhante.

— Uma moeda de ouro por seus pensamentos.

Emily curvou os lábios num sorriso ao fitar William Addison, um homem de pouco mais de trinta anos que se aproximara dela.

— Eu estava especulando onde estarão esses jovens trajando uniformes daqui a um mês... — Por um momento seu olhar pousou nas feições fortemente esculpidas e nos cabelos escuros do cavalheiro a seu lado, para se desviar logo em seguida.

Sentiu-se um pouco ofegante. Cada vez mais nos últimos tempos, William lhe causava aquele efeito. Parecia fazer de propósito. Era um homem atraente, viril e queria que ela tomasse ciência disso.

— William, por favor, não me olhe assim.

O cavalheiro permaneceu calado, enquanto a conduzia pelas portas que levavam à galeria. Das janelas longas, elegantemente ornadas com cortinas de seda roxa, podiam-se avistar as luzes de Buckingham House. Vários outros casais vagueavam no recinto, apreciando a extensa coleção de quadros do conde Spencer.

— Como gostaria que eu a olhasse?

— Não podemos agir com naturalidade?

— Não é natural um homem admirar uma linda mulher? — Os olhos dele fizeram uma extensa avaliação ao longo do corpo de Emily. Em seguida murmurou num tom sedutor: — Perdoe-me. Cometi uma injustiça. Não é apenas uma mulher bonita. Você é a mais bela que já conheci!

— Uma mulher casada. — A resposta foi concisa.

— Ora, nós dois sabemos que isso pode ser facilmente remediado — ele retrucou.

A cor desapareceu do semblante dela. Não o contradisse. Preferiu guiar a conversa para outros assuntos mais seguros. Mas atrás do sorriso frio e do ar equilibrado, seus pensamentos enfatizavam o que o William acabara de dizer.

Era esposa apenas no nome. Haviam se passado cinco anos, e seu casamento não fora consumado. E jamais seria. Seu ódio por Leon Devereux não era mais tão forte quanto em tempos anteriores. A passagem dos anos e a ausência dele haviam processado uma mudança nela. Não obstante, o casamento deles jamais poderia ser normal. Ambos tinham feito um acordo. Quando um deles se apaixonasse por outra pessoa, a união seria anulada e cada qual seguiria o seu caminho.

Em um momento de descuido, Emily contara mais do que devia a Sara. Fora a irmã quem revelara a verdade sobre o casamento de Emily a William Addison. Daquele dia em diante, o rapaz passou a cortejá-la. Era seu par constante, embora não ficassem a sós por mais de dois minutos. Na ausência de Leon, tio Rolfe e tia Zoe zelavam com esmero pela honra da sobrinha, protegendo-a com damas de companhia.

No entanto, um cavalheiro, se quisesse, poderia driblar esse artifício. Em mais de uma ocasião, William conseguira ficar a sós com ela. E a beijara. Então, descobrira que não era uma virgem frígida, como o marido a chamara em sua última estada na Inglaterra. Era uma mulher adulta com uma natureza profundamente apaixonada.

Emily relanceou um olhar a seu companheiro. Qualquer moça ficaria lisonjeada por ser o objeto das atenções de William Addison. Não era apenas seu rosto bonito que a atraía. Aquele homem a fazia sentir-se segura, estimada. Era um viúvo, cuja jovem

esposa morrera em um trágico acidente de barco, deixando-o solitário e infeliz. Era um homem sensível. Ele não só gostava, como respeitava a inteligência das mulheres. No Gabinete de Guerra onde trabalhava, todos reconheciam suas extraordinárias qualidades. Tio Rolfe não lhe poupava elogios.

— Diga-me: quantas vezes nos últimos cinco anos o sr. Devereux esteve na Inglaterra? — perguntou Addison.

— Poucas, como você senhor bem sabe. — Fora apenas uma vez, mas Emily guardou esse detalhe para si.

— E não permaneceu mais de um mês?

— Na companhia de algumas pessoas, um mês pode parecer uma eternidade.

William riu.

— É bastante indiferente a seu marido, não é, Emily?

— Precisa perguntar? — Mas aquilo não era bem verdade. Indiferença significava falta de emoção. E jamais poderia se sentir indiferente a Leon Devereux. Ele lhe despeitava sentimentos... Não estava certa que tipo de sentimentos o marido lhe despertava. Apenas sabia que estar ao lado dele era uma experiência penosa.

— Espero conhecê-lo algum dia.

— O quê? — Aquela observação deixou-a assustada.

— Perdoe-me, imagino que isso pareça um comentário jocoso. Por outro lado, quanto mais cedo eu o conhecer, mais cedo as coisas serão resolvidas. Estranho não ter sido apresentado a ele quando estive pela última vez na Inglaterra.

Os pensamentos passaram rapidamente pela mente de Emily. Não podia imaginar um encontro entre os dois. O que diriam um ao outro? Ela seria o assunto principal da conversa? William a estava pressionando outra vez.

— Por que ainda não o conheço? — ele insistiu.

— Faz muito tempo que Leon não vem à Inglaterra.

— Oh, sim, eu esqueci — disse William, segurando-lhe a mão.

Quando se encontraram pela primeira vez, em Rivard Abbey, William era pretendente de Sara. Emily gostou muito do jovem, mas raramente lhe dedicava um pensamento. Vários meses se passaram até se encontrarem outra vez. Naquela ocasião, o interesse de Sara se voltara para outro rapaz. Todos acreditavam que sua irmã era volúvel, mas Emily sabia que não. Sara ainda amava Leon Devereux com a mesma intensidade de sempre.

William se moveu tão depressa, tão sorrateiro que, quando Emily se deu conta, já estavam no interior da sacada.

— Emily...

O som de seu nome soava como seda acariciando-lhe a pele. Os braços fortes a enlaçaram pela cintura. O sorriso dela enfraqueceu.

— Ponha os braços ao redor do meu pescoço — sussurrou William, e Emily obedeceu.

Ela gostava do brilho ardente daqueles olhos. Ansiava ser beijada. Ergueu a cabeça,

cerrou as pálpebras e entreabriu os lábios.

Tomado pelo desejo, ele a abraçou e beijou-a com paixão. Quando a mão máscula se fechou em torno de um dos seios delicados, Emily quase perdeu os sentidos. Com um pequeno soluço de alarme e a respiração acelerada, ela o afastou. Mas o brilho nos olhos dele refletia que a reação de Emily o deixou satisfeito.

— Sim! — disse William. — Poderemos nos entender muito bem. E agora você também sabe disso. Querida, não precisa ter medo de mim. Eu a respeito e a quero para minha esposa. Jamais a forçaria a qualquer coisa. Posso roubar alguns beijos e algumas carícias, mas é o mais longe que eu me atreveria ir. Dou minha palavra de honra. Você acredita em mim?

— Sim — ela respondeu, ainda lutando para controlar a respiração.

— Eu a amo. E acho que você sente o mesmo por mim. Quando se tornará minha esposa? Já é tempo de acabar com essa farsa que é o seu casamento com Devereux. Você precisa de um marido de verdade, um homem que a ame, uma casa, filhos... Eu posso lhe oferecer tudo isso. Mas primeiro seu casamento deve ser anulado.

Aquelas palavras agiram poderosamente sobre Emily. Queria um homem que a amasse. Queria filhos e uma casa. Cada vez mais nos últimos tempos, talvez pela força do instinto, ansiava por se realizar como mulher. E não sabia por que protelava a resposta que William tanto desejava ouvir.

— Tem medo de Devereux? — perguntou ele.

— Não. Não é em Leon que estou pensando. Mas no meu tutor. Acho que o pobre homem vai enfartar se eu sugerir a anulação do meu casamento.

— Então, falarei com ele.

— Não! Por favor, não me pressione. Preciso de tempo para pensar como fazer as coisas de modo certo.

— Mas vai pensar sobre o que eu falei?

— Sim, prometo.

William conduziu-a de volta ao salão de baile, onde ela estaria sob os olhos protetores de seu tutor.

Qualquer pessoa que a visse em companhia do marquês pensaria que ele fosse um irmão mais velho. A semelhança era notável, e a cabeleira loira e bem cuidada de Rolfe lhe conferia uma aparência jovial. Infelizmente para Emily, ele desempenhava o papel de guardião com bastante seriedade.

— Onde estava, mocinha? — perguntou o tio com os olhos saltando das órbitas. — Não tínhamos a menor ideia do seu paradeiro. Sua tia ficou preocupadíssima.

— Rolfe! — protestou Zoe — Eu não estava preocupada! — Emily dirigiu um olhar de gratidão à tia. Embora Zoe fosse irmã de Leon, era uma mulher compreensiva.

— Então? Estou esperando uma resposta. Onde estava? — perguntou o tio.

Alargando os lábios num brilhante sorriso para o jovem oficial que a convidou para dançar, Emily virou-se para o tio e murmurou:

— Provavelmente onde imagina que eu estava, tio Rolfe. — Emily se divertiu a maior parte do tempo. Sempre acompanhada de pessoas da sua idade, não ficou sozinha um só

instante. Mas as palavras de William tocaram algo fundo dentro dela. Desejava o que ele lhe prometera.

O pior momento da noite aconteceu quando estavam jantando. Levou alguns segundos para que ela reconhecesse a senhora que relatava sua recente e curta estada nos Estados Unidos da América.

— Nova York é bastante cosmopolita para o seu tamanho — disse a mulher num tom que mexeu com a memória de Emily.

De repente, um flash lhe veio à mente. A cena de uma mulher nua deitada sobre uma cama. *Estou ardendo por você.*

O rosto de Emily ficou translúcido. Cuidando para não chamar atenção, baixou o olhar e levou o cálice de vinho aos lábios. Por trás dos longos cílios, observou lady Riddley mais de perto.

Não podia imaginar por que não a reconhecera de imediato. Cinco anos tinham feito pouca diferença. Continuava tão bonita quanto antes.

— Lady Emily... — disse a mulher. — Que prazer revê-la, já faz cinco anos, não é?

Embora sentisse as faces tensas, Emily curvou os lábios num meio sorriso:

— É verdade.

— E Leon, quero dizer, o sr. Devereux, não está presente esta noite?

— Não. Pelo que sei, ele se encontra em Nova York. — A resposta parecia indicar pouco interesse pelo assunto.

— Eu e lorde Riddley tivemos o prazer de encontrá-lo em Nova York. Posso estar equivocada, mas acho que ele está pretendendo vir à Inglaterra em breve.

Emily ficou indignada. Então seu marido e a amante ainda continuavam se encontrando? Respirou fundo e olhou na direção de lorde Riddley. Como sempre, o cavalheiro dava mostras de haver bebido em demasia.

— O sr. Devereux vem e vai à hora que bem entender — ela respondeu, num tom nada cortês.

— Devereux? Devereux? — repetiu lorde Riddley. — Não foi o sujeito cuja amante foi atacada? Sim, Devereux, é esse nome mesmo. Ele presenteou a pobre mulher com um conjunto de pedras preciosas, e algum valete tentou roubá-las. Qual era o nome dela? Belle ou algo parecido...

Emily engoliu em seco e desejou que uma cova se abrisse a seus pés para desaparecer da frente de todos. Estava consciente do olhar de William sobre ela. Tentando manter a classe, abriu a boca para fazer um comentário, mas lady Riddley adiantou-se:

— Arthur! O homem envolvido nesse escândalo chamava-se Deveril. Não se lembra, querido? Não era Devereux!

O conde encarou a esposa, embaraçado. Seu olhar sonolento passou ao redor da mesa até encarar Emily.

— Perdoe-me. Às vezes eu confundo alguns nomes. Deveril era o nome do homem. Sim, agora me lembro.

Ninguém acreditou. Entretanto, fingiram que sim. Aos poucos a conversa à mesa foi retomada. Emily estava consciente dos olhares de comiseração que lhe foram lançados.

O que dissera a William enquanto jantavam não conseguiu se lembrar depois. E, assim que pôde, pediu-lhe que a levasse de volta ao salão de baile. Na galeria, pararam diante de um quadro e ambos fingiram interesse na peça.

— Suponho que Devereux não signifique nada para você — disse William num tom severo.

— Menos do que nada.

— Então, por que ficou tão irritada ao ouvir dizer que ele tem uma amante?

— Não me importo com isso. Mas é constrangedor. Como acha que me senti na frente de todas aquelas pessoas? Acha que gosto de ter meu nome ligado a um libertino? Aqueles olhares! Aqueles sorrisos maliciosos! Eu me senti humilhada.

— Devereux é um tolo. Merece perdê-la. Vai pensar na minha proposta? Vai exigir a anulação do seu casamento?

Emily assentiu com um gesto de cabeça.

No trajeto de volta para casa, em St. James Square, a atmosfera no interior da carruagem naquela noite morna de abril era fria. Era evidente que tio Rolfe estava de mau humor. Emily preparou-se para receber uma reprimenda, mas parecia que a irritação do tio dirigia-se a sua irmã.

— Gostaria de saber o que se passou na sua cabeça quando permitiu que Peter Benson a tirasse para dançar quatro vezes — disse o marquês, dirigindo-se a Sara. — Não preciso lhe dizer que agora o mundo todo espera o anúncio do seu noivado.

— Talvez eu me case com Peter. Tenho que me casar com alguém. Por que não ele? É um homem bonito, de boa família...

— Só por cima do meu cadáver! Benson é um caça-dotes. Você é o prêmio matrimonial mais cobiçado no momento. Quantas vezes preciso lembrar-lhe que é uma herdeira? Seu padraсто, para não mencionar seu próprio pai, deixou um valioso legado para você e sua irmã. Peter Benson sabe disso tudo, e pretende é colocar as mãos nessa fortuna. E quando conseguir, vai dissipá-la da mesma forma que dissipou o dinheiro que o pai lhe deixou.

— Obrigada — respondeu Sara num tom frio, mas educado.

— Isso já foi longe demais, querido — interveio tia Zoe. — Sara tem inúmeras qualidades. Para mim, não é apenas uma mulher rica. É jovem, linda e popular.

— Obrigada, tia Zoe.

— O que estou querendo dizer é que, pelo casamento, seu marido se tornará proprietário de todos os seus bens — disse o marquês tentando ser razoável. — Não preciso me preocupar com o marido de Emily. Leon entende bastante de finanças. Jamais arriscaria um centavo de sua irmã, a menos que fosse por uma boa causa. Por outro lado, Peter Benson acha que dinheiro foi feito para gastar, e não para investir, pensando no futuro.

— Ah, muito bem. Já entendi — vociferou Sara. — Todos os meus pretendentes têm que passar por um teste de contabilidade antes de obter a sua bênção. Para o senhor,

devem ser cavalheiros insípidos como água estagnada.

— Não! Não é isso que estou dizendo. Veja William Addison, por exemplo. Não é insípido como água estagnada. A pior coisa que você fez foi deixar sua irmã roubar seu namorado. Por que não emprega todo o seu charme feminino para consegui-lo de volta? Esse sim é um rapaz com quem eu faria gosto em vê-la casada.

Ofendida, Sara disparou:

— Emily não roubou William de mim. Eu o dei de presente a ela.

Aquela observação deu ao marquês uma oportunidade de abordar o assunto.

— Emily, gostaria que não encorajasse as atenções de William Addison ou de qualquer cavalheiro. Você tem um marido. Tente se lembrar disso.

Emily ouviu e ignorou as palavras do tio. Seus pensamentos estavam distantes.

— O senhor disse que Leon administra todos os meus bens?

— Naturalmente!

— Mas... mas... A fortuna que meu padrasto e meu pai me deixaram? O senhor é o meu tutor, tio Rolfe. Não deveria gerir meus negócios?

— Minha querida criança, no dia em que se casou com Leon eu deixei de ser seu tutor. A lei é bem clara nesse aspecto. Seus bens passaram para as mãos de seu marido. Deveria ficar feliz por isso. Leon emprega muito bem o seu capital. Está dez vezes mais rico do que quando se casou com você.

Emily mal pôde conter a raiva.

— Isso fez dele um homem rico?

— Muito rico. Posso lhe dizer que houve um tempo em que fiquei preocupado. Leon acha que dinheiro não deve ficar parado no banco. Estava disposto a recuperar tudo que havia perdido por causa da Revolução. E conseguiu! Em apenas cinco anos!

Emily se esforçou para manter a calma.

— Pensei que o cunhado americano dele, Adam Dillon, o tivesse ajudado a se estabelecer nos Estados Unidos.

— Certamente. Mas estamos falando de riqueza. Os empréstimos modestos que Leon recebeu dos parentes, junto com o que salvou dos negócios do pai na França, eram muito pouco.

— Comparados à minha fortuna? — perguntou ela, com um sorriso irônico.

— Sim — concordou o tio.

Emily ficou estupefata, mas só por um momento.

— E agora estou pobre — comentou ela num tom seco. De repente, um trovão rugiu e um raio cortou o céu iluminando tudo. A chuva desabou com força e as pesadas gotas acoitaram o teto e as laterais da carruagem. Tia Zoe sorriu.

— Na Inglaterra, nunca chove, abundam tempestades.

Rolfe deu um longo e audível suspiro. Ele tirou o cachecol e o colocou sobre as

costas de uma cadeira.

— Estou na casa dos quarenta e sinto como se tivesse cem anos. Essas meninas me levarão à sepultura mais cedo do que eu pretendia.

Zoe estava sentada na beirada da cama, trançando os cabelos escuros e brilhantes. Em sua opinião, o marido pouco envelhecera naqueles felizes dezesseis anos de casados.

— Essas meninas são muito difíceis — disse Rolfe, suspirando fundo.

— Espero que nossas próprias meninas não nos dêem tantas chateações — observou Zoe.

— Que meninas? Da última vez que contei, tínhamos cinco meninos. E depois desta noite, agradeço a Deus por não ter tido filhas.

— Eu pretendia falar com você sobre isso — disse Zoe, com um brilho no olhar que lembrava uma ninfa no bosque.

As sobrancelhas de Rolfe se arquearam.

— Não sei se quero alguma menina. Acho que não estou preparado para isso.

— Não seja rude, querido.

— O quê? Não estou sendo rude! — Ele se sentou ao lado dela, sorrindo. — Você mudou, sabia? Houve um tempo em que um comentário desse tipo a teria deixado corada. O que a fez ficar tão audaciosa?

— Viver a seu lado — Zoe respondeu, plantando um beijo prolongado nos lábios dele.

— Não consigo acertar com essas meninas. O que eu fiz de errado?

— Acho que sabe a resposta — disse Zoe com diplomacia.

— Sou muito ditatorial.

— Isso mesmo.

— Eu deveria falar menos e ouvir mais. Este meu temperamento condenável continua roubando a melhor parte de mim.

— Suas sobrinhas sabem disso e adorariam conhecer sua outra faceta.

— O quê?

— É um jogo. E você nunca costuma perder. Sempre as faz morder a isca.

— Bem, é um jogo perigoso. Peter Benson! Um conhecido caça-dotes! E Emily flertando com William Addison! Pensei que ela tivesse mais juízo. Pensei que William tivesse mais juízo!

— Não acha que Emily está seriamente interessada em William? — inquiriu.

— Como pode ser sério se ela está casada com Leon?

— Não é bem um casamento...

— Ainda não.

— Algo está acontecendo. Quero que me conte o que é.

— Você está imaginando coisas.

— Há algo que o preocupa. Algo que tem a ver com Emily. O que é, Rolfe?

— Ela completará a maioridade no mês que vem. — Zoe ficou em silêncio. — Antes de se casar, seu irmão me fez uma promessa solene. Emily era muito jovem. Não estava preparada para o casamento E também desenvolveu aquela aversão infantil por ele.

— Compreendo. E que promessa foi essa?

— Que ele lhe daria tempo para assimilar a ideia de estar casada.

— Mas isso não aconteceu e já se passaram cinco anos.

— Sim, e é o que me preocupa. O tempo de Emily está se esgotando. Querida, é inevitável que um dia Leon reclame a posse da esposa.

— Nunca pensei a respeito. Estou certa de que Emily não sabe disso. Talvez você esteja se preocupando à toa.

— Ele virá. Esteja certa disso.

— Emily precisa de mais tempo.

— Não.

— Você não pode exigir...

— Estou de mãos atadas. Leon é o marido dela.

— Talvez nós dois possamos falar com ele... Não, isso não adiantaria. Quando meu irmão coloca algo na cabeça, ninguém consegue removê-lo.

— Pensa que não sei disso? Emily não aceitará assim tão facilmente. Tentará me envolver. Lançará mão de todas as armas. Sabe que sou um brinquedo nas mãos dela. Leon é imune às suas ameaças e agrados. Emily sabe disso também.

— É estranho que ela nunca tenha superado essa antipatia infantil por Leon. Isso me leva a querer saber se não houve algo mais entre os dois que nós não sabemos. — Ansiosos, os olhos de Zoe procuraram a face de Rolfe. — Você tem certeza de que Leon não fez... Bem, o que pretendo dizer é...

— Claro que ele não a violou — ele a interrompeu. — Como pode pensar tal coisa de um homem do caráter de Leon?

— Violar? Não foi nisso que eu pensei! Conheço meu irmão! Não. O que estava pensando era que eles poderiam... Bem, você conhece Leon. Sempre arrastou uma asa para as meninas e essa tola aversão que sentia por Emily parecia muito exagerada para ser verdadeira.

— Seu irmão não pôs um dedo nela. Deu-me sua palavra, e eu acredito nele.

Zoe estudou a expressão do marido.

— Sempre achei maravilhoso o modo como aceitou meu irmão desde que era menino. Você sabia o tipo de vida que ele levava durante a Revolução. Mesmo assim, isso não pareceu afetar sua opinião sobre o caráter de Leon. A maioria das pessoas o teria evitado.

— Sem dúvida fariam o mesmo comigo se soubessem a metade do que fui forçado a fazer atrás das linhas inimigas. — Zoe ergueu as sobrancelhas, e Rolfe balançou a

cabeça. — Não, doçura. Há alguns segredos que eu jamais poderia compartilhar, nem mesmo com você.

— Homem estúpido! — ela exclamou num tom carinhoso. — Minha opinião sobre o seu caráter jamais poderia ser alterada. Está dizendo que as suas experiências e as de Leon criaram um laço entre vocês?

— É exatamente o que estou dizendo.

— Fico feliz. Mas voltando a Emily...

— Leon está sendo mais do que paciente com ela — ele cortou, brusco.

— Eu tenho razão, não é? Há algo entre eles, algo que fez Emily sentir aversão por Leon.

— Digamos que a aversão de Emily é natural em qualquer jovem que descobre que o príncipe encantado tem um apetite carnal que não precisa envolver o melhor dos sentimentos.

— Apetite carnal? Você está sugerindo que Emily descobriu que Leon tem uma amante?

— Sim.

— Homens! — disse Zoe com repugnância. — Pobre menina. Suponho que, se for só isso, ainda há esperança para os dois. Bem, vamos pensar em nós.

Rolfe sorriu.

— Certo, onde foi mesmo que paramos? Oh, sim, você estava me censurando por não termos filhas, e eu estava passando a mão em seus cabelos sedosos... A mãe natureza foi generosa conosco, não acha?

Zoe mal pôde respirar quando as mãos do marido a acariciaram intimamente.

De repente, um pensamento o atingiu.

— E se tivermos outro menino? É bem possível, você sabe.

— Ficaria desapontado?

— Deus, não! Meninos não causam problemas.

— É somente uma questão de tempo — murmurou Zoe, abraçando-o.

Capítulo II

Na manhã seguinte, todos dormiram até tarde, com exceção de Emily, que passara parte da noite acordada formulando uma carta para enviar ao marido. O tempo para tergiversações acabou, disse a si mesma. A humilhação que sofrera na noite anterior fora só uma mostra do que estava por vir. Leon Devereux logo seria conhecido em ambos os

lados do Atlântico. Ela não aguentaria isso.

Havia um milhão de coisas que gostaria de lhe dizer. Queria deixar claro que o achava um devasso; contar-lhe que na noite anterior ele fora o assunto principal das fofocas mais obscenas; e, principalmente, repreendê-lo pelo abuso de lançar mão do dinheiro dela para esbanjar com jóias e sabe Deus mais o que para presentear suas amantes. Isso foi o que a deixou mais irritada. Aquele pensamento a fez ranger os dentes. O homem era um parasita!

Emily não escreveu nenhuma dessas coisas pela simples razão de que Leon se encontrava em vantagem. Ela queria a anulação do casamento. Para consegui-la, teria de ser diplomática, pois, ao longo daqueles anos, aprendera que o marido era um homem perigoso.

Então apenas escreveu:

Caro Leon,

Já é tempo de pensarmos na anulação do nosso casamento. Estou confiando em sua promessa. Há outra pessoa. Devo deixar tudo em suas mãos? Naturalmente espero que devolva a minha fortuna.

Emily

A coisa mais lógica seria procurar tia Zoe e entregar-lhe a carta, já que ela escrevia para o irmão em intervalos regulares. A fim de manter as aparências e acalmar a tia, Emily se via obrigada a contribuir com uma missiva de uma página. Jamais mencionava qualquer coisa pessoal. Escrevia sobre a única coisa que eles tinham em comum: os filhos de Zoe. Deixava para Sara a missão de mantê-lo informado acerca das trivialidades. Quando Leon se dispunha a responder, o que não era frequente, apenas escrevia para tia Zoe, porém mandava mensagens para todos.

Sem pensar mais detidamente no assunto, Emily pôs a carta de lado e desceu a escada rumo à sala de desjejum. Sara estava sentada à mesa. Trocaram apenas algumas palavras até que todos os criados tivessem se retirado.

— Há uma mancha de tinta no seu dedo — observou Sara.

— Estive escrevendo para Leon.

Embora o relacionamento com a irmã houvesse se deteriorado desde sua união com Leon Devereux, Emily estava consciente de que nos últimos dias as atitudes de Sara eram um pouco mais hostis.

— Estou pedindo para que ele dê início ao processo de anulação do nosso casamento.

A face de Sara não registrou nenhum interesse. Sua atenção estava voltada para o pedaço de torrada na lateral do prato.

— Ouviu o que eu disse? — indagou Emily.

— Ouvi. Isso não faz diferença para mim.

— Leon ficará livre e eu também. Cada um poderá seguir seu próprio caminho. É tudo que você sempre quis.

— Leon e eu jamais poderemos nos casar — declarou Sara.

— Mas... mas não era isso que vocês dois esperavam? Você não o ama mais? Está apaixonada por Peter Benson?

— Amarei Leon até morrer. Será que você não entende nada? Está tudo arruinado! Oh, Deus não existe esperança para mim!

Sara deixou a sala com uma rapidez tão surpreendente que Emily não teve tempo de chamá-la de volta. Então, levantou-se e saiu em seu calção.

Seu coração estava acelerado. Não sabia o que pensar, mas queria ir fundo naquela história. Sempre aceitara o fato de que um dia Leon e Sara ficariam juntos. Desde os tempos de criança, era para irmã dela que ele reservava seus sorrisos e palavras gentis. Leon amava Sara. Emily nunca duvidara disso.

Ao entrar no quarto de Sara, encontrou-a sentada no meio da cama soluçando.

— O que você sabe que eu não sei? — Emily indagou com dureza.

A vibração, a vaga ameaça no tom daquela pergunta agiu de maneira previsível sobre Sara. Emily era a irmã mais velha e, de alguma maneira, isso lhe dava uma certa vantagem.

— Escrevi para Leon contando tudo — revelou Sara. — Conteí que você ama William e que deseja a anulação do casamento. E disse que estaria esperando por ele até que esse dia chegasse.

— Mas como pôde fazer isso se nem eu tenho certeza dos meus sentimentos?

— Oh, mas eu sei! William ficou apaixonado assim que colocou os olhos em você! E depois que eu disse que ele teria uma chance, que o seu casamento não era normal, começou a cortejá-la. E você... você... Bem, parecia gostar muito dele.

— Você queria que eu me apaixonasse por William?

— Claro que sim! Não joguei uma dúzia ou mais de pretendentes diante do seu nariz nestes últimos anos? William foi o único que pareceu agradar a você. — As lágrimas inundaram os olhos de Sara, que se esforçou para continuar: — Mas você nunca tomou nenhuma atitude. Eu lhe pedi que escrevesse a seu marido contando sobre William, não se lembra?

— Isso ainda não explica...

— Recebi uma carta de Leon na semana passada. Está aqui. Leia você mesma. Ele jamais se casará comigo, não porque não me ame, mas porque... — Sara não conseguiu continuar falando. Afundou o rosto no travesseiro e caiu em prantos.

Emily se dirigiu à janela. A mão que segurava a carta estava trêmula. A missiva era breve e esclarecedora. Jamais poderia se casar com Sara, dizia Leon, até mesmo no caso de uma anulação do seu casamento, porque ela sempre seria a irmã de Emily. Se dessem tal passo, a família ficaria dividida. Ele não queria fazer nada que causasse desgosto ao tutor delas. Prezava demais a amizade de tio Rolfe. Sempre amaria Sara como um irmão ama uma irmã.

Embora aquilo fosse tudo que Emily desejava ler, ficou decepcionada. A estranha excitação que aos poucos crescera em seu íntimo se evaporou. Em seu lugar, surgiu um sentimento de raiva, não da irmã, mas de Leon. O marido era um homem covarde demais

para lutar pela mulher que ele queria. Iludira Sara durante anos para depois desapontá-la daquela maneira.

— Talvez ele mude de ideia — disse Emily.

— Você sabe que não mudará.

Emily sabia. Com um gesto de aproximação, estendeu a mão e tocou os ombros de Sara, que a repeliu, furiosa.

— Foi tudo culpa sua! Você sabia que eu o amava. Não precisava ter se casado com ele. Poderia ter recusado. Tio Rolfe teria concordado. Você sempre fez tudo que quis com ele. Por que tinha de ser você, e não eu? — Para aquela pergunta, não havia resposta. A não ser que Emily estava no lugar errado na hora errada. — Sabe o que eu penso?

— O quê? — indagou Emily.

— Acho que você queria Leon. Planejou tudo direitinho. Por que ele estaria no quarto da torre àquela hora da noite?

— Você sabe muito bem por quê. — O tom de Emily foi ríspido. Odiava lembrar aquela noite. O que se passara lá fora repugnante. Jamais mencionara aquilo com qualquer um. — Eu lhe contei o que aconteceu.

— Oh, sim, você adormeceu com a pistola de tio Rolfe na mão e, quando Leon veio investigar a luz acesa embaixo da porta, pensou que ele fosse um intruso?

— Expliquei tudo isso anos atrás.

— Parece razoável, mas não acredito em você.

— Então, o que acha que aconteceu? Supõe que eu tenha atraído Leon para o quarto da torre com o intuito de seduzi-lo?

— Por que não? Você sabia que tipo de homem ele era. O que aconteceu, Emily? Ele se recusou a casar com você e por isso atirou nele? Ou desde o início a sua intenção era usar a pistola para acordar a casa inteira? De uma coisa estou certa, você amava Leon e essa era a única maneira de consegui-lo. Sempre teve inveja de mim. E não entendo o porquê.

As palavras de Sara eram resultado de pura histeria. Na realidade, ela não as queria dizer. Quando, por fim, caiu em si, estava amargamente envergonhada. Emily sabia disso, mas, mesmo assim, foi duro ouvir tudo aquilo. Sua face estava pálida quando deixou o quarto da irmã.

A casa onde Leon estava hospedado em Montreal pertencia a um amigo e sócio que partira com os mercadores de peles no início daquela semana. No foyer, havia uma vela acesa para iluminar o caminho até o quarto.

Ele permaneceu parado por um longo momento, encarando a vela antes de pegá-la. Refletiu que, para um homem em sua plenitude, casado, noites como aquelas em que não tinha outra companhia além dos próprios pensamentos, vinham se repetindo com muita frequência.

De repente, recordou-se dos pais sentados juntos no sofá, de mãos dadas, conversando baixinho. Não sabia por que aquelas recordações da infância lhe vieram à mente. Era uma cena comum, doméstica, que o encheu de nostalgia.

Aproximava-se do meio da escada quando sentiu a fragrância de um perfume feminino conhecido. A sra. Bárbara Royston era uma mulher insistente e determinada.

— Paterson? Paterson? Onde diabos você se meteu?

Aquele era um estabelecimento de homens solteiros, e Paterson fora instruído a não ficar por perto quando havia damas no local. O patrão, o sr. Fraser, o treinara muito bem.

— Senhor? — disse o homem posicionado no fundo da escada.

O tom do sr. Fraser foi firme:

— Chame uma carruagem de aluguel. A senhora já está de partida.

A mulher apareceu no alto da escada, e Leon respirou aliviado ao constatar que ela estava vestida.

— Bárbara, o que está fazendo aqui? — Ela desceu os degraus com passos lentos.

— Tenho um presente para você — disse, oferecendo uma pequena caixa de veludo.

Leon raras vezes sucumbia à necessidade de satisfação sexual. Não fora educado para ser um marido infiel. Porém, dadas as circunstâncias, havia ocasiões em que o celibato se tornava uma meta impossível, um fardo intolerável. Sempre que isso acontecia, escolhia suas parceiras de cama com cuidado.

De início, Bárbara Royston parecera a escolha ideal. Em primeiro lugar, o relacionamento de ambos era efêmero, já que os negócios de Leon só lhe permitiam passar um mês por ano em Montreal. Em segundo, ela era uma mulher comprometida.

Embora fosse casada, Leon não tinha a consciência pesada. Charles Royston era indiferente às idas e vindas da esposa e, além disso, havia estabelecido outra família em outra casa.

A par do infeliz casamento dos Royston, Leon embarcara num romance com Bárbara, lamentando esse fato pouco tempo depois. A dama não era nada discreta. Todos em Montreal já sabiam do envolvimento deles, e fora ela própria quem se encarregara de espalhar. Leon não tolerara isso e terminara tudo. Nos últimos tempos, evitava qualquer reunião em que fosse provável encontrá-la.

— Fico feliz. Mas sabe que não posso aceitar — disse ele.

— Trata-se apenas de uma pequena lembrança. Algo especial para que se lembre de mim até voltar a Montreal. Por favor, aceite.

A mulher não estava disposta a desistir. Leon tentou em vão persuadi-la a partir.

— Bárbara, estou esperando uma pessoa. Uma mulher.

Levou alguns momentos até que Bárbara assimilasse aquelas palavras. Então, por fim, com o bonito rosto vermelho de raiva e resmungando bastante, desceu os degraus.

Paterson, que chegara a tempo de presenciar o final da pequena cena, segurou a porta para que ela saísse.

Uma vez em seu quarto, Leon pôs-se a arrumar seus pertences. Dessa vez não iria a Nova York. Reservara passagem em um navio para a Inglaterra. Havia pouco para embalar, já que a maioria de suas malas fora despachada na frente. A última coisa que pôs na valise foi o pacote de cartas que juntara alguns dias antes. Fez uma pausa e o

folheou.

William Addison era o nome que queimava em seu cérebro. Um nome que nos últimos tempos aparecia com bastante frequência nas correspondências vindas da Inglaterra. A última carta de Sara deixara tudo claro como cristal. Só uma pessoa evitava mencionar o nome do cavalheiro: Emily.

Por certo a esposa o repeliria de todas as formas possíveis. Leon sorriu, satisfeito. Havia velhas desavenças entre ambos que estava ansioso para resolver. Durante cinco longos anos, Emily o evitara, fazendo-o pagar por aquele sórdido episódio no quarto da torre. Mas, agora, fosse como fosse, ele estava disposto a virar a mesa.

Quase alcançou a garrafa de conhaque para fazer um pequeno brinde. Todavia, sabendo que sofreria as consequências na manhã seguinte, resistiu ao impulso. Instalou-se em uma poltrona almofadada e fitou o fogo na lareira.

Sua acolhida na Inglaterra não seria calorosa. Não que a última visita que fizera tivesse causado algum entusiasmo. Agora, porém, retornaria como herói. Como um cavaleiro voltando de uma cruzada para depositar as conquistas aos pés de sua dama. Conseguira juntar mais bens do que suas mais ousadas expectativas lhe permitiram sonhar. E fizera tudo isso por Emily. Prometera-lhe que o faria após o casamento na capela de Rivard. Agora, só lhe restava conseguir apagar da mente da esposa aquela terrível cena que ela presenciara cinco anos antes. Precisava provar que era digno dela.

Sentiu seu otimismo evaporar-se. Em sua ausência, aquela antipatia infantil que Emily nutria por ele com certeza se fortalecera. A esposa não queria vê-lo nem em um raio de um quilômetro. Se o tutor dela fosse outro homem qualquer, e não o justo a quem devia a própria vida, Leon teria acabado logo com aquela tolice. Mas prometera a Rolfe não tocar em um só fio de cabelo de Emily até que ela completasse a maioridade.

Era inevitável que o tio tentaria protegê-la. As duas sobrinhas ficaram órfãs muito cedo e ele queria poupá-las de qualquer desagrado.

Leon prometera a Emily uma anulação, e esse estratagema funcionara até certo ponto. Ela consentira no casamento. Não havia sido o tipo de união que ele desejava, mas fora um casamento. Com a vinda da maioridade de Emily, acabariam todos os constrangimentos, todas as promessas estariam desfeitas. Aquele pensamento o fez sorrir. Muito em breve a batalha seria travada e lady Emily Devereux seria derrotada. Não sentia pena dela. Em sendo vencedor, saberia ser generoso.

Haviam se passado três anos desde que a vira pela última vez. Muita coisa poderia ter acontecido nesse ínterim. De acordo com Sara, Emily tinha um pretendente sério. Parecia que sua jovem esposa estava começando a descongelar. Sem sombra de dúvida, permitira mais liberdades a William Addison do que ao próprio marido.

Muito bem, analisou Leon, dando um longo suspiro. Seria agora ou nunca.

Capítulo III

A temporada estava chegando ao fim. Uma das últimas festividades programadas para acontecer era um baile de máscaras em Fonthill House, o solar do sr. Geoffrey Coombe, às margens do rio Tamisa.

Emily e Sara jamais tiveram permissão para participar de um evento como esse antes. Na opinião de tio Rolfe, tudo podia acontecer num baile onde todos cobriam os rostos para ocultar suas verdadeiras identidades, como bem se lembrava de seu tempo de juventude.

Então, quando deu permissão às mulheres da casa para aceitar o convite da sra. Coombe, a especulação predominou em St. James. As irmãs sabiam que nada fizeram para merecer tal demonstração de confiança, muito pelo contrário...

— Os Coombe são bastante seletivos — disse Zoe. — O baile promete ser especial.

Tia Zoe não se deu conta, mas suas palavras tiraram um pouco do entusiasmo de Emily e Sara em relação ao evento. Pelo visto, seria uma reunião enfadonha. Mais adiante veio a confirmação, ao ficarem sabendo que o namorado de Sara, Peter Benson, não recebera um convite, e que William Addison não estaria presente devido a uma viagem de negócios.

Sara demonstrara toda sua consternação a Emily, enquanto seguiam na carruagem rumo à mansão da sra. Germaine, em Bond Street. Madame Germaine era uma modista renomada que vestia as damas da Corte.

Emily deixou a irmã na cabine para provar a roupa e acertar os últimos detalhes. Parecia que tia Zoe estivera lá antes delas. As máscaras de tafetá branco estavam a rigor. Emily não ficou arrependida. Seu reflexo no espelho a deixou fascinada e, ao mesmo tempo, lhe causava repulsa. Era um misto de pureza e sedução.

Na sala de espera, aceitou a cadeira indicada pela assistente de madame Germaine e aguardou a irmã. Lembrou-se da discussão que tiveram e desejou que jamais tivesse acontecido. Para todos os efeitos, as coisas estavam como antes.

Mas as aparências enganam. Oh, não com Sara, pensou Emily. Ela era transparente. Viera lhe pedir desculpas, e isso significava que tudo fora esquecido. Para a irmã, uma boa discussão purificava o ar.

Falara tudo aquilo num momento de raiva. Não obstante, dissera o que pensava. Você sempre teve inveja de mim. Emily não queria mais lembrar daquele episódio.

Ergueu-se depressa e decidiu sair, a fim de respirar um pouco de ar fresco. Ao pisar na calçada, deparou-se com lady Riddley. Sua expressão não escondia a frustração que sentia diante daquela mulher.

— Oh, que maravilha! — exclamou a dama. — Que ótima oportunidade! Por favor, espere apenas um minuto — suplicou, colocando uma mão na manga do vestido de Emily para evitar que esta se afastasse.

Lady Riddley conduziu-a até a luxuosa carruagem que a aguardava. Uma vez no interior, acomodaram-se em assentos opostos.

— Você me odeia e não a culpo por isso — começou ela. Emily não estava preparada para ouvir aquilo. Jamais estaria. Com um gesto repentino, ergueu-se e desapareceu:

— Não estou disposta a ouvi-la falar do seu caso de amor com meu marido.

— Não era amor. Mesmo porque ele ama você. Sempre a amou. Você precisa saber disso.

Emily reclinou a cabeça no encosto do banco acolchoado. Era como se seu coração tivesse parado de bater. A face lívida de lady Riddley traía seu embaraço.

— Você era muito jovem. Uma inocente. Leon quis protegê-la. Você jamais entenderia. Nós fomos... descuidados. Ainda é muito jovem, mas talvez adulta o suficiente para entender que homens e mulheres, às vezes, têm necessidades... Quero dizer, não estávamos traindo ninguém aquela noite. Meu marido tem o dobro da minha idade. O conde não podia... Bem, nós não mantínhamos relações íntimas. — Ansiosos, os olhos dela procuraram o rosto de Emily. — Depois, nunca mais estive com Leon. E tudo terminou para o bem de todos.

Embora Emily prestasse atenção a tudo que a mulher lhe dizia, não ouvira o que realmente gostaria de saber.

— Como sabe que Leon me ama?

— Ora, não é nenhum segredo — respondeu lady Riddley, sorrindo pela primeira vez desde que entraram na carruagem. — Ele me disse que estava esperando que a sobrinha de Rivard completasse a maioridade antes de reivindicá-la.

Emily sentiu um nó na garganta. Já ouvira o bastante. O marquês tinha duas sobrinhas. Era Sara a quem Leon sempre amara e esperava reivindicar.

Ergueu os olhos e estudou a mulher com mais atenção. No baile dos Spencer, a beleza de lady Riddley parecia tão vibrante quanto anos antes. Porém a luz das velas era mais generosa do que a claridade do dia, pensou. A dama a seu lado tinha cerca de quarenta anos e os aparentava. Agora percebia que aquela beldade madura nem de longe lembrava a sedutora e voluptuosa mulher que ela criara em sua imaginação.

— Entende agora o que aconteceu?

— Sim — respondeu Emily.

A resposta foi automática. Para ser franca, jamais entenderia. Considerou-se tola e ingênua demais. Gostaria que as pessoas fossem boas, honradas e confiáveis. Que não fizessem coisas escusas, das quais se envergonhariam mais tarde.... Não deveriam mentir e enganar os outros. Leon amava Sara. Lady Riddley tinha um marido. Dizer que não haviam traído ninguém não era verdade.

Consciente do olhar meio esperançoso e um tanto ansioso de lady Riddley, Emily disse por fim:

— Por que me contou tudo isso?

— No baile dos Spencer, você me olhou com tanta repugnância! Jamais passou pela minha mente que soubesse que eu era a mulher que estava com Leon naquela noite. Gostaria de lhe assegurar que lamento profundamente a dor que eu possa ter lhe causado. Nunca pretendi roubar Leon de você.

Emily relaxou de encontro ao estofado do banco. Sem dúvida, a mulher estava sendo sincera. Ao que tudo indicava, era uma pessoa melhor do que ela mesma.

— Fique tranquila. Jamais a olharei daquele jeito outra vez.

A carta que Emily escrevera a Leon permaneceu guardada em sua escrivaninha. Imaginou não fazer muito sentido enviá-la, sendo que Sara havia se adiantado. O marido já sabia tudo que devia saber.

Então, um inusitado acidente apressou sua decisão. Resolvera sair para cavalgar. Sara, que sempre a acompanhava, estava indisposta naquele dia. O Hyde Park encontrava-se deserto. A pedido da irmã, Emily montara Hoyden, a égua de Sara, para exercitá-la. De repente, sem aviso e no pior momento possível, quando contornava uma alameda pela relva, a sela deslizou. Emily voou pelo ar. A última coisa que ouviu foi o grito de alarme de seu cavaliário, antes de chocar-se de encontro ao chão com um baque surdo.

William Addison, que com frequência aparecia "por acaso", a fim de encontrá-la naquelas cavalgadas matutinas, assistiu a tudo e se jogou no chão ao lado da atordoada Emily.

— Wi-William? — Ela o fitou, confusa.

Uma onda de alívio o invadiu. Por um momento pensou que ela tivesse quebrado o pescoço. O alívio foi rapidamente substituído por uma explosão primitiva de raiva. Sentiu vontade de sacudi-la com força.

— Deus do céu! Quantas vezes preciso adverti-la para não cavalgar feito uma louca? Você está bem? Não quebrou nenhum osso?

— Só minha dignidade está ferida. Por favor, me ajude a levantar.

William a segurou com gentileza. Emily gostou do contato dos braços fortes ao seu redor e descansou a cabeça no tórax largo dele.

— Se eu fosse seu tutor, a proibiria de montar durante os próximos meses.

A raiva no tom de voz masculino a tocou, porque viu nisso uma expressão da devoção por parte daquele homem. Quem os visse juntos pensaria que já eram casados.

Em certos aspectos, reconhecia que William era um pouco enfadonho. Duvidava que ele alguma vez tivesse feito algo mais ousado na vida, com exceção de se apaixonar por uma mulher casada. Era um pensamento desleal, e ela tratou de suprimi-lo depressa. Decoro era importante para a família de William.

Emily passou o resto do dia repousando em seu quarto, amargando a dor de suas contusões. Dispunha de tempo suficiente para uma reflexão. A vida era muito curta para ser desperdiçada. Não queria se tornar uma figura patética como lady Riddley, ou lamentar o que poderia ter feito como Sara e Leon. Queria abraçar a vida, experimentar o melhor que esta tinha para lhe oferecer. Não riquezas e prazeres vazios, mas num sentido mais profundo, que fazia cada novo amanhecer valer a pena. Não sabia se encontraria isso ao lado de William Addison. Mas de uma coisa tinha certeza: jamais seria feliz ao lado do marido.

Naquela mesma noite entregou a tia Zoe a carta que escrevera a Leon.

Leon Devereux esquadrinhou a carta sem muito interesse antes de deixá-la de lado.

— Emily está exigindo uma anulação do casamento — falou a seu companheiro.

Rolfe tomou um gole de conhaque e pousou o cálice. Fora ele quem entregara a carta da sobrinha nas mãos de Leon momentos antes.

— Deus, Zoe tinha razão! Ela deve estar apaixonada por William Addison. Eu deveria ter imaginado e tomado uma atitude para acabar com essa insensatez. Maldição! Pensei que se tratasse apenas de um flerte inofensivo.

Os dois cavalheiros se encontravam na sala de estar do andar superior do Clarendon Hotel, onde Leon Devereux se hospedara desde que chegara a Londres alguns dias antes.

— Apenas um flerte inofensivo — murmurou Leon.

— Como?

— Emily é minha esposa.

— Claro. Entendo o quer dizer.

O silêncio que se seguiu originava-se de uma amizade existente havia muitos anos. Era uma compreensão tácita do problema que lady Emily Devereux apresentava aos dois homens mais importantes de sua vida.

O problema não era recente. Leon Devereux se casara com uma moça que não o queria. Rolfe pensou que a sobrinha estivesse maluca. O rapaz era o melhor marido que uma mulher poderia ter. Possuía um excelente caráter. Era trabalhador. Em suma, conquistara seu próprio espaço no mundo. Era verdade que houvera um tempo em que se mostrara um jovem rebelde, mas o casamento o redimira. Não houvera um único escândalo ligado a seu nome nos últimos cinco anos. Evidentemente Leon aprendera o valor da disciplina. Não faria nada que arruinasse suas chances com Emily.

Os olhos de Rolfe fizeram uma avaliação lenta do cunhado, sentado a sua frente. Leon se encontrava em excelente forma física.

Consciente do olhar inquiridor de Leon, Rolfe apressou-se em explicar.

— Estava admirando suas roupas. São inglesas?

— Existe outro tipo? — Rolfe bufou.

— Bem, é um francês que está dizendo isso, meu caro.

— Não sou francês. Sou americano. Esqueceu-se que passei a maior parte da minha vida fora da França?

— Se realmente quisesse, poderia se passar por um inglês. — Leon sorriu, mostrando os dentes brancos e brilhantes em contraste com a pele bronzeada.

— Não, obrigado. A América me veste muito bem.

Rolfe estudou a face angulosa de Leon, imaginando a reação dele às suas próximas palavras.

— Se você concordasse — disse, cauteloso —, seria fácil conseguir uma anulação.

Os olhos escuros de Leon abaixaram-se para ocultar sua expressão.

— Eu não esperei cinco anos para ouvir isso. Já fui mais do que paciente, Rolfe. E você sabe disso. Com ou sem o seu consentimento, pretendo reivindicar minha esposa.

— Se eu quisesse, poderia impedi-lo.

— Você pode tentar.

— E se eu tentar?

Leon lutou para manter o autocontrole. Rolfe curvou os lábios num sorriso trêmulo, meio divertido, meio afrontado pelo descaramento de seu jovem adversário.

— Gostaria de adverti-lo que Emily não vai se submeter assim tão facilmente.

Leon sorriu.

— Eu sei. O que disse a Zoe?

— Que você viria reclamar seus direitos de marido. Mas não lhe contei que vai levar Emily embora.

— Eu não vou sequestrá-la — Leon respondeu num tom divertido. — Apenas preciso de algum tempo sozinho com minha esposa. Pode dizer a minha irmã que pretendo trazer Emily de volta antes de viajarmos para a América. Haverá bastante tempo para despedidas.

— Isso a deixará mais aliviada — respondeu Rolfe de maneira seca.

Ignorando aquele comentário, Leon continuou:

— Fale-me sobre William Addison.

— O que deseja saber?

— Se Emily não estivesse casada comigo, você o encorajaria a cortejá-la?

— Por certo que sim! William possui uma conduta impecável. O avô dele era um duque. Tem uma boa renda. Somos colegas no Gabinete de Guerra. É um ótimo companheiro. O que mais posso dizer? Se não tivesse casado com você, minha sobrinha não poderia fazer melhor escolha. Era isso que desejava saber?

Leon encolheu os ombros com um ar negligente.

— Ele parece muito inglês... Muito chato. — Rolfe soltou uma gargalhada.

— Você não sabia? Em geral, os tutores preferem que seus pupilos se casem com tipos enfadonhos e confiáveis. E, agora, pare de destilar seu veneno.

De súbito o humor de Leon mudou.

— Como estão as coisas no Gabinete da Guerra? O que fazer sobre os relatórios que foram veiculados em todos os jornais estes últimos dias? É verdade? Bonaparte sofreu uma tentativa de assassinato?

— Sim. É verdade.

— E foi La Compagnie quem assumiu a responsabilidade pelo atentado?

— Digamos que há um grupo de agitadores na França que ressuscitou o velho nome. Um nome, como você bem sabe, que provoca terror nos corações de homens que ocupam posições importantes em ambos os lados do canal da Mancha.

— Então... — Leon fitou-o com um olhar minucioso. — ...La Compagnie entrou em ação outra vez?

— Eu não disse isso. Mas mesmo que seja verdade, você não tem nada a temer. Já faz quinze anos desde que se envolveu com a organização. Quem vai relacioná-lo a ela?

Quando La Compagnie foi destruída, foram poucos os que escaparam da nossa rede.

Leon sentiu como se alguém caminhasse sobre sua sepultura. Bebeu um longo gole de conhaque e depois outro.

— Quem são os líderes? E quais os objetivos?

— É muito cedo para se saber. Assassinato sem dúvida. Se eu soubesse, lhe diria. Mas apenas sei o que li nos documentos.

— Mas o Gabinete da Guerra está levando a sério esses relatórios?

— Muito a sério, e você sabe por quê. Não podemos esquecer que as garras do La Compagnie outrora se estenderam até a Inglaterra.

Ambos os homens estavam pensando sobre o irmão mais velho de Rolfe, uma das primeiras vítimas da La Compagnie.

— E Emily? — perguntou Leon. — Presumo que tenha lido todos os jornais. O que ela pensa a respeito de Le Cache-Cache?

— Aquilo que se esperava que pensasse — Rolfe deu um longo suspiro. — Leon, a maioria das pessoas na Inglaterra leva uma vida resguardada. Emily não é nenhuma exceção. O que sabem sobre o terror na França e os dilemas que foram impostos às pessoas comuns para sobreviver? Você era apenas um menino na ocasião. Fez o que teve de fazer. Os inescrupulosos que tiraram proveito do seu jovem idealismo é que mereceram aquilo que tiveram. Você construiu uma nova vida. Esqueça o passado. Pense no futuro. Este é o meu conselho.

— Você é... um ser iluminado, sabia disso? — Leon falou, sorrindo, mas não havia divertimento em seus olhos.

Bastante tempo depois de deixar o hotel, a conversa que tivera com Leon Devereux continuava revolvendo na mente de Rolfe. Seus pensamentos retrocederam ao ano em que fora à França a fim de se encontrar com a esposa e seu jovem irmão.

Naquela época, Leon era membro da La Compagnie. Le Cache-Cache era o nome que a imprensa popular dera a ele. Para a população em geral, Leon constituía uma figura fascinante, um herói do povo não diferente de Robin Hood. Mas a realidade era bem diferente, pois o menino não era aceito pela sociedade.

Rolfe pensou que não seria nada mau Leon apressar seu retorno à América. Embora acreditasse nas palavras que dissera ao jovem cunhado, não via necessidade de arriscar. Até estar seguro de que não havia nenhuma ameaça a Leon, era melhor se precaver.

Aquele pensamento o conduziu a outro. Pensou na ameaça da exposição. Havia arquivos no Gabinete de Guerra com o nome de Leon neles. Embora não houvesse nada que pudesse relacioná-lo com Le Cache-Cache, existia um relatório altamente confidencial que creditava ao menino, Leon Devereux, a façanha de ajudar a provocar o fim da facção. Uma pessoa inteligente poderia somar dois mais dois. Era um relatório que Rolfe pretendia destruir assim que tivesse oportunidade.

Leon lutou para se ver livre do terrível pesadelo, forçando-se a despertar. Quando conseguiu se sentar, estava arquejando como se seus pulmões fossem estourar. Gemeu, esperando que o grito que lhe rasgara a garganta fizesse parte do sonho, e não da realidade.

Mas o sonho tinha sido real. Era apenas um menino quando lhe disseram que sua doce mãezinha havia morrido em consequência de uma febre na terrível prisão de Im Conciergerie e que o pai fora executado. Sua raiva não tinha limites. Todos os homens no tribunal que haviam condenado seus pais deveriam ser perseguidos e pagar com suas próprias vidas.

Embora fosse muito jovem, em pouco tempo transformara-se no Le Cache-Cache, um cruel e temido assassino.

Nenhum argumento o demovia de suas convicções. Não mostrava nenhum remorso, não até o dia em que executou o homem errado, um homem inocente cujo único crime fora ter o mesmo nome de um dos juízes.

Depois de algum tempo, Leon recostou a cabeça nos travesseiros, consciente de que estava encharcado de suor. Com a respiração pouco a pouco voltando ao normal, esforçou-se para se recordar das palavras de Rolfe.

Do fundo de seu coração, queria acreditar no cunhado. Aquilo acontecera havia muito tempo. Não era mais o jovem impetuoso de outrora. Ajudara Rolfe a esmagar La Compagnie e jamais se arrependera.

La Compagnie estava novamente em ação. Porém ninguém melhor do que Leon para saber que a organização sempre cobrava as velhas dívidas.

Capítulo IV

Fonthill House era uma propriedade de luxo no estilo clássico romântico, uma mansão georgiana muito bem localizada. Os parques e os jardins, que Zoe observava com grande interesse, seguiam o estilo inglês, parecendo que toda a paisagem fora projetada pela mãe natureza.

Os caminhos eram iluminados por lampiões de ferro. Havia interessantes passeios que desembocavam em aglomerações de arbustos floridos ou ao redor dos cantos da construção.

— Não se preocupem, ninguém se perderá — disse o anfitrião, sr. Geoffrey. — Cada caminho tem um destino. Ao chegarem, encontrarão bebidas à disposição de todos. No gramado da frente, haverá um show de fogos de artifício. Depois, começará o baile.

No momento em que a carruagem transpôs os portões de pedra da Fonthill House, Emily ficou fascinada. Era como entrar em um conto de fadas, em um mundo mágico. Luzes cintilavam por entre as árvores, lançando sombras misteriosas. A noite era perfumada, envolvente. Ao inalar a suave fragrância de madressilvas, angélicas e heliotrópios, ela teve a impressão de absorvê-la em sua corrente sanguínea. Nunca seus sentidos estiveram tão aguçados. Sentiu-se envolvida por uma suave quietude em meio ao burburinho de vozes que a rodeava. Algo significativo, algo maravilhoso, estava prestes a acontecer. Seu coração e sua alma foram atingidos por uma emoção que jamais experimentara, e não entendia o porquê.

O rio Tamisa nunca parecera tão adorável ou mais misterioso. Uma flotilha de pequenos barcos flutuava junto ao ancoradouro, desembarcando passageiros. Todos usavam máscaras e mantos.

— Que romântico! — exclamou tia Zoe. — Por que não cogitamos a possibilidade de vir de barco?

Romântico. A palavra ecoou na mente de Emily. Sim, era uma noite para romance...

Erguendo a cabeça, ficou extasiada ao contemplar a lua soberana banhando a paisagem com sua luz prateada. Após alguns momentos de puro deleite, suspirou fundo e virou-se.

Sara lançou-lhe um olhar estranho.

— O que deu em você? — sua irmã perguntou.

— Nada... Quer dizer... tudo.

Emily encolheu os ombros sem conseguir explicar.

Um dos caminhos margeava um lago artificial. Havia uma pequena clareira, e elas pararam para admirar o belo cenário. Chorões e cedros intercalados com pequenas árvores inclinavam-se em toda a extensão de água clara e transparente.

Tio Rolfe fez um comentário sobre o exército de jardineiros que mantinha aquele lugar tão perfeito, mas Emily não parecia estar escutando. Do outro lado do lago, a figura de um homem alto, ostentando um manto escarlate, deixou-a momentaneamente encantada.

— Emily!

A voz de Sara a fez voltar à realidade, e ela acelerou o passo para alcançar os demais.

Alguns metros à frente, tomou seu primeiro gole de champanhe. As bolhas da deliciosa bebida pareceram subir a sua cabeça.

— Você tem um admirador.

— E-Eu? — Os olhos de Emily voltaram-se para a irmã.

— O homem de manto escarlate. Acho que é William. Mas você não disse que ele não viria aqui esta noite?

— É verdade — respondeu, voltando a fitar o mascarado com ar de apreciação. Seria William? A máscara preta e o manto vermelho lhe conferiam um ar de fascinação, mistério e perigo. Naquele momento, os olhos dele capturaram os de Emily. Erguendo o copo, o elegante cavalheiro fez um brinde silencioso antes de levá-lo aos lábios. Era pouco provável que William fizesse um gesto daqueles por medo de comprometê-la. Emily apertou os lábios reprimindo um sorriso.

Alguns passos à frente depararam com um templo dórico, uma pequena construção de pedras, sustentada por colunas gregas, com vista para o rio.

— É encantador! — tia Zoe exclamou. — Deve ser uma sala de jantar de verão. O que acha, Emily?

Ela olhou a edificação com mais interesse. As paredes estavam enfeitadas com medalhões de estuque de deusas gregas.

— Acho que é um santuário dedicado a Vênus — respondeu sem pensar, deixando todos surpresos. Para disfarçar sua confusão, aceitou outro cálice de champanhe de um dos criados que passavam com bandejas de bebida.

Os convidados circulavam deleitados pelos belos jardins. Tio Rolfe entabulou uma conversa com alguém que havia reconhecido apesar do manto e da máscara. Tia Zoe e Sara examinavam mais de perto as gravuras nas paredes. Sorvendo mais um gole de champanhe, Emily caminhou alguns passos.

Havia um agrupamento de pessoas nos gramados. O homem de manto escarlate se encontrava no meio deles, conversando com outro cavalheiro mascarado. De súbito, seus olhos escuros e insondáveis a fitaram de uma maneira curiosamente familiar. Emily sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem, não de medo, mas de excitação.

Devia ser William. Era o único homem que lhe provocava efeito tão peculiar. Deu mais um passo e encostou-se em uma das estátuas de mármore, enquanto os olhos do estranho quase a devoravam. Pela distância que os separava, podia perceber que a cobiçava. Seu corpo todo pulsou em resposta. Sentia-se abalada.

Algo novo estava acontecendo, algo que ela jamais experimentara. Era como se o homem de seus sonhos tivesse se materializado. O galante mascarado fazia parte do conto de fadas... do mundo encantado que Emily havia criado a seu redor. Mas era um pensamento tendencioso de sua parte, pois representava algo que não existia fora da sua imaginação.

À medida que os minutos iam passando, ela se recriminava em silêncio pela fraqueza de se deixar levar pela fantasia. Estava enfeitiçada pelo brilho do luar. Era uma mulher sofrida cujo coração ansiava viver um grande amor. Se aquele homem fosse de fato William Addison, riria se pudesse ler seus pensamentos. Ele não era nada romântico.

O cavalheiro se mantinha a distância para instigar-lhe o interesse. E estava obtendo êxito. *Oh, Deus, e como estava!* Quase como se o analisasse pela primeira vez, Emily percebeu algo sobre William que jamais percebera antes.

Apreciava seus movimentos ágeis... seu sorriso. A boca curvada numa inclinação um pouco irônica. Os cabelos negros em contraste com o colarinho branco. Como não havia reparado nisso antes?, perguntou a si mesma. Mas de antemão sabia a resposta. Naquela noite, William queria que ela prestasse atenção nele. Exibia toda a sua virilidade, dando a entender que era o predador e ela, a caça. Seria melhor manter-se atenta para se autopreservar.

Tudo não passava de um jogo. Poderia jogar sem correr nenhum risco. William era um homem honrado. Afinal, lhe prometera não ousar roubar-lhe mais do que alguns beijos. A convicção de que poderia jogar aquele jogo impunemente incitou nela uma audácia que lhe era desconhecida até então. Seus sorrisos eram promissores, seus olhos retribuía os olhares dele. Não estava representando. William, sim. Exercia um poder sobre ela que jamais julgara que ele possuísse.

No tempo certo viria ao seu encontro. A levaria para algum recanto tranquilo e a beijaria. Não iria detê-lo. Esse beijo seria diferente de todos os outros que haviam trocado. Esse beijo acabaria com todas as suas incertezas. Podia sentir isso do fundo de seu coração.

— Emily!

A voz de tia Zoe despertou-a de seus pensamentos. Após fitar seu admirador com

um último e prolongado olhar, virou-se e foi atender ao chamado.

Leon Devereux absorveu o sorriso da esposa com um olhar avaliador. Era evidente que Emily não suspeitava de que o cavalheiro mascarado que era seu próprio marido. Por que suspeitaria? Com certeza, o imaginava a milhares de quilômetros, em Nova York. Na verdade, não havia como saber que Leon se encontrava na Inglaterra ou que a sua carta, exigindo a anulação do casamento, naquele exato momento estava no bolso da calça dele.

Não havia nenhuma possibilidade de Emily saber que, com a conivência de tio Rolfe, aquele plano fora muito bem arquitetado, a fim de permitir a Leon ter uma chance com ela.

Tudo estava saindo do modo como ele imaginara. O elo, algo indefinível que emergiu entre ambos, era tão forte quanto fora no passado. Não que Emily tivesse admitido isso algum dia. Preferia se agarrar àquela aversão infantil que lhe devotava, usando-a como escudo para mantê-lo à distância. Naquela noite, porém, as coisas seriam diferentes. Ela não o reconheceu, e, não o reconhecendo, não pressentia o perigo. Pela primeira vez, não se armara contra ele. Leon nunca mais teria uma chance melhor para atacar aquela fortaleza.

Apertou os dedos ao redor do copo que estava segurando. Ao se dar conta do movimento, pousou o recipiente no tampo de uma pequena mesa. Sentia-se aborrecido por ser obrigado a usar de subterfúgios para se aproximar da própria esposa... Porque as circunstâncias tornavam imperativo agir sem demoras. Não era isso que queria. Mas William Addison era uma séria ameaça, e não seria tolo de negligenciá-lo.

Deus, ela estava brincando com fogo! Aqueles olhares maliciosos! Aqueles sorrisos! Em sua ausência, sua jovem esposa se transformara em uma namorada. Por um lado sentia-se nas nuvens. Experimentara uma onda de puro orgulho masculino, pois Emily respondera ao seu flerte com entusiasmo. Por outro, ficara furioso. Afinal, ela era uma mulher casada e supunha que ele fosse um estranho. Aqueles sorrisos e olhares pertenciam a seu marido.

Leon desejou saber mais sobre William Addison e quanto o romance dos dois havia progredido.

Naquele instante se deu conta de que estava apertando os punhos com força. Agora sabia que o ciúme era um sentimento poderoso. Conhecia Emily muito bem. A esposa era íntegra.

Jamais trairia os votos do casamento, nem mesmo odiando o homem com quem se casara. Se não confiasse nela, não lhe daria carta branca para fazer o que quisesse, enquanto ele se estabelecia em outra parte do mundo. Mas sua esposa havia mudado. Até um cego perceberia isso.

Após escolher o momento com cuidado, aproximou-se dela na estufa circular. Rolfe deu-lhe uma piscadela antes de conduzir Zoe e Sara para ver os abacaxis do sr. Geoffrey em outra parte da propriedade. Emily contemplava uma videira carregada de flores. Leon reconheceu o olhar enlevado na face dela. Estava perdida em um mundo de sonhos. Aquele pensamento provocou um brilho intenso no olhar de Leon.

Ao recuar um passo, ela caiu diretamente em seus braços.

— Sinto mui... — Ao fitá-lo, as palavras de Emily morreram em sua garganta.

Leon curvou os lábios num sorriso sedutor. Abaixou a voz, de modo que Emily não o reconhecesse.

— Seu tio me pediu que a levasse até ele.

Aquelas palavras não lhe causaram nenhuma impressão. Ela o contemplou extasiada, alheia ao fato de que os braços fortes ainda a seguravam.

— A exibição de fogos de artifício — Leon se apressou em dizer. — Temos que nos dirigir aos gramados da frente.

Emily tornou-lhe um sorriso tímido.

— Claro. Que estupidez a minha. Será que meu tio está pensando que estou perdida? — perguntou, baixando o olhar.

Leon não respondeu, apenas ofereceu-lhe o braço, convidando-a a acompanhá-lo. Ela obedeceu ao comando tácito.

Demorou algum tempo até que Emily percebesse que o mascarado não a conduzia aos gramados, e sim na direção do rio. Com um gesto rápido livrou-se do braço dele, diminuiu o passo e hesitou. Leon virou-se para encará-la, fazendo-a sentir um súbito calafrio que lhe percorreu a espinha.

— Para onde está me levando?

— A algum lugar onde possamos ficar a sós.

Na verdade, era isso que ela desejava. William a levaria para algum canto sossegado onde a beijaria com ardor, e todas as suas incertezas seriam solucionadas. O tremor que a acometeu até certo ponto era normal. Afinal, estava diante de um homem e bem mais forte do que ela.

— Você vem comigo? — perguntou ele.

O homem fez uma tentativa de disfarçar a voz. Parecia que William também sabia ser um pouco romântico. O pensamento a deixou satisfeita.

— Sim — respondeu simplesmente e sorriu.

Embora aquela aquiescência não lhe tivesse agradado, tomou-a pela mão com pouca suavidade e continuou caminhando. Emily precisou se esforçar para manter o ritmo dele. De repente, ela tropeçou e torceu o tornozelo. Leon se ajoelhou de imediato e tomou-a nos braços. Emily sentiu o calor da respiração masculina próxima a seu rosto, o olhar quente e penetrante, e, no instante seguinte, a maciez da boca que a envolveu num beijo intenso e avassalador.

Eu estava certa, pensou Emily. O beijo foi diferente de todos que William lhe dera. Ele não a estava galanteando, e sim reivindicando-a. E ela também o desejava. Era como se todas as células de seu corpo adquirissem vida própria.

Enquanto sua mente a advertia para ser cautelosa, o instinto a impelia a render-se.

Quando ele se afastou, Emily o encarou, aturdida. O cavalheiro sorriu, exibindo os dentes brancos e segurando-a nos braços. Ela fechou os olhos e recostou a cabeça no peito forte. Eram dois corações batendo ao mesmo tempo de modo selvagem. Fez um protesto involuntário, que ele ignorou. Estava perturbada, mas algo ficara evidente: aquele homem não podia ser William. Ele era mais anguloso, mais sólido. Aquele era tão flexível quanto um atleta. Seu cheiro era diferente, e os beijos, muito mais ousados.

— Não estou entendendo — sussurrou Emily. Leon roçou os lábios úmidos sobre os dela.

— Vim buscá-la. Você sempre soube que eu viria.

Emily escutou um zumbindo estranho nos ouvidos. Era como se estivesse flutuando. As três taças de champanhe que havia tomado começavam a fazer efeito. Só podia ser isso. O mascarado de manto escarlate falava como o homem de suas fantasias. Mas era realidade. Aquele homem não passava de um estranho. Então, por que sentia como se o conhecesse durante toda a sua vida?

Ergueu a cabeça e o contemplou. A mandíbula quadrada conferia-lhe um ar determinado.

— Quem é você? — perguntou, decidida, sem entender por que estava tremendo.

Os olhos escuros fitaram-na por trás da máscara. Os lábios másculos se curvaram num sorriso irônico.

— Você sabe quem eu sou. Sou o seu destino. E é melhor se acostumar com isso.

Aquelas palavras roubaram-lhe a respiração. Então era verdade. Aquilo estava realmente acontecendo. Seu coração desejoso enviara uma mensagem silenciosa aos deuses, clamando por um amor verdadeiro, e agora ele estava ali. Era... um absurdo!

Quando contornaram a última curva do caminho, o rio surgiu diante deles. Havia uma doca e uma luxuosa embarcação atracada. Com alguns passos largos e rápidos, o cavalheiro a conduziu ao longo da prancha, gritando instruções a um membro da tripulação que se encontrava a bordo.

— De quem é este barco?

— De um amigo.

— Eu não deveria estar aqui. Meu tio...

— Ele sabe que está comigo.

Emily assimilou aquilo em silêncio, enquanto o homem a guiava pelo convés. A cabine para onde a levou era suntuosa. Uma enorme cama de casal parecia preencher o espaço reduzido. Evitando encará-la, Leon dirigiu-se a uma pequena mesa posta para dois. O cenário era íntimo. Um clima de sedução pairava no ar.

— Leve-me de volta imediatamente. Isto... isto não é sensato! — exclamou ela.

— Não tenha medo — respondeu ele, retirando o manto, que lançou no encosto de uma cadeira. — Primeiro vamos jantar. Depois conversaremos. Logo tudo será esclarecido. Não há motivo para se alarmar. Seu tio sabe que está comigo.

Os olhos escuros faiscavam. Ao vê-lo se aproximar, Emily sentiu a boca seca e reteve o ar nos pulmões.

— Ficará mais confortável se tirar o manto — disse ele num tom suave.

— Não!

— Sim.

Emily não tinha vontade de discutir. Já se sentia completa-mente apaixonada por aquele homem. Mas príncipe encantado ou não, estava indo rápido demais para o seu gosto. Balançando a cabeça, o fitou suplicante.

Leon riu, zombeteiro, curvando-se em sua direção. Emily enrijeceu-se, porém o misterioso cavalheiro limitou-se apenas a beijá-la com delicadeza. Depois, com extrema naturalidade, deslizou os dedos e soltou as fitas que prendiam o manto ao corpo dela.

Sentindo suas resistências a abandonarem, Emily ouviu o gemido rouco de prazer que escapou dos lábios dele. O brilho tênue nos olhos escuros fora substituído por um tom intenso e flamejante. O homem a encarava como se um raio o tivesse atingido.

Capítulo V

O vestido de Emily não escondia as belas formas femininas, aderindo-se às curvas sinuosas como uma segunda pele. O decote era profundo, revelando boa parte da curva dos seios. Os olhos de Leon percorreram-na de alto a baixo. Por um longo momento, limitou-se a observar os detalhes sensuais que o tecido fino deixava transparecer.

Aquela mulher era a fantasia de qualquer homem. E era sua esposa. Não se lembrava de ter sentido tanta raiva antes. As suspeitas ameaçavam queimar-lhe o cérebro. Só uma mulher de vida fácil permitiria que um estranho a levasse a bordo de um iate sem um murmúrio de protesto.

O silêncio era infinitamente pesado. Emily percebeu que fora o seu vestido a deixá-lo furioso. A sra. Germaine havia se superado. A delicada peça de vestuário dava a nítida impressão de que ela não estava usando nada por baixo. Embaraçada, esticou a mão para alcançar seu manto.

Leon se adiantou arrancando-lhe a veste das mãos e arremessando-a em um canto. Emily recuou alguns passos e caiu sobre a cama. De repente, ele a cobriu com o corpo rígido e sólido. Os olhos escuros queimavam através das aberturas da máscara. Quando sentiu as mãos fortes tocarem seus cabelos, removendo as presilhas que os mantinham presos, Emily deixou escapar um pequeno suspiro, receosa.

A voz dele era baixa, rouca e assustadoramente familiar.

— Quando penso que esperei tanto tempo porque você não estava preparada! Que fui obrigado a prometer, mesmo agora, não pressioná-la! Deus, você fez a todos de bobos.

A mente de Emily, paralisada pelo medo, não entendia o significado daquelas palavras. Ela não conseguia tirar os olhos das mãos poderosas que a tocavam. Com movimentos lentos, Leon soltou as tiras que prendiam a máscara de Emily.

— Lágrimas, doçura? — As pontas dos dedos fortes e calejados deslizaram sobre a face delicada. Mantendo os olhos fixos nos dela, lambeu a lágrima que escorria, umedecendo-lhe as pálpebras com a língua, num gesto de puro erotismo. — Lágrimas não funcionam comigo. E você sabe muito bem.

— Isso é um engano! — disparou ela. — Não sou o tipo de mulher que está

pensando. — Aquilo estava se transformando em um pesadelo. E a culpa era sua. Interpretara mal aquele homem, atribuindo-lhe qualidades heróicas que existiam apenas em sua imaginação de menina. Ele era um tipo perigoso, indomável.

Recuperando o que lhe restava de dignidade, continuou:

— Meu marido vai matá-lo quando souber disso. — Aquelas palavras o deixaram imóvel. Leon fitou-a, hesitante.

— Emily, você sabe quem eu sou?

Emily. O nome penetrou em sua mente como um raio de sol da manhã. Seu cérebro fez conexões imediatas, deixando-a aliviada. Rindo e chorando ao mesmo tempo, ela disse:

— Oh, Deus, Leon, jamais me senti tão feliz em ver alguém em toda a minha vida! De onde veio? Como chegou aqui? — O próximo pensamento deixou-a irritada. — Que diabos está querendo, tentando me enganar desse jeito? Se isto é uma piada, fique sabendo que não achei graça.

— Não é nenhuma piada, e, se observar direito, também não estou rindo. Eu não queria que as coisas fossem assim. Mas, inferno, quem tem mais direito a desfrutar o que você está oferecendo do que eu?

Sem maiores delongas, ele se livrou da máscara, do casaco e do cachecol.

Por algum motivo, Emily não ficou apavorada, mas estava longe de se sentir calma. Com qualquer outro homem, teria reconhecido a ameaça sexual. Mas aquele era seu marido, que jamais a desejara como mulher.

— Leon... — murmurou, duvidosa.

— Meu Deus, minha imaginação não lhe fez justiça. Você é maravilhosa. Mas quantos homens já lhe disseram isso? — O escárnio se transformou em uma emoção mais perversa. — Tire este vestido. Quero vê-la nua.

As palavras foram tão chocantes que Emily estava certa de ter ouvido mal. Quando, porém, o viu puxar a própria camisa do cós da calça, todos os seus sentidos se aguçaram. Não podia acreditar naquilo. E então caiu em si: o vestido. O vestido o fizera pensar que ela era uma mulher fácil, e, como qualquer homem, Leon não se preocupava muito com suas escolhas para satisfazer o apetite sexual. Poderia ser qualquer uma.

— Este vestido não significa nada — ela se apressou em dizer. — Não vê que isto é uma brincadeira? O vestido de Sara é quase idêntico. Tia Zoe insistiu que usássemos o manto durante todo o baile. Olhe — disse, erguendo a bainha. — É bem decente. Tem uma anágua rosa. Oh, Deus, Leon, por que não acredita em mim? Isto não significa nada. Eu juro.

Ele acreditava. Emily jamais se exibiria de tal forma para um homem. Era uma jovem inocente. Oh, sim, acreditava. Mas um ciúme insano abalara seu autocontrole. Agora não tinha mais volta.

O marido acreditava nela. Emily podia perceber isso em seus olhos e nos ombros poderosos que relaxaram enquanto ele desabotoava a própria camisa e a jogava de lado. Ela não gostou do que viu.

Toda aquela masculinidade a intimidava, deixando-a consciente de quanto era vulnerável. Sempre soubera da reputação de Leon Devereux. E a cada segundo que

passava, aquele pensamento se tornava mais vivo em seu cérebro.

— Leon... — suplicou.

Ele empregou o mesmo tom de voz terno que se dispensa a uma criança assustada a quem se deseja acalmar.

— Não há como voltar atrás. Procure entender, Emily. Esperei muito tempo por este momento. Entregue-se a mim e tudo ficará bem. Por favor, não me faça machucá-la. — Virou-se e apagou a lamparina.

Os raios de luar, que penetravam pelas duas pequenas escotilhas, lançavam um brilho romântico no ambiente. Emily viu-se envolvida por aquele estranho poder. Então, de repente, como se uma nuvem encobrisse a lua, tudo na pequena cabine ficou oculto pela escuridão. Com cautela, ela deslizou para fora da cama. Embora não fizesse nenhum ruído, Leon estava atento aos seus movimentos.

Dedos fortes como as mandíbulas de uma armadilha de aço seguraram-na pelos ombros. Emily se contorceu e caiu sobre a cama. As palavras de protesto foram sufocadas em seus lábios quando a boca do marido apoderou-se da sua num beijo longo e profundo. Leon segurou-a sem muito esforço, usando o próprio corpo para acalmar-lhe os movimentos frenéticos. Quando, por fim, Emily deu mostras de estar cansada, afastou-se alguns centímetros para deixá-la respirar.

— Emily, isto é inevitável. Sou seu marido. Tenho os meus direitos — disse, abraçando-a e voltando a beijá-la com mais volúpia, enquanto ela se debatia a fim de afastá-lo.

— Não — gemeu sob os lábios exigentes do marido. Seu lado racional não queria aquilo, não podia querer, não com ele. Durante anos odiara aquele homem. Mas seu corpo discordava. Todos os seus sentidos estavam em brasa. Não tinha nada a ver com Leon. Era uma combinação de circunstâncias.

Ela se sentira suscetível desde o momento em que descera da carruagem do tio e percebera algo mágico no ar. Estava ávida para viver um grande amor. Para colher os prazeres que a vida lhe reservara. Mas não com Leon Devereux.

— Sim... Sim — insistiu ele e, num gesto rápido, tocou-lhe um dos seios numa carícia íntima. O intumescimento do mamilo sob seus dedos sensíveis o fez soltar um gemido de prazer. Leon abaixou a cabeça e Emily sentiu a umidade da língua e dos lábios ardentes que lhe rodearam o bico excitado. A intensidade da própria reação a aturdiu. Ela ofegava, gemia, se contorcia, arqueando-se de encontro ao corpo másculo.

Quando Leon se afastou e começou a tirar-lhe a roupa, Emily se encontrava numa espécie de torpor sensual. Um minuto depois, uma claridade inundou a cabine. Ele tinha acendido uma lamparina. Uma vez despido, deitou-se na cama ao lado dela e beijou-a no pescoço.

— Eu pretendia poupar seus rubores, mas não consigo. Quero vê-la, Emily. Caso contrário, posso pensar que isto não passa de um sonho.

Suas mãos começaram uma exploração lenta pelo corpo feminino desnudo, acariciando-lhe os seios, o ventre, a curva dos quadris e descendo para as coxas.

— Emily! Minha querida Emily! Minha imaginação nem sequer chegou perto de tanta beleza! — Começou a pontuar suas palavras com minúsculos beijos e pediu: — Beije-me. Toque-me! Mostre-me que agora é uma mulher.

Sem dar tempo para que ela tomasse a iniciativa. Tomou-lhe uma das mãos e acomodou-a sobre o tórax dele, deixando-a sentir o pulsar de seu coração sob os músculos rígidos. Conteve-se por alguns instantes, estudando-lhe a expressão. Ao ouvi-la ofegar, fechou os olhos. Puxou-a mais para perto e colocou os braços dela ao redor de seu pescoço.

— Você sabe quanto tempo esperei para vê-la assim?

— Leon... — Emily mal conseguia respirar. Ardia, tomada pela febre louca do desejo. Sua pele estava tão sensível que a cada carícia, a cada contato dos lábios másculos, todas as fibras do seu corpo pareciam queimar como lava.

— Leon... — sussurrou mais uma vez, afagando-lhe os cabelos sedosos.

Ele sorriu ante aquela resposta apaixonada. Emily estava completamente indefesa, quando as coxas musculosas afastaram as suas. Os dedos experientes encontraram e invadiram o ponto secreto de sua feminilidade, fazendo-a reter o ar nos pulmões.

De repente, uma cena horrível flamejou no cérebro de Emily. Leon e lady Riddley, ambos nus em uma cama, e a mão dele entre as coxas da mulher.

Emily se moveu tão depressa que o deixou atônito. Afastou-se chorando, rolou para o lado, ergueu-se e saiu da cama.

— Emily!

Em um segundo ela estava junto à porta, atordoada, procurando o trinco. Rápido, Leon, logo conseguiu alcançá-la e segurou com força a carne tenra de seus braços.

— O que aconteceu? — indagou num tom suave. — Meu bem, eu a amedrontei com a minha impetuosidade? Estou indo rápido demais para você? Tudo bem. Volte para a cama. Juro que não farei nada que não queira que eu faça. — As lágrimas inundaram os olhos de Emily.

— O quarto da torre! — disparou, irritada. — Como eu poderia esquecer? Você e aquela mulher, lady... lady...

As palavras lhe morreram na garganta quando Leon a sacudiu com força. Assustou-se diante do olhar fulminante lançado em sua direção.

— Insensível! Tinha que estragar tudo! Precisava lembrar dessa história?! — Quando ela abriu a boca para enfrentá-lo, a pressão dos dedos fortes ao redor de sua garganta a deteve. — Não faça isso! — ele exclamou. — Não ouse mencionar o nome de outra mulher num momento como este, que só interessa a nós dois. Você e eu, Emily. — Sua respiração era rápida e ruidosa.

— Meu tio o matará se encostar um dedo em mim.

— Não me interessa. Sou seu marido. Quando vai escutar a voz da razão?

Leon não lhe deu tempo para pensar. Curvando-se, deslizou um braço sob os joelhos dela e a ergueu de encontro ao próprio peito. Então, antes que Emily pudesse protestar, tomou-lhe a boca num beijo selvagem e faminto, desprovido de qualquer traço de ternura que ele demonstrara minutos antes. Ela gemeu quando Leon a arremessou sobre a cama. Fitou-a por alguns instantes com um olhar infinitamente másculo e ameaçador. Um pânico cego apossou-se de Emily ao vê-lo curvar-se em sua direção e lutou com todas as forças para afastá-lo.

Leon subjugou-a com a facilidade como quem domina uma criança. Sedução não era mais o seu objetivo. Estava exigindo submissão, reivindicando-a. Durante algum tempo Emily relutou, debateu-se e esmurrou-lhe o peito. Por fim, não obtendo êxito, fechou os olhos, resignada, e se preparou para o humilhante desfecho.

— Emily... — ele murmurou.

Ela lutava contra o impulso de se entregar. Aquele homem não a merecia, pensou. Então sentiu o ardor dos lábios masculinos roçar-lhe um mamilo sensível e soltou um gemido de prazer. Leon ergueu a cabeça. Suas narinas ansiosas se alargaram, percebendo o rubor que tingia as faces delicadas, os lábios trêmulos, os olhos ofuscados pelo desejo.

— Sim... — ele disse num tom arrebatado e exultante. Então, comprimindo-a de encontro ao colchão, penetrou-a com intensidade e paixão.

Emily gemeu baixinho. A dor da posse era intolerável. Lágrimas rolaram de seus olhos. Convulsivamente suas mãos se abriam e fechavam em torno dos músculos rijos dos ombros dele.

— Leon... Leon... — Com a respiração entrecortada, tentou suportar seu tormento, tentou envergonhá-lo, induzindo-o a libertá-la.

No segundo seguinte, a boca masculina voltou a beijá-la com ardor ainda maior, engolindo os pequenos gemidos de angústia.

— Logo, meu amor... logo a dor passará — ele a acalmou. Leon tinha razão. O desconforto sumiu de repente, como se nunca tivesse existido. Emily suspirou e deslizou as mãos para a cintura dele. O prazer provocado pelas carícias experientes do marido fizeram seus músculos relaxar. Uma fúria súbita a envolveu. Ao fitá-lo, seus olhos adquiram um tom violeta incandescente.

— Mais tarde — disse Leon, com um sorriso de satisfação. — Me castigue mais tarde.

Dizendo isso, penetrou-a mais fundo, mergulhando-a em uma tempestade de sensações. Emily prendeu a respiração. Não podia mais suportar o fogo que ameaçava dominá-la. O desejo alcançara um nível do qual era impossível retroceder. E ele também não permitiria. Estava determinado a acabar com todas as suas defesas femininas.

Segurando-a com firmeza, Leon levou-a a um mundo de paixão, onde nada mais existia além do clamor exigente de seus sentidos e o sublime caminho que os levaria ao êxtase. Surpreso e encantado ao mesmo com a reação da esposa, deixou escapar um grunhido rouco que brotou de seu peito. Beijando-a, moveu-se num ritmo cada vez mais intenso e acelerado, até explodir em espasmos descontrolados de prazer.

Emily despertou sobressaltada. Embora a lamparina estivesse apagada, sabia exatamente onde estava e quem se encontrava deitado a seu lado.

A boca de Leon tocou-lhe a ponta da orelha, mordendo, beijando e lambendo com suavidade a carne macia do lóbulo.

— Você dormiu e não assistiu aos fogos de artifício — sussurrou ele. — Ficarei feliz se não adormecer agora.

Naquele instante, a mão dele se crispou em um dos mamilos rosados, acariciando-o

com suavidade. Emily sentiu seus batimentos cardíacos acelerarem. Fechou os olhos, saboreando aquela sensação inebriante, e se deu conta de que ambos estavam excitados outra vez. Tentou se afastar.

— Por Deus, Leon... — disse num tom débil. Sua mente parecia não concatenar um só pensamento sensato.

Ele a virou de lado e apartou-lhe as pernas. Ouviu-a murmurar algo incoerente e ignorou. Mordiscou os lábios carnudos, que se entreabriram para recebê-lo. Estimulado, invadiu-lhe a boca, explorando os detalhes com extrema avidez. Emily sentiu o sangue correndo mais rápido nas veias. A pressão dos braços que a enlaçavam parecia esmagar seus ossos. Quando o marido lhe tocou a cálida intimidade entre as pernas, penetrando-a com um dedo, ela ergueu o corpo, ofegante.

— Calma... Relaxe... — sussurrou ele.

Leon acomodou-a outra vez no travesseiro. Segurou-lhe as mãos, levou-as aos lábios e as beijou apaixonadamente, antes de conduzi-las ao redor de seu membro excitado.

— Toque-me — pediu, movendo os dedos dela numa carícia voluptuosa.

Emily hesitou por um momento, lembrando-se da cena de Leon Devereux despido no quarto da torre. Mas antes que o quadro pudesse se formar em seu cérebro, ele a puxou para si.

— Não a deixarei pensar sobre o que passou. De uma vez por todas, vamos exorcizar o passado. Quando você pensar em mim — continuou, forçando a mão dela em torno de sua masculinidade —, lembrará apenas do prazer que compartilhamos e irá reviver em sua mente todos os segundos desta noite.

Leon rolou para o lado. Emily aguçou os ouvidos na escuridão para saber o que o marido estava fazendo. Um momento depois, uma luz clareou o ambiente. Ele se dirigiu às pequenas janelas e fechou as cortinas. Seu coração se acelerou ao vê-lo caminhar em sua direção.

Agora podia observá-lo melhor. Leon Devereux era um homem deslumbrante. Tinha a pele bronzeada, os ombros largos, o tórax bem definido. Do pescoço à virilha, uma fileira de pêlos escuros e sedosos cresciam em profusão. Era tão macio e luminoso quanto uma pantera e duas vezes mais letal.

— O que está fazendo? — perguntou ela, puxando o lençol até o queixo.

— Escute. O que está ouvindo?

Emily não sabia que jogo era aquele. Balançou a cabeça, nervosa.

— Diga-me. O que está ouvindo? — insistiu Leon.

— Ouço o rio... a água se chocando nas laterais do barco.

— O que mais?

— Ouço... você... respirando, como se...

— Como se... o quê, Emily?

— Como se estivesse bravo.

— Não estou bravo. Eu a ouço respirando também. Você está brava?

— Não.

A rápida negativa o fez sorrir.

— Quando estou perto de você, minha respiração acelera. E foi assim durante anos. Nunca percebeu?

Ela meneou a cabeça, negando.

— E quando está perto de mim, acontece o mesmo com você. Eu sempre soube disso.

Toda aquela conversa sobre respiração causava um estranho efeito em Emily. Não estava respirando, e sim arquejando.

— Agora diga-me o que está vendo — continuou Leon.

Era um alívio não ter que olhar para aquele corpo viril. Virando os olhos depressa, ela olhou ao redor da cabine. Notou a mesa com louçaria de porcelana posta para a ceia que não acontecera. Cortinas de seda dourada nas janelas, o forro das cadeiras e do sofá eram de veludo branco. Havia uma bonita cômoda de pau-rosa, com puxadores de marfim. O interior era luxuoso. A embarcação, obviamente, pertencia a algum milionário.

— Bem, e então?

Obediente, Emily descreveu o ambiente.

— Você vai se lembrar desta cabine. Na realidade, ficará gravada em sua mente, como também na minha.

A observação soou estranha e Emily não teceu nenhum comentário.

— O que mais está vendo? — Leon se endireitou, levou as mãos aos quadris e sorriu.

Emily umedeceu os lábios.

— Mais nada.

— Se não estou enganado, há um homem na cabine — disse ele, divertindo-se com o desconforto dela.

De modo algum Emily o descreveria despido. Apertando a mandíbula, encarou-o com um olhar repreensivo.

— Timidez, Emily? Bem, então terei que tomar a iniciativa. Posso lhe dizer o que estou vendo? Vejo uma mulher que faria um homem matar para possuí-la. — O sorriso dele era suave, suas palavras, eletrizantes. — Não acredita em mim?

— Não diga bobagens. Sou apenas uma moça comum.

— Vejo uma mulher que incorpora tudo que eu admiro em uma fêmea. Agora é sua vez. Diga-me o que vê.

Os olhos dela fitaram-no de alto a baixo. A virilidade potente e total a enervava.

— Leon, por favor... — disse num tom fraco, não entendendo o porquê daquela crueldade.

Ele veio em sua direção e a abraçou.

— Meu bem, não me olhe desse jeito. Sou apenas um homem, seu marido. Jamais

tenha medo de mim. — Uma mão inclinou a cabeça dela para trás, forçando-a a encará-lo. — Não é a mim que você teme, Emily. Ainda não percebeu isso? Aquilo contra o que está lutando só existe em sua própria mente. Se você se entregar a mim sem reservas, vai constatar a veracidade das minhas palavras.

Os olhos escuros e profundos passearam sobre os lábios vulneráveis e então desceram para os mamilos túrgidos, fazendo-a acelerar a respiração.

Seus olhares se encontraram. Ele segurou-lhe uma mão e apertou-a de encontro ao tórax. Lenta e deliberadamente deslizou-a até a virilha. Sob a pele dos dedos sensíveis, Emily sentiu a pele morna e lisa, a aspereza dos pêlos grossos, os músculos rijos e poderosos.

— Não! — gemeu Leon, quando ela ameaçou retroceder. — Sinta o poder que exerce sobre mim.

Dizendo isso, inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e guiou a mão dela até pousá-la sobre seu sexo ereto. Consciente de seu próprio poder, Emily acompanhou, fascinada, o movimento do tórax másculo se expandindo e retraindo. Quando Leon libertou-lhe a mão, ela não a afastou como fizera antes.

Ele abriu os olhos.

— Agora beije-me do modo que eu a beijei.

Indecisa, Emily deslizou a língua por entre os dentes dele. Leon estreitou-a nos braços e beijou-a de forma possessiva e apaixonada, enquanto suas mãos a torturavam com carícias lentas e sensuais.

— Abra suas pernas para mim — pediu suavemente.

Ao vê-la ceder sem a menor resistência, afastou-se dos braços que o envolviam. Ela clamou em protesto, convidando-o ao prazer.

Ele se ajoelhou e aninhou-se de encontro à pele macia.

— Quando você pensar em mim com uma mulher, é disto que eu quero que se lembre. — Os olhos dela estavam fechados. — Olhe para mim — Leon pediu num tom severo e depois suave. — Olhe para mim.

Emily abriu os olhos confusos com a paixão que a consumia e tentou focalizá-lo.

— Olhe para mim — ele repetiu, inflexível na determinação de apagar a cena do quarto da torre da memória dela. Quando viu que Emily o fitava, beijou-lhe um joelho e depois o outro.

— Olhe para mim, veja como a desejo. Olhe para você se abrindo para mim... Convidando-me a entrar em seu corpo... Pense nesta cabine... nos sons, nos cheiros do nosso amor. Você e eu, Emily. É disso que eu quero que se lembre.

Por um longo momento, seus olhos capturaram os dela numa carícia profunda e apaixonada. Então Leon se ergueu e, de maneira vagarosa, preencheu-a com o calor da sua masculinidade. E ela o acolheu, receptiva.

Os movimentos se tornaram vigorosos e rítmicos. Emily emitia sussurros e gemidos roucos. Sentia-se feliz, presa sob aquele corpo viril e potente. Pouco a pouco um turbilhão de poderosas sensações os atingiu, levando-os ao ápice do prazer.

Capítulo VI

Na manhã seguinte, Emily despertou sobressaltada com uma profusão de sensações e odores pouco conhecidos. Lamuriando-se, livrou-se depressa dos lençóis e sentou-se na cama. As cortinas estavam abertas, deixando a claridade inundar o ambiente. Os sons provenientes do exterior revelavam que o barco estava em movimento. Céus, tinha sido raptada! Ao perceber a porta se abrir, soltou um pequeno grito de alarme, esticou as pernas e, rápida, puxou a coberta, escondendo-se. Sorridente, Leon parou junto à entrada, segurando uma caneca em uma das mãos. Não usava jaqueta, e a camisa branca, desabotoada, revelava o tórax largo e bronzeado. O tecido preto da calça enfatizava-lhe a rigidez das coxas musculosas. Uma pantera!, pensou ela.

— Gostaria de saber para onde está me levando — disse Emily.

— Vai se sentir melhor depois que tomar um banho e comer algo. Não se preocupe, não costumo raptar virgens e seduzi-las. — Ignorando o olhar mal-humorado de Emily, Leon cruzou a cabine — O banho de milady a espera. Achará tudo o que precisa para se sentir confortável do outro lado desta porta.

Emily estava penteando as longas mechas de cabelo para trás da orelha, num gesto característico que o atingiu no estômago com o impacto do coice de um cavalo.

Sem pensar em mais nada, Leon contornou a cama e beijou-lhe os lábios.

— Beba o seu café — disse ele. — Tome um banho e vista-se. Suas roupas estão na cômoda. Conversaremos mais tarde.

Tudo nele a aborrecia. O modo como assobiou ao deixar a cabine... o ar alegre estampado em seu semblante... a maneira de fitá-la, como se fosse seu dono e senhor.

Emily enrolou-se no lençol, ergueu-se e foi até a porta indicada. O aroma de café era irresistível. Pegou a caneca sobre a mesa e entrou no banheiro.

O recinto era quase do mesmo tamanho da cabine. A banheira estava repleta de água. A fragrância era inconfundível. Gardênia, seu perfume predileto.

Permaneceu submersa por um longo tempo, tomando goles de café e colocando os pensamentos em ordem. Homens eram criaturas perversas e irritantes, concluiu. Não passavam de animais. Leon amava Sara, mas isso não o impedia de ir para a cama com outra mulher. Rangeu os dentes, lembrando-se de como ela mesma contribuíra para a própria desgraça. Havia muito desejava se realizar como mulher, mas queria amor, não aquela tempestade de sensações que não envolviam o melhor dos sentimentos. Odiara Leon Devereux durante anos. Então, por que cedera aos seus apelos na noite anterior?

A resposta foi quase imediata. Parecia que homens e mulheres, pelo menos algumas mulheres, não eram muito diferentes. Lady Riddley lhe dissera isso dias antes. Era verdade. Mas havia uma diferença entre os sexos. Mulheres tinham mais presença de espírito, mais força de vontade. Poderia até desejar Leon Devereux, mas isso não significava que cederia a seus instintos mais primitivos. Agora que sabia que era capaz de

experimentar o mais arrebatador dos prazeres, ficaria atenta para não repetir o que acontecera na noite anterior.

Estava ensaboando os joelhos vigorosamente quando uma cena lhe veio à mente. Leon beijando-os com a face corada de paixão, e sua voz rouca excitando-a. *Olhe para mim, veja como a desejo. Olhe para você, aberta para mim, me convidando a entrar em seu corpo.*

De súbito, Emily levantou-se da banheira como se tivesse descoberto uma cobra lá dentro. Com as pernas trêmulas, envolveu-se em uma toalha e recostou-se na cômoda, tentando se recompor. Precisava esquecer o que acontecera. Devia se lembrar que Leon Devereux agia da mesma forma com todas as mulheres.

Fechando os olhos, lembrou-se da noite em que o surpreendera no quarto da torre. Aquela cena a assombrara durante anos. E na noite anterior agira como lady Riddley. Diabos! O que Leon fizera com ela?

Uma batida forte na porta a trouxe de volta ao presente.

— Emily? O que está acontecendo? Seu desjejum vai esfriar.

O que aquele homem estava querendo? Que jogo era aquele? Só havia um modo de descobrir, ela pensou, endireitando os ombros.

Entrou na cabine de queixo erguido. Porém sua dignidade sofreu um pequeno retrocesso quando Leon lhe arrancou a toalha úmida e vestiu-lhe um roupão como se ela fosse uma criança. Obediente, Emily aceitou o assento que lhe foi oferecido. Ovos mexidos com salsichas. O prato favorito dela. Parecia que não havia limites para o deslante de Leon.

Se não estivesse faminta, teria recusado o desjejum. Mas como não jantara na noite anterior, não pôde resistir aos aromas que provocavam suas narinas. Durante alguns minutos, limitou-se apenas a comer, sem dizer uma palavra.

— Mais café? — perguntou ele.

Emily acenou com a cabeça, enquanto Leon lhe servia mais uma xícara da bebida fumegante. Pelo canto dos olhos, ela percebeu que Leon Devereux estava tão feliz quanto um gato que engoliu um canário. Regozijava-se, e ela não podia suportar aquilo.

Quando, enfim, se sentiu satisfeita, pegou o guardanapo, limpou os lábios e, em seguida, o recolocou sobre a mesa. Só então falou:

— Gostaria de saber por que estou sendo raptada.

— Raptada? Mas não há nenhuma tranca nas portas. E parecia bastante disposta ontem à noite, quando eu a trouxe para cá.

— Eu não sabia que era você. Pensei que fosse outra pessoa.

— William Addison?

Apesar da calma aparente no semblante dele, todos os instintos lhe diziam para proceder com extrema precaução.

— Deduzo que recebeu a carta de Sara.

— Sim.

— Então sabe a respeito de mim e William.

- O que há para saber?
- Ele me pediu em casamento.
- Creio que tenha escapado ao seu conhecimento que você já tem um marido.
- Marido? Você não é meu marido. Nunca vivemos juntos. O casamento nunca foi...
- As palavras morreram em sua garganta ao lembra-se do que havia acontecido.
- Exatamente! A noite de ontem muda tudo.

Emily engoliu em seco. Raiva era uma emoção que raramente sentia. Apenas Leon Devereux detinha a misteriosa destreza de suscitar-lhe tal sentimento. Com os olhos flamejantes, ela disparou:

- Você me prometeu uma anulação. E estou confiando na sua promessa.
- Uma promessa feita sob coação.

O tom razoável dele só exacerbou a raiva de Emily.

- Coação? O que significa isso? Ninguém o forçou a fazer aquela promessa.
- Você me forçou. Não se lembra? Recusou-se a casar comigo até que lhe garanti que seria um casamento apenas no nome e que no futuro seria dissolvido. Não escutava meus argumentos. De que outra forma eu poderia agir? Tive de fazer aquela promessa para o seu próprio bem. Você era muito jovem naquela época. Mas agora que é uma mulher adulta, precisa entender que eu não tive escolha.

Emily pressionou as têmporas, enquanto a lembrança daquela noite lhe voltava à mente. Tio Rolfe lhe dissera que havia testemunhas que jurariam que ela fora desonrada. Então, seria obrigada a se casar com Leon.

Estava distraída naquela noite, mas não tanto a ponto de não perceber que um casamento com Leon Devereux era a última coisa que desejava. Sua vida ao lado dele seria um inferno.

Foi então que Leon prometera que seria apenas um casamento de fachada. Um dia, ela conheceria alguém merecedor de seu afeto. E quando esse dia chegasse, o casamento seria anulado. Nesse meio-tempo, Leon tivera de voltar para Nova York e continuara vivendo lá. Foi o que a acalmara. Marido ou não, aquele homem estaria a milhares de quilômetros dali. Não havia motivo para não aceitar as garantias dele. Leon, tanto quanto ela, não desejava aquele casamento.

— Por que fez isso? Por que voltou atrás em sua promessa? — Ele a fitou por um longo momento e então respondeu num tom calmo:

— Minha querida, você não é mais uma menina. Tem que entender que uma anulação jamais seria possível. Seu nome seria enxovalhado em todos os salões de Mayfair. Sua reputação estaria arruinada. Ninguém acreditaria na sua inocência. Não seria bom para você.

— Eu é que sei o que é bom ou não para mim.

Emily se esforçou para segurar a língua e tentou uma tática diferente.

— Leon, eu amo William. Ele me ama. Devemos nos importar com que o mundo pensa de nós?

— Você ama William Addison? — ele perguntou irônico. Ela acenou com a cabeça,

sem muita convicção.

— Então como explica a noite passada?

— A noite passada?

— Sim. Como explicará a William o que aconteceu? Como explicará isso a você mesma?

— Você é um homem. Deve entender dessas coisas melhor do que eu.

— Devo?

— Tio Rolfe me contou algumas coisas depois que você partiu. Algo sobre apetite carnal. Não entendi muito bem. Mas agora entendo.

— Apetite carnal? Então foi apenas isso? Emily, o pior cego é aquele que não quer enxergar. Não vou discutir. Mas gostaria que me dissesse como vai explicar o que aconteceu entre nós. — Ao notar o olhar chocado no rosto dela, Leon sorriu. — Não. Não precisa explicar. Nosso casamento foi consumado. De agora em diante, não quero mais vê-la perto de Addison em nenhum lugar.

— Isso já está indo longe demais! Por que brinca comigo desse jeito? O que quer realmente, Leon?

— Tenho trinta e um anos. Já está na hora de resolver minha vida. Quero uma esposa, uma casa e filhos. É tão difícil assim de entender?

— Você não é esse tipo de homem. Jamais teria se casado comigo se não fosse obrigado. Nem tampouco posso imaginá-lo casado com qualquer outra mulher.

As palavras severas endureceram a expressão dele.

— Obrigado. Mas a sua opinião sobre o meu caráter não me interessa. Você não me conhece, Emily. Nos últimos cinco anos, raramente estivemos na companhia um do outro, e nessas poucas ocasiões em que ficamos juntos, você quase não me dirigiu a palavra.

— Perdoe-me, Leon — ela disse tentando administrar a situação. — Você tem razão. Eu realmente não o conheço muito bem. Por favor, diga que me perdoa.

Os lábios dele se curvaram num sorriso.

— Gosto de vê-la submissa. Não estrague este momento. É uma experiência nova para mim. Você, normalmente, é tão irascível...

— Não fui irascível ontem à noite — Emily retrucou, corando violentamente em seguida ao perceber que pronunciara seus pensamentos em voz alta. — Esqueça o que aconteceu entre nós. Ambos sabemos que não significou nada. Pense no futuro. Se fingirmos que nada disso aconteceu, poderemos obter uma anulação. Então você ficaria livre para se casar com... — Ela quase disse Sara, mas emendou depressa. — Com... a mulher da sua escolha.

— Você é a minha escolha. E ponto final.

— Leon... — Emily recomeçou com deliberada paciência — Escute...

— Não. Escute você. Estamos casados. Quanto mais cedo se acostumar à ideia, melhor. Talvez não seja o casamento dos seus sonhos. Mas se der uma pequena chance, acho que poderemos dar certo juntos. Ontem à noite tivemos uma prova disso. Por que não admite que não é tão indiferente a mim quanto finge ser? Vamos enterrar o passado e

recomeçar. O que acha? — Havia uma estranha ansiedade nos olhos dela, e Leon aguardou pela resposta com grande expectativa.

— Não estou interessada nesse tipo de casamento. Acredito no amor. E quero ter o mesmo tipo de casamento que tio Rolfe e tia Zoe têm. Se não for assim, não quero nada!

— Então, estou destinado ao papel de autocrata? Embora não seja um papel que eu aprecie, assim seja. A escolha é sua, Emily, não minha. Lembre-se disso. — Ergueu-se lentamente e se dirigiu à porta. — É melhor se vestir. Seus vestidos estão na cômoda. Vamos ancorar dentro de alguns minutos no cais de Westminster.

— O que os meus vestidos estão fazendo aqui? Eu não entendo. Para onde estava me levando? Por que me raptou? Por Deus, me diga o que está acontecendo!

— Se as coisas tivessem sido diferentes, iríamos viajar pelo Tamisa em uma lua-de-mel atrasada. Mas, de alguma maneira, a ideia perdeu sua atração.

Carrancudo, Leon dirigiu-se à proa do barco e olhou para a água. Agarrando-se à grade, apertou-a com força, desejando que fosse o pescoço de William Addison. Detestava sentir raiva. Era uma emoção que não servia a nenhum propósito útil. Frequentemente nublava o juízo de um homem.

Até o nome de Addison entrar na conversa, sentia-se dono do mundo, convencido de que conquistar a esposa fora uma tarefa mais simples do que imaginara. Pensou que a batalha estivesse ganha. Então, ela disse aquelas três palavrinhas que o esvaziaram como um balão estourado.

Eu amo William. Não podia ser verdade. Emily não se renderia a ele tão docemente se estivesse apaixonada por outro homem. Era uma romântica. E tinha respeito por si mesma.

Enquanto observava as águas escuras do rio, Leon refletiu a respeito da noite anterior. Mal podia acreditar que tivessem ido tão longe. Eram amantes. Emily o presenteara com sua inocência. Isso lhe dava uma certa vantagem sobre Addison.

Emily ouviu os passos dele retornando à cabine e sentiu o coração bater apressado. Não sabia o que fazer com suas emoções desencontradas. Entretanto, estava certa de uma coisa: agora via Leon Devereux com outros olhos. Não mais como o odioso irmão caçula de tia Zoe e causa da ruína da sua vida. Mas como um homem viril. Um amante apaixonado, gentil. Um...

A súbita excitação de seus mamilos gelou-lhe os pensamentos. Devagar, tocou-os com os dedos. Estavam tão rijos quanto pequenos seixos e tão sensíveis quanto uma queimadura de sol. Gemendo, acariciou-os, pretendendo aliviar a tensão. Lembrou-se da noite anterior. A pele bronzeada de Leon de encontro a seus seios alvos, provocando-lhe arrepios...

Sentia-se tão frágil quanto uma gatinha. Apoiando-se na cabeceira da cama, esforçou-se para dominar as sensações que ameaçavam subjugar-lhe. Pense, disse a si mesma. Precisava pensar.

O casamento fora consumado. Leon quis arruinar as chances de uma anulação. Mas por quê?

Acreditou quando o ouviu dizer que gostaria de ter uma vida mais estabilizada. A maioria dos homens, até mesmo os mais libertinos, queriam herdeiros para seguirem seus passos. O que não podia acreditar era em suas razões para escolhê-la como

esposa. Não. Havia outros motivos para isso. Mas, por ora, nenhum lhe vinha à mente. Afastou esses infrutíferos pensamentos e imaginou o que fazer para se livrar daquela situação desagradável.

O melhor seria pedir ajuda a tio Rolfe. E se esse caminho falhasse, recorreria a William.

Ao pensar em William, outro gemido escapou de seus lábios. Como lhe explicaria o que acontecera? Não podia esconder isso dele. Não queria esconder. Entre verdadeiros amantes, não devia haver nenhuma decepção. Seus corações e suas mentes deviam estar sempre abertos um para o outro. William ficaria magoado e furioso. Oh, Deus, como poderia encontrar as palavras adequadas para explicar algo que ela mesma não entendia? Se pelo menos pudesse dizer que o marido a forçara. Mas não era verdade. E depois, durante aquela longa noite, não o repelira sequer uma vez.

Com um pequeno gemido de angústia, Emily dirigiu-se a uma das janelas abertas. Imagens do marido fazendo amor com ela queimavam-lhe o cérebro e o corpo. Jamais se libertaria delas... Jamais se libertaria daquele homem.

Quando a porta da cabine se abriu, ela virou-se de frente para encarar o intruso. Leon estava parado junto à entrada, como se tivesse respondido à sua convocação silenciosa.

— Encantador! — disse ele, observando o traje de musselina estampada que Emily usava. — Ocorreu-me que talvez precisasse de ajuda com os botões do seu vestido. — Ele se inclinou, lançando-lhe um olhar longo e sardônico. — Posso agir como sua criada, se você desejar.

Emily o encarou como se estivesse vendo um fantasma. O olhar de felino de Leon varreu deliberadamente cada detalhe do corpo feminino, antes de ele puxá-la para si.

— Não... — ela gemeu, tentando resistir.

No momento seguinte, os lábios másculos capturaram os dela num beijo louco e possessivo. Emily fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Leon abraçou-a pela cintura, obrigando-a a moldar-se a ele. Os beijos tomaram-se mais ardentes, mais molhados, mais exigentes à medida que a sentia excitada. Sua respiração era arfante e estridente. Jamais experimentara tal tempestade de paixão com outra mulher.

Não havia tempo para preliminares. Emily estava pronta. Com movimentos ágeis, livrou-a do vestido e despiu-se em seguida. Puxou-a de encontro ao peito e, mostrando-lhe o ritmo que ele queria, levou-a um êxtase rápido e furioso.

Saciados, permaneceram na mesma posição durante longos minutos.

— Emily? — Leon disse, erguendo a cabeça e esquadrinhando-lhe, ansioso, o rosto.

— Eu... eu não sei o que aconteceu comigo...

— Não sabe? Eu a despertei para a paixão. Seu corpo almeja o meu como o meu almeja o seu.

— Você faz isso parecer uma doença.

— Exatamente. É uma doença crônica.

— Oh, Deus! Gostaria que houvesse uma cura para isso.

— Mas há.

— Há?

— Como todas as curas, é quase tão ruim quanto a doença.

— Bem?

— Bem o quê?

— Bem, qual é a cura? Não vai me dizer?

— Oh... você não iria querer.

— Leon?

— Saciarmos um ao outro. É o único modo de enfrentarmos o fogo da paixão que nos consome.

Choramingando, Emily se afastou, sentou-se e abraçou os joelhos de encontro ao tórax.

— O que foi que eu disse?

— Posso ser estúpida, Leon, mas nem tanto.

— Um dia. Apenas mais um dia. É tudo que lhe peço.

— E depois?

— Voltamos para a casa de seu tio. Emily, que diferença pode fazer um dia mais? Se estamos aqui ou lá? Seria a nossa lua-de-mel. Eu a quero, você me quer. Já se rendeu a mim, não uma vez, mas muitas vezes. Você é minha esposa. Venha se deitar comigo.

A voz de Leon poderia encantar os pássaros nas árvores: macia, calma, hipnótica... O som fluía nos ouvidos dela, inundando-a com uma lassitude sensual. Quando as mãos fortes e ágeis a tocaram, acomodando-a de volta ao colchão, Emily não fez nenhum movimento para afastá-lo.

Capítulo VII

Quando Emily deparou com a irmã nos degraus da escada da casa do tio, a enormidade do que havia feito a golpeou com um sentimento de remorso. Jamais escondera sua antipatia por Leon, mas a irmã o amava. Sara confiou nela, e ela traíra aquela confiança. Com a consciência pesada, apertou o passo rumo a seu quarto. Sara a seguiu.

— Onde estão tia Zoe e tio Rolfe? — perguntou Emily.

— Entretenendo algumas senhoras na sala de visitas. Onde está Leon?

Emily relanceou um olhar rápido à irmã. A expressão de Sara era serena, quase feliz, fazendo o peso de suas transgressões apertar com mais intensidade seu coração.

— Foi ao estábulo ver uma égua que comprou para a sua criação de cavalos na América.

— Eu disse a tio Rolfe e a tia Zoe que isso não daria certo. Vocês só aguentaram dois dias.

— O que não daria certo?

— Uma lua-de-mel entre vocês. São como cão e gato. Sempre foi assim. Tentei avisar tio Rolfe, mas ele não me escutou. Porém eu tinha razão, não é, Emily? Caso contrário, você não estaria aqui agora. Estaria com Leon em sua lua-de-mel. Oh, minha querida, foi tão ruim assim? — perguntou com uma expressão de escárnio. — Fiquei apreensiva, desejando saber qual dos dois tentaria matar o outro primeiro.

— Não chegaríamos a tanto. Contudo, tenho algumas palavras para dizer ao nosso tutor ao me encontrar com ele.

— Não a culpo. Que maçada fizeram com você! Tia Zoe ficou louca quando não a encontrou. Você teria se divertido se estivesse lá. Eu nunca a vi daquele jeito. Estava enfurecida. Mas tio Rolfe foi devidamente castigado quando voltávamos da casa do sr. Geoffrey, posso lhe garantir.

— Fico feliz que tia Zoe não tenha feito parte disso. — Emily sentia-se miserável. Tinha vontade de se lançar aos pés da irmã e implorar seu perdão.

— E então? — Sara quis saber.

— Então o quê?

— Conte-me o que aconteceu. Aonde foram? O que fizeram? Encontraram algum assunto para conversar?

— Meu vestido está todo sujo da viagem — disse Emily. — Vou trocar de roupa e mandar lavá-lo.

— Não há necessidade de chamar Perkins. Isso acabaria com a nossa privacidade. Farei as vezes de uma criada.

Em questão de minutos, Emily estava apenas com as roupas de baixo. Dirigiu-se ao lavatório e verteu um pouco de água fria em uma bacia e desejou saber quantas outras tarefas poderia inventar para retardar o terrível momento em que teria de encarar a irmã e confessar-lhe a verdade.

Enxugava as mãos com uma toalha quando a porta do quarto se abriu e Leon entrou. Ele parou por um momento, observando as expressões chocadas de ambas as moças. Então sorriu e cruzou o quarto em direção a Emily, que o encarou, alarmada. No instante seguinte encontrava-se nos braços dele.

Leon estava representando para Sara. Aquele abraço não tinha nada de apaixonado. Seus braços eram como correntes de ferro. A pressão feroz de sua boca contra a de Emily a sufocava, não permitindo evasões. Tudo que tentara esconder da irmã era agora cruelmente revelado. Quando o beijo terminou, ela não sabia para onde olhar.

Leon não se abalou. Beliscando-lhe o nariz e disse num tom alto o bastante para Sara ouvir:

— Sua sapeca! Cubra-se, ou deixará sua irmã embaraçada.

Consciente de seu estado, Emily alcançou depressa uma toalha e a envolveu ao redor do corpo. Ansiosa, dirigiu o olhar a Sara.

O peito da irmã arfava. Seu coração estava nos olhos. Ignorando aquele olhar ferido,

Leon cruzou a distância entre eles.

— Sara. Como vai a minha irmãzinha? É bom vê-la novamente — disse, dando-lhe um beijo fraternal na testa.

Com um pequeno grito, a jovem o empurrou para longe.

— Não posso acreditar no que está acontecendo! Leon, diga que isso não é verdade! Você odeia Emily. É a mim que ama. Sempre fomos eu e você.

Emily cobriu a boca com a mão trêmula para suprimir um gemido. Era como se vivesse um pesadelo. Não percebeu que Leon se postara a seu lado e a abraçava pela cintura.

— Sempre foi Emily. Eu a amo desde menino. Esperei durante todo esse tempo que ela se tornasse adulta. Podemos dizer que Emily finalmente cedeu e recompensou minha paciência quando a raptei duas noites atrás em Fonthill House. Ela me tornou o homem mais feliz no mundo.

O silêncio que se seguiu foi tão profundo que era quase insuportável. Então, num tom magoadado, Sara disse:

— Minha irmã, diga que não é verdade.

Emily teria ido até Sara se o braço de Leon não a mantivesse cativa. O sentimento de culpa estava claramente estampado em sua face.

Chorando e gemendo, Sara encaminhou-se à porta.

Quando a porta bateu, Emily desvencilhou-se dos braços do marido e o encarou.

— Por que foi tão rude com ela? Meu Deus, Sara não merecia isso!

— Não merecia o quê?

— Aquela conversa fiada sobre me amar desde que era menino. Quando éramos crianças, Sara o adorava. O sol nascia e se punha em Leon Devereux. E você a encorajava.

— Sara não é mais uma criança. E não quero saber do amor dela. Nunca quis. Acha que eu queria contar a sua irmã aquela mentira sobre esperar você crescer? Tanto quanto você, eu não queria ferir Sara. O que acha que deveria dizer a ela?

— Não sei, mas deveria ter lhe falado em particular, e não envergonhá-la na minha presença.

— Sara não é como você. Não se convence facilmente. Acredite-me, eu tentei. Sei que foi um modo duro de fazê-la saber que não tem nenhuma chance comigo, mas, no final das contas, foi melhor assim. Ela não me escutaria, não depois de você lhe ter dito que havia uma possibilidade do nosso casamento ser anulado. Bem, mas agora sua irmã sabe que não haverá nenhuma anulação. E foi a sua expressão que a convenceu disso, não qualquer coisa que eu tenha dito ou feito.

Leon estava tão transtornado quanto Emily, mas ela não percebeu. Em sua opinião, a conduta do marido era motivada por considerações práticas. Como a maioria dos homens, achava que a felicidade pessoal deveria estar subordinada às suas ambições dinásticas. Leon se convencera de que Sara estava fora de seu alcance. Então, nesse caso, ela, Emily, ou qualquer outra mulher, serviria como esposa, melhor ainda, porque era possuidora de uma grande fortuna. E se o casamento fosse anulado, ele teria de lhe

devolver centavo por centavo do que havia tomado.

Como um gatinho furioso e impotente, Emily afastou-se e disse por fim:

— Foi muito fácil para você tomar aquela atitude. Logo estará partindo para Nova York. Eu é que terei de conviver com Sara. Ela nunca me perdoará, e não a culpo por isso.

— Em primeiro lugar, você é minha esposa. Não há nada que perdoar. Em segundo, o que a faz pensar que ficará aqui e eu em Nova York?

— Você... não está considerando a possibilidade de ficar na Inglaterra, não é?

— Não. Minha casa, meus negócios estão lá. — O suspiro de alívio que ela deixou escapar era quase audível. — Onde eu for morar, você vai morar também — continuou Leon. — Você é minha esposa, Emily. Quantas vezes preciso lembrá-la desse fato?

— Não pode estar falando sério.

— Asseguro-lhe que nunca falei mais sério em toda a minha vida.

— Mas por quê? Por que não ouve os meus argumentos? Por que está tão determinado a fazer da minha vida um inferno? O que foi que eu lhe fiz? Por que me odeia tanto?

— Já lhe expus minhas razões. Não vejo necessidade de repeti-las. Assim que tiver meus assuntos resolvidos, viajaremos para Nova York. — Após essas palavras, Leon deixou o quarto.

Emily estava abatida, mas não se sentia derrotada, ou pelo menos tentou se convencer disso durante os dias que se seguiram. Seu humor variava aos extremos, ora desesperada, ora otimista. Jamais duvidou de que Leon Devereux fosse um formidável oponente. Mas ela não era uma mulher chorona, indefesa que não sabia cuidar de si mesma. Era lady Emily, filha de um marquês. Possuía uma força de vontade tão poderosa quanto a de Leon. O marido vencera a primeira batalha. Era uma vitória importante, mas isso não significava que a guerra estivesse ganha.

Se havia uma guerra entre ambos, ninguém tomara conhecimento disso pela simples razão de que Leon quase nunca estava em casa. Passava a maioria do tempo resolvendo assuntos de negócios. Isso acarretava frequentes ausências, uma circunstância que Emily via com bons olhos. Nem tampouco a procurava à noite quando todos haviam se recolhido. Isso era mais do que ela poderia esperar. Jamais lhe ocorreu que fosse para o seu próprio bem que o marido demonstrava aquela paciência, que era para poupar seus escrúpulos que se forçava a renunciar aos seus direitos conjugais. Concluiu que devia sua boa sorte ao remorso de Leon pelo modo insensível como traíra seu amor por Sara.

Emily engendrara uma vaga estratégia: pretendia ganhar o apoio de tio Rolfe. Se não o obtivesse, tentaria William Addison. Todavia, seus propósitos estavam fadados à frustração. Algo acontecera no Gabinete da Guerra que demandava toda a atenção do tio. Dias inteiros se passavam sem que ela mal pousasse os olhos nele. E William lhe escrevera de Dover dizendo que não sabia quando voltaria a Londres.

Sentia-se deprimida quando Zoe entrou na sala de música e a encontrou sentada ao piano.

— Não foi cavalgar com Sara esta manhã? — perguntou a tia, sentando-se a seu

lado.

Os ombros de Emily se endireitaram.

— Sara abdicou dos nossos passeios matinais para galopar com Peter Benson. Está com ele agora. Pobre Peter! — Sorriu, disfarçando seu abatimento. — É louco por Sara.

— Você não quis ir com eles?

— Não — ela respondeu, não desejando que a tia soubesse que não havia sido convidada. Desde daquele dia, Sara rejeitava todos os convites de Emily. Não discutiam, mas agiam como duas estranhas. Suspirando, Emily folheou a pauta musical.

O coração de Zoe ficou apertado. Mais do que qualquer coisa, desejava abraçá-la e dizer-lhe que não havia nada de errado em mostrar seus sentimentos. Que ninguém pensaria mal dela se abaixasse a cabeça e chorasse, como Sara fizera duas noites antes.

Embora Emily fosse um ano mais velha que a irmã, para Zoe parecia que a menina vivera muito tempo na sombra da outra. Era de se esperar, supôs, que para onde Sara fosse, Emily a seguiria. Os modos de Sara eram impetuosos e encantadores. Costumava ser o centro das atenções. A personalidade reservada de Emily gerava uma certa antipatia por parte daqueles que não a conheciam direito. Poucas pessoas conseguiam penetrar naquela fachada serena para descobrir a sensível romântica que havia sob aquela superfície.

Teria sido muito mais simples se tivesse sido Sara, em vez de Emily, a encontrar Leon no quarto da torre.

— Não, não vá — disse Zoe ao vê-la fazer um pequeno movimento em direção à porta. Há muito espero por uma oportunidade de falar-lhe em particular. Sorriu ao ver Emily sentar-se outra vez no banquinho do piano. — Com todos fora de casa, jamais terei uma chance melhor do que esta. — Sem preâmbulos, continuou: — Quero que entenda, Emily, que se eu fosse um pouco mais alta e uns três quilos mais pesada, teria imenso prazer em martelar um pouco de juízo na cabeça desses dois cavalheiros incorrigíveis que são nossos respectivos maridos.

Aquelas palavras fizeram Emily curvar os lábios num leve sorriso.

— Assim está melhor — disse Zoe. — Nenhum homem merece mais do que uma lágrima ou duas, você sabe.

— Nem mesmo tio Rolfe?

— Nem mesmo ele. Entretanto, chorei oceanos inteiros na minha juventude por causa desse homem. Posso lhe garantir que nenhum casamento é um mar de rosas. Houve um tempo em que eu pensava que o meu fora concebido no inferno. — Zoe não pôde suprimir o riso ao notar a expressão chocada da sobrinha.

— Mas... mas você e tio Rolfe se amam. Têm um casamento feliz.

Zoe escolheu as palavras com cuidado, sabendo que o que dissesse nos minutos seguintes poderia de algum modo ajudar Emily a aceitar seu papel de esposa de Leon no futuro.

— Sim... bem... não foi fácil, mas finalmente consegui que seu tio se apaixonasse por mim, e isso foi muito tempo depois de estarmos casados. Sabe, coloquei na cabeça que queria ter o mesmo casamento de meus pais. Eles se amavam, eram felizes um ao lado do outro. Eu não me conformaria com menos. Você não pode tentar colocar suas

diferenças de lado e dar uma chance a Leon?

Emily sentia como se o seu coração estivesse se quebrando. As lágrimas contidas provocaram um nó em sua garganta. Queria todas essas coisas para si, mas não com um marido que amava outra mulher. Sabia, sem dúvida, que aquele casamento destruiria seu espírito, se não sua própria alma. A tia seria a última pessoa em quem poderia confiar. Não podia discutir sobre Leon com qualquer pessoa, muito menos com Zoe, que amava o irmão.

Batendo afetuosamente no ombro de Emily, a tia preparou-se para deixar a sala de música.

— Tia Zoe, como conseguiu fazer tio Rolfe se apaixonar por você?

Os olhos escuros da mulher brilharam maliciosos, em parte porque a pergunta revelava o modo de pensar de Emily, deixando-a esperançosa acerca do futuro da sobrinha, e em parte porque a lembrança daquela história antiga a respeito de Rolfe aguçou seu senso de humor.

— Eu me divorciei dele.

— Desculpe, mas não estou entendendo...

— Eu me divorciei de seu tio Rolfe conforme as leis francesas. Foi assim que consegui fazê-lo se apaixonar por mim. Você deveria lhe perguntar sobre isso qualquer dia desses. — Logo em seguida Zoe cruzou a porta, deixando Emily completamente estupefata.

Uma vez no corredor, a expressão de Zoe adquiriu um ar sóbrio. Pensava em Sara e no amor que ela sentia por Leon. Balançando a cabeça, subiu os degraus, determinada a ter uma discussão prolongada e séria com o marido sobre a custódia da sobrinha mais nova, antes que algo terrível acontecesse.

Sara estava fora de si. Tentava se concentrar no que Peter Benson dizia, mas seus pensamentos continuavam se acumulando. Nem sequer Hoyden, sua égua favorita, conseguia distraí-la.

Leon. Para ela, amá-lo era tão natural quanto respirar. Não deixaria de amá-lo simplesmente porque outra mulher se casara com ele, nem mesmo se essa mulher fosse sua irmã. Embora estivesse convencida de que aquele casamento agora era verdadeiro, não podia aceitar o fato de Leon preferir Emily a ela. Ambos eram como óleo e água. Antipatizaram um com o outro desde o primeiro encontro, quando ainda eram crianças.

Durante anos, Sara mantivera a esperança. Aquela esperança se acelerou quando, aos quinze anos, ouviu uma conversa entre Leon e lady Riddley, em que ele confidenciou estar esperando a sobrinha de Rivard se tornar adulta para desposá-la.

Leon jamais poderia convencê-la agora que se referira a Emily. Naquele tempo, o irmão de tia Zoe evitava Emily como se ela fosse uma leprosa. Não. Era ela, Sara, a quem Leon pretendia reivindicar. E seu coração quase explodira de alegria. Leon a amava.

Havia sido então que algum espírito malévolo e excêntrico destruíra seu mundo feliz.

No décimo sexto aniversário de Emily, Sara descobriu a triste verdade de que um homem poderia professar seu amor por uma mulher e levar outra para a cama.

Leon e Judith Riddley combinaram um encontro no quarto da torre naquela noite. Sara não era inocente como Emily. Sabia muito bem o que aquilo significava e pensou que seu coração fosse se partir. E se partiu horas depois, quando saiu apressada do quarto para investigar o som do tiro da pistola. Apesar de seus protestos angustiados e das alegações perturbadas de Emily, tio Rolfe insistiu para que Leon e Emily se casassem imediatamente.

Depois daquela noite, Sara não sentia mais vontade de viver.

Fora Emily que lhe devolvera a esperança. Embora a irmã tivesse prometido ao marido que não contaria a ninguém sobre aquilo, deixara escapar inadvertidamente que o casamento deles era uma fraude, que seria anulado quando Emily conhecesse alguém e se apaixonasse. Então tudo ficara claro para Sara. Leon era um homem honrado. No momento certo anularia o casamento e estaria livre para reivindicá-la.

Mas o casamento era real. Aquela verdade sem sabor estava estampada na face culpada de Emily. Convencida de que não havia mais esperança para ela, Sara ficou desesperada. Não se importava com decoro ou com as consequências ou com a opinião dos outros, e, sobretudo, não se importava com as duas pessoas que conspiraram para destruir sua felicidade. Leon Devereux e a irmã poderiam ir para o inferno, que ela estava pouco se importando. Eles mereciam uma lição.

Sem pensar em mais nada, Sara cravou as esporas nos flancos da égua e disparou num galope furioso. Ouviu o grito de alarme de Peter Benson, mas não se importava com a própria segurança. Se caísse e quebrasse o pescoço, não faria diferença. Porém Leon e Emily jamais seriam felizes, sabendo que havia causado sua morte.

As lágrimas turvaram-lhe a visão. Não percebeu quando um braço forte alcançou as rédeas de Hoyden, provocando uma parada brusca que quase a derrubou.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou Peter num tom áspero.

— Oh, Peter, estou tão infeliz... — Ela sabia que estava lhe causando uma falsa impressão. Naquela manhã, o rapaz lhe contara que seu irmão mais velho pagara todas as suas dívidas e queria que ele aceitasse um cargo a serviço de Sua Majestade. A situação atual de seus negócios não admitia recusas.

— Sara... — murmurou Peter. — Isso é verdade? Você realmente me ama?

— Eu morrerei se você me deixar. Sabe que eles jamais permitirão que nós nos casemos. Peter, se sente algo por mim, se me quiser, casa-se comigo agora, antes que seja tarde demais para nós dois.

Capítulo VIII

Leon desmontou e ajudou Sara a descer do coche. Era começo de tarde, logo o Hyde Park estaria repleto com as luxuosas carruagens da aristocracia. Por ora, havia apenas alguns cavaleiros.

— Vamos caminhar um pouco — disse ele, conduzindo-a até um canteiro próximo.

O coração de Sara estava martelando dentro do peito. Sua respiração era rápida e ruidosa, e a esperança transbordava em seu olhar.

— Leon, você me ama. Eu sei que sim.

— Eu preciso lhe falar sobre Emily.

A maneira afetuosa com que ele sempre a tratara desaparecera. Em seu lugar havia uma máscara de polidez. Era amável, mas, ao mesmo tempo, distante. Leon lhe disse para não magoar ou culpar Emily pelo que acontecera, e sim a ele por haver encorajado seus sentimentos quando ela ainda era uma criança.

— Eu não era o único cavaleiro que aguçava a sua fantasia. Quando estava quase terminando seus estudos, muitos homens disputavam a sua atenção, e você os encorajava.

Aquilo não era o que Sara esperava ouvir.

— Diga que me ama, e eu posso aguentar qualquer coisa. Até mesmo seu casamento com Emily.

Um sorriso lento curvou os lábios masculinos.

— Isto tem todas as características de uma comédia ou tragédia grega. Como os deuses devem estar rindo!

O fato de Leon rir face a seu sofrimento suscitou-lhe um sentimento de raiva que a fez vociferar:

— Emily ama William Addison. Ela nunca vai amar você. Aos olhos de minha irmã, você será sempre um estrangeiro.

De repente, era como se Sara voltasse à infância, e todos os velhos ressentimentos e queixas, que julgava não terem mais o poder de feri-la, afluíram outra vez. Por ser mais velha, a irmã sempre fora favorecida. Quando eram crianças, Emily podia ficar acordada até mais tarde. Foi a primeira a ir para a escola, a primeira a ir a uma festa de adultos, a ter um vestido de baile. Não que Emily se importasse com isso. Mas ela, Sara, sim. Era tudo muito injusto.

Maior que seu senso de justiça era o de traição. Emily era sua irmã. Durante muito tempo foram inseparáveis, mas com a chegada dos bebês de tia Zoe, tudo mudara. Sara sentira-se relegada a segundo plano. Emily amava loucamente os pequenos primos, e os meninos também a preferiam.

Mas com Leon tinha sido diferente. Ela não era a mais velha nem inteligente como Emily, porém tinha algo que a irmã não poderia ter: a atenção e o amor do irmão de tia Zoe.

— Você não pode ter mudado assim tão de repente — disse Sara. — Vocês dois nunca se entenderam. Uma vez a chamou de orgulhosa, não se lembra? E tinha razão. Emily não tem sentimentos como o resto de nós, os mortais. Ela...

— Eu disse muitas coisas que não queria dizer — Leon retrucou. — Eu era apenas

um menino. Você não entende? Sempre amei Emily.

A humilhação de Sara não poderia ser mais completa. Todos os momentos dourados de sua infância, momentos protagonizados por Leon, reduziram-se a cinzas. Não apenas pelo fato de ele amar Emily, mas por saber que sempre a amou.

A vergonha estimulou-lhe o orgulho ferido. Lutando contra a torrente de lágrimas que ameaçava inundar-lhe o rosto, escutou-o, em silêncio, articular palavras tolas sobre algum homem mítico que um dia ela iria conhecer e amar.

Leon a ajudava a subir no coche quando o acidente aconteceu. Ouviu-se o disparo de um revólver. Os cavalos dispararam a grande velocidade. No mesmo instante, Leon se lançou sobre a boleia. Tratou-se apenas de alguns minutos, mas esses minutos foram os mais terríveis da vida de Sara. Estava certa de que o veículo tombaria para o lado e ambos quebrariam o pescoço. A proximidade do fato a deixou paralisada. Somente a coragem e a força de Leon, firmando as mãos sobre as rédeas, poderiam evitar uma tragédia.

Por fim, quando ele conseguiu parar os cavalos, Sara não pôde mais conter, suas emoções. Abaixou a cabeça e caiu num pranto desabalado.

Ouviu o murmúrio baixo de vozes de um grupo de espectadores. Seu coração estava arrasado, o orgulho, esmagado, e a sua vida, acabada. Não se preocupava com o que poderia lhe acontecer. O fato de haver ficado alarmada momentos antes ao pensar que o coche viraria era algo que Sara não compreendia. Estava desolada e não se importava de morrer.

— Não foi acidente — reiterou Leon, irritado. — Foi um atentado contra a minha vida.

Algumas horas se passaram desde que ele devolvera Sara, sã e salva, aos cuidados de Zoe e Emily. Não desejando alarmá-las, decidiu esperar pelo retorno do cunhado.

Rolfe encontrava-se sentado à escrivaninha, brincando com um lápis.

— Conte-me mais uma vez como aconteceu. — Leon cruzou os braços sobre o tórax.

— O tiro veio de um homem que ninguém pôde descrever com precisão, mas que, e nisso todos concordam, se dirigiu com a velocidade de um raio para Piccadilly, depois de atirar na nossa direção.

— Era novo ou velho? Como estava vestido? E a montaria dele? Alguém deve ter visto algo.

— Oh, sim, há uma dúzia de testemunhas, cada uma delas tem uma descrição diferente. Receio que isso não provará nada.

— O que o faz pensar que se tratou de uma tentativa de assassinato?

— Você viu onde a bala atingiu o coche.

— Poderia ter sido alguém querendo danificar a minha carruagem. Vivemos tempos difíceis. As ruas estão cheias de lunáticos. No mês passado, alguns rufiões entraram nos meus estábulos e serraram as cilhas da sela de Sara. Poderia ter acontecido um acidente fatal. A pobre Emily levou um tombo ao montar Hoyden. Ainda bem que ela é uma

excelente amazona.

Leon endireitou os ombros com uma carranca.

— Está dizendo que alguém tentou causar algum mal a Emily?

— Não a Emily em particular. Ela deu azar por ser a primeira a montar naquela manhã. Poderia ter sido Sara. Quando o meu cavaliário examinou a sela, tudo ficou esclarecido.

— Emily não me contou nada sobre isso.

— Bem, não desejei alarmá-las. Até onde elas sabem, foi um acidente. Mas entende aonde quero chegar, Leon? Esse não foi um incidente isolado. Há desassossego entre a população em geral, e sinto muito lhe informar que há fanáticos que atribuem todos os seus problemas às classes superiores. A Revolução Francesa influenciou os ingleses. Há alguns que adorariam passar um rolo compressor sobre as nossas cabeças.

— Pode ser, mas ainda continuo afirmando que o que aconteceu hoje não foi trabalho de algum lunático que aproveitou a oportunidade, mas sim um atentado contra a minha vida.

Havia especulação nos olhos cinza de Rolfe enquanto observava a expressão do cunhado.

— Vá, continue — ele pediu. — Estou escutando.

Leon dirigiu-se ao console e verteu uma dose de conhaque em um cálice de cristal. Tomou um longo gole, caminhou alguns passos e acomodou-se em uma poltrona de couro.

— Reconheço de longe uma tentativa de assassinato. Você poderia até me dissuadir dessa ideia se La Compagnie não estivesse agindo outra vez. A coincidência é notável, não acha?

— E seus inimigos? Um homem na sua posição...

— Oh, sim, tenho inimigos, mas não do tipo que desejariam pôr uma bala na minha cabeça. Não, isso tem todas as características de um grupo fanático. É óbvio. — Após uma pausa que durou alguns segundos, Leon enfatizou: — Tem todas as características dos atos praticados pela La Compagnie.

O suspiro de Rolfe foi longo e audível.

— Olhe aqui, Leon, La Compagnie nem sabe da sua existência. Era uma organização secreta. Todos os seus integrantes foram eliminados, não por nós, mas pelo próprio líder deles. E tudo isso aconteceu anos atrás. Eles não o podem estar caçando depois de todo esse tempo.

— Uma das doutrinas do nosso credo era que não poderia haver ex-membros da La Compagnie apenas atuantes ou mortos.

— Sei disso — disse Rolfe, irritado com Leon e consigo mesmo por razões que não podia discutir. Após uma pausa, continuou: — Ameaças de morte contra homens em lugares movimentados abundam na minha escrivaninha diariamente. Como já lhe disse, há muitas pessoas enfadadas neste mundo, pessoas revoltadas com o progresso da guerra, outras porque são pobres. E nós levamos essas ameaças a sério. O príncipe regente e o primeiro-ministro estão sempre acompanhados de um batalhão de guarda-

costas.

— Não vejo o que isso tem a ver com La Compagnie ou comigo — declarou Leon.

— O que estou querendo dizer é que La Compagnie não é a única organização secreta em atividade.

— Não, mas é a única com a qual tenho alguma conexão. Conte-me mais sobre esse ressurgimento. Eu a imaginei extinta quinze anos atrás.

— E foi. Para ser franco, não sei muito sobre isso. Mas prometo que vou obter mais informações. Vou acionar meus agentes. Uma coisa é La Compagnie agir no território francês, outra é agir aqui.

Durante alguns minutos, ambos ficaram perdidos em devaneios. Leon veio primeiro a Rolfe. Observando o olhar introspectivo do cunhado, riu e disse:

— Pode tirar esse pensamento da sua mente.

— Que pensamento? — perguntou Rolfe, dissimulando inocência.

— Ora, você está muito velho para esse jogo. O que diria Zoe? Não, se alguém deve ir para a França e se infiltrar na organização, esse alguém sou eu.

— Esse pensamento nunca passou pela minha cabeça. Bem, só por um momento. Mas se você fosse para a França... — Rolfe balançou a cabeça. — Se La Compagnie estiver por trás desses atentados, não poderiam esperar nada melhor. Você estaria se jogando nas mãos deles.

— Então, o que fazer? Você viu o que aconteceu hoje. A bala poderia ter atingido Sara. Se eu sou o alvo, qualquer pessoa que estiver a meu lado também corre risco.

— Deixe que eu cuido disso.

— Enquanto eu faço o quê?

— Pegue Emily e vá para Nova York. — Leon ponderou aquela observação.

— Então, está desconfiando sobre o acidente de Emily?

— Deus, eu não sei! Pelo que me contou, eu seria um bobo se não ligasse uma coisa à outra. Por enquanto minas suspeitas não passam de especulação. Até eu conseguir descobrir, ficaria mais tranquilo se ela estivesse longe daqui.

Rolfe esfregou os olhos.

— Seja um bom companheiro e me sirva um conhaque, cunhado.

Leon dirigiu-se ao console.

Naquele instante, a porta se abriu, encobrindo-o, e Emily entrou.

— Tio Rolfe — disse ela, num tom suplicante. — Pensei que jamais o encontraria só. Se eu não o conhecesse bem, diria que está me evitando.

—É algo com Sara? Quando a vi, parecia já ter-se recobrado do susto.

— Sara está bem. Não, o que desejo lhe falar diz respeito a mim. — Respirou fundo e começou o que parecia ser um discurso previamente decorado. — Oh, tio Rolfe, sou a moça mais infeliz deste mundo. O senhor é a minha última esperança. Tem que me ajudar. Jamais serei feliz ao lado de Leon. O senhor sempre soube disso. Meu marido prometeu-me a anulação do nosso casamento e agora está voltando atrás em sua

promessa. O senhor tem que concordar que isso não é atitude de um cavalheiro... Não é típico do povo inglês, tio Rolfe. Isso me coloca numa posição delicada. O senhor sabe... Estou meio comprometida com outra pessoa.

A expressão no rosto de Rolfe era uma mistura cômica de alarme e horror. Interpretando o silêncio dele como uma aquiescência, Emily concluiu com uma nota de triunfo:

— Eu sabia que poderia contar com o seu apoio, meu querido tio.

O silêncio que se seguiu foi quebrado pelo som de aplausos. Assustada, Emily virou-se a fim de encarar seu espectador. Sua boca contraiu-se ante a inesperada constatação.

— Você!

— Minha querida Emily — disse Leon num tom suave, avançando alguns passos para oferecer o cálice a Rolfe. — Parabéns! Que desempenho! Que talento! Que drama! — Sorrindo, levou seu cálice aos lábios e sorveu um gole da bebida. — E que conversa fiada! Então... é assim que consegue manipular seu tio? Pois fique sabendo que sou imune aos seus pequenos truques femininos.

A posição de Leon era confortável, e Emily sentiu um desejo irresistível de dizer ou fazer algo, qualquer coisa, para acabar com aquela pose desdenhosa. Dando-lhe as costas, dirigiu-se ao tio num tom desesperado:

— Ele só se casou comigo por causa do meu dinheiro. Não se preocupa comigo. Tem uma amante em Nova York, uma tal de Belle qualquer coisa. Todo mundo sabe sobre as jóias que Leon compra com o meu dinheiro para presenteá-la. Eu não me surpreenderia se ficasse sabendo que ele desperdiçou até o último centavo da minha fortuna.

Foi Leon quem respondeu às acusações dela:

— Como você está bem informada... Mas até um certo ponto. O nome da senhora é Belle Courtney. Não é minha amante e as jóias não foram compradas com o seu dinheiro. E o seu capital, segundo minha última estimativa, foi triplicado. — Os olhos escuros tinham um brilho divertido.

— Obrigada — disse Emily por entre os dentes. — Peço desculpas. Como banqueiro, eu o recomendaria. Mas como marido...

— Bem, está na hora de me retirar — intrometeu-se Rolfe ao erguer-se abruptamente. Tossindo, levou uma das mãos à boca para suprimir uma risada e se dirigiu à porta.

— Tio Rolfe! — Emily chamou. — Eu imploro! Dependo do senhor para descobrir um modo de desfazer essa confusão.

Rolfe lançou um olhar interrogativo ao cunhado.

— Não vai haver nenhuma anulação — disse Leon. — A menos que perjuremos. O casamento foi bem e verdadeiramente consumado. Não é, minha querida?

Emily sentiu como se todas as suas roupas tivessem sido arrancadas de repente em uma sala repleta de pessoas. Desde sua malograda lua-de-mel com Leon, ninguém, em momento algum, lhe fizera perguntas indelicadas, nem mesmo Sara. Mas o marido estava disposto e determinado a deixar as coisas bem claras. Se a palavra "consumado" estivesse escrita em sua testa com tinta indelével ela não ficaria surpresa.

Com as faces coradas, ouviu o barulho da porta se fechando, virou-se e disse com voz rouca:

— Você não perde uma oportunidade para me humilhar.

— E o mesmo pode ser dito a seu respeito. Acha que gosto de discutir meus assuntos em público?

— Um homem honrado não teria nada a esconder e cumpriria suas promessas.

— Que promessas? As que fizemos no altar diante de Deus ou uma promessa feita para acalmar os medos de uma criança distraída?

— Quem é você para falar de votos sagrados? O que tem a me dizer sobre Belle Courtney?

Leon endereçou-lhe um sorriso exasperado.

— Isso significa que está preocupada?

— Eu já devia saber que não teria uma resposta decente da sua parte.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— E quando me fez uma pergunta decente? Você nunca se preocupou em saber onde eu estava ou o que fiz ou com quem fiz. Nunca se preocupou se eu estava vivo ou morto. Agora, de repente, vem com acusações. Acho que sou eu quem deveria lhe pedir explicações. Por que quer saber sobre Belle Courtney, Emily?

Leon estava insinuando que ela tinha ciúme dele! Tentou pensar em algo para responder. Mas ele a deixava tão confusa, tão enlouquecida, que não tinha capacidade de raciocinar. Jamais saíra vencedora em uma discussão com Leon. Sua mente fervilhava, porém tudo que conseguiu dizer foi:

— Não adianta discutir com você! Nunca adiantou.

No momento em que Emily se preparava para abrir a porta e sair, Leon a impediu, segurando-a pelos ombros.

— Eu não lhe devo explicações, mas vou lhe dar uma. Um homem tem necessidades que normalmente são satisfeitas pela esposa. No nosso caso, isso não aconteceu. Se você tivesse sido uma esposa para mim, não haveria outras mulheres na minha vida.

— Mulheres! — ela exclamou, scandalizada. — No plural! Eu deveria saber!

O sorriso dele era lânguido, sexy e irônico.

— Você pensou que eu me consumiria pelo seu amor?

— Claro que não! Esqueceu que fui testemunha do que aconteceu entre você e Judith Riddle? Eu devia saber que haveria outras mulheres, e agradeço a Deus por elas o manterem longe de mim.

As mãos fortes libertaram-na. Embora o sorriso ainda curvasse os lábios de Leon, Emily sentiu uma mudança sutil nele.

— Você tem coragem de dizer isso depois do que aconteceu entre nós? — Leon perguntou.

— Não há explicação para o que aconteceu entre nós. Mas eu sei... que se você

tivesse mantido a distância e se abstinido de me beijar e... de me tocar, agora não haveria nada para se lamentar.

O som espontâneo da risada dele insultou-a. Observando o olhar de indignação de Emily, Leon indagou num tom suave e provocador:

— E William Addison?

— O que quer saber sobre ele?

Os olhos de Leon se estreitaram e seu rosto assumiu um ar sério.

— Não jogue comigo. Sabe o que quero dizer. Pelo que conheço do caráter desse sujeito, o homem é um acomodado. Assim mesmo, é reputado como seu pretendente. Não teria Addison tomado atitudes audaciosas como roubar alguns beijos... e quem sabe... algo mais?

A cor que retornava aos poucos às faces de Emily sumiu por completo.

— William é um cavalheiro — retrucou, indignada. — É um homem honrado. Não houve nada entre nós para ser lastimado, eu juro.

— Se eu fosse um juiz, acreditaria.

— O que isso significa? — Leon sorriu.

— Emily, você não tinha nenhuma experiência. Pensa que não percebi? Nem mesmo sabia me beijar. Tive de lhe ensinar tudo.

Por um breve momento, a precaução segurou a língua de Emily. Mas nenhuma mulher que se prezasse permitiria tal humilhação, a menos que fosse um completo capacho.

— Talvez você não seja o juiz que pensa ser. Talvez tenha se relacionado com mulheres erradas. Algumas de nós são imunes a galanteadores e libertinos e assim por diante. Algumas de nós são puras por opção.

— Não estou me queixando, longe disso. Aprovo a castidade... em uma mulher. — Ele segurou-lhe o queixo com uma mão, forçando-a a encará-lo. Fitou os olhos tempestuosos dela com uma expressão divertida. — Sim, eu sei. Você me odeia e ama William Addison. Mas você é minha esposa e terá de me obedecer. Durante o curto tempo que permaneceremos aqui, antes de viajarmos para Nova York, não quero vê-la perto de Addison. Entendido?

Ele interpretou o silêncio dela como uma concordância. Então, abriu a porta e saiu sem olhar para trás.

Capítulo IX

Ficou resolvido. Eles viajariam para Nova York na primeira semana de julho. E se

Leon tivesse concluído todos os seus negócios, passariam as três semanas restantes na Inglaterra, em Rivard Abbey. A Abadia localizava-se em uma região remota. No quesito segurança, não poderia haver nada melhor.

— A Abadia? Está louco? — disse Zoe. — Meu querido irmão, fomos convidados para a festa do príncipe regente. Um cavalheiro ou uma dama precisariam estar no leito de morte para recusarem tal honra. É uma falta que o príncipe George jamais perdoaria.

Rolfe confirmou as palavras da esposa.

— Não podemos deixar de ir. É o primeiro evento formal do príncipe desde que foi solenemente declarado regente. As senhoras não falam em outra coisa nas últimas semanas. Se você não ouviu, então sou forçado a chegar à conclusão de que ficou surdo, Leon. Eu sei o que está pensando, e posso afirmar que está errado. A segurança na Carlton House foi reforçada. Precisei lançar mão de todo o meu prestígio para obter um convite para você. Ninguém com um título inferior a um conde terá acesso, e, é claro, os escalões superiores do círculo do governo.

Às vezes Leon esquecia-se de que a família da esposa ocupava uma posição de eminência. Em geral, isso acontecia pelas atitudes de Rolfe. Embora o cunhado fosse bem-nascido e criado numa vida de riquezas e privilégios, não era nenhum esnobe. Seus modos não eram afetados, e seus pontos de vista, liberais. Não fazia distinção entre membros de elevadíssima posição social e os de classes mais baixas. Acreditava que um homem devia ser julgado por seus méritos.

As ideias liberais de Rolfe nem sempre eram bem aceitas, sobretudo pelos fidalgos. Leon tinha ciência de que eles só o aceitavam por uma única razão: sua ligação com a House of Rivard. Na América, as coisas eram diferentes. As origens de um homem contavam muito pouco. Não seria verdade dizer que lá não havia elite nem aristocracia. Porém eram baseadas em outros parâmetros, que lhes convinham mais do que o sistema inglês.

Na noite da festa do príncipe regente, quando Emily desceu a suntuosa escadaria de mármore, acompanhada por Zoe e Sara, Leon só tinha olhos para a esposa.

O lindo vestido de noite que ela usava seguia os ditames da última moda: cintura alta, decote profundo e mangas bufantes. Foi a cor que o atraiu. O belíssimo traje era de seda azul com detalhes em preto. As madeixas de um louro escuro estavam arranjadas no alto da cabeça e refulgiam com a enorme travessa de diamantes que as mantinham presas. Nas orelhas, brincos combinavam com o lindo colar de turquesa e diamantes que lhe circundava o pescoço alvo. Fora um presente de núpcias que ele lhe ofertara. Luvas brancas e longas, um leque adornado com plumas e uma pochette completavam o conjunto. Parecia tão bonita e magnífica quanto uma rainha.

A admiração cedeu lugar ao aborrecimento. Emily estava perfeita. De repente, o velho e familiar impulso de fazê-la baixar a crista surgiu na mente de Leon. No tedioso trajeto de carruagem até à residência do príncipe, em Pall Mall, ele não pronunciou uma única palavra.

Quase dois mil convidados lotavam os opulentos salões da Carlton House. Embora a orquestra tocasse quase continuamente, não havia espaço adequado para dançar.

O príncipe regente, trajando um elegante uniforme escarlate, recebia os convidados com esmerada amabilidade. A seu lado havia algumas figuras ilustres, os remanescentes

da família real francesa. Com tal aglomeração, era impossível todos serem apresentados conforme exigia a etiqueta. Leon não se importava com isso. Não sentia nenhuma afinidade pelos membros da realeza britânica ou francesa, e já que lady Emily e lady Sara estavam mais interessadas na casa do príncipe do que no proprietário, guiou-as a um lugar mais reservado.

Rolfe e Zoe se separaram deles e com suspiros de resignação uniram-se à longa fila de convidados que se estendia no salão de recepção.

Emily abanou o leque e pôs-se a contemplar a mais recente aquisição do príncipe, uma valiosíssima pintura de Rembrandt. Olhando de soslaio, tomou ciência de que outras mulheres flertavam com o marido dela!

Desde o instante que transpusera o pórtico do palácio, percebera o frisson que a presença de Leon havia causado. Era um homem incrivelmente bonito e, embora não desse importância ao fato ela sempre soubera disso. Mas agora estava mais atenta do que nunca àquela aparência magnífica. No espaço de meia hora, foram importunados inúmeras vezes por uma dúzia de damas acompanhadas dos respectivos maridos, que ficariam mais felizes se pudessem conversar com ele a sós. Emily não sabia se deveria ficar lisonjeada ou insultada.

Puxando-a à parte, Leon sussurrou-lhe no ouvido:

— Não se desespere, Emily. Prometo não envergonhá-la.

— O quê?

— Posso não ser um membro da aristocracia britânica, mas sei me comportar muito bem. Não se esqueça de que muitos dos cavalheiros que aqui estão são conhecidos meus. Estudamos juntos na universidade. Além do mais, eu não poderia ter me casado com a filha de um marquês se não tivesse sido educado dentro dos moldes do protocolo britânico.

Embora o tom de voz dele fosse levemente divertido, algo deixava transparecer que estava ofendido.

— Eu não pensei nada disso! — ela exclamou.

— Não? Então em que pensava?

— Eu... eu jamais havia reparado em conduta tão estranha... — Leon se enrijeceu ligeiramente, e ela concluiu depressa: — Nos membros do meu próprio sexo. Por um momento, tive a impressão de que lady Rossington o comeria com os olhos.

Os dois puseram-se a rir. De repente, o sorriso desapareceu nos lábios masculinos, e Emily inclinou a cabeça em uma pergunta silenciosa.

— Você tem um sorriso maravilhoso quando concede a graça de exibi-lo — disse ele.

Naquele instante, Sara pediu desculpas e se retirou. Sem emitir um comentário, Emily olhou a irmã se afastar. Virou-se para o marido e pousou a ponta dos dedos na manga do casaco escuro dele, retirando-a logo em seguida.

— Leon, jamais me ocorreu que não soubesse se portar num ambiente como este.

— Não? — ele perguntou, taciturno, conduzindo-a para o grande hall. — Podemos ir até os jardins?

Emily adiantou-se alguns passos, alheia às magníficas colunas gregas e aos detalhes em ouro que rebuscavam os tetos.

— Você acha que eu me superestimo, não é — indagou num tom firme.

— Acho.

Emily ficou tão estupefata com aquela resposta que após alguns segundos, quando recuperou a fala, tudo que conseguiu dizer foi:

— É...

— Você é lady Emily, a filha de um marquês, e aí de nós, pobres mortais, se nos recusarmos a dar-lhe a devida importância. Sabe, jamais entendi o significado da palavra "refinado" até observar sua maneira de mover-se, de falar, de sorrir...

Emily quase ficou tentada a demonstrar quanto podia ser refinada. Porém, consciente de que o assunto que desejava discutir perderia o rumo, disse num tom tímido:

— Pode haver um fundo de verdade no que diz. Mas neste caso, está sendo injusto comigo.

— Neste caso?

— Eu não me considero melhor do que você, e se lhe dei essa impressão, peço que me desculpe.

— Seja honesta, querida. Sempre me considerou um estrangeiro. Admita. É inglesa da cabeça aos pés. Você olha para baixo e torce o nariz para tudo que não seja inglês.

Emily ficou séria, tentando recordar alguma discussão em que havia lhe jogado isso na cara.

— Quando foi que o chamei de estrangeiro?

— Acredito que a primeira vez foi quando era uma menina de oito ou nove anos. Desde então... — Leon encolheu os ombros eloquentemente.

Emily o fitou de relance. A expressão de Leon era indiferente, distante, como se ela o houvesse insultado ou ferido. Embaraçada, lembrou-se de que nos últimos tempos lhe dissera coisas não muito lisonjeiras na batalha que travara para se ver livre dele. Não desejava feri-lo. Odiava ferir as pessoas. Apenas queria ser livre para encontrar seu próprio destino. Será que Leon não percebia isso? Evidente que não.

Abanando o leque com movimentos vigorosos, disse:

— Às vezes você me faz dizer coisas que na verdade não sinto. Posso não querê-lo como marido, mas isso não significa que me acho melhor do que você. Não tenho nada a reclamar a seu respeito, a não ser do seu comportamento comigo. Estamos sempre brigando, desde que éramos crianças. E isso não mudará no futuro.

Leon a contemplou com um brilho divertido no olhar. Com uma das mãos, acalmou o tremular agitado do leque dela.

— Você está errada, sabia? Em primeiro lugar, na minha opinião, isso mudará no futuro. E em segundo, nem sempre estivemos dispostos a brigar. Não se lembra dos dias encantadores que passamos juntos a bordo do meu barco?

Um rubor intenso tingiu o lindo rosto de Emily. Naquele momento haviam alcançado o arco das famosas escadarias duplas. Fechou o leque, furiosa, e o abriu outra vez.

Desviando o olhar, ignorou completamente o homem a seu lado.

Com uma expressão de cinismo nos olhos escuros, Leon falou num tom divertido:

— Perdoe-me. Acho que pisei nos seus calos.

Às duas e meia da madrugada, a ceia foi anunciada e os dois mil convidados se sentaram às mesas sob uma grande marquise que fora erguida nos jardins. Um exército de criados servia a refeição como também uma provisão interminável de champanhe gelada.

Rolfe, que fora chamado para jantar na mesa particular do príncipe regente, trocou algumas palavras com Leon e Emily antes de conduzir Zoe aos respectivos lugares.

— Isto é demais, não acham? — disse ele num tom de voz que revelava seu desagrado em relação à extravagância da hospitalidade do príncipe. — Quem acreditaria que estamos em guerra e que soldados ingleses estão morrendo por falta de provisões?

Os olhos de Leon vaguearam ao redor dos convidados.

— Foram espetáculos como estes que suscitaram a Revolução na França.

— Onde está Sara? — perguntou Zoe.

— Foi encontrar-se com alguns amigos — respondeu Emily.

— Maldição de menina! — exclamou Rolfe. — Isso não é bem do feitio dela? Olhe, temos de ir. Não podemos deixar o príncipe esperando. — O leve sorriso em seus lábios não mascarava a intranquilidade que o acometia. Estava preocupado com a sobrinha e não conseguia esconder o fato.

— Acho que sei onde Sara está — disse Leon. — Deixe comigo. Eu a encontrarei.

Quando Rolfe e Zoe sumiram em meio à multidão, Leon pegou sua colher de sopa e começou a comer. Emily arqueou as sobrancelhas.

— Bem? Onde está Sara? — indagou ela.

— Pode estar em qualquer lugar.

— Mas você disse...

— Eu sei o que disse. O que deveria ter dito era que Sara está fazendo um dos seus joguinhos. Por alguma razão, está de mau humor e, quando isso acontece, quer chamar a atenção de todos para si. Ela não é como você. Não se ausentaria esperando que ninguém fosse notar. Ao contrário, quer deixar todos preocupados. Quando era criança, isso constituía uma característica engraçada. Agora... — A frase não terminada deixou claro o que ele pensava.

Emily pegou uma colher e seguiu o exemplo do marido. Mas o nó que se formou em sua garganta a impedia de engolir.

Após alguns instantes, apenas brincava com o líquido na tigela. Pensou que o coração de Sara devia estar partido, e quando a irmã ficava magoada, era difícil imaginar o que seria capaz de fazer.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Leon pousou a colher e disse com suavidade:

— Certo. Para que fique mais calma, irei procurá-la. Porém não sei se a encontrarei.

— Mas... se Sara não estiver aqui, onde poderá estar?

— Em casa, na cama dela. — Ele deu uma risada descrente. — Estou vendo que não conhece muito bem sua irmã. — Sem dizer mais nada, levantou-se e saiu.

Emily mantinha os olhos fixos no prato a sua frente, entretanto seus pensamentos dirigiam-se para Sara. Logo, seus companheiros de mesa começaram a conversar animadamente.

Ela fez um imenso esforço para ser cortês e participar da conversa. Mas as palavras de Leon ainda soavam em sua mente. Ela não se superestimava. Se passava essa impressão, faria o possível para se corrigir.

Levava o copo de champanhe aos lábios, quando tomou ciência de que alguém a espiava. Olhando por sobre o ombro, deparou com os olhos brilhantes de William Addison. Seu coração disparou.

Sem deixar de encará-la, ele contornou a mesa e partiu em direção à casa. A mensagem era clara. Queria lhe falar em particular.

Emily engoliu em seco. Olhou ao redor à procura da figura alta do marido. Não o viu em parte alguma. Não sabia se ficava alegre ou arrependida. Se Leon estivesse a seu lado, não haveria nenhuma possibilidade de falar a sós com William. Teria que tomar uma decisão rápida.

Desculpando-se com os demais, levantou-se e o seguiu. Ele a esperava na entrada das portas que davam para os apartamentos privados do príncipe. Em ocasiões especiais, todos os aposentos ficavam abertos ao público. Após murmurar uma saudação e algumas palavras de desculpas pela sua longa ausência, William conduziu-a à biblioteca. Com criados vigilantes dispostos ao longo dos corredores e em todas as entradas, não poderiam ter nenhuma privacidade.

Emily ficou aliviada. Não seria adequado o marido encontrá-la a sós com outro homem.

— Disseram-me que Devereux está na cidade.

Emily anuiu com a cabeça. Era o momento pelo qual tanto esperara. Tendo fracassado com tio Rolfe, aquele era seu último recurso. O colocaria a par de toda aquela triste história, sabendo que William a defenderia, acabando com seu casamento não desejado.

— Leon já deve saber de nós dois. Está na hora de forçar uma anulação do seu casamento, Emily.

Ela umedeceu os lábios ressequidos. Seus olhos nublaram. William não merecia aquilo. Ele a amava. Confiava nela como ela confiava nele. O que tinha para lhe dizer o magoaria profundamente. Sentia-se como uma assassina.

— Emily, o que está acontecendo? — William perguntou com voz suave.

— Leon não concorda com a anulação. Reservou passagens para nós dois em um navio que partirá para Nova York. Seguiremos para Falmouth no começo de mês que vem. — Aquilo foi o mais perto da verdade que conseguiu chegar. Em seguida, baixou a cabeça, sentindo-se uma covarde.

O tom dele foi severo:

— Nós cuidaremos logo disso. Não se preocupe, meu bem. Devereux não está lidando com uma mulher desamparada. Não tenho nenhum medo de confrontá-lo.

— Ele está inflexível.

— Seu tio sabe disso? — Ela assentiu com a cabeça.— Estou pasmo! Rivard não deve estar em seu juízo perfeito! Ele deve saber que espécie de homem é Devereux.

— Tio Rolfe admira Leon. Ele... quer que o casamento seja consumado.

— Isso jamais pode acontecer. Eu não confiaria em Devereux pelo que conheço dele. Não estou pensando apenas na nossa felicidade. O homem é perigoso. Estou investigando algo, algo que Leon e seu tio estão tentando esconder. Emily, prometa-me que não ficará a sós com seu marido.

— Do que está falando? O que descobriu?

Enquanto os dois conversavam, percorreram a antecâmara que conduzia à sala de visitas adjacente. O magnífico teto pintado a ouro, os pilares de mármore e as paredes... tudo contribuía para o sentimento de fracasso de Emily. Ela se sentou num confortável sofá carmesim em uma das sacadas. William permaneceu de pé a seu lado.

— O que você descobriu? — ela repetiu suavemente.

— Para ser franco, não estou bem certo. Encontrei alguns registros e recortes de jornais no Gabinete de Guerra que me chamaram a atenção. A informação é confidencial. Não posso divulgá-la, mas repito minha advertência. Até que a anulação esteja resolvida, deve se proteger desse homem.

Emily não estava alarmada. Nem levou a sério as palavras dele. Leon era perigoso, porém não no sentido que William estava sugerindo.

Indiretas não estavam dando resultado. Precisava encontrar um modo de lhe contar a verdade. Respirando fundo, forçou-se a encará-lo e disse num tom sofrido:

— Oh, William, por favor, me perdoe e diga-me o que preciso fazer. O casamento... o casamento foi consumado.

Por um momento, a incerteza chamejou fundo nos olhos dele. Mas aos poucos desapareceu, e o choque endureceu seu semblante.

Emily levantou-se e ergueu a mão num gesto de conciliação.

— Ah, não! Não me odeie! Eu não poderia aguentar se isso acontecesse.

Submissa, ela esperou pela torrente de perguntas, não sabendo como poderia lhe responder. Se William a tivesse esbofeteado, não ficaria surpresa. Não havia maior traição do que a que cometera.

O controle dele a deixou pasma. Sua força de vontade era quase uma coisa tangível. Pôde perceber isso quando William se forçou a agir de maneira tranquila, apesar da raiva estampada em seus olhos.

— Oh, William, diga-me o que tenho que fazer, e eu farei! — sussurrou Emily.

— Se o casamento foi consumado, não há mais nada a ser feito. Você sempre soube disso!

— Deve haver algo...

— Eu a adverti... lhe falei... Você deveria ter-me dito que preferia Devereux.

— Mas não prefiro Leon! É a você que eu amo.

— Encontrou uma bela maneira de demonstrar isso!

Emily abaixou a cabeça e as lágrimas inundaram-lhe as faces. Não podia se defender porque o que fizera era imperdoável. Atordoada, ouviu-o dizer algo como já que ele não poderia ser o marido dela, pelo menos gostaria que sempre o considerasse um amigo.

— Eu sempre a amarei, Emily.

Com essas palavras, voltou-se e a deixou. Seu caminho foi bloqueado por Leon. Há quanto tempo estaria lá parado, apoiado contra um dos pilares, era incerto. A tensão era quase palpável quando os dois cavalheiros enfrentaram um ao outro, fitando-se de alto a baixo. Embora ambos fossem quase da mesma estatura e bonitos, Emily jamais os confundiria. William fazia-a lembrar da força e determinação de um buldogue britânico, já Leon lembrava um gato selvagem, macio e lustroso, imprevisível, às vezes brincalhão, às vezes fatalmente perigoso.

Ao perceber um leve sorriso nos lábios do marido, suspirou fundo, aliviada. Nenhuma palavra foi dita. William passou por Leon e deixou o aposento.

— Você lhe contou?

— Claro que contei. O que mais poderia fazer? — Ele encolheu os ombros num gesto negligente.

— O que outras mil mulheres em seu lugar teriam feito.

— O quê?

— Mentir. — Segurando-a pelo queixo, contemplou-a com uma expressão especulativa. — É isso que eu admiro em você, Emily. É tão honesta quanto o dia. Jamais precisarei me preocupar se está ou não me contando um monte de mentiras. Como marido, sou digno de inveja.

— Não devolverei o elogio, já que ambos sabemos que eu estaria mentindo.

— Não entendi.

— Estou dizendo que você é o mestre da trapaça. Mentiu para Sara quando lhe disse que sempre me amou. Mentiu sobre aquela mulher em Nova York, Belle... Belle...

— Courtney — concluiu ele.

— Nega que mentiu?

Algo brilhou nos olhos escuros, mas Leon limitou-se a dizer:

— Imaginei ter lhe dito que não queria vê-la perto de Addison.

— Jamais aceitei isso! O que esperava que eu fizesse? Que lhe escrevesse uma carta? Ou que o ignorasse? William me ama! Prometi me casar com ele quando ficasse livre. Teria sido covardia de minha parte não lhe falar pessoalmente. — Um soluço sufocado escapou. — Foi a coisa mais dura que já tive de fazer. Não quero passar por isso outra vez. E antes que você me conceda uma auréola, saiba que estava contando com William para encontrar um modo de desfazer esta confusão em que estou metida.

— Ah! E ele a ajudou?

— Você sabe muito bem que não.

— O que ele disse?

— Você deve saber. Estava espionando.

— Cheguei no final da conversa, quando ele estava lhe jurando amor eterno — disse Leon, risonho.

— Não acho graça nenhuma. Ele estava magoado. Não pode entender isso? Ou não tem coração? Não ficaria surpresa se William tivesse me batido.

— E eu não ficaria surpreso se ele tivesse me desafiado para um duelo.

Emily apertou os lábios e não replicou.

— Eu disse que não ficaria surpreso se ele tivesse me desafiado para um duelo! — O tom de voz era baixo e severo. — Responda-me, droga!

— Por quê... por que William deveria desafiá-lo para um duelo? Ele não é igual a você.

— Não, não é como eu, mas se as nossas posições tivessem sido invertidas e se eu a amasse, o teria desafiado. — A violência daquelas palavras a fez tremer. — Amor! — Leon continuou no mesmo tom exasperado. — O que sabe você sobre amor? O que sabe ele? Será que o homem não tem sangue correndo nas veias? Se a ama de verdade, como pôde abrir mão de você sem um enfrentamento? William Addison não a ama, Emily. Pude constatar isso minutos atrás, quando ele saiu sem me desafiar para um duelo. E pense nisso: se Addison e eu nos confrontássemos e ele me matasse, suas dificuldades estariam terminadas. Seria um modo seguro e eficiente de pôr fim a um casamento que você diz não querer.

Leon não entendia. Ela não queria homens duelando por sua causa. Odiava violência de qualquer tipo. Um duelo não resolveria nada.

— Eu jamais me perdoaria se tal coisa acontecesse.

— Por outro lado, ainda posso desafiar Addison. Estaria exercendo meus direitos, já que o cavalheiro não mantém distância de minha esposa.

— Não o encorajarei — ela disse, apressada. — Não voltarei a vê-lo, prometo.

Leon se ergueu com um sorriso sardônico curvando-lhe os cantos da boca. A raiva que sentira minutos antes estava se dissipando.

— Então... tenho a resposta. Você não ama Addison. Caso contrário, não se renderia tão facilmente.

Afastou-se para deixá-la passar. Emily desejou mais do que qualquer outra coisa esbofeteá-lo ou cuspir nele ou fazer algo que pudesse pôr um fim àquele ar de escárnio em seu rosto bonito. Mas era inconcebível para lady Emily Devereux agir de forma tão incorreta.

— Olhos violeta — sussurrou Leon num tom provocante, conduzindo-a pelo arco que levava à escadaria principal.

— Para onde está me levando? — perguntou num tom frio.

— Não se lembra que me pediu para encontrar Sara?

— Onde ela está?

— A caminho de Gretna Green, eu diria.

— O quê? — Não podia acreditar no que acabara de ouvir. Leon não parecia afetado.

— Sua irmã fugiu com Peter Benson algumas horas atrás.

Capítulo X

Nas horas seguintes, Sara descobriria que cometera o maior erro de toda sua vida. Jamais lhe ocorrera envolver-se seriamente com qualquer outro homem que não fosse Leon. Estava convencida de que tio Rolfe os alcançaria antes mesmo de chegarem à fronteira da Escócia. Faria uma verdadeira cena e a levaria de volta para casa. E logo o episódio seria esquecido como se nunca tivesse acontecido. Todos ficariam penalizados pelo sofrimento pelo qual ela passara. Em especial Leon e Emily. Se havia uma coisa que tencionava, era puni-los... Não estava bem certa como, apenas queria que sofressem tanto quanto a fizeram sofrer.

Mas as coisas não saíram do modo como Sara imaginara. Tudo dera errado. No momento em que subiu na carruagem, sentiu o bafo de bebida que Peter exalava. O jovem não queria fugir com ela e tentou em vão dissuadi-la daquela ideia maluca.

— Em menos de um ano você será maior de idade — disse Benson. — Isso é um absurdo. Quando tiver vinte e um anos, poderemos nos casar sem o consentimento do seu tutor.

— Se não me ama o suficiente para enfrentar a ira de meu tio, então diga agora e nunca mais nos veremos.

— Sara, não pode estar falando sério!

— Estou.

Peter estava conhecendo um lado da moça jamais revelado. Temendo ter se excedido, Sara desatou a chorar, dizendo-lhe que se sentia muito infeliz. Que ele teria de se unir ao regimento. Poderiam enviá-lo para qualquer lugar e não sabiam o que poderia acontecer. Logo não podiam desperdiçar aquela oportunidade de ficarem juntos.

Por fim, o rapaz cedeu e, enquanto a carruagem seguia pelas ruas de pedra, Sara se acomodou no encosto do assento e deixou os pensamentos fluírem. Não tinha nenhuma intenção de se casar com aquele homem, pretendia apenas usá-lo. Peter Benson não estava à sua altura. O melhor que poderia dizer sobre ele é que era um companheiro cortês e divertido. Não era bonito, embora agradável de se olhar, mas ela preferia algo diferente.

De repente, o rosto másculo de Leon lhe veio à mente.

Antes da noite terminar, o tio os alcançariam. Sara havia se certificado disso deixando cartas de adeus para todos. Quando o tutor os encontrasse, jamais lhe permitiria ver Peter Benson outra vez.

Uma pequena pontada de dor na consciência foi logo suprimida. Embora estivesse bastante segura de que Peter se imaginava apaixonado por ela, não era a ela que ele amava, mas sim a uma moça que não existia. O jovem pensava que Sara fosse como todas as outras mulheres delicadas que conhecera, como a mãe dele e as irmãs. Mas estava redondamente enganado. Jamais seriam felizes juntos. Ele era um fraco. Em um duelo de vontades, a dela prevaleceria. Jamais poderia respeitar um homem que lhe permitia cantar de galo. Quando o comparava a Leon, Peter perdia de muito.

Benson tinha vinte e poucos anos. Era o filho caçula de um conde. Embora o título e a propriedade tivessem passado para o irmão mais velho, ao alcançar a maioridade ele herdara uma boa soma em dinheiro, que logo perdera. Como a maioria dos jovens da sua geração, levava uma vida de indolência. Era um jogador. O dinheiro deslizava-lhe pelos dedos.

Apesar de Sara jamais tivesse pensado em se unir a Peter, ele, mais do que qualquer outro homem, se adequava com perfeição a seus propósitos.

A qualquer momento seria convocado pelo Serviço de Sua Majestade, que o levaria para fora da Inglaterra e da órbita dela. E, para o bem de todos, logo a esqueceria.

Após algumas horas de sono, Sara teve um despertar tumultuado. Um pouco além de Islington, a carruagem saiu da estrada, caiu em uma vala e ficou quase destruída. Peter sofreu uma forte pancada na cabeça e perdeu a consciência.

Algum tempo depois, Sara desejou saber por que não dissera ao proprietário da Hospedaria Queen's Head que ela e o jovem Benson eram irmãos. Sem uma dama de companhia e sem um criado, foi forçada a contar uma história plausível. Sr. e sra. Smith foi o melhor que conseguiu inventar. Não estava apavorada, mas um pouco alarmada. O rapaz estava inconsciente, precisando de cuidados médicos. Deveria providenciar um quarto pelo menos para os manter longe dos olhares curiosos das pessoas.

Com a chegada do médico, os eventos da noite assumiram o aspecto de um terrível pesadelo. Peter não estava ferido, mas sim bêbado. O dr. Mearle ficou furioso e Sara não o culpava por isso. O médico estava prestes a deixar o aposento, quando de súbito a porta se abriu. Três rapazes apareceram, três tolos que a cobiçavam descaradamente. Algum tempo depois, ela soube que os jovens haviam reconhecido, no pátio da hospedaria, a carruagem que exibia o brasão dos condes de Latham. Como era de costume, Peter pedira o veículo emprestado ao irmão, e seus camaradas o reconheceram. Para a infelicidade de Sara, esses mesmos camaradas a viram. Antes do amanhecer, a história de que o sr. e sra. Smith, ou melhor dizendo, Peter Benson e lady Sara Brockford, haviam passado a noite juntos em uma hospedaria nos arredores de Londres, começaria a circular.

Até Rolfe e Leon os alcançar, Sara se refugiou com o proprietário da hospedaria e sua esposa. Bastou um olhar para a face austera de seu tutor para saber que dessa vez ela não conseguiria persuadi-lo. Agora teria de enfrentar as consequências de seu desvario.

Era meio-dia do dia seguinte quando ocorreu a terrível conversa com o tio. Peter já se encontrava sóbrio, mas longe de parecer bem. Rolfe estava furioso como Sara jamais o vira antes.

— Você percebe — disse ele, dirigindo-se a Peter —, que se eu quisesse, poderia submetê-lo a um julgamento perante a corte marcial por este pequeno deslize.

Peter Benson endireitou-se na cadeira. Sua expressão era tão severa quanto a de Rolfe.

— Não vejo por quê, senhor.

— Por conduta imprópria de um oficial do Exército britânico — vociferou Rolfe. — Conhece os regulamentos tanto quanto eu. É obrigado a obter permissão de seu comandante antes de se casar. Neste caso, isso não aconteceu.

— Mas eu não me casei, senhor. — Diante da indignação e da surpresa estampadas na face de Rolfe, o jovem interpôs depressa: — Estava levando Sara para ficar com minha mãe. Eu não sabia o que fazer. Ela agia de forma estranha. Bem, o senhor sabe quanto sua sobrinha é impulsiva. Se me negasse a ajudá-la, teria fugido com algum outro cavalheiro. Eu não podia deixar isso acontecer. Iria avisá-lo assim que alcançássemos Barnett. Droga! Não sei como tudo deu errado! Foi uma estupidez! Receio... que tenha estragado tudo com o meu pileque. Fiquei embriagado. Isso é imperdoável.

— É perfeitamente compreensível! — De repente, Rolfe se deu conta de que expressara em palavras um pensamento perdido. Encolhendo os ombros meio sem jeito, tentou disfarçar. — Minhas sobrinhas têm a capacidade de fazer isso com um homem. Pergunte a mim. Pergunte a Leon. Pergunte a qualquer um que tente controlar a vida delas. — Ambos os cavalheiros trocaram um sorriso tímido.

O peito de Sara arfava. Que humilhação! Caçoavam dela, não a levavam a sério. Sua vida estava em ruínas e os dois tratavam o acontecimento como uma grande piada. Sua voz adquiriu um tom severo ao se dirigir a Peter:

— Você disse que queria se casar comigo.

— Bem, claro que disse. E quero. Mas não de modo tão irregular! Você não ouviria meus argumentos. Pensei que alguns dias com minha mãe acalmariam seu temperamento e não lhe faria mal nenhum.

Rolfe sentou-se outra vez. Encarava Peter Benson como se nunca o tivesse visto antes.

Quando Sara se ergueu, os olhos dele moveram-se em direção à sobrinha.

— Como ousa brincar comigo?! — ela exclamou para Benson. — Não sou nenhuma maluca. Se não queria fugir comigo, deveria ter dito.

— Eu disse! Falei que deveríamos esperar até que você completasse a maior idade. Você não queria se casar comigo. Pensa que não sei disso? Estava apenas me usando para alcançar seus objetivos.

O silêncio que se seguiu foi longo e profundo. Terminou quando Sara deixou a biblioteca batendo a porta atrás dela.

— Estou quase sentindo pena de vocês dois — disse Rolfe, fitando o jovem cabisbaixo à sua frente. Após dizer isso, alcançou a garrafa de conhaque, verteu a bebida em dois cálices e ofereceu um ao rapaz.

Embora aceitasse, Peter não fez nenhum movimento para levar o cálice aos lábios.

— Ela não queria se casar comigo — disse, sombrio. — Nunca quis!

Rolfe teve uma ligeira impressão de *déjà vu*. E, como em outra ocasião, usou as mesmas palavras:

— A vontade dela, assim como a sua, é secundária. É tarde demais para arrependimentos. Terá de se casar o mais rápido possível com Sara e pôr um fim nessa história.

Sem pensar, Peter bebeu um grande gole de conhaque. Gemeu e apertou as têmporas doloridas.

— Nunca imaginei que isso fosse acabar assim. Espero que o senhor acredite em mim.

— O que pretendia, na realidade? Se sabia que Sara não desejava essa união, o que esperava ganhar no final das contas?

— Se eu sabia, não queria admitir isso para mim mesmo... Bem, é... — Emitiu um longo suspiro. — Sara não é a moça que pensei que fosse.

A situação era cômica. Não obstante, Rolfe teve de suprimir o riso. Sabia a que o jovem estava se referindo. Lady Sara, assim como lady Emily, não eram como a maioria das moças. Possuíam personalidade forte, não eram cordatas e não admitiam a superioridade do sexo masculino.

Rolfe ficou sério, pensando que havia algo mais com a sobrinha que lhe causava uma certa inquietação. Teimosia era uma coisa fácil de ser refreada. Qualquer homem de valor em pouco tempo a subjugaria. Nenhuma mulher respeitava um marido subserviente. E, assim, aconselharia Peter Benson. Mas aquela travessura fora longe demais. Sara usara Peter para alcançar seus objetivos, sem se preocupar com os sentimentos do jovem. Isso denotava uma falta de consideração e um egoísmo dos quais não julgara que ela fosse capaz.

Rolfe começou a procurar desculpas para atenuar a conduta da sobrinha. Não fizera nenhuma tentativa de esconder de Sara seu desprezo pelo rapaz. Havia lhe passado a impressão de que Benson era um príndigo que só se interessava pela fortuna dela.

Sem dar a perceber, estudou a face do jovem. Peter Benson, supôs ele, não era melhor nem pior do que tantos outros jovens da sua geração. Para ser franco, sonhara com algo melhor para Sara, não apenas porque o cavalheiro em questão estava atolado em dívidas até o pescoço, mas porque lhe faltava ambição. Era filho caçula e teria de galgar seu próprio espaço no mundo. Havia sido o irmão, o conde, que lhe conseguira uma patente no Exército.

Aquele pensamento o conduziu a outro.

— Minha sobrinha é herdeira — recomeçou com cuidado. — Mas antes que este casamento se concretize, insisto para que a fortuna dela seja alienada, de modo que...

— Eu não quero o dinheiro de Sara! — Peter o interrompeu com veemência. — Aliene-o por todos os meios, de forma que apenas os herdeiros dela possam reivindicá-lo. Sempre foi minha intenção vivermos da minha própria renda.

— Renda? Quer dizer... o que o Exército lhe paga?

— Não sou um desamparado.

— Bem, não precisamente, mas...

— Possuo uma renda que recebo pela propriedade de minha avó, num total de mil libras por ano.

— Oh? Então, por que foi necessário Latham comprar a sua patente? Por que você mesmo não a comprou?

— Eu... eu fui um bobo. Estava endividado. Meu irmão foi muito generoso fazendo-me um empréstimo e concordou em cancelar a dívida quando eu me casasse...

Na opinião de Rolfe, Latham não fizera nada de extraordinário. Sabendo que o irmão caçula se casaria com uma herdeira, o conde não via mais necessidade de voltar a mexer em seus cofres. Quanto à renda de Benson... mil libras por ano não dariam para comprar sequer alfinetes para Sara. Rolfe não teve coragem de dizer isso ao jovem.

Pensativo, tomou um longo gole de conhaque. Sara era difícil e, pior ainda, não se deixava dominar. Não amava aquele rapaz, pois seu coração ainda batia forte por Leon. Por alguma estranha razão, havia se enredado em um escândalo. Rolfe sabia que Peter Benson estava apaixonado por Sara. Não queria estar na pele dele. A sobrinha puxaria cordões ao redor de qualquer homem que não tivesse coluna vertebral para resistir a ela. O jovem Benson era muito cordato, muito maleável. Se fosse tutor do rapaz e não de Sara, tinha certeza de que o convenceria a desistir da moça e abdicar da considerável fortuna dela. Dinheiro não era tudo na vida. Um homem devia respeitar a si mesmo antes de...

Aquele pensamento o levou a vislumbrar uma ideia.

— Creio ter ouvido falar que o seu regimento foi recrutado para o Canadá. É verdade?

O jovem anuiu com a cabeça e expeliu um longo suspiro.

— Sim, senhor — respondeu sem entusiasmo.

— Onde ficará locado?

— Possivelmente em Montreal, ou talvez em York.

— York?

— Também conhecido como Toronto — esclareceu Peter.

— Ah, esse York. Humm, sim... York... pode ser muito bom para os nossos propósitos — disse Rolfe.

— Senhor?

— Não desejo alarmá-lo, Peter, mas queria preveni-lo. — Ele começou a descrever os atentados que foram feitos contra a vida de Sara e Emily.

Todos aclamaram a beleza da noiva. Sara não se importou. Seu coração estava partido e apenas o orgulho mantinha um sorriso em seus lábios. Orgulho e a ciência de que o homem que ela amava era um dos presentes no seleto grupo de convidados em Rivard Abbey. Embora evitasse fitá-lo, estava atenta a todos os movimentos de Leon.

Não parecia uma cerimônia de casamento. Todos estavam sérios como se tivesse chegado o dia do Juízo Final. Só os filhos de Rolfe pareciam apreciar os procedimentos, e isso porque eram muito jovens.

Peter trajava o uniforme do regimento, e todos se referiam a ele como "major Benson". A experiência inteira fora um transtorno. A cerimônia, as apresentações aos parentes de Peter naquelas circunstâncias infelizes, os olhares de comiseração, as

perguntas embaraçosas de seus jovens primos e as conversas formais durante a recepção após o casamento. Sara sabia o que todos estavam pensando. Nada poderia ser pior do que aquilo, pensou, tomando um gole de champanhe e lutando para impedir as lágrimas de autopiedade.

Estava errada, pois o que se seguiu foi infinitamente pior. A intimidade da vida de casados não era como tia Zoe havia descrito. Não era emocionante, e sim insípida e desagradável. Depois da primeira noite, ela deixou claro ao marido que não queria mais manter relacionamento sexual. Ele era gentil e paciente. E também tão surdo quanto um morto. Fora mal orientado por seu irmão mais velho, de que um marido devia esperar lágrimas e súplicas da jovem esposa.

De repente, ocorreu-lhe que uma terrível injustiça havia sido perpetrada contra o seu próprio sexo. Sim, e as mulheres casadas conspiravam para isso! Deveriam contar para as jovens casadoiras o que as esperava em um matrimônio. Então, não haveria bailes nem namoros nem filhos. Se soubesse o que o destino lhe reservara, preferia ter ficado solteira para o resto da vida. E, para ser franca, não havia nenhuma necessidade de se casar. Era uma mulher rica e independente.

Mas o casamento com Peter mudara tudo. Sua fortuna não era mais só dela.

— Sua renda é bastante significativa — assegurou-lhe Rolfe.

— Então, o que me impede de gastá-la?

— Seu marido. Não, não discuta isso comigo, Sara. De agora em diante, seu marido passa a administrar seus bens.

Sara absorveu aquelas palavras em silêncio. Peter Benson sempre fora um brinquedo em suas mãos, mas agora estava investido no papel de seu fiduciário e assumindo suas responsabilidades com muita seriedade... Quando a novidade acabasse, ele seria mais acessível. Ela saberia como engabelá-lo.

Todavia, havia compensações no casamento, e Sara resolveu que iria desfrutá-las. Não agiria da mesma forma que a irmã. Não compartilharia o mesmo teto com os tios, enquanto o marido estivesse no estrangeiro. Isso inibiria suas ambições. Queria ter sua própria casa. Queria dar bailes e festas e ter sua própria carruagem. Lady Sara Benson iria ser alguém.

Essas esperanças ajudaram-na a elevar seu estado de espírito, até que Emily e Leon partiram para Nova York. Foi uma despedida emocionada. Emily detestava a ideia de ficar longe de sua família, e Sara compreendia a apreensão da irmã. Nova York ficava do outro lado do mundo e a sociedade das colônias jamais poderia ser comparada à da Inglaterra.

Mas não era só isso. Sara e Emily jamais haviam se separado por mais de uma semana. Tinham passado por muitos percalços em suas jovens vidas, mas sempre os enfrentaram juntas. Agora, de repente, não poderiam mais ser confidentes, não por causa da distância que as separaria, mas porque dois homens entraram na vida delas. Uma esposa devia se dedicar ao marido. Não só pelo costume, mas também pela lei e pelas normas da igreja.

No momento da partida, foram esquecidas as velhas rivalidades.

— Não será por muito tempo — disse Emily, abraçando-se à irmã como se sua vida dependesse disso. — Estarei de volta antes do que você imagina.

Sara não conseguiu dizer uma palavra devido à torrente de lágrimas que escapavam de seus olhos.

As portas de carruagem se fecharam. O som que se propagou era como se significasse o fim de um capítulo em suas vidas.

O futuro parecia triste e incerto.

Capítulo XI

Leon mal podia acreditar na facilidade com que as coisas se sucederam. Com uma submissão que o surpreendeu, Emily lhe permitiu organizar a viagem sem intromissões. Não fez perguntas na última parada que fizeram, quando lhe disse que teriam de trocar de carruagem. E a informá-la da mudança de planos, eles não iriam para Falmouth, mas sim para Southampton, onde um navio da frota do cunhado estava ancorado, ela aceitara as explicações dele sem fazer nenhuma objeção. Leon contou-lhe que ouvira falar bastante do Valclair no bar da hospedaria onde pararam para jantar. A longa viagem pelo mar seria muito mais confortável a bordo dessa embarcação. O que não havia lhe contado foi que o Valclair era um navio mercante e que não transportava passageiros, uma circunstância que convinha admiravelmente aos seus propósitos. Os métodos de Leon eram extremados, porém ele estava preparado para o pior. Se La Compagnie estivesse em seu encalço, jamais teriam uma chance melhor para tocaíá-lo. Ciente disso, tomara todas as precauções. O elegante coche no qual haviam partido era apenas um chamariz e, naquele exato momento, devia estar percorrendo a estrada principal para Falmouth, como fora planejado, enquanto ele e Emily rumavam em outra carruagem para Southampton por uma via secundária. Em um ou dois dias, antes de embarcarem no navio, Leon receberia um relatório, contendo a resposta que tanto esperava. Se nenhuma emboscada tivesse acontecido, seria forçado a admitir que dera asas à imaginação.

Como Rolfe bem lhe dissera, muitos anos haviam se passado desde que ele fizera parte da La Compagnie. Não representava nenhuma ameaça aos novos líderes da organização, a menos que soubesse de algo que não deveria saber. Seria possível que pudesse identificar os idealizadores da ressuscitada seita?, perguntou a si mesmo. Analisando aquele pensamento por todos os ângulos, concluiu ser altamente improvável. Jamais fizera parte da engrenagem principal da organização. Conhecia apenas os companheiros de seu pequeno núcleo. E, segundo Rolfe, todos haviam morrido.

Impaciente consigo próprio, Leon forçou-se a pensar no futuro. Estava levando Emily para o território dele. Em Nova York, estariam seguros.

Em silêncio, permitiu que seus olhos fizessem uma lenta inspeção de sua esposa. Ela estava absorta, lendo a mais recente edição da Ackermann's. De vez em quando, fitava a paisagem através da janela e dava um longo suspiro.

Encontravam-se completamente sozinhos em uma carruagem fechada. Aquele pensamento agiu como um poderoso afrodisíaco na mente de Leon. Emily era sua esposa

e poderia possuí-la se quisesse. Tinha esse direito.

Porém desejava mais do que o simples acesso ao adorável corpo de Emily. Sabia ser paciente...

Já conseguira um grande progresso. Nas duas últimas semanas, tentara estabelecer um relacionamento normal entre ambos. Esperava que Emily tivesse captado a mensagem. Consumia-se não apenas com o desejo ardente de levá-la para a cama e fazer amor com ela, mas em demonstrar-lhe que poderiam ser amigos além de amantes. Que poderiam ser felizes juntos.

Para sua surpresa, Emily parecia estar cedendo. Sabia que a esposa estava relutante em deixar a Inglaterra, mas, pelo menos, vinha se esforçando para manter a mente aberta e aceitar sua ida para um país que parecia quase incivilizado. Estudou a fisionomia dela e desejou saber o que estaria pensando.

À medida que a carruagem se afastava de Rivard Abbey, Emily não podia impedir-se de conjecturar a respeito do futuro. Percebeu que o casamento de Sara havia sido o marco de um momento decisivo. Para melhor ou para pior, Leon agora era dela. Refletiu melhor sobre aquele pensamento e surpreendeu-se ao sentir o sangue pulsar mais rápido.

Não amava o marido. Essa convicção se encontrava firmemente arraigada em sua mente havia tantos anos que não estava disposta a pensar a respeito disso. Não podia negar que Leon a perturbava. Mas isso não era amor. Era um truque da natureza para assegurar a sobrevivência das espécies. Como poderia amá-lo se o odiava desde criança?

Todavia, nos últimos dias percebera uma notável mudança nos modos de Leon. Vinha se mostrando mais agradável com ela.

Tudo começara na noite da fuga de Sara. Todos estavam em choque, tio Rolfe em especial, que parecia ter envelhecido dez anos. Sem avisar, virara-se contra ela:

— Que belo par vocês duas formam! Seu pai deve estar dando pulos na sepultura. Deus! A quem saíram essas meninas? Eu gostaria de saber! Nunca houve escândalos na família Brockford antes de vocês duas nascerem. Dois casamentos desonrosos, um após o outro! Não sei como sua tia suportará tamanha desgraça.

A face de Emily ficara translúcida. Tia Zoe virara-se, furiosa, para o marido. Mas fora a dureza no tom de voz de Leon que impedira a torrente de palavras de tio Rolfe.

— Não permito que ninguém se refira a minha esposa nesses termos — dissera ele. De algum modo, seu braço estava ao redor dos ombros dela. Grata pelo apoio, Emily inclinara-se, colando o corpo ao tórax forte. — É melhor nos apressarmos. Vamos procurar Sara ou ficar aqui discutindo a noite toda?

Tão de repente quanto viera, a raiva de Rolfe se dissipara.

— Perdoe-me, querida. Você sabe que não queria dizer essas coisas. Seu caso não é igual ao de Sara.

Emily dera um sorriso trêmulo, mas o tom de voz de Leon ainda era áspero:

— Não. Não é. Qualquer um que a conhece precisa saber que Emily era inocente quando fomos forçados a nos casar.

O fato de Leon partir em sua defesa a pegara de surpresa tanto quanto a excitara. Na semana seguinte, quando todos seguiram para Rivard Abbey para o casamento de

Sara, ela tivera nova oportunidade para agradecer o apoio a Leon. Parecia que o velho escândalo fora ressuscitado e dedos apontavam em sua direção. Sempre havia sido assim. Homens poderiam cometer loucuras e ficar impunes. Todavia, a reputação de uma mulher era frágil e facilmente destruída.

O ataque viera de lady Hester, a irmã de Peter, que aparentava ser tão doce e tão pura quanto açúcar refinado. Apenas aqueles que se sentiam atingidos pela lâmina afiada de sua língua sabiam quanto era venenosa. Emily não tardara a descobrir isso.

— Não deixe lady Hester tripudiar sobre você, Emily — dissera tio Rolfe. — Ela é uma dessas que se consideram guardiãs da moral da nação. Tem uma opinião formada sobre tudo. O que precisa é de um casamento ou de algum homem que a ponha nos eixos. Entretanto, isso é pouco provável de acontecer.

Emily tentara evitar lady Hester e sua língua ferina. Sentindo o desconforto da esposa, Leon se tornara sua sombra. Ela podia sentir a mão forte em seu cotovelo, o braço musculoso ao redor de sua cintura... E esses pequenos gestos possuíam grande riqueza de significados. Na presença de Leon, ninguém ousava dizer uma palavra de desprezo a sua esposa.

Agora, na carruagem, Emily o fitou de soslaio e então permitiu que seu olhar vagueasse mais atentamente sobre seu belo rosto ao perceber que ele adormecera. Não podia dizer que agia como um marido apaixonado. Por outro lado, não agia como o velho Leon. Transformara-se em um estranho, porém encantador. No espaço de uma semana, não haviam trocado uma palavra atravessada. Incrível!

Nem tampouco ele tentara exercer seus direitos conjugais. Emily mordeu o lábio inferior, desejando saber o que tudo isso poderia significar. Em todo caso, estava satisfeita.

A presença de Sara na Abadia era no mínimo constrangedora. Sara e Leon. Durante anos, fora impossível não pensar nos dois juntos. Contudo, o casamento da irmã com Peter fizera toda a diferença do mundo.

Os pensamentos giravam em círculos em sua mente. Estava casada com Leon para o melhor e para o pior. O futuro dependia dela.

No assento oposto, Leon inclinou a cabeça para trás e estudou a esposa com os olhos semicerrados. Lágrimas umedeciam-lhe os cílios, que ela secava com dedos impacientes. Leon não sabia se tinha vontade de sacudi-la com força ou tomá-la nos braços e enxugar-lhe as lágrimas com beijos. Se chorava por estar deixando a casa e a família, era uma coisa. Mas se fosse pelo amante perdido, seria outra bem diferente.

— No que está pensando? — perguntou ele num tom suave.

Emily umedeceu o lábio superior.

— No futuro.

— É mesmo?

— Você me disse uma vez que estava pronto para se estabelecer, constituir uma família...

— Acho que sim... Continue.

Leon recostou-se no estofado do assento e contemplou-a, seu olhar demonstrando pouco interesse pelo que ela dizia. Mesmo assim, Emily percebeu que ele estava tão

alerta quanto uma pantera cuja toca fora invadida por um gatinho infeliz.

Suspirando fundo, fitou-o com olhos tão claros quanto cristalinos.

— O que está feito está feito. Não há como voltar atrás. Tenho de aceitar que o nosso casamento é indissolúvel. E estou disposta a ser uma boa esposa para você, Leon.
— Sua voz enfraqueceu ao pensar nos sonhos e fantasias desfeitos de uma garota. Não pensava apenas em William Addison, mas também no intenso desejo de amar e ser amada.

Não sabia se seus olhos refletiram seu pensamento. Leon absorveu sua expressão melancólica, a curva trêmula dos lábios delicados e falou num tom de voz macio como veludo:

— Então... convenceu a si mesma a aceitar o supremo sacrifício?

— Não. Eu não encaro as coisas desse modo.

— Então como descreveria esta nossa viagem? — Enquanto ela pensava, procurando as palavras certas, Leon disse com súbita violência: — Responda-me!

— Serei uma esposa obediente, prometo — Emily retrucou num tom rude. — Não dificultarei as coisas para você. Não reclamarei e nem farei cenas se me negligenciar. Tudo que eu quero é uma casa e... e filhos — concluiu.

— O que significa não dificultar as coisas para mim?

— Você sabe. Explicou-me isso uma vez, não se lembra? — A mente de Emily retrocedeu alguns anos, antes de se casarem. — Disse que as regras eram diferentes entre homens e mulheres. Que uma esposa deve perdoar as infidelidades do marido. — Percebendo que poderia estar lhe passando uma impressão errada, acrescentou depressa: — Oh, não estou pedindo as mesmas liberdades para mim. Pensou que eu estivesse? Não, não! Traições e coisas desse tipo são repugnantes, na minha opinião.

O silêncio mortal que se seguiu às suas palavras a amedrontaram. Não entendeu por que o que dissera o aborreceu tanto. Mas Leon estava aborrecido, embora sua expressão fosse inescrutável. Emily não tinha nenhuma dúvida sobre isso.

Um músculo contraiu a mandíbula dele.

— Nosso casamento foi consumado — disse Leon. — Por ora, meus propósitos foram satisfeitos. Não estou caduco, Emily. Tenho anos pela frente para estabelecer minha dinastia. Quando esse dia chegar, pode estar certa de que será a primeira a saber.

Sem perceber, ela dissera algo terrivelmente errado. Não conseguira pensar em nada melhor para falar, pois julgara que fosse o que o marido queria ouvir. Bem, se Leon não quisesse nada com ela, adotaria o mesmo comportamento. Mostrando-se interessada na paisagem que via através da janela da carruagem, deixou-o apoquentar-se em silêncio.

Alguns dias se passaram antes que a terrível realidade se abatesse sobre Emily. Nesse ínterim, Sara saía para galopar pelos bosques que rodeavam a propriedade. Às vezes na companhia dos primos, às vezes com Peter. Na verdade, preferia cavalgar só. Aquele lugar constituía parte de sua vida e de sua memória. Era como se as árvores, o vale, os botões de flores quisessem lembrá-la de um tempo em que não tinha preocupações porque era jovem demais para se importar com o mundo à sua volta. Nessa época, os dias e o futuro pareciam repletos de promessas excitantes. Ainda não

completara 21 anos, mas se sentia tão velha quanto Matusalém.

Peter se aproximou quando Sara estava perdida em devaneios, contemplando as águas da lagoa do velho moinho. Era onde ela e Emily aprenderam a nadar.

Certa vez houvera um incidente ali envolvendo Leon. Sara não pôde recordar de todos os detalhes com precisão, mas de uma coisa se lembrou: tinha sido ela que acompanhara Leon, e Emily fora deixada para trás.

— Peter! — Sara exclamou. — Você me assustou! — disse, sobressaltada, quando a mão do marido a tocou no ombro.

Ele deslizou um dedo pela face da esposa, enxugando uma lágrima solitária.

— Por que está tão triste? — Peter perguntou num tom suave. A resposta para aquela pergunta era muito complexa. Sara limitou-se a dizer:

— Emily e eu vínhamos aqui quando éramos crianças. Foi onde aprendemos a nadar.

— Vocês duas eram muito apegadas?

— Sim. — Aquilo não era totalmente verdade, mas também não era mentira. Elas eram irmãs. Para Sara, todas as complexidades da relação delas resumiam-se nessas poucas palavras.

— Acalme seu coração. Vai poder ver Emily mais cedo do que imagina.

— Oh — disse Sara, permitindo que ele a conduzisse até onde os cavalos se encontravam amarrados. Peter ajudou-a a subir na sela, e então, com um movimento rápido, montou o outro cavalo. O animal estava inquieto e projetou o dorso para a frente, empinando. Sara observou, interessada, admirando a habilidade do marido em dominar o grande baio.

Enquanto cavalgavam, ela lembrou-se da noite de núpcias e sua iniciação às intimidades do casamento. Seus olhos foram atraídos pelo rosto do homem a seu lado.

À luz do sol, os cabelos dele reluziam como ouro. Uma mecha caía-lhe sobre a testa, emprestando-lhe um ar juvenil. Os olhos ostentavam um brilho suave ao encontrar os dela.

— Decidi que você me acompanhará ao Canadá. Ficarei fora a serviço por muito tempo, mas não estará só. Persuadi Hester a vir conosco. Será uma ótima companhia para você, Sara. Ela sabe administrar uma casa. E Leon prometeu considerar a hipótese de enviar Emily para uma longa estadia conosco. O Forte York não fica muito longe de Nova York, você sabe. — A voz dele foi declinando. — Sara? O que é? O que foi que eu disse?

Ela o fitava boquiaberta. Forte York ficava no fim do mundo. E quanto à irmã dele, lady Hester Benson era o protótipo da perfeição e austeridade. Em resumo, uma desmancha-prazeres sem senso de humor.

Quando Peter começou a repetir o que dissera, dessa vez com mais calma, Sara o interrompeu, furiosa:

— Eu ouvi o que você disse, e a minha resposta é não! Nada nem ninguém me fará deixar a Inglaterra.

Teria disparado com o cavalo se ele não alcançasse as rédeas, segurando-as com

firmeza. A suavidade em seu olhar se dissipara.

— Sara, você é minha esposa. O lugar de uma esposa é ao lado do marido. Pode levar anos até que eu volte à Inglaterra. Não é uma boa maneira de começarmos nossa vida de casados.

Uma mistura estranha de medo e fúria a fez expressar palavras mais rudes do que pretendia dizer.

— Jamais pensei em me casar com você. Cometi um erro. E estou pagando por isso. O que está sugerindo é... é... um castigo. Não mereço ser enviada para longe de tudo que eu amo. Recuso-me a deixar minha família. Não irei, e você não pode me obrigar.

Peter se endireitou na sela. O olhar juvenil se endureceu. Embora sua face e voz fossem inexpressivas, suas palavras pareceram martelar no cérebro dela.

— Estou tão arrependido quanto você. Por mim, eu a deixaria aqui. Porém os meus desejos não são prioridade. Fiz uma promessa solene a seu tio que você me acompanharia para o Canadá.

— Mas por que tio Rolfe deseja me despachar?

Ele hesitou, como se debatesse consigo mesmo, então disse:

— Sabe muito bem por quê, Sara. Minha querida, você não se detém diante de nenhum obstáculo. A Inglaterra é pequena demais para você. Seu tio decidiu, e eu concordo com ele, que precisa de uma mudança de cenário.

O ataque veio do outro lado da New Forest, perto de Wimborne. O coche foi interceptado por três ladrões de estrada armados. Eles receberam mais do que barganharam. Dois deles ficaram feridos. O terceiro escapou ileso.

Leon ouviu o cavaliário em silêncio antes de lhe fazer algumas perguntas concisas.

— Havia alguma marca distintiva em algum deles... Algum modo de os reconhecer se os visse novamente?

Ben Sharpe era empregado de Rolfe e experiente em tais assuntos. Seus anos de trabalho lhe renderam olhos e ouvidos bem treinados.

— Eram jovens. Na faixa de quinze ou dezesseis anos, eu diria. Foi uma travessura. Ficaram chocados quando abrimos fogo contra eles.

Leon digeriu as palavras do cavaliário e perguntou:

— O que o faz pensar que foi uma travessura? — Ben fitou-o com ar de surpresa.

— Jovens desse tipo não se importam quem saia ferido, contanto que se divirtam.

Assim que ficou sozinho, Leon escreveu uma carta a Rolfe, explicando os pormenores do relatório do cavaliário. O cunhado precisaria apurar aquele mais recente acontecimento. Jovens de quinze e dezesseis anos tinham a idade certa para aderir à causa. Era como se a história estivesse se repetindo. Desejou saber se algum dia se veria livre de La Compagnie.

Ao se aproximar da grade do convés do navio em companhia de Emily, Leon não se arrependia de ver o litoral inglês à distância. Se havia algo do qual se arrependia, era de

ter agido prematuramente, vindo buscar a esposa. Se de fato fosse alvo de um objetivo de La Compagnie, seria melhor pôr tanta distância quanto possível entre ele e Emily.

Rejeitou aquele pensamento tão rápido quanto lhe ocorrera. A América não era a Inglaterra. Nenhum dos ataques acontecera por lá. E saberia como se proteger em seu território.

— Deus, mal posso esperar para chegar em casa! — exclamou ele.

De pé, a seu lado, Emily inalou e deixou escapar um longo suspiro.

Capítulo XII

Emily jamais esqueceria as repreensões de Leon. O marido lhe dissera para não agir com tanta formalidade, dando a impressão de superioridade. Desde o momento em que pôs os pés em solo americano, ficou determinada a passar uma impressão favorável. Decidiu que tudo sobre a América lhe seria agradável.

A casa da irmã de Leon era tão magnífica quanto qualquer uma em Londres. Localizava-se na Broadway e possuía imensos jardins nos fundos que se debruçavam sobre um rio. Os cidadãos de Nova York, como ela havia notado, não mantinham galinhas ou vacas no pasto atrás dos estábulos. Os animais domésticos, inclusive porcos, vagavam livremente pelas ruas. Emily observou tudo, mas tomou cuidado para não fazer nenhum comentário que pudesse ser interpretado como depreciador. Leon a fitava com olhos de águia.

Ao chegarem, ficara chocada ao perceber que a cunhada não gostou dela. O comportamento de Claire Dillon foi um pouco hostil, e Emily não conseguia entender por quê.

Aquele desprazer se tornara ainda mais óbvio quando o restante da família lhe deu calorosas boas-vindas. Adam e Claire Dillon possuíam cinco filhos. A mais velha tinha quinze anos, a mais nova ainda era um bebê, e havia três meninos.

— Há muito tempo esperamos por este dia, Emily — disse Adam, abraçando-a.

— Sim, faz muito tempo — ecoou Claire num tom vago. — Estávamos certos de que viria três anos atrás, quando Leon foi à Inglaterra para buscá-la.

Antes que Emily pudesse responder, o clima embaraçoso foi dissipado por Leon, que trouxe as sobrinhas e sobrinhos para serem apresentados. Sem exceção, eram todos a imagem do pai. Apenas Sarah, a primogênita, tinha algo da mãe: olhos tão azuis quanto o mar Mediterrâneo. Embora a menina fosse bonita, não chegava aos pés de sua mãe. Claire Dillon, com cabelos flamejantes e feições delicadas e aristocráticas, colocava qualquer mulher no chinelo. Emily pensou ser impossível haver alguém mais bonito na face da Terra.

O quarto que lhe fora reservado situava-se na ala dos fundos, com uma esplêndida

vista para o rio. Encontrava-se debruçada no parapeito da longa janela, contemplando a vasta extensão de água azulada, quando Leon entrou.

— Então, o que achou? — perguntou ele.

Ela decidiu não mencionar nenhuma palavra sobre a frieza e a hostilidade que Claire lhe dispensara.

— Parece uma família bastante devotada. E a casa é simplesmente maravilhosa. — Olhando ao redor com significativo interesse, observou: — Suponho que sua irmã tenha importado estas peças da Inglaterra.

Emily referia-se às várias cômodas de mogno polido e armários com design de Heppelwhite que compunham a refinada decoração do aposento.

— Por que pensa assim? Somos civilizados aqui na América. Temos fabricantes de móveis, pedreiros, costureiras e outros. O que não temos é uma aristocracia. Mesmo assim, vai notar que os modos e os costumes que prevalecem em Nova York não são tão diferentes dos de Londres.

Emily não argumentou. Preferiu ignorar o sarcasmo do marido. Curvou os lábios num belo sorriso e indicou-lhe o sofá.

— Bem? — disse ela com olhos indagadores ao vê-lo fitá-la em silêncio.

Atrás do brilho frio em seu olhar, Leon estava pensando que devia ser um sério candidato ao manicômio. Desejara Emily durante anos. Não era nenhum inexperiente, sabia quando uma mulher estava arrebatada. Emily era altamente suscetível a ele e deixava bem clara sua intenção de viver um casamento de verdade. Mas ele se mantinha distante. Durante a longa e tediosa viagem de navio, fora ele quem endurecera o coração, erguendo uma parede de gelo entre ambos.

Ficara quase cego de raiva ao ouvi-la dizer que seria uma esposa submissa e obediente! Que faria vista grossa às infidelidades dele! Sentira vontade de matá-la por aquela indiferença. Preferia o ódio à complacência. Era melhor se consumir de desejo do que aceitá-la naquelas condições.

Bravas palavras! Sua raiva já não era tão intensa como antes, Estava percebendo quanto seu orgulho lhe custara. Durante cinco longos anos evitara a esposa, dando-lhe tempo suficiente para amadurecer. Aqueles cinco anos pareciam um jogo infantil se comparados à situação atual. Pela primeira vez, Emily estava completamente sob seu poder. Não havia um tutor a quem ela pudesse recorrer. E agora Leon tinha certeza de algo de que sempre suspeitara: por trás daquela postura impassível, a esposa escondia uma natureza sensual e tão apaixonada quanto à dele.

Emily ergueu a cabeça e fitou o semblante estranho do marido. Por um momento, seus olhares se cruzaram. Ela sabia o que Leon estava pensando. Lembrava-se daqueles dois dias e duas noites a bordo de seu navio.

Sorrindo ternamente ao vê-la ruborizada, ele disse:

— Desejo-lhe falar sobre a maneira de se comportar em Nova York.

— Sim?

— Não é comum maridos e esposas viverem separados.

— Como?

— Nós, americanos, somos mais afetuosos, mais convincentes que nossos primos ingleses. Se me tratar com a mesma reserva, a mesma indiferença que me dispensava na Inglaterra, os comentários vão começar. Em pouco tempo todos estarão pensando o pior.

Emily abriu os lábios num doce sorriso. Esquecendo-se da resolução de não dificultar as coisas para o marido, disse:

— Sem dúvida pensariam que nós dois temos amantes. — Os olhos negros de Leon a fitaram.

— Não — respondeu ele.

— Não?

— Jamais acreditariam que você tivesse um amante pela simples razão de saber que eu não permitiria isso. Os maridos americanos não são tão complacentes quanto os ingleses, Emily. Não permitem que as esposas tenham pretendentes, amantes e assim por diante.

— Talvez seja gentil e me ensine como devo me comportar... — O sorriso de Leon se intensificou.

— Para começar, não se esqueça de que a América é uma república.

— Estou ciente disso.

— Dispensaremos títulos como lady. Aqui, você será conhecida simplesmente a sra. Devereux.

Emily teve vontade de lhe dizer que, como filha de um marquês, nascera uma lady e morreria uma lady.

— Como você quiser — respondeu ela, apertando os lábios.

— Na América, somos todos iguais. Não levamos em conta o protocolo como se faz na Inglaterra. Não obstante, há certas regras que seria bom que seguisse. Você pode precisar de mim para orientá-la.

— Se não há protocolo, como poderei agir errado?

— Conhecendo-a como a conheço, sei que dará um jeito. — Não podia perder a oportunidade para provocá-la, por ser muito divertido. Os modos de Emily eram tão polidos, a compostura tão inabalável... E seus olhos, naquele momento, pareciam duas ametistas. Quando fizeram amor, aquele tom parecia ter se intensificado ainda mais.

O pensamento o excitou. De repente, sentiu o corpo tomado pelo desejo. Emily não notou.

— O que estou querendo dizer — prosseguiu Leon — é que você deve seguir o meu exemplo. Como já disse, minha família espera que sejamos mais do que apenas civilizados um com o outro. Eles esperam que sejamos afetuosos. Que você se submeta aos meus desejos. Não pretendo desapontá-los. Entende o que eu quero dizer?

Nas semanas que se seguiram, Emily o tratou com afeto. Olhares apaixonados... sorrisos... toques que quase o fizeram entrar em ebulição.

Veza ou outra aproveitava para lhe roubar alguns beijos no jardim.

— Claire está nos observando — disse Leon, sem nenhum fundamento para aquele

comentário.

Na carruagem, ao acariciá-la, foi mais criativo.

— Os cocheiros adoram espalhar histórias sobre os passageiros. — Mas na casa de verão, quando a abraçou e a beijou, sem ninguém por perto, sua imaginação fracassou. Ambos estavam tremendo no fim do beijo.

— Para quem foi este? — perguntou Emily, ao recuperar a respiração.

Leon respondeu com um sorriso malicioso:

— Este foi para mim. — Puxando-a lentamente de encontro ao peito, beijou-a mais uma vez.

Ele quase decidira engolir seu orgulho e aceitá-la em quaisquer condições. E teria sucumbido se os fatos não tomassem outro rumo.

Emily não sabia o que esperar ao ser informada de que iriam a um baile na City Tavern. Aquele simples nome já a fez estremecer. O marido lhe falara que o comportamento habitual dos americanos era mais liberal. Então se preparou para o pior.

Ao descer da carruagem, assumiu uma expressão de espanto diante do que parecia ser a mansão mais importante da Broadway. A residência era digna de um rei. Sua surpresa foi registrada pela cunhada, que não lhe poupou uma observação:

— Ao contrário do que muitos pensam na Inglaterra, os americanos sabem organizar um bom espetáculo.

— O que sabe sobre a Inglaterra? — incitou Adam Dillon, passando o braço em torno da cintura da esposa, enquanto a conduzia através dos enormes portões de ferro.

Emily não ouviu a resposta da cunhada.

— Não dê importância às palavras de Claire — disse Leon. — Vir para a América foi muito bom para ela. E para mim também. Minha irmã não permite que ninguém critique seu país adotivo.

— Mas eu não disse nada — protestou Emily.

— Não disse?

— Não.

Ele a fitou com um brilho no olhar.

— Não mesmo. Mas quanto charme!

Leon imitara o sotaque dela com perfeição. Emily abriu a boca para retrucar, porém a fechou em seguida. Aquele homem não iria fazê-la perder a paciência. Em todo caso, não estava brava, apenas magoada. Não só era pelo marido estar tomando o partido da irmã, mas também pelo fato de não conseguir se harmonizar com Claire Dillon.

A cunhada não gostava dela. Por quê? Deu voltas à imaginação e continuou sem entender. Era tão injusto. Ela não se considerava desagradável. Então, por que era tratada com tanta animosidade pela irmã do marido?

No geral, Nova York lhe agradara muito. Era uma cidade jovem e vigorosa. Ao apreciar a arquitetura georgiana, sentia-se como se estivesse em casa. Os habitantes poderiam ser facilmente confundidos com qualquer cidadão inglês, se não fosse pela estranha inflexão no sotaque deles e o uso de algumas formas pitorescas e arcaicas do

idioma inglês que haviam sobrevivido na América.

Logo se viu cercada de pessoas, a maioria cavalheiros que foram apresentados a ela por Leon. Ficou claro que o nome Devereux era venerado entre os presentes. Seu marido era um financista, seguindo a tradição dos Devereux na França pré-revolucionária. Emily tomara ciência desse fato por meio de seu tutor. Agora, porém, era como se estivesse ouvindo aquele nome pela primeira vez. Para ser franca, não tinha exata noção do que significava ser um financista. E tão pouco sabia muita coisa acerca do passado do homem com quem se casara. Sabia que os pais dele tinham morrido durante a Revolução Francesa e que ele e as irmãs haviam fugido, mas isso era tudo. Sua ignorância a envergonhou, pois uma esposa deveria saber tudo sobre o passado do marido, da mesma forma que Leon sabia tudo a respeito dela. Por que sabia tão pouco sobre ele?

Aquele pensamento não durou muito tempo. Outro mais inquietante tomou posse de sua mente. Mais de uma vez, ouvira a palavra "guerra" ser mencionada, e as pessoas haviam silenciado ao notar sua presença. Emily tinha conhecimento, é claro, da exaltação de ânimos das autoridades americanas e britânicas. Se houvesse uma guerra entre a Inglaterra e América, não via como poderia permanecer em Nova York.

— Está se divertindo? — A pergunta veio de Adam Dillon. O concunhado viera tirá-la para dançar.

Adam não possuía a mesma frieza e reserva da esposa, e Emily se sentia bastante à vontade com ele. Era irlandês. Talvez isso explicasse.

— Sinto-me como se estivesse em casa — respondeu ela. Enquanto dançavam, Adam ia descrevendo os convidados, e Emily tecia comentários espirituosos sobre cada um deles.

— E quem é aquele jovem que acabou de entrar?

Adam tinha uma razão particular para falar de Gilbert Livingston. Embora tivesse apenas quinze anos, sua pequena Sarah não escondia a admiração que sentia pelo rapaz. Para o gosto de Adam, porém, o jovem Livingston era muito assediado pelas mulheres. Ele queria algo mais constante para sua filha.

Emily desviou o olhar antes que o sr. Livingston fizesse uma ideia errada a seu respeito.

— E o que tem a dizer sobre a dama que está conversando com a sra. Sara Burke? — perguntou Adam.

Emily virou-se na direção em que ele apontava e viu Claire Dillon. Tinha algo a dizer, mas preferiu permanecer em silêncio.

O sorriso nos lábios de Adam se dissipou. Seu tom de voz era suave quando ele disse:

— O que Claire tem lhe dito, Emily?

— Nada... nada — ela respondeu com honestidade.

— Tente compreender. Claire é muito apegada ao irmão. Ambos perderam os pais na Revolução Francesa. Claro que você sabe disso. O que nenhum de nós jamais saberá é o que Leon fez para sobreviver durante aquela carnificina. As irmãs, pelo menos, escaparam para o santuário. Mas Leon... — Balançando a cabeça, ele continuou: — Minha esposa só quer que o irmão seja feliz, isso é tudo. Não seja muito severa com ela.

Agora que você está aqui, Claire vai mudar de opinião. — O que Adam estava pensando era que na primeira oportunidade que tivesse, teria uma conversa séria com sua amada esposa. Iria adverti-la de que em hipótese alguma deveria se intrometer no que não lhe dizia respeito.

Tentando distrair Emily, continuou:

— E o que acha da senhora com um colar de esmeraldas no pescoço?

Emily estava absorta. As confidências que Adam lhe fizera a respeito de Leon a intrigaram. Iria ponderá-las mais tarde.

A senhora em questão era a única com verdadeiro potencial para competir com Claire Dillon. Mas enquanto a beleza de Claire era imaculada, a da outra mulher era luxuriante. A sabedoria de Eva estava na maneira de olhar, nos gestos. Nenhum marido que se prezasse permitiria que sua esposa se comportasse com tanta falta de decoro.

— Sra. Viúva Alegre — disse Emily. — Não tem amigas do sexo feminino nem quer ter. Mas a lista de cavalheiros que conhecem o caminho de sua casa só é comparada à da nobreza de Burke ou ao seu equivalente americano.

Adam deu uma risadinha.

— Santo Deus! Você me apavora, Emily! Não opine sobre o meu caráter. Tenho certeza de que o meu ego não seria capaz de suportar.

— Quem é ela? — Emily perguntou apenas por curiosidade.

— É a sra. Belle Courtney.

Algum tempo depois, Emily culpava o colar de esmeraldas pelo contratempo que se seguiu. Não tinha ciúme da mulher, disse para si mesma. Onde havia ciúme, devia haver amor, e sabia que não amava Leon. Mas com certeza sentia-se irritada.

Irritada nada! Estava cuspidando fogo. Belle Courtney lhe assombrara a mente desde que lorde Riddley se referira a ela como amante de Devereux. Leon, como Riddley dissera, tinha presenteado a mulher com um valiosíssimo conjunto de pedras preciosas. As esmeraldas ao redor do pescoço de Belle Courtney dariam para comprar dez vezes Carlton House.

Estava exagerando, mas seu humor não lhe permitia ser razoável. Sentia-se furiosa. Tinha sido seu próprio dinheiro que pusera aquelas pedras preciosas ao redor do pescoço de Belle Courtney. Fora sua própria fortuna que fizera de Leon Devereux um financista invejado por todos os seus concorrentes. Antes de se casarem, ele não era nada. Era apenas um fugitivo sem dinheiro da Revolução Francesa. Deveria ser parabenizado por sua ascensão meteórica. Tinha conseguido se casar com uma das herdeiras mais ricas da Inglaterra!

Não havia como conter sua raiva. Emily lembrou-se de que propusera a Leon deixar as diferenças para trás e viver um casamento verdadeiro, mas o marido lhe informara friamente que as coisas continuariam como estavam. Ele não tinha a menor intenção de mudar aquela situação. E agora ela entendia por quê. Sua amante era mais bonita do que qualquer mulher tinha o direito de ser. E mais vulgar.

Mas, com certeza, toda aquela vulgaridade fazia parte de seu charme. Homens!

Havia outros sentimentos que Emily estava experimentando, porém os afastou da mente. Concentrou-se apenas na afronta que estava sofrendo. Nenhum homem íntegro

gastaria a fortuna da esposa para enfeitar a amante daquela maneira.

Quando, por fim, ficou frente a frente com Belle Courtney, Emily sentia-se um caldeirão fervendo de orgulho ferido. A sra. Courtney era toda sorrisos, o que a aborreceu ainda mais.

Foi Claire quem fez as apresentações. Emily sentiu uma certa relutância por parte da cunhada, o que não era de admirar. Deveria estar envergonhada de apresentar a esposa do irmão a amante dele. Leon e Adam tinham ido com outros cavalheiros até os jardins para fumar.

— Estive admirado seu colar a noite toda — disse Emily, mostrando os dentes brancos e perfeitos num belo sorriso. — Deve ter custado uma fortuna.

— Não sei lhe dizer — respondeu a sra. Courtney, tocando o colar. — Foi um presente do... — A voz dela ficou presa na garganta ao notar a expressão exaltada de Emily.

Nesse momento, um cavalheiro surgiu ao lado delas e disse:

— O que está acontecendo, Belle? O que está havendo aqui? — Os olhos da sra. Courtney estavam fixos na jovem arrogante que a olhava como se a quisesse matar. O peito de Emily arfava, suas narinas tremiam.

O cavalheiro franziu o cenho.

— Olhe aqui — disse ele, dirigindo-se a Emily — Se você insultou esta lady...

— Lady! — ridicularizou ela. — Que lady? Meu marido disse que não há nenhuma lady em Nova York, e ele deve saber.

A sra. Courtney ofegou. Claire emitiu um som sufocado de protesto.

— Quem diabos é esta mulher? — exigiu saber o cavalheiro. Foi Leon quem lhe respondeu. Emily se enrijeceu ao sentir a mão do marido segurando-a pelo pulso.

— Drew! — exclamou ele. — Parabéns. Já soube da novidade. Então quer dizer que conseguiu persuadir Belle a fazer aquele longo passeio até o altar! Oh, você conhece minha esposa? Emily, esta é a sra. Belle Courtney, e este é seu antigo e resignado pretendente, Drew Deveril. Deveril — O último nome foi repetido com ênfase. — Houve um tempo em que as pessoas confundiam nossos nomes.

Deveril! Sim, agora Emily se lembrava. Lorde Riddley tinha se corrigido. O nome era Deveril, não Devereux, e ela não acreditara.

Confusa e ruborizada como uma aluna travessa, Emily fitou Claire Dillon, envergonhada. Embora fosse inacreditável, a frieza nos olhos da cunhada se dissipara. No momento seguinte, ela se afastou com um sorriso nos lábios.

Capítulo XIII

Bem mais tarde naquela mesma noite, quando Leon atravessou a porta que ligava seus aposentos aos de Emily, ela percebeu de imediato que o velho humor sarcástico estava de volta. Com certeza ele vinha atormentá-la pelo papelão que fizera durante o baile na City Tavern.

A camareira penteava-lhe os longos cabelos em frente ao imenso espelho de cristal do toucador.

— Deixe que eu faço isso — disse Leon, dirigindo-se à criada. — Pode se retirar.

Nos momentos que se seguiram, o silêncio pesou no quarto, Emily de súbito tomou consciência de várias coisas. Leon vestia uma calça de malha que aderira ao corpo como uma segunda pele, revelando a potência dos músculos das coxas. A luz bruxuleante das velas sobre o criado-mudo dava uma intimidade dourada ao ambiente. A atmosfera tornara-se opressiva. Era difícil respirar. Ela sentia a pele excessivamente quente, como se estivesse com febre.

Deu um salto quando ele se aproximou por trás com a escova em punho. Mas em vez de penteá-la, deslizou-lhe os dedos pelos cabelos macios.

— Seus cabelos parecem seda — sussurrou-lhe no ouvido.

— Quando eu era criança, você me puxava as tranças até doer-me a cabeça.

Leon sorriu apenas com um dos cantos da boca.

— Às vezes penso que nunca vai crescer, Emily. — Ela resolveu ignorar a provocação.

— Se acha que fiz papel de tola essa noite, saiba que você também tem uma parcela de culpa.

— Se fez papel de tola? Oh, eu não teria dúvida alguma sobre isso. — Soltando-lhe os cabelos, deu uma sonora gargalhada e jogou-se sobre a cama.

Emily corou, lembrando-se dos acontecimentos anteriores. Leon dissera com todas as letras que sua mulher invejara o colar de Belle Courtney assim que pusera os olhos nele, e que o importunara a noite inteira para arrancar-lhe a promessa de lhe comprar um idêntico. E assim conseguira aplacar a ira do casal ofendido.

Mas os fatos mais humilhantes aconteceram na carruagem a caminho de casa. Claire Dillon não conseguira disfarçar o riso, mesmo pondo a mão na frente dos lábios. Ela e o irmão trocavam olhares significativos e riam como dois bobos. Emily nunca se sentira tão envergonhada.

— Isso poderia ter sido evitado — ela replicou, mordaz. — Se tivesse me dito que o nome do amante dela era Deveril, e não Devereux. Mas preferiu que eu pensasse o pior.

— O pior? — ele perguntou, franzindo o cenho — E o que é o pior para você?

— Pare com esse joguinho, Leon. Você queria que eu pensasse que a sra. Courtney era sua amante!

— E onde está a esposa que prometeu que não me criaria dificuldades? Que perdoaria minhas levandades? Onde está a esposa que faria vistas grossas às minhas infidelidades? Diga-me, Emily, por que se incomodaria com as minhas amantes? — concluiu, recostando-se na cabeceira da cama.

Ela não sabia por que deveria se preocupar com isso. O fato era que se martirizava.

Encarou-o com os olhos muito abertos.

— Leon... quem é ela?

— E por que eu deveria responder a essa pergunta, minha querida? Depois dessa noite, receio que você arranque os olhos da pobre infeliz. — Aquelas palavras atingiram-na como um raio. Oh, como gostaria de estar em seu quarto em Rivard Abbey, quietinha em um canto, lambendo suas feridas.

No mesmo tom sarcástico, ele prosseguiu:

— Diga-me, Emily, ainda está disposta a ser uma esposa obediente e cordata?

Cordata? Aquela palavra lançou-lhe no cérebro raios nauseantes. Como pudera algum dia ter dito tal barbaridade?

— Eu preferiria morrer — replicou, desgostosa. Pegou a escova e começou a se pentear com vigor. — Pode esquecer que algum dia sugeri tamanho absurdo. Recuso-me a dividir meu marido com outra mulher — concluiu, furiosa.

— Tudo isso são ciúmes, minha cara esposa?

A expressão divertida no rosto másculo foi a gota d'água. Sem pensar, arremessou-lhe a escova, que caiu a centímetros da testa de Leon.

Emily ficou mais chocada do que ele. Jamais perdera o controle daquela maneira. Nunca fora rude com ninguém. E no curto espaço de algumas horas, fizera um espetáculo na City Tavern, e agora chegava às raias da violência! Santo Deus! O que estava acontecendo com ela? Leon, apenas aquele homem tinha o poder de lhe provocar tais reações. Com dedos nervosos, retirou uma mexa de cabelo dos olhos.

O olhar indômito de Leon refletia triunfo.

— Emily — ele murmurou quase num sussurro, segurando-lhe as mãos. — Algum dia terá que acreditar na minha palavra. Eu não minto. Não tenho amante alguma. Quando notei que você duvidava de mim, fiquei furioso. Não vi razão para ficar repetindo a mesma coisa. E como poderia supor que você faria um escândalo com a pobre Belle? — Não conseguiu suprimir o riso que se seguiu.

Emily tentou soltar-se, mas ele não permitiu.

— Foi o colar — ela se justificou. — As esmeraldas. Pensei que haviam sido compradas com o meu dinheiro.

Leon deu um longo suspiro.

— Meu Deus! O que fiz para lhe dar a impressão de ser um canalha? Por que nunca acredita em uma só palavra do que digo?

Como não obteve resposta, suas mãos apertaram-lhe os pulsos com mais força.

— Eu... eu acredito em você — murmurou ela por fim. — Quer dizer... não o conheço. Conheço apenas o garoto cruel que me infernizava a vida quando eu era criança.

— Tem certeza de que eu era mesmo cruel com você, Emily?

— Você sabe que sim.

— Não quero ser cruel com você agora — ele retrucou com olhos de lince. — Deixe-me mostrar-lhe quão gentil posso ser... — A voz masculina era quase um sussurro, que

parecia penetrar-lhe como um sedativo na corrente sanguínea, tornando-lhe a respiração lenta e a cabeça zonha.

Dessa vez, ela sabia que poderia impedi-lo de prosseguir, porém não tinha certeza se queria que Leon parasse. Cada poro de seu corpo ansiava por ele.

Leon ajoelhou-se a sua frente e fez com que os braços dela lhe rodeassem o pescoço. A cabeça de Emily pendia sobre o ombro largo daquele incrível espécime masculino.

— Olhe para mim, olhos de violeta — murmurou Leon num suspiro.

Lentamente, ela obedeceu, até que seus lábios ficaram a milímetros dos dele.

— Sim — disse num fio de voz.

— Está dizendo sim para mim, Emily? — Ela não queria falar. Queria beijá-lo. — Precisa ter absoluta certeza do que quer, pois não haverá retorno. Será minha mulher na verdadeira acepção da palavra. Dividirá minha cama. Farei amor com você sempre que tiver vontade, e nada vai me impedir. Diga sim, meu coração, pois não creio que eu possa parar no ponto em que estou.

Houve um momento de indecisão, durante o qual o coração dele quase parou.

— Sim — repetiu Emily, dessa vez com mais clareza. Uma certeza em seu âmago lhe dizia que se sucumbisse àquele homem, ele jamais a magoaria. Aquele pensamento era tão novo e tão estranho! Encarou-o e viu força de caráter, inteligência e determinação.

O corpo inteiro de Leon começou a tremer em ondas de desejo incontrolável. Antes que ela pudesse mudar de ideia, ele a livrou da camisola, deslizando-a pelos ombros até que os seios ficassem expostos.

Emily estremeceu.

— Não tenha medo, querida.

Medo? Aquela era a última palavra que lhe passava pela mente.

Por um instante os olhares se cruzaram e se prenderam um no outro.

E, de súbito, Emily ficou tímida. Aquilo não era o que desejava. Encontrava-se sentada em frente ao toucador, e Leon estava de joelhos a sua frente. Lançou um olhar suplicante em direção à cama, mas ele não captou a mensagem. Os seios fartos pareciam fasciná-lo. Algo estranho estava acontecendo. Ela podia senti-los avolumando-se. Veias azuis se destacavam na pele alva. E os mamilos pareciam duas cerejas intumescidas. Sentiu-se feia!

— Oh, Deus! Como você é maravilhosa, Emily...

Com a ponta dos dedos, ele seguiu-lhe a trilha das veias da garganta até um dos seios. E aquele movimento a fez sentir uma umidade no centro das coxas, preparando-lhe o corpo para recebê-lo.

Leon soube o momento exato em que aquilo aconteceu. Seus lábios capturaram os dela de forma exigente e frenética. Começou a tirar suas próprias roupas, mas não foi muito longe.

— Quero você agora — gemeu e puxou-a para baixo até que se encaixasse em seus quadris.

E no chão, contra a cadeira, penetrou-a.

— Você gosta disto? Gosta de sentir o poder que exerce sobre mim? — perguntou, sem parar de beijá-la.

Os olhos femininos se encheram de triunfo.

— Sim.

— Você... seu pequeno demônio! — Ele deu uma gargalhada e, livrando-se da calça inconveniente, fez várias investidas, preenchendo-lhe o corpo com o sexo faminto.

A violência com que tomava posse dela era explosiva. A força das mãos masculinas prendendo-lhe o corpo ao dele poderia, ser assustadora. Mas Emily não sentia medo. A masculinidade e a virilidade daquele homem enfeitiçavam-na e encantavam-na ao mesmo tempo.

Tudo acabou em alguns momentos, quando ele parou, soltando um gemido longo e retomando a respiração.

Minutos depois, tomou-a nos braços e, murmurando palavras de desculpas, carregou-a para a cama.

— O que aconteceu? Foi algo que eu fiz? Nunca o vi perder o controle assim.

Entre beijos rápidos nas faces, no nariz, nos cantos dos lábios, Leon murmurou:

— Isso aconteceu por uma série de fatos: expectativa, celibato forçado e esse cheiro feminino que você tem e que é irresistível quando denota que está pronta para me receber.

Encabulada, Emily desviou o olhar. Envergonhava-se daquele cheiro. Não era próprio de uma dama.

Com o polegar, ele ergueu-lhe o queixo para que o fitasse.

— Tolinha — murmurou com ternura — Não há nada para se envergonhar. Você é tão inocente! — Sorriu ante o olhar de surpresa que viu nos belos olhos azuis. — Esqueceu que sou francês? Para nós, não existe melhor fragrância no mundo do que a da mulher amada.

Aquela foi a primeira vez que a palavra amor foi citada entre eles.

Emily não mostrou evidência alguma de haver entendido aquela referência indireta.

Leon pressionou os lábios contra o lóbulo da orelha delicada.

— Gardênia — disse ele. — É muito agradável. — Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, circundou-lhe um dos mamilos com a língua faminta. — Assim é bem melhor, não é mesmo? — Dizendo isso, foi traçando uma linha de fogo até o umbigo e descendo um pouco mais, causando-lhe arrepios pelo corpo inteiro.

Emily não sabia por quê, mas em questão de segundos todas as forças pareciam tê-la abandonado. Sentia-se derreter sob os lábios quentes daquele homem.

Quando, por fim, Leon a penetrou, ela alcançou o clímax quase de imediato, gemendo em convulsões descontroladas, uma após outra, até que se sentisse totalmente exaurida.

Eram os olhos masculinos que agora brilhavam de triunfo, absorvendo cada nuance do rosto inocente encontrando a satisfação plena. Só quando a sentiu relaxada é que se

permitiu perder o controle pela segunda vez, alcançando seu próprio prazer.

— Não fique amuada, querida — disse Leon, mordendo-lhe o lóbulo da orelha. — Assim é melhor. — Apertou-a com mais força para que não lhe escapasse.

— Eu nunca fico amuada.

— Não? E como ficou quando eu a peguei beijando lorde Jeremy.

— Ora, eu tinha apenas catorze anos e não o beijei. Ele é que me beijou.

— Com catorze anos você já deveria saber muito bem...

— Ora essa! Suponho que você com catorze anos já tinha a sabedoria do rei Salomão.

— Não exatamente. Com essa idade beijava todas as meninas que me permitissem fazê-lo.

Aquela conversa teve o efeito de descontrair a tensão. Leon imaginava se seria muito cedo para fazer amor com ela outra vez. Será que o julgaria um animal selvagem?

Emily, por sua vez, refletia sobre as palavras de Adam Dillon. Ninguém sabia o que Leon sofrera quando criança durante a Revolução Francesa, dissera. De repente, outro pensamento invadiu-lhe a mente. Na festa do príncipe regente, William Addison dissera que Leon Devereux era perigoso e de passado suspeito.

Sentando-se na cama, Emily abraçou os joelhos.

Quando o silêncio se tornou prolongado, ele perguntou:

— O que foi, Emily? O que está pensando?

— Estava pensando nas histórias que tia Zoe contava sobre quando vocês eram crianças. Você era o mais novo. Acho que deve ter sido uma criança mimada.

— Pois fique sabendo que está muito enganada. Eu era o único filho. Um dia teria de ser o chefe da família. Minha educação e treinamento começaram quando ainda vestia cueiros. Costumava invejar a liberdade de minhas irmãs.

— Pois não é isso que tia Zoe conta. Ela diz que você deixava sua mãe de cabelos em pé de tantas travessuras.

Ele riu, divertido, deslizando os lábios pelo pescoço de Emily.

— Você sabe demais.

— Não pode negar que era um garoto terrível. Fugiu da escola e não quis vir com tio Rolfe para a Inglaterra da primeira vez. Por que fez isso, Leon? Como sobreviveu durante aquele tempo? Onde ficou naquele ano antes de chegar a Rivard Abbey?

— Meus pais estavam na prisão esperando a sentença de morte. Achei que poderia salvá-los da execução iminente. Foi por isso que fugi da escola. Eu... fiquei... com alguns amigos... Eles tomaram conta de mim.

— Que amigos?

— Por que tantas perguntas, Emily? Nunca demonstrou o mínimo interesse pelo meu passado. Por que isso agora?

Ela encarou-o e percebeu que o olhar daquele homem estava tão duro que a intimidade que haviam acabado de compartilhar parecia nunca ter existido.

— Você não era meu marido antes. Parece-me natural que sinta curiosidade agora. Porque ficou tão zangado? Tem algo a esconder?

A respiração dele era audível. Seu peito arfava.

— Essa parte da minha vida é um livro fechado. Não permito que ninguém o abra, nem mesmo você.

Apesar de não saber o que escondia dela, Emily sentiu que devia ser algo assustador. Leon nunca tivera a preocupação de poupá-la antes. Ao contrário, sentia prazer em chocá-la.

O que quer que tenha feito, devia ter sofrido muito com as consequências e talvez continuasse sofrendo. Ele era apenas um menino quando o terror se instalara na França. Um garoto de quinze anos deveria ser perdoado pelos pecados que cometera.

Emily o acariciou, e Leon ele deu um longo suspiro.

— Você não tem a mínima curiosidade sobre mim? — perguntou ela, tentando relaxar a tensão.

— Conheço-a desde criança. Sei tudo sobre a sua vida.

— Mas não me conhece bem. Quase não foi à Inglaterra nos últimos anos. Muita coisa aconteceu durante esse tempo.

— O quê, por exemplo?

— Bem... por exemplo... Oh, sei lá. Nada de importante, suponho. — Emily não se sentia muito a vontade em dar explicações.

— Eu fui a coisa mais importante que aconteceu na sua vida, minha querida. Quando vai admitir isso?

— Você foi a segunda calamidade que se abateu sobre mim.

— Santo Deus! E qual foi a primeira? — Muito séria, Emily respondeu:

— A morte de meu pai. Ele foi assassinado, sabia? — Nem um traço de emoção surgiu no rosto de Leon.

— Rolfe me contou algo a respeito. Mas você era pouco mais que um bebê. É claro que não se lembra de seu pai.

Emily recostou a cabeça no peito másculo. Os braços fortes envolveram-lhe a cintura. Sem saber por quê, sentiu-se feliz e em paz como nunca se sentira antes.

— Lembro-me como se fosse ontem. Sempre fui mais ligada a meu pai do que a minha mãe. Mamãe tinha Sara para cuidar. Meu pai estava sempre a meu lado. Certa vez prometeu-me ir buscar um pônei para que eu aprendesse a montar. Esperei... esperei e nunca mais o vi. — Deu um longo suspiro e continuou: — Saiu em todos os jornais um pouco antes de você chegar à Inglaterra. Deve ter lido sobre isso. Meu pai foi morto pela bala de um assassino.

— Sim. — Os dedos dele acariciavam-lhe os braços sem parar. Sua expressão era grave. — Sinto muito. Deve ter sido um grande choque para você.

— Quase não pude acreditar. Tio Rolfe não nos contou a verdade. Queria nos proteger. Imagine o choque que tivemos quando vimos a notícia no jornal.

Os braços dele a apertaram involuntariamente.

— Sinto muito que tenha sido um compatriota meu o responsável por essa tragédia. Não tenho como lhe explicar isso. Apenas que naqueles dias a loucura assolou a França. Ninguém que não viveu lá naquela época pode entender o que se passava.

— Meu pai era um cidadão inglês. O que ele tinha a ver com a França? Seu único crime foi ser generoso. Deu dinheiro para boas causas, o que irritou grupos de fanáticos. — Seguiu-se um longo silêncio, e então ela prosseguiu: — Não pense que culpo cada francês pela morte de meu pai.

— Não?

— Não. Sei que você também perdeu seus pais durante a Revolução. São esses fanáticos que eu odeio.

— Tenha cuidado. Essa atitude é o início do fanatismo.

— É errado desejar que esses assassinos tenham o mesmo fim?

— É isso que deseja?

— Claro! Você não?

— Não conhecia esse seu lado tão sanguinário — Leon falou em tom jocoso, tentando aliviar a tensão.

— Não sou sanguinária. Apenas quero que seja feita justiça.

Bem mais tarde, enquanto Emily dormia abraçada a ele, Leon pensava que aqueles dias pareciam tão longínquos, que poderiam ter sido em outra vida. Mas agora voltavam para assombrá-lo.

Capítulo XIV

Passou-se um mês após outro e, quando se deram conta, o Natal já estava chegando e, em seguida, o Ano-Novo. Leon era muito mais feliz do que alguma vez ousara supor que seria. E o crédito dessa felicidade se devia à esposa. Se alguma vez Emily pensara em William Addison ou lamentara a vida que deixara para trás na Inglaterra, jamais deixou transparecer. Adaptou-se tão bem ao novo papel de dona de casa que até parecia feliz com a mudança radical pela qual passara.

Moravam agora em sua própria casa, localizada na rua Cherry, e Emily passara os últimos meses ocupada em mobiliá-la, contratar e treinar serviçais e com tantas outras tarefas necessárias para montar um lar.

Leon entrou no vestíbulo e parou por um momento, inspirando o aroma agradável que vinha da cozinha. Antes que tirasse o chapéu, Emily apareceu para saudá-lo e ajudou-o a tirar o sobretudo.

— Como foi seu encontro com o sr. Roberts? — perguntou ela.

— Ótimo. Vale a pena arriscar. Acho que vou lhe emprestar o dinheiro de que ele precisa para iniciar seu negócio.

— Barcos a vapor? Não consigo nem imaginar tais coisas. — Enquanto falava, ela dobrou com esmero o sobretudo e o colocou nas costas de uma cadeira. — Venha aquecer-se perto da lareira. Você parece meio congelado. O jantar não tardará a ser servido.

Leon tomou-lhe uma das mãos com familiaridade e se encaminharam à sala de visitas.

— Que cheiro maravilhoso é esse? — ele perguntou, desejando prolongar aquele momento de intimidade.

Emily ergueu o nariz arrebitado e fingiu inspirar o aroma, enquanto o marido aproveitou para beijá-la. Rindo, ela se afastou.

— Comporte-se, Leon — ralhou, divertida.

— Minha sobrinha não está aqui? Que milagre! Pensei que a esta altura já tivesse fixado moradia conosco.

— Oh! Você não se incomoda que a menina passe tanto tempo aqui, não é?

— Claro que não. Acho até tocante. Sarah se tornou sua discípula. Copia tudo que você faz. Outro dia, Adam me contou que sua filha, está quase com um sotaque inglês perfeito.

— Eu não tenho sotaque inglês, meu caro. Sou inglesa — Emily retrucou, bem-humorada.

Leon riu, verteu um pouco de brandy em dois cálices e entregou um à esposa.

Enquanto sorviam a bebida e conversavam sobre amenidades junto à lareira, Leon imaginava que aquela intimidade doméstica era-lhe milhares de vezes mais cara do que qualquer evento social ou comercial no qual era obrigado a comparecer.

— Recebi uma carta de minha irmã esta manhã — informou Emily em tom casual.

— E?

— Conta a mesma coisa de sempre. Gostaria de lê-la?

— Não é necessário.

As cartas da cunhada eram bastante previsíveis. Sara não se adaptara à vida de esposa de militar. O marido ficava ausente por longos períodos e ela se ressentia de ter como companhia apenas lady Hester. Tampouco estava feliz com a vida social de Fort York. Tinha poucos amigos e se sentia muito solitária. Implorava que Emily fosse visitá-la.

— Você prometeu a Peter que iríamos ao Canadá visitá-los? — perguntou Emily.

— Devo ter dito algo assim por educação quando nos despedimos na Inglaterra.

— Pois Sara botou na cabeça que isso era certo e espera apenas que lhe informemos a data da nossa chegada.

— Não podemos ir tão cedo. Por que Sara não vem nos visitar? Acho que se sentiria bem mais confortável aqui. Nova York é uma cidade mais cosmopolita. Há muito mais entretenimentos e... — Fez uma pausa. — Não haveria lady Hester para atormentá-la.

Aquele pensamento arrancou um grande sorriso dos lábios de Emily.

— Pobre Sara! — ela exclamou. — Quem diria que Peter tinha parentes tão aborrecidos? Acho que é uma ideia esplêndida. Vou escrever-lhe convidando-a.

No silêncio que se seguiu, Leon observou Emily, absorto em seus próprios pensamentos. Não poderia ir ao Canadá. Por enquanto não houvera incidentes em Nova York. Queria que as coisas permanecessem assim sob controle.

— Você tem vontade de ir ao Canadá? — ele perguntou, cauteloso.

— Não.

Emily pronunciou essa palavra com tamanha ênfase que Leon se encheu de alegria. Se ela desejasse ir, talvez significasse que a vida doméstica em geral ou mesmo a presença dele a aborreciam. Assim, convenceu-se do contrário e um largo sorriso aflorou-lhe aos lábios.

No período de um mês, no entanto, tudo mudou. A carta que Emily pôs nas mãos de Leon não era de Sara, e sim de Peter Benson.

Leon leu-a rapidamente e, em seguida, tornou a lê-la bem devagar. No final exclamou:

— Pobre diabo! Sinto pena dele.

— Concordo que devemos ser solidários com ele, mas é minha irmã que está acamada. É nela que devemos pensar agora.

— Com certeza não está com pena de Sara...

— Claro que estou, você não?

— Essa moça não tem jeito. Que jogo ela pensa estar fazendo?

— Jogo nenhum! Sara adoeceu de verdade, está definhando, como Peter descreveu. Sara está deprimida, Leon. Preciso ir ao seu encontro.

— O que essa garota precisa... — Ele parou abruptamente e meneou a cabeça.

Emily sabia o que o marido estava pensando. Aquele declínio da irmã poderia ser uma manobra para atraí-los ao Canadá. Por outro lado, talvez estivesse de fato doente. Não podia arriscar. No entanto, não externou tais pensamentos. Leon não entenderia.

— Conheço minha irmã. Não importa o motivo. Sei que ela precisa de mim lá. Para a rainha paz de espírito, eu preciso ir — argumentou.

Leon fitou-a como se não a visse. Após um longo intervalo, disse:

— Claro que deve ir. Nós dois iremos. Além do mais, tenho muitos amigos no Canadá. Mataremos dois coelhos com uma só cajadada.

— Velhas amizades?

— Velhas amizades — concordou ele, encerrando o assunto.

Aquele comentário pairou-lhe na mente durante algum tempo. As palavras do marido a alarmaram. Estava escondendo segredos dele e por um momento julgara que Leon descobrira. Caso isso acontecesse, não iriam ao Canadá. Mas, e se a irmã de fato estivesse doente? Ela jamais se perdoaria.

Tal pensamento atormentou-a enquanto aguardava o sono chegar entre os braços fortes de Leon.

— O que é, Emily? O que a está incomodando, querida? É Sara? Prometo que iremos em breve. E eu sempre cumprio minhas promessas — confortou-a, acariciando-lhe os cabelos.

Emily odiava enganá-lo. Por um momento quase lhe confessou tudo, mas ele a abraçou com mais força, e a oportunidade passou, cedendo lugar ao prazer.

Invariavelmente, Emily gritava no auge da paixão. E, em seguida, lágrimas molhavam-lhe as faces. Quase sempre Leon as enxugava com beijos ternos e afetuosos.

— Por que sempre chora? Eu a deixo triste? Fazer amor a deixa triste? — ele perguntou, depositando um beijo no vale entre os seios firmes da esposa.

— Você sabe que não é isso. É apenas... bem... nunca imaginei alcançar esse prazer com...

— Comigo? É o que ia dizer? Maridos e mulheres têm permissão para sentir prazer no leito conjugal, querida.

Emily permaneceu acordada muito depois que Leon adormeceu. Os pensamentos recusavam-se a ceder lugar ao sono. Pensava em seu casamento. Chegara à conclusão de que gostava do marido mais do que deveria. Descobrira também que em muitas coisas fora injusta com ele. Como Adam Dillon, Leon também era um pilar respeitado da sociedade nova-iorquina. Leon Devereux deixaria sua marca na construção daquela cidade.

Emily decidira que os sonhos pueris de amor e a memória de William Addison ficariam enterrados para sempre em seu coração. E, tendo decidido encerrar o passado, descobrira um presente muito agradável. Mas até quando aquela felicidade perduraria?

No passado, Albany fora um importante centro de comércio de peles, convenientemente localizado entre Montreal e Nova York. Agora, era a capital do Estado, e o comércio havia declinado.

Leon chegara de barco. Seu amigo, que fizera a jornada desde Montreal, viera antes dele. Encontraram-se em uma taverna. James Fraser tinha a aparência de um espanhol. Era alto e de pele morena, possuía olhos negros e uma vasta cabeleira negra também. Aquela amizade tivera início durante a universidade na Inglaterra e já perdurava por mais de uma década.

— Eu ia pedir o jantar — informou Fraser. — Você me acompanha?

Leon assentiu.

Os pratos estavam apetitosos. Guisado de carneiro, batatas coradas e cogumelos.

— Refestele-se, amigo. Poderia ser pior. Poderia ser carne de búfalo — brincou James em seu sotaque escocês. O comércio de peles também o tornara um homem rico.

Leon riu, lembrando-se da ocasião em que fora iniciado naquele prato sem paladar, preparado com carne de búfalo seca, sem o qual os comerciantes de peles morreriam de fome.

— Você se esquece que sou francês. Meu paladar é muito mais refinado agora.

— E lady Emily? O paladar de sua esposa é francês ou inglês?

As gargalhadas, Leon respondeu:

— Inglês, mas algum dia pretendo mudar isso. E pode dispensar o tratamento de lady. Afinal, estamos na América.

— Mas eu não sou americano. Por parte de pai sou escocês. Francamente, amigo, considere recusar seu chamado. Os britânicos não são muito populares atualmente. Temo por minha vida. Fala-se em guerra, você sabia?

— Ora essa, você nunca sentiu medo na sua vida — retrucou Leon com um meio sorriso — Está amolecendo, homem?

Fraser também riu.

— Aproveite seu jantar. Falaremos de negócios mais tarde. — Leon obedeceu e durante algum tempo ficaram perdidos em reminiscências dos tempos que passaram em Oxford. Criara-se um forte laço entre eles. Fraser era mestiço, filho de um escocês de uma índia americana, e Leon, um estrangeiro. Aquilo os unia contra os demais estudantes. Para os ingleses, eles tinham sotaques engraçados. Essa superioridade britânica agira como um estímulo para os dois rapazes. Tudo que os ingleses podiam fazer, eles faziam melhor: cavalgavam melhor, duelavam melhor, jogavam melhor, nadavam melhor, bebiam mais...

Enquanto saboreavam seus uísques, Leon pensou que a estrada de Fraser fora mais tortuosa que a sua. Ele, pelo menos, fora aceito pela sociedade americana, enquanto o amigo tinha o pé em duas culturas e se sentia um estranho em ambas.

— O que aconteceu a srta. Prentice? — perguntou Leon. — Na última vez em que estive em Montreal, se não me engano, você estava cogitando se lhe faria a corte ou não. Mas logo em seguida partiu nas brigadas.

— O pai apressou-se em casá-la com um primo antes que eu pudesse chegar a uma conclusão. Parece que nem a minha fortuna encheu os olhos daquele velho avaro que temia entregar a filha nas mãos de um meio selvagem. — Antes que Leon pudesse fazer qualquer comentário, Fraser prosseguiu: — Mas não vim aqui para discutir meus prospectos matrimoniais. Está pronto para ouvir o relato sobre lady Sara?

— Como está minha cunhada? — Leon perguntou sem muito interesse.

— Ficará contente em saber que teve uma notável recuperação. Mas isso era de esperar, já que pus um fim à ração diária de sedativos que estavam lhe enfiando goela abaixo.

Leon franziu o cenho, sobressaltado.

— O quê?

— Parece que a camareira estava lhe ministrando pequenas doses de narcóticos. Não o suficiente para matá-la. Apenas para induzir um transe ou uma melancolia profunda.

— Deus do céu! Parece que fui injusto com Sara. O que aconteceu à serviçal? O que ela disse?

— Nada. Não foi encontrada. Quando introduzi meu próprio agente na casa, a moça tomou um chá de sumiço. Mas não se preocupe. Se voltou para o seu pessoal, vou encontrá-la.

— E Sara? Está de fato melhor?

— Já lhe disse que teve uma recuperação miraculosa. A pobre moça nem sabe o que lhe aconteceu. Pensa que estava ficando insana.

— Danação! Pensei... eu achei... — Leon meneou a cabeça. —, Deveria ter me preparado para algo assim.

— Você deve suspeitar de alguma coisa, ou não teria me envolvido. Estou ansioso por ouvir a história. Qual é o segredo, Leon? E por que alguém está tentando envenenar lady Sara?

Leon deu um longo suspiro.

— Vou lhe contar coisas que ninguém mais pode saber. Você tem razão. Tenho uma suspeita de que há alguma conspiração por trás da doença de Sara. Se fosse possível, eu iria pessoalmente a York investigar, mas não ousaria deixar minha esposa desprotegida. Temos que ir juntos, e isso significa que precisamos esperar que os rios fiquem mais navegáveis. Emily não é como nós, James. Quando viaja, o faz em grande estilo. — O amigo soltou uma gargalhada.

— Posso imaginar.

— Tenho motivos para supor que alguém quer me ver morto — informou Leon, muito sério. — Já houve dois atentados contra a minha vida, talvez três. O que me preocupa, no entanto, é que minha esposa e sua irmã também podem ser alvos. — Parou abruptamente e aguardou um comentário do amigo, que permaneceu calado. Era um homem vivido que conhecia o valor do silêncio. Em seguida Leon prosseguiu: — Esses ataques ocorreram na Inglaterra. Minha esperança na que parassem se eu viesse à América. E isso aconteceu, ou assim pensei, até alguns momentos atrás, quando soube a respeito de Sara. Não sei o que pensar agora. Esse é o segundo acidente envolvendo minha cunhada. O primeiro foi em Londres. Naquela ocasião, tinha certeza de que o alvo era eu. Agora não tenho mais certeza de coisa alguma. Estou num dilema. Não sei o que fazer, exceto que preciso manter as duas irmãs protegidas até desvendar todo esse mistério.

Fez uma pausa e continuou:

— York fica praticamente na porta da sua casa, James. Conto com a sua ajuda para manter Sara em segurança.

— Pode ficar sossegado quanto a isso — respondeu de pronto o amigo. — Se depender de mim, nenhum mal acontecerá e ela.

— Obrigado. Como lhe disse, assim que puder, viajarei com minha mulher para York.

— E se houver algum problema?

— Então terei de mandar as duas para um local seguro, mesmo que isso signifique sequestrar Sara.

— Levá-la contra a vontade? Por que simplesmente não conta a verdade a ambas?

— Pelo simples fato de que não sei qual é a verdade.

— Agora está tergiversando. Se a vida delas está em perigo, elas têm o direito de saber.

— E o que quer que eu lhes diga? Que a melancolia de Sara foi induzida por

narcóticos administrados por uma criada? Que os incidentes que nos aconteceram eram atentados deliberados para ferir-nos ou coisa pior? Que os meus instintos devem ser levados em consideração? Pensariam que estou perdendo o juízo e começariam a fazer perguntas para as quais não tenho respostas.

— Compreendo. Não quer que saibam que é um homem marcado. Quem está atrás de você, Leon? Deve ter alguma ideia.

A hesitação foi breve.

— Parece que os pecados que cometi na juventude voltaram para me assombrar. Sempre temi que isso acontecesse. Suspeito que um assassino, ou assassinos, foi pago para me matar. Por outro lado, isso não explica os infortúnios ocorridos a Emily e a Sara. Portanto, eu não estava mentindo quando lhe disse que não sei qual é a verdade.

Por alguns minutos os dois cavalheiros permaneceram em silêncio.

— E o que vai fazer? — perguntou Fraser por fim.

— O que quer que seja, preciso da sua ajuda.

— Pode contar comigo. Mas existe uma coisa que não faz o mínimo sentido. Como vocês três poderiam ser alvos? Há algo errado aqui.

— É justamente o que estou tentando lhe dizer.

— Já pensou que pode-não ser você o objetivo deles? Afinal, as irmãs são herdeiras de uma considerável fortuna. Quem lucraria com a morte delas?

— Já considerei esse aspecto — respondeu Leon. — A fortuna ficaria para a irmã sobrevivente, a menos que existissem filhos. Pode acreditar que o meu cérebro vasculhou cada beco desse labirinto em busca de respostas. E a única forma de descobrir quem é o verdadeiro alvo é pelo processo de tentativa e erro. Agora, conte-me o que pretende fazer para proteger Sara.

Capítulo XV

A lembrança da viagem até York permaneceria por um longo tempo na memória de Emily. Ela sabia que as distâncias entre as vilas no Novo Mundo não podiam ser comparadas com as da Inglaterra. Mas nada a preparara para o vazio daquele vasto continente.

A maior parte da jornada fora feita por água. Primeiro atravessaram o rio Hudson e, em seguida, o Mohwak. O silêncio das florestas enervava-a. O isolamento assustava-a. Imaginou que o mundo devia ter sido assim quando Adão e Eva receberam o domínio do paraíso.

A comitiva era cômica. Enquanto os cavalheiros se vestiam com roupas, adequadas à inóspita viagem, Emily trajava-se na última moda, com um vestido de seda clara e ostentava um guarda-sol, como se estivesse atravessando o rio Tamisa.

Os índios que encontravam pelo caminho admiravam-na como se estivessem diante de um animal raro. Ela, por sua vez, também estava curiosa quanto a eles. Mas quando tomou conhecimento, por meio de um dos guias, que alguns índios não se limitavam a olhar e talvez tentasse raptá-la, ficou apavorada.

— Você vale o seu peso em peles — brincou Leon ao passarem por um grupo de índios.

— Não vejo motivo algum para gracejos — ela retrucou, amuada. — Nós somos tão poucos, e eles são tantos... O que os impediria de pegar o que quiserem?

— Eu os impediria, querida. Conheço quase todas as tribos da região. Não há motivos para temer, mesmo sendo uma linda mulher de cabelos cor de ouro. Confie em mim. Sei o que estou fazendo.

Por mais estranho que pudesse parecer, Emily confiava nele. Leon parecia tão à vontade naquelas terras selvagens quanto em um salão de baile de Mayfair.

— Nós vamos a Montreal? — indagou ela. A pergunta parecia inocente.

— Não será necessário — ele respondeu, sucinto.

— Mesmo assim, gostaria de conhecer essa cidade. — A sugestão não soou nada inocente. Emily o estava testando.

— Não seria conveniente — Leon cortou com rispidez e, em seguida, suavizou o tom: — Não sei se terei tempo. Não sou homem de lazer. Enquanto você visita sua irmã, pretendo manter-me ocupado. York é a capital do Alto Canadá. Como financista, estou interessado nas oportunidades de investimento que podem ser encontradas aqui.

Emily pressentiu um mistério no ar. Leon não queria que ela fosse a Montreal. Por quê?

Apesar de, em 1812, York ser a capital do Alto Canadá e a sede do governo britânico, aos olhos de um recém-chegado da Inglaterra, aparentava ser primitiva além da imaginação. Seus prédios variavam de cabanas de madeira a espaçosas mansões georgianas. A população ainda não alcançara a casa dos mil, e uma vasta maioria era composta de funcionários do governo.

Emily ouvia desatenta, enquanto Leon tentava preparar-lhe o espírito para a decepcionante realidade de York. Encontravam-se a bordo de uma pequena escuna que os levaria de Oswego à parte americana do lago Ontário, no último trajeto da longa jornada. Contudo, ela não estava desapontada, e sim curiosa. Mesmo daquela distância podia vislumbrar as linhas de uma densa floresta.

Por fim a escuna aportou e Emily observou, fascinada, o burburinho de homens, cavalheiros e índios que circulavam pelo cais. Não esperava que alguém viesse buscá-los, pois ninguém sabia ao certo quando chegariam. Sendo assim, espantou-se ao notar que o marido cumprimentava efusivamente um estranho e, ao que parecia, guiava-o em sua direção.

— Deixe-me apresentar-lhe James Fraser. James e eu fomos colegas de faculdade. É um dos sócios da New West Company.

Emily tinha consciência de um par de olhos negros que a examinavam com minuciosa atenção.

— Lady Emily — disse o estranho, fazendo uma reverência no estilo inglês e

tomando-lhe uma das mãos. — Permita-me ser o primeiro a dar-lhe as boas-vindas a Toronto.

— Toronto? — ela inquiriu, curiosa.

— É o nome indígena de York — explicou o marido. Enquanto conversavam, James guiou-os até uma carruagem que os aguardava. Por meio de fragmentos de diálogo, Emily deduziu que James Fraser tomara conhecimento do dia da chegada deles havia algum tempo. A bagagem e as caixas foram por fim trazidas, e eles iniciaram a viagem até a rua Frederick.

A casa em que Sara vivia era uma edificação bem-proporcionada de dois pavimentos. Emily não esperou pelos cavalheiros. Quando sentiu os pés tocarem o chão firme, correu até a porta, que foi aberta por um mordomo inglês. Aquilo tomou-a de surpresa, pois lembrou-se de que Sara em todas as cartas reclamava da escassez de serviçais treinados em York.

O criado guiou-os até a sala de estar.

— Hester! — exclamou Emily, aproximando-se com as mãos estendidas.

Lady Hester era uma bonita mulher na casa dos trinta. Magra e ereta, dava a impressão de ostentar uma coroa na cabeça em lugar do chapéu de laços. Suas feições eram refinadas, como tudo que a cercava. Emily pôde descobrir por que a irmã tomara birra da cunhada. Qualquer moça da sua idade se ressentiria das imposições que tal dama de companhia imporia. Ainda mais uma pessoa rebelde como Sara.

Lady Hester cumprimentou-os com educação, perguntando como fora a viagem.

A acolhida pouco calorosa mudou no momento em que Sara entrou nos aposentos. Atravessou a sala em questão de segundos e jogou-se nos braços da irmã. Só após os cumprimentos emocionados, com todos falando ao mesmo tempo da felicidade de estarem outra vez reunidos, Emily tomou consciência de outra presença na sala. Um cavalheiro aguardava pacientemente ser notado. Sara começou a dizer algo, porém Hester cortou-a com um sorriso.

— Há alguém aqui ansioso por revê-los. — Era William Addison.

Emily estava preparada para aquela situação. Esse era o segredo que escondera do marido. A despeito disso, a mão delicada que William tocou tremia qual uma folha ao vento.

E então, de súbito, a reação de desagrado de Leon já não importava para ela. Afinal, não pensava em William como um amor perdido, seus sentimentos eram bem mais complexos. Considerava-o um amigo querido. O melhor que a Inglaterra tinha a oferecer. Suas mentes, suas opiniões eram muito parecidas. De repente, se deu conta da enorme tensão por que passara nos últimos meses.

Na América, por mais que tentasse se adaptar, era uma estrangeira. E para piorar a situação, a cunhada não gostava dela. Naquele momento sentia-se entre sua gente.

Quando, por fim, Emily encarou o marido, soube que ele já tinha somado dois mais dois.

— Leon, você se lembra de William Addison? — ela perguntou, mantendo o tom de voz calmo.

Mais tarde não conseguia se lembrar dos primeiros minutos de conversação. Sabia

que todos tentaram manter o tom cordial de civilidade. Porém, por trás da capa de educação, Emily sentia a raiva contida do marido. Fora um alívio quando o chá foi servido e todos tiveram um pretexto para se manter ocupados? Notara que a irmã de Peter era a verdadeira dona da casa Sara, uma mera figurante. Talvez devido à doença que a acometera, pensou, os papéis tivessem sido invertidos.

Foi James Fraser quem abordou o motivo da presença de William em York.

— O sr. Addison está aqui em uma missão de reconhecimento — comentou. — Foi designado para avaliar nossas tropas. Tudo é do seu interesse. Até os índios.

— Índios? — inquiriu Leon, pousando a xícara de chá. William corou ao notar um traço de escárnio no tom de Devereux.

— Não estou aqui em missão oficial. Sou um mero visitante inglês e; como tal, tenho interesse nas condições locais.

— Desculpe-me — disse James. — Mas entendi que era um representante do governo do seu país.

— Apenas informalmente. Isto é, quando souberam da minha intenção de visitar York, me pediram que mantivesse os olhos e ouvidos bem abertos. Isso é tudo.

— E o que o trouxe a York? — indagou Leon com frieza. Lady Hester tomou para si a tarefa de responder àquela pergunta.

— William é nosso primo. O senhor não sabia?

— Seu primo?

— Nossas mães eram primas — corrigiu William.

— Eram como irmãs — acrescentou Hester. — E quando crianças, ele e Peter eram inseparáveis.

— Inseparáveis? — William deu uma risada. — Na escola, ele me seguia como uma sombra.

Nos minutos que se seguiram, a conversação prosseguiu sobre trivialidades, aliviando a tensão que se criara.

— Entendi por suas cartas que os serviços aqui eram escassos.

Apesar de Emily dirigir o comentário à irmã, foi Hester quem respondeu:

— O sr. James teve a bondade de nos conseguir um achado, indicando-nos Paterson. Após a sua chegada, nada mais sumiu desta casa.

— Quer dizer que os criados estavam roubando? — Emily perguntou, chocada.

— Apenas uma moça estava envolvida e furtava apenas bricabraques.

— E o que aconteceu a ela?

— Nada. Ela era índia. As autoridades não podem fazer nada contra os índios. Eles se embrenham nas florestas e ninguém mais consegue achá-los — informou Hester.

Aquela referência deu aos cavalheiros a oportunidade de retornarem a discussão.

— Parece uma estranha maneira de promover a paz... — comentou Leon. — Fornecer aos índios armas e munições.

Emily já ouvira aquele argumento antes. Quando os americanos não responsabilizavam os ingleses pela pirataria em alto-mar, culpavam-nos de armar os índios, que eram hostis aos colonizadores americanos. Jamais soubera como responder a tais acusações. Agora ouvia com atenção a explicação de William.

— Historicamente, os índios são nossos aliados. Temos tratados com eles. Fornecemos-lhes armas e munição há anos. Por que deveríamos parar agora?

— Oh, eu e todos os americanos estamos cientes do que vem acontecendo durante todos esses anos. No momento são os colonizadores americanos que estão sendo massacrados. Um dia, poderão ser os colonizadores britânicos. E ninguém poderá ser culpado, senão vocês mesmos — replicou Leon.

William deu um sorriso forçado.

— Seus colonizadores estão tentando invadir terras indígenas, e o seu governo os encoraja. Esse é o motivo da represália.

— James, o que acha disso? — A pergunta foi feita por Sara.

— Sou um mercador de peles — respondeu ele. — Nesse conflito, endosso os interesses dos indígenas.

— Em suma, age em interesse próprio — disse Leon.

— Claro — respondeu James, e todos riram.

Emily estava consciente da ira do marido. Sabia que ele esperava o momento certo para despejá-la sobre ela. E preferia que isso acontecesse logo. Afinal, devia-lhe uma explicação do porquê ter escondido a presença de William em York. Mas parecia que aquilo não aconteceria tão cedo. Apesar de sentir sua hostilidade chegar em ondas até ela, Leon a tratava com esmerada educação, como se fosse uma estranha. Até mesmo quando estavam a sós, jamais mencionava o nome do sr. Addison. Estava certa, porém, de que aquela pequena omissão de sua parte fora um ultraje grave aos olhos do marido.

À hora do jantar, para seu alívio, William Addison não estava presente. Tinha um compromisso com alguns amigos. A tensão de conversar com Addison sob o olhar inquisitivo de Leon fora poupada.

Durante o jantar Emily teve oportunidade de observar Sara e Peter juntos e pareceram-lhe dois estranhos. Na verdade Sara mal podia disfarçar o desprezo pelo marido. Notou também outros detalhes: Hester era a grande dama. Todos os assuntos relacionados à casa eram levados a ela, e Sara não demonstrava sinal algum de se ressentir com aquilo. Notou também que raramente a irmã dirigia a palavra a Leon e nem sequer olhava em sua direção. O que a fez especular se a irmã teria enfim superado a paixão infantil que nutrira por ele. Tampouco deixou de estudar o marido. Naquele momento, seus olhares se cruzaram e Emily pôde ver desdém nos olhos negros.

Peter e James estavam envolvidos em uma animada discussão sobre o comércio de peles. Pela primeira vez Emily soube que James tinha sangue mestiço. A mãe dele e seus irmãos mais novos moravam em uma casa que o pai construía às margens do lago Huron. Pensou que gostaria de visitá-los e fez a sugestão.

— Nenhuma mulher branca jamais pisou naquelas terras — disse James, rindo e meneando a cabeça. Não existem estradas, apenas algumas trilhas, e nós viajamos de canoa.

— Mas você se referiu a vizinhos e famílias que os visitavam quando eram crianças — argumentou Emily.

— Eram famílias de comerciantes de peles e, em todos os casos, suas esposas eram de origem indígena.

Peter estava esperando por Sara quando ela saiu da cozinha.

— Foi um jantar esplêndido. Estou orgulhoso de você.

— Não sei por quê. Deveria agradecer a Hester.

Ela seguiu-o até a sala de visitas, onde ainda restavam algumas brasas na lareira. James Fraser já se despedira havia algum tempo, e os demais convidados haviam se recolhido aos respectivos aposentos.

— Acho que vai precisar apresentar sua irmã à sociedade de York. Devemos oferecer jantares e bailes. E também aceitar os convites para jantar. Não seria justo com Emily mantê-la só para você.

— Sei muito bem quanto devo à minha irmã — respondeu Sara, fria.

— Então concorda que deve fazer um esforço para apresentá-la aos nossos amigos?

— Enquanto Emily e Leon estiverem conosco, serei uma borboleta sociável. Se você estivesse aqui, saberia que Hester e eu organizamos um calendário de eventos para as próximas semanas.

— Sara, eles não ficarão em York para sempre. E quando se forem, você voltará a se enclausurar? Não podemos deixar nossas diferenças para trás? Seria tão mais fácil para todos nós. Como acha que me sinto quando tenho de inventar desculpas para as ausências de minha esposa? Se ao menos fizesse um pequeno esforço para se adaptar.

— Como Hester, por exemplo?

— Sim. Como minha irmã. Acha que ela prefere York à Inglaterra? E no entanto, não faz uma cara de desapontamento para tudo.

— Você é muito ligado à sua irmã, não é mesmo?

— Claro — ele respondeu sem hesitar. — Hester foi quase uma mãe para mim.

— E agora está sendo quase uma esposa para você.

— Que coisa terrível de se dizer, Sara!

Ela sabia que não estava sendo razoável, mas não conseguia controlar-se!

— Tudo tem que ser tratado com ela.

— Porque você ficou doente. Já imaginou se Hester não estivesse aqui? Você poderia ter morrido.

— É muito cômodo para você, não é? Uma irmã para cuidar da casa, uma amante...

— Se desempenhasse seu papel de esposa, eu não precisaria procurar uma amante — Peter retrucou, irritado. — Além do mais, essa mulher não significa nada para mim.

Seguiu-se um momento de tensão.

— Tenho certeza de que todos os maridos levianos dizem o mesmo. Não estou

tentando determinar culpas. Como disse, se eu fosse uma esposa de verdade... — Fez uma pausa. — Você ainda me quer, Peter? — Ele a encarou sem palavras, a expressão tensa. — Prometa-me que retornaremos à Inglaterra e poderá voltar a minha cama ainda esta noite — suplicou Sara.

— Você não é melhor que uma prostituta, sabia disso?

— Por quê? Por me recusar a criar filhos neste país selvagem? Por que me mantém aqui contra a minha vontade? Não suporto este chiqueiro. Poderíamos viver em grande estilo em Mayfair. Tenho dinheiro suficiente para manter-nos.

— Sara, tente ver as coisas do meu ponto de vista. Pela primeira vez na vida sinto que estou alcançando algo. Se ao menos nos desse uma chance...

Após uma longa pausa, ela disse:

— Não sei quanto tempo mais poderei aguentar. Às vezes tenho medo de enlouquecer ou morrer.

— Sara, pelo amor de Deus! — E após alguns instantes: — Está bem. Pensarei em alguma coisa.

— Quer dizer que... eu poderei voltar para casa?

— Eu preciso permanecer aqui. E, de qualquer forma, não teria possível na atual conjuntura. Com a ameaça de guerra e tudo mais. Mas pensarei em alguma coisa. É tudo que posso prometer-lhe por enquanto. — Encarou-a com tristeza e prosseguiu: — Você nunca sentiu amor por mim, não é mesmo?

— Eu... eu... gosto muito de você — disse Sara, desviando o olhar.

Peter se levantou devagar. Parecia mais maduro e resignado.

— Vejo-a pela manhã — disse ao retirar-se.

Amor! Sara não desejaria aquele sentimento ao pior dos inimigos. Toda a vida sofrera os efeitos devastadores de um amor não correspondido. Pobre Peter! Sabia que ele a amava e também sofria por isso.

Certa vez pensara que poderia moldá-lo a sua maneira. Mas isso não acontecera, pois o major Benson encarara a vida no Exército como um pato na água. Os olhos de Sara vagaram pelo aposento. A mobília havia sido adquirida em um leilão de uma família que retornara à Inglaterra. Como invejava aquela família!

Emily havia demonstrado admiração pela mobília assim que chegara. Mas também ela era fascinada por cada aspecto da vida colonial. Sara meneou a cabeça. Houvera um tempo em que julgava a irmã mais refinada, urbana demais para aquela vida selvagem no do Novo Mundo. Como conseguia vislumbrar algo de bom naquele local inóspito?

Contendo as lágrimas que teimavam em descer-lhe pelas faces, apagou as velas e subiu a escada que levava a seu quarto.

Emily sabia que chegara a hora de explicar ao marido o motivo de ter escondido a presença de William em York. Enquanto a criada circulava pelos aposentos, dobrando as roupas de cama, ela deliberava sobre qual seria o melhor caminho a seguir. Uma coisa era certa: teria que dizer a verdade. Por outro lado, temia que, se Leon descobrisse a extensão de sua estupidez, a intimidade que agora compartilhavam ficasse de tal forma abalada que jamais voltasse a ser como antes.

Assim que ele entrou, Emily sentiu a acidez de seu tom de voz ao dispensar a camareira.

— Sara está um pouco mais magra e um tanto pálida — comentou ela, clareando a garganta. — Mas parece ter recuperado a saúde. Peter não tinha palavras para agradecer a nossa presença. Disse que a expectativa da nossa chegada foi o fator decisivo para a cura de Sara.

Leon andava pelo quarto qual uma pantera enjaulada, enquanto Emily esfregava as mãos, sentada na beira da cama.

— Por que não me disse que Addison estava aqui? — inquiriu ele.

— Você sabe por quê. Temia que me impedisse de vir.

— E por que acha que eu faria isso?

— Eu estava preocupada com Sara, e você relutava em deixar-me vir. Não quis lhe dar uma razão a mais para proibir minha vinda.

Havia outro motivo mais concludente para que ela não viajasse. Suspeitava de que estava grávida e conhecia o marido bem o bastante para saber que nada o persuadiria a fazer aquela jornada em tais condições.

— Isso foi tudo? — perguntou ele, estreitando as sobrancelhas. — Emily, o que está me escondendo?

— Se tivesse se dado ao trabalho de ler as cartas de minha irmã, teria descoberto que William se encontrava aqui — respondeu muito calma. — Não era segredo algum. Se omiti o fato, foi por saber como você se sente em relação a ele. — Fez uma pausa. — Ainda não me disse quais foram as suas impressões a respeito de Sara.

— Não há motivo para se preocupar com sua irmã. Ela já está totalmente recuperada.

Por um momento Emily teve a incômoda sensação de que o marido brincava de gato e rato com ela. Fitou-o bem dentro dos olhos e resolveu mudar de assunto.

— Tio Rolfe dizia que Hester tem opinião formada sobre tudo, e agora descobri o que ele queria dizer. Ela considera os índios estrangeiros em seu próprio país. Eu nem ousei encarar James quando Hester fez esse comentário.

— Por quê?

— Ora, porque é depreciador. Parece que ela se sente um ser superior.

— Já ouvi inúmeras vezes você usar essa mesma palavra para descrever-me — retrucou ele.

— Quer me castigar pelos pecados da juventude. Você... seu... seu...

— Estrangeiro — concluiu Leon. — Ou ia dizer francês?

Emily levantou-se com a intenção de fazê-lo ouvir sem interrupção o que tinha a dizer. Aquele movimento impulsivo jogou-a de encontro a ele, que, com a agilidade de um gato, impediu-os de cair no chão. Agarrando-a pelos pulsos e virando-se, conseguiu que despencassem sobre a cama, com Emily por cima dele.

Tirando vantagem daquela posição, ela soltou os pulsos e espalmou as mãos nos ombros do marido, prendendo-o de encontro ao travesseiro.

— Se existe algo que abomino são pessoas terminando minhas frases. Tive uma governanta que fazia isso e quase me levava à loucura. Agora vai me ouvir, Leon Devereux. Eu não ia dizer "estrangeiro".

— Não?

— Não. Não penso em você como um estrangeiro. Faz mais de dez anos que joguei isso na sua cara. Não compreende que eu era apenas uma criança?

— Mas foi você quem começou esse assunto, referindo-se ao comentário de Hester. Por que fez isso?

— Não ia chamá-lo de estrangeiro. O que eu tinha em mente na algo como... monstro. — Leon deu uma gargalhada, e ela prosseguiu: — Você é muito suscetível. Detesta que o lembrem de que é francês. Não sei por quê, já que nasceu na França.

— Estou ficando com câimbras no pescoço, permite que me sente? — perguntou ele em tom jocoso.

— Desculpe-me — Emily Tentou sair de cima de dele, porém foi impedida por dois braços fortes que a enlaçaram pela cintura.

— Estava dizendo que devo orgulhar-me de ser francês? Era impossível ficar indiferente à poderosa virilidade embaixo dela. Fascinada pela sensualidade daquele olhar penetrante, vasculhou a mente à procura de algo que fizesse algum sentido.

— Sim... quer dizer, se não existisse a França, o mundo teria menos cultura. Pense em todos os filósofos, escritores e artistas.

— Neste exato momento, meus pensamentos não são tão elevados. — Emily não conseguia concentrar-se no que ele dizia, pois mãos experientes afagavam-lhe as costas e desciam em movimentos circulares até suas nádegas. — Naturalmente, quero preservar o melhor da minha herança francesa. — Continuou tão próximo que ela podia sentir o calor da respiração dele em sua boca, o que a deixava tonta, como se tivesse bebido uma taça de vinho. — Posso apresentar-lhe meus dotes franceses? — ele concluiu capturando-lhe a boca em um beijo profundo.

Quando a soltou, o máximo que Emily conseguiu fazer foi menear a cabeça em sinal afirmativo.

Leon recompensou-a com um largo sorriso e então beijou-a outra vez, enquanto suas mãos deslizavam por entre as coxas macias de Emily.

— Les plaisirs d'amour — murmurou contra os lábios dela. — Para um francês, é a única coisa que conta. — Enquanto falava, deslizava os lábios até a graciosa curva do pescoço delicado. — Diga que sim, meu amor. Deixe-me mostrar-lhe os prazeres do amor

à maneira francesa.

Precisou balançá-la para arrancá-la do transe e obter uma resposta afirmativa. Em seguida, olhos nos olhos, deitou-a de costas e livrou-a de ambas as roupas de dormir.

Emily sempre sentira prazer em fazer amor com o marido. No entanto, percebia que Leon impunha certos limites a si mesmo para não chocá-la. Costumava deixar que ela ditasse o ritmo do ato de amor. Algumas vezes ficara tentada a pôr aquele controle à prova. Tal pensamento excitava-a, mas ao mesmo tempo alarmava-a. Naquele momento, porém, não havia nenhum limite ou restrição.

A paixão desenfreada do marido atordoava-a. Jamais fora assim antes. Não lhe deixava nenhuma defesa. Não havia o entendimento implícito de que deveria prosseguir ou parar. Dessa vez ele impunha sua vontade. Estava no controle. E como era experiente!

Se não obtivera a certeza antes, agora não tinha dúvida. Leon era um mestre na arte da sedução. Não havia nenhum gesto feminino de recusa que não fosse transformado em um "sim". Ele era o amo e ela, a escrava.

Leon parecia insaciável. Queria tudo dela. Mesmo assim, Emily tinha certeza de que ele teria parado se detectasse o mais leve traço de repulsa de sua parte. No entanto, sua resposta às carícias dele parecia inflamá-lo e excitá-lo cada vez mais. Como se todos os anos que aguardara por ela culminassem agora em uma explosão de prazer.

Foi a primeira vez que Emily lhe concedeu inteira liberdade sobre seu corpo. Mas aquilo não parecia satisfazê-lo. Queria muito mais. Queria que ansiasse por ele na mesma intensidade em que ele a desejava.

Puxou-a até que ficasse sentada e então disse-lhe o que queria que fizesse. Emily não pareceu entender. Não costumava tomar a iniciativa de dar prazer ao marido. Então Leon mostrou-lhe como era fácil excitá-lo.

Por um momento seus olhares se cruzaram. E naquele instante Leon julgou que estava indo depressa demais. Foi então que Emily o empurrou de encontro aos travesseiros e tornou-se desinibida, de uma forma que ele jamais julgara que ela pudesse ser. Era uma aluna nota dez com louvor, pensou o marido.

Por um instante Emily alarmou-se quando ele a virou de bruços e a penetrou sem aviso. Leon foi mais rude do que pretendia, como se quisesse puni-la ao tomá-la com uma violência da qual não julgava ser capaz. Mas, para sua surpresa, a esposa correspondia. Não submissa, porém tomando tanto quanto oferecia. Era glorioso!

Mais tarde, totalmente exaurido, deitado ao lado daquela mulher maravilhosa, a consciência pesou-lhe. Afinal, era muito mais forte. Será que a machucara? Ela teria ficado assustada? Forçara-a a fazer algo contra a vontade? No auge da paixão, ele poderia ter confundido a natureza dos sons que escapavam da garganta de Emily e as pequenas mordidas e arranhões que lhe dera no pescoço e ombros. Estaria tentando se libertar dele, e sua estupidez confundira aquilo com paixão?

— Emily? — chamou, temeroso.

Virando a cabeça no travesseiro para vê-lo melhor e perplexa com o que acabara de acontecer, ela murmurou:

— É assim que marido e mulher agem na França?

Um alívio profundo quase o fez rir alto, antes de se lembrar de que a esposa

acabara de aprender uma lição que jamais esqueceria.

— Como posso saber? — Leon disse, saindo da cama e começando a vestir-se. Em seguida pegou a camisola dela e entregou-a. — Vista isto.

Os olhos de Emily continuavam enevoados, como se estivesse de ressaca.

— Mas você disse...

— Eu sei o que disse — cortou ele. Com um dedo levantou-lhe o queixo, fazendo-a encará-lo. Não havia nenhum traço de romantismo em seu olhar. — Agora, podemos voltar ao assunto que estávamos discutindo antes? Você e William Addison estavam escondendo algo de mim. O que era?

— Como pode me perguntar sobre William num momento como este? Depois... depois... do que aconteceu entre nós?

A gargalhada que Leon soltou era de escárnio.

— Emily, conheço-a bem demais. Levei anos estudando-a. Seus truques podem ter dado certo com o seu tutor, mas não funcionam comigo. Você queria distrair minha atenção, e eu permiti, mas agora estou esperando uma explicação.

Ela não estava preparada para dar-lhe explicação alguma. Não naquele momento, quando tremia de indignação.

— É verdade... eu estava tentando distraí-lo, mas não pode pensar que tentei seduzi-lo. Isso nunca me passou pela cabeça.

— Acredito, minha querida, porque eu consegui distraí-la primeiro.

Os olhos cor de ametista brilhavam de ira. Leon achou aquele fenômeno muito interessante.

— Amor à moda francesa! — explodiu Emily. — Um animal é o que você é.

— Concordo, minha doce esposa. Tirei vantagem de você. Mas, afinal, um homem tem suas fantasias. Fico imaginando até onde você iria. — Fez uma pausa, observando a expressão de indignação de Emily. — E deixe-me dizer-lhe outra coisa. Nunca concretizei minhas fantasias com nenhuma outra mulher. Afinal, onde encontraria uma parceira de paixão a sua altura?

Emily estava dividida entre a vontade de gritar e de atirar-lhe um objeto pesado.

— Vamos voltar ao assunto que estávamos discutindo — replicou ela, mordaz. — William Addison jamais se aproveitaria de uma pobre dama indefesa.

— Verdade? Acredito. Aliás, ousaria dizer que ele calça luvas antes de levar uma mulher para a cama. E tem mais, Addison correria a quilômetros de distância se soubesse do que você é capaz de fazer. Agora, Emily, estou aguardando uma explicação. Chega de evasivas.

Ela permanecia sentada na cama, abraçando os joelhos.

— Foi tudo tão inocente! William me escreveu uma ou duas vezes, enquanto estávamos em Nova York. Não havia nada nas cartas que eu não pudesse mostrar a qualquer pessoa.

— Ainda assim, não me mostrou carta alguma — retrucou ele.

Ela esperava que Leon explodisse de raiva quando soubesse que se correspondera

com o amigo. Afinal, a maioria dos maridos talvez agisse da mesma forma. Engolindo o orgulho, disse:

— Errei em não lhe contar sobre as cartas. Mas achava que talvez jamais viesse a descobrir. Quando respondi às cartas de William, disse-lhe que não deveríamos mais nos corresponder.

— Mas ainda assim ele continuou a escrever-lhe?

— Sim, porém eu não respondi — retrucou, passando a mão pelos cabelos. — Sinto muito, Leon. Agi mal. E depois, quando soube da doença de Sara, achei que, se lhe contasse, você me impediria de visitá-la.

Por um momento, ele a observou com olhos semicerrados. Em seguida, ao constatar a honestidade da expressão de Emily, deu-lhe um beijo rápido nos lábios.

— Eu devia espancá-la, mas depois do prazer que me proporcionou esta noite, não seria galante de minha parte, especialmente para um francês.

Quando Leon apagou as velas e veio deitar-se, Emily fez um enorme esforço para afastar-se dele o mais que pôde, até ficar se equilibrando na beirada da cama. A respiração quente do marido em seu pescoço quase a jogava cama abaixo. Rindo baixinho da atitude da esposa, ele disse:

— Tenho muito mais fantasias para dividir com você, mas não acredito que a sua generosidade chegue a tal ponto. Pelo menos não esta noite. — E com um movimento rápido, puxou-a de volta para o centro da cama, deixando o braço possessivo envolver-lhe a cintura.

Emily permaneceu parada como uma estátua, ouvindo a respiração do marido, até mesmo quando ele caiu no sono.

Capítulo XVII

Peter Benson encontrou a irmã na biblioteca, compenetrada estudando um caderno de anotações.

— Atrapalho? — perguntou da porta.

— Você nunca me atrapalha, Peter. Entre.

— Não deveria estar aqui sozinha fazendo as contas da casa. Não viu a carruagem de William acabar de sair com Sara e Emily? Estou certo de que você foi convidada.

— Claro que fui. William é um cavalheiro. Mas eles são jovens e eu não quis estragar o passeio. Ninguém gosta de passear em companhia de uma velha solteirona.

Ele aceitou a cadeira que a irmã lhe indicou e sentou-se com a fisionomia pesada. Hester era a pior inimiga dela mesma, pensou.

— O que quer dizer com isso? Afinal, é apenas um ano mais velha que eu. Ainda é uma mulher muito bonita. Tenho certeza de que poderia atrair qualquer cavalheiro que quisesse.

A expressão severa de Hester tornou-se triste. Lembrou-se de sua juventude, do homem que ela amara e que fora impedido de tornar-se seu marido, pois seu pai não o considerava à altura. Depois disso se transformara na tia solteirona que vivia de casa em casa ajudando os irmãos, primos e sobrinhos. Até mesmo agora estava servindo para esse fim.

Impaciente com a atitude da irmã, Peter continuou:

— Vejo muito bem como os oficiais a olham. Não existe um homem sequer em todo o Exército que sirva para você?

Hester fez um gesto de desagrado.

— Sabe tão bem quanto eu que a maioria dos seus amigos quase poderiam ser meus filhos.

— Isso não é verdade! Além do mais, muitos deles são cavalheiros de estirpe.

— Ainda que assim fosse, não me recordo de nenhum deles ter me feito alguma proposta. Então não vejo sentido nesta conversa.

— Como se atreveriam se não os encoraja? Hester, não deve deixar que o passado estrague sua vida. Tem que encarar o futuro. Esta não é vida para você. Nunca conheci mulher alguma que fosse mais talhada para o casamento do que você, minha irmã. Sabe cuidar de uma casa, desenhar, cantar, costurar, bordar. Se ao menos se abrisse um pouco mais, poderia ter a quem quisesse, e você sabe disso.

— Está esquecendo um detalhe muito importante — disse ela com um sorriso triste. — Não possuo um centavo de dote. Que tipo de cavalheiro aceitaria casar-se com uma mulher de idade avançada e ainda por cima sem dote?

— Ora, todas as nossas irmãs se casaram muito bem — rebateu ele. — Fez uma pausa e, quando percebeu que nada do que dissesse surtiria efeito, resolveu mudar de assunto. — Sara e eu estamos em débito com você. Se não estivesse aqui, ela poderia ter morrido. Além disso, minha esposa não sabe nada sobre como cuidar de uma casa... Ela...

— É muito frívola e não se interessa nem pela casa nem por você — cortou a irmã.

— Bem, Sara é muito jovem — Peter tentou contemporizar.

— Como a maioria das moças da geração dela, é frívola. Não tem nada na cabeça, exceto bailes, saraus, piqueniques e outras bobagens do tipo. Não possui o mínimo senso do que é certo para uma dama da sua posição. Desde que se recuperou, há sempre um cavalheiro rodeando-a, e ela flerta abertamente. Tentei admoestá-la, mas Sara não me ouve. Você, que é o marido, deveria colocá-la em seu devido lugar.

Agora era a vez dele inventar desculpas.

— Toda moça bonita pensa em bailes e saraus. Você não pensava quando tinha a idade dela?

— Sim, mas também conhecia o meu lugar. É público e notório que as moças da família Rivard têm um modo peculiar de encarar a vida. Essa gente nunca foi flor que se

cheirasse. Casam-se com estrangeiros. Têm estranhas ideias sobre o exílio. Há sempre um escândalo envolvendo os casamentos delas.

— Hester!

— Desculpe-me, Peter. Mas sei que não me procurou aqui para falar sobre a vida solitária de uma solteirona. O que posso fazer para ajudá-lo?

Ele sentiu-se duas vezes culpado. Primeiro por sua irmã confessar que era uma solitária, e segundo porque o verdadeiro motivo de procurá-la fora para pedir-lhe um favor.

— Acho que Sara é uma mulher inteligente. Se você lhe ensinasse como gerir uma casa e treinar os criados, estou certo de que aprenderia bem depressa. E também alguns truques que passam despercebidos aos olhos dos homens, mas eu sei que existem, como servir um chá aos convidados ou a hora certa de sinalizar aos criados para retirar os pratos do jantar.

— Sua mulher se queixou de mim? — perguntou Hester em tom mordaz. E antes que o irmão pudesse responder, prosseguiu: — Minha única intenção aqui é ajudá-los, mas se Sara quiser, eu...

— Isso é esplêndido! Sabia que podia contar com você. Está acertado, então — ele disse, levantando-se. E já da porta: — Podemos começar com as lições esta tarde, quando o chá for servido? Vamos tornar isso o mais natural possível. Você e eu nos concentraremos em uma conversa animada, para que não reste a Sara outra saída a não ser agir como anfitriã. Está bem?

Quando a porta se fechou atrás dele, Hester deu vazão à raiva, atirando uma almofada contra a parede. Sentia vontade de gritar, mas jamais se permitiria fazer uma coisa tão imprópria para uma lady. A frustração que sentia fez brotar lágrimas havia muito contidas. Sentia que em breve teria de arranjar outra casa para morar, com algum outro parente.

Decidida, limpou as lágrimas e envolveu-se em sua fantasia preferida. A casa que geria era uma magnífica mansão e sua. As lindas crianças que brincavam no jardim eram seus filhos, e o homem que chegava no final do dia, seu marido. E ele a amava muito. Haveria alguma chance remota de um dia aquele sonho se tornar realidade?

Os dois cavaleiros pararam no cais e saltaram dos cavalos. As águas do lago Ontário brilhavam como diamantes à luz do sol e uma brisa suave soprava, agitando as velas dos barcos.

James Fraser olhou para as botas e fez um gesto de aborrecimento.

— Esta lama é infernal. Já havia me esquecido como York se transforma em pântano no verão. Ficarei contente quando voltar a Montreal.

Leon assentiu com um vago gesto de cabeça. Após um momento de silêncio, James prosseguiu:

— Então, no pouco tempo que ficou aqui tornou-se o homem mais malquisto de York. Acha isso sensato, Leon?

— Quando as pessoas expressam opiniões inflamadas na minha presença, não vejo razão para não corrigi-las.

James soltou uma gargalhada.

— Não. Recuso-me a entrar em um debate sobre os direitos dos colonizadores americanos. Tudo que direi é que não é má ideia que volte logo a Nova York. Quando parte, a propósito?

— Se a minha opinião contasse, voltaríamos amanhã mesmo. Mas não há condições de isso acontecer com o governador geral oferecendo um baile por ocasião do aniversário de Emily.

— É uma demonstração de grande honra, sabia? — retrucou James, um tanto irritado com a falta de entusiasmo do amigo.

— Lady Hester disse-me o mesmo quando expressei minha intenção de declinar o magnânimo convite de sir George. A mulher quase me mandou para a guilhotina.

— Lady Hester? Isso me surpreende. Julguei que fosse o tipo de mulher que o fizesse fazer o oposto do que ela sugerisse.

— Conhece-me muito bem. Admito que fiquei tentado a fazer exatamente isso. Mas concluí que seria indelicado para com os meus anfitriões e com minha mulher. E quanto a você, James? Vai partir com a brigada de peles?

— Talvez. Ainda não decidi. — Como Leon erguesse uma sobrancelha, James indagou: — O que foi? Por que esse olhar de desconfiança?

— Bem, já que perguntou, vou lhe dizer. Sara não é para o seu bico, amigo. O casamento dela pode não ser um mar de rosas, mas a minha cunhada não vai se envolver em um caso com outro homem. Disso eu tenho certeza.

— Eu disse alguma coisa sobre um caso?

— Não, mas conheço-o muito bem e conheço Sara. Ela pode parecer uma cabeça-oca, porém isso é apenas superficial. No fundo, é uma moça puritana e bastante convencional. — O olhar de James era especulativo.

— Como sabe disso?

— Sara é como Emily, jamais trairia o marido. — Houve um silêncio, e então James disse:

— E se eu lhe provasse o contrário? O que você faria?

— Eu? Nada. Ela tem marido. Não tenho nada a ver com isso. Agora fale-me da criada índia, aquela que drogou minha cunhada. Você disse que conseguiu uma pista do seu paradeiro.

— Sim. O que não sabíamos na época é que era casada. Seu marido é um guia e um caçador de búfalos que atende pelo nome de Ducette. Quando ela partiu, foi para Lachine esperar por ele.

— Lachine? Isso quer dizer que a criada e esse tal de Ducette seguiram para o oeste junto com as brigadas de peles?

— Exatamente. E tem mais: a moça está grávida. A probabilidade é que o homem a esteja levando para St. Marie, que é onde mora. Se ela estiver lá, o que quer que eu faça?

Ficaram em silêncio por alguns instantes e, em seguida, Leon disse:

— Isso não é de suma importância agora.

— Concorde. Se você tem inimigos, eles não estão aqui. Não houve acidentes até agora. Não sofreu nenhum ataque desde... quanto tempo? Quase um ano? — Leon assentiu e James continuou: — Quanto à criada, vou lhe dizer o que acho que aconteceu: sabemos que estava roubando pequenos objetos. Qual a melhor maneira de evitar chamar a atenção do que fazer a patroa ficar indisposta? Assim matou dois coelhos com uma só cajadada. Não só tirou Sara do caminho, como também Hester, que durante esse tempo foi uma devotada enfermeira.

— E por que fugiria tão de repente?

— O homem que implantei lá, Paterson, entrou em cena. A garota deve ter notado que o jogo tinha terminado.

— St. Mane — murmurou Leon. — Conhece bem essas paragens, não é mesmo, James?

— Claro.

— Essa moça não pode escapar.

— Fique sossegado. Não escapará. Quando a encontrar, pretendo assustá-la de uma maneira que levará anos para ela sair do mato outra vez.

Os dois amigos montaram seus respectivos animais e começaram a cavalgar devagar. Quando viraram na rua King, passaram por uma carruagem que se atolava na espessa lama.

— Leon! James! — Sara acenava-lhes pela janela com um lenço branco.

Os gritos de Sara atraíram Emily para o seu lado. Ao ver o marido, um sorriso aflorou-lhe aos lábios e ela também abanou o lenço para ele.

— O que acha? — perguntou James. — Devemos socorrê-las? Poderíamos pegar uma dama cada um e sair cavalgando em louca disparada.

— Não. Tenho plena confiança no sr. Addison para resolver esse problema. Ele colocou as damas nessa situação. Agora que saia dela. — Assim dizendo, Leon fingiu não entender os apelos da esposa e da cunhada. Saudou-as com o chapéu e seguiu cavalgando em direção à rua Frederick.

Quando Emily e Sara chegaram em casa do passeio, após caminharem um longo trajeto de onde a carruagem havia atolado até a casa, Peter e Leon encontravam-se tranquilamente sentados na sala de estar sorvendo um cálice de brandy. Levantaram-se para saudá-las.

As duas irmãs tinham pouco a dizer. Não havia necessidade de palavras. As faces coradas e as vestes enlameadas dispensavam comentários.

Os cavalheiros tiveram de fazer um esforço supremo para conter o riso.

Chegara o dia do aniversário de Emily. Em sua homenagem, sir George Prevost, o governador geral, estava oferecendo um baile no Palácio do Governo. York jamais assistira a um evento tão grandioso. Mais de cem membros da seleta sociedade da cidade receberam convites. Todo oficial que não estivesse em serviço deveria comparecer. Os comerciantes locais estavam frenéticos, pois jamais tiveram tantas encomendas. A banda do regimento fora convocada para animar a festa. Enfim, para os padrões da cidade, era uma celebração digna da coroação de um rei.

Enquanto aguardava em fila o momento de cumprimentar o governador, Emily admirava o interior do salão de baile. Sir George sorria expansivamente e vagueava o olhar pelo espaçoso aposento, notando com aprovação os candelabros de cristal e os imensos vasos contendo belíssimos arranjos de flores.

Apesar de cumprimentar Emily com efusão e alta estima, o governador geral, com aquela festa, não pretendia apenas homenagear a charmosa convidada. Ele almejava mostrar que York, como capital do Alto Canadá, não era uma região primitiva, e sim um centro de cultura e bom gosto.

Além disso, lady Emily era muito bem relacionada. Rivard era seu tio, e sir George sabia o valor de impressionar a sobrinha de tal personalidade.

— Cem convidados — comentou Sara. — Em Carlton House, duas mil pessoas se sentaram à mesa para o jantar.

— É verdade — concordou Peter Benson, tentando mudar o rumo do comentário da esposa. — Lembro-me bem da ocasião. Foi durante a festa do príncipe regente.

Quando chegou a vez de Leon Devereux, sir George o cumprimentou sem muito entusiasmo. Se não fosse por lady Emily, não o teria convidado. Não seria difícil incitar a opinião pública contra aquele homem, e então ninguém poderia saber o que aconteceria. Se a guerra fosse declarada ou...

Nas duas horas seguintes, lady Emily e seu grupo ficaram muito ocupados sendo apresentados à nata da sociedade de York. O último a chegar foi James Fraser.

Mas não foi ele quem despertou a atenção de Emily, e sim a dama que o acompanhava.

— Sra. Charles Royston — entou o mordomo. — E o sr. James Fraser.

A sra. Charles Royston parecia uma prima-dona. O sorriso e os trejeitos eram exagerados, até mesmo teatrais. O vestido vermelho de mangas bufantes e o xale negro davam-lhe a aparência de uma espanhola.

Emily encarou o marido, mas a fisionomia de Leon era indecifrável. O rosto másculo parecia talhado em mármore. E, de repente, a estátua tomou vida no momento em que a prima-dona se aproximou.

— Leon! — exclamou ela — Charles e eu chegamos a imaginar se você estaria morto. Que vergonha negligenciar os amigos dessa forma!

— Bárbara — murmurou ele. — Ouvi dizer que se mudou para Montreal.

Enquanto Leon se inclinava para beijar a mão da dama, James respondeu à

pergunta que pairava nos olhos de Emily.

— Bárbara é esposa de um grande amigo nosso. Encontramo-nos por acaso.

O sorriso de boas-vindas congelou nos lábios de Emily. A dama a estava ignorando deliberadamente. Por quê?

— Quando soube que Bárbara viria ao baile, ofereci-me para acompanhá-la — explicou James.

— E o que a trouxe a York, sra. Royston? — perguntou Emily.

— Seu marido e eu somos velhos amigos, lady Emily. Quando soube que ele se encontrava aqui, não perdi tempo em vir para cá. Vim também para conhecê-la. Afinal, em Montreal ninguém acreditava em Leon quando dizia que tinha uma esposa esperando por ele na Inglaterra.

Apesar de todos rirem, Emily não se enganava. Estavam representando. Tinha absoluta certeza de que, se não estivesse presente, a conversa de ambos tomaria rumos bem diferente. Seu marido era a imagem da inocência, como se estivesse em uma sala de estar, conversando com uma matrona.

— Havia aqueles que duvidavam de que eu era um homem casado — disse Leon. — A maioria mães de filhas casadoiras. Jogavam-me a rede, a despeito de eu lhes dizer que já estava comprometido. As pessoas acreditam no que querem acreditar, e isso é um grande erro.

Emily não perdeu a compostura. Afinal, possuía anos de treinamento. Mas por trás da expressão serena, sua mente fervilhava, fazendo conjecturas, somando dois mais dois.

Então era aquele o motivo pelo qual o marido não queria levá-la a Montreal. Era lá que ele soltava seu lado animal. Em Nova York, era considerado um pilar da sociedade. Cínico!

Leon Devereux era um selvagem. Soubera disso em seu décimo sexto aniversário e teve a confirmação duas noites antes.

De súbito, sentiu-se como se estivesse na beira de um precipício e alguém lhe tirasse uma venda dos olhos. Estava correndo um grande perigo. Corria o risco de apaixonar-se por aquele homem! Um passo adiante e perderia o equilíbrio, ficando perdida para sempre.

E então lhe ocorreu que já havia dado aquele passo irreversível, mesmo contra a vontade. Mas não podia fraquejar. Afinal, era isso que ele desejava. Que ficasse irremediavelmente apaixonada. Uma vez que se rendesse àquele sentimento, Leon logo se cansaria dela. Se não tomasse cuidado, com certeza algum dia se tornaria outra Bárbara Royston, uma criatura sem orgulho, implorando os restos que caem da mesa.

— Charles ficou em Montreal? — perguntou Leon à mulher.

— Não. Você o conhece. Seguiu com as brigadas de peles. Não espero revê-lo antes de setembro.

— Você deve entender, Emily — disse Leon à esposa. — Todos os mercadores de peles são por natureza aventureiros. Mal chega a primavera e o sangue ferve nas veias para se embrenharem nas florestas e atravessar os rios indomáveis, desbravando a natureza.

— Sem mencionar as imensas fortunas que tiram de um investimento mínimo — completou James.

— Você e o sr. Royston eram amigos, Leon? — perguntou Emily.

— Rivals — corrigiu ele. E percebendo a escolha infeliz da palavra, explicou: — Eu era um mercador independente. E não há muitos independentes hoje em dia. Os Hudson Bay e os Norwester juntos formam um monopólio. O comércio de peles não é mais como costumava ser.

Naquele momento, sir George veio convidar Emily para a primeira dança. E durante o resto da noite, ela quase não viu mais a sra. Royston, porém aquela mulher não lhe saía da cabeça. Estava certa de que ela amava Leon. E não se envergonhava de demonstrar seu amor, estava disposta a colocar de lado o orgulho, os votos matrimoniais e até sua integridade para persegui-lo. Era patética, Emily pensou.

Quando William Addison veio convidá-la para dançar, suas têmporas latejavam. Foi Emily quem sugeriu que, em vez de dançar, fossem dar um passeio pelo jardim, pois precisava de ar fresco.

Lá fora soprava uma brisa fria, e o perfume das flores inundava o ambiente. Encaminharam-se até um banco, mas estava muito frio para se sentarem, então resolveram caminhar por uma alameda circundadas por belos gerânios multicoloridos.

— O que foi, Emily? — perguntou ele. — O que a está afligindo?

William de fato se importava com ela. Era um bom homem. Jamais atingiria o ápice do êxtase com ele, mas também não correria o risco de afundar-se em dor e humilhação.

— Gostaria de tê-lo encontrado anos atrás, William. No meu aniversário de dezesseis anos. — O brilho de excitação que viu nos olhos dele a fez mudar o rumo da conversa. — Desculpe-me. Não sei o que estou dizendo. Na verdade, tenho uma terrível dor de cabeça.

— Se nos tivéssemos encontrado no seu décimo sexto aniversário, Emily, o que teria acontecido? Seria eu o seu marido agora? Era isso que ia dizer?

Ela negou com um gesto de cabeça, mas o dano já havia sido causado.

— Você merece ser feliz. Deve tentar encontrar uma mulher a sua altura.

— Já encontrei essa mulher, e veja o que me aconteceu. Vim para o Canadá tentar esquecê-la.

— William... — Emily protestou, desviando o olhar.

— Nunca vou deixar de amá-la! — ele exclamou, filosófico. Aquele era o momento de dizer-lhe a verdade. Ela jamais poderia amá-lo. Não sentia um frenesi quando ele a tocava como sentia pela simples proximidade do marido. Gostava de William, mas isso não era amor e muito menos paixão.

Suspirou, tentando encontrar um modo de contar-lhe seus sentimentos sem magoá-lo.

— Sou uma mulher casada e tenho intenção de cumprir os votos matrimoniais.

— E quanto a seu marido? Não tente me enganar. Não há ninguém neste baile que não tenha notado que ele está ostentando a amante bem embaixo do seu nariz. Não é possível que ame um homem assim, Emily.

— Sou mulher dele. Amor não tem nada a ver com isso.

— Eu sabia!

Emily abriu a boca para protestar, porém mudou de ideia. Não lhe agradava discutir seu casamento com os outros, muito menos com William Addison.

Antes que pudesse concatenar as ideias, descobriu-se nos braços daquele homem. Seu primeiro impulso foi de resistência, mas o ardor dele a deixou imóvel. Gentilmente, afastou-se de seu abraço. Não queria humilhá-lo. Estava certa de que a falta de resposta da parte dela o faria entender o que não conseguira expor com palavras. Porém quase chorou de frustração ao perceber o lampejo de triunfo nos olhos do rapaz.

Eram quase duas horas da madrugada quando o jantar foi servido. Sara deu um jeito de se sentar ao lado de James Fraser. O mercador de peles era diferente de todos os homens que ela conhecia. Na superfície era um cavalheiro refinado e culto. Mas era o lado selvagem que mais a fascinava e a repelia ao mesmo tempo. A intuição feminina lhe dizia que também se sentia atraído por ela. Aquele pensamento lançou-lhe fagulhas por todo o corpo. Por certo ele seria um amante viril e excitante, exigindo coisas de uma mulher que ela nem sequer sonhava existirem.

— Você deveria casar-se, James — disse Sara, fitando-o por cima da taça de vinho.

— Por quê? — ele perguntou, sério.

— E por que não? — ela retrucou, petulante.

Os olhos negros do homem, brilhando de desdém, desviaram-se na direção de Peter Benson, que conversava com um grupo de jovens oficiais. Em seguida fitou sua companheira de mesa. Ela personificava tudo que mais o irritava. Era uma beldade frívola; um ornamento sem valor que só se interessava por prazeres inócuos. Era também cabeça-dura. Todos sabiam que o marido não passava de uma marionete em suas mãos. E, no entanto, James nunca desejara uma mulher como desejava Sara.

— Quando observo os homens casados, sinto pena deles — comentou com cinismo.

— Não perca tempo sentindo pena de Peter. Ele tem tudo o que quer.

— Exceto você. — Sara desviou o olhar.

— Sim. Exceto a mim.

— Se eu fosse seu marido...

Apesar de saber que estava brincando com fogo, Sara não conseguia disfarçar seu interesse.

— Sim? O que faria?

Os olhares de ambos se cruzaram e assim permaneceram por alguns segundos. A respiração de Sara ficou suspensa na garganta. A resposta dele atingiu-a como um balde de água fria.

— Se eu fosse seu marido, lhe daria uma boa surra. E isso seria apenas o começo. E quando conseguisse domá-la, você seria uma mulher bem diferente.

— Acha que pode me domar? Gostaria de vê-lo tentar — ela respondeu com escárnio. — Não me confunda com as mulheres da sua raça.

— E quem são as mulheres da minha raça, lady Sara?

— Mulheres índias — ela respondeu com o peito arfante. — Esses seus costumes não civilizados podem funcionar com os seus semelhantes, mas deixe-me lembrá-lo que as mulheres inglesas são muito diferentes. Nossos maridos nos tratam com deferência.

Apesar do sorriso que James lhe lançou parecer genuíno, por dentro ele fervilhava de raiva. Então ela o considerava de raça inferior. Nunca duvidara disso, mas sabia também que Sara estava atraída por ele. Gostaria de sacudi-la até que ela não tivesse mais vontade de brincar com os sentimentos dos outros.

Nada do que pensava, porém, transparecia no rosto viril e impassível.

— Tem razão. Tenho observado inúmeros casais de mariquinhas e suas esposas tiranas. Diga-me, Sara, você é feliz?

— Muito feliz — mentiu ela. — E pode continuar me chamando de lady Sara.

A gargalhada daquele homem enfureceu-a. Arrependeu-se de lhe ter feito confidências. Era a mais baixa das criaturas. Fingia-se de seu amigo para arrancar-lhe segredos e mais tarde humilhá-la.

— Você permitiu que Addison a beijasse. Eu vi com os meus próprios olhos.

Emily fitou seu reflexo no espelho, enquanto tentava remover o colar de pérolas, imaginando como se livraria de todas aquelas roupas depois de o marido ter dispensado a criada.

— Foi um beijo de velhos amigos. Não significou nada. E se vamos começar as acusações esta noite, não podemos esquecer da sra. Royston. Era ela a razão pela qual não queria me levar a Montreal, não é mesmo?

Leon aproximou-se até ficar a centímetros dela. Seus olhos a fitaram através do espelho.

— Sim — respondeu muito calmo.

— E essa é a única explicação que eu mereço? — disse, procurando afastar-se dele.

Porém mãos fortes a impediram de escapar. Leon agarrou-a pelos ombros e puxou-a para si, fazendo-a sentir a rigidez do corpo viril.

— Bárbara Royston não é importante. Nunca foi. E não mude de assunto. Estávamos falando de Addison.

Pela primeira vez desde que entraram no quarto de dormir, Emily notou que o marido estava fervendo de raiva.

— Não acredito que sinta ciúme de William! — exclamou, incrédula e com tamanha veemência que não havia dúvida de que achava aquilo um absurdo.

Por um longo intervalo Leon fitou-a; os olhos negros semi-cerrados. E então, pouco a pouco foi relaxando.

— Perdoe-me, Emily, entendi mal. Achei que poderia estar me pagando na mesma moeda. — Inclinou a cabeça e roçou os lábios no pescoço delicado, enquanto ia desabotoando os botões da parte posterior do vestido.

— O que... está fazendo? — ela perguntou, com uma tênue tentativa de livrar-se daquelas mãos possessivas. Ele sorriu com desdém, e Emily sentiu vontade de esbofeteá-lo. Um homem que se importasse com ela de verdade tentaria convencê-la de que aquela mulher do mundo não representava nada para ele. Mas, ao contrário, parecia comprazer-se com suas dúvidas. A noite inteira se torturara a imaginar o marido ensinando sua amante a realizar-lhe todas as fantasias masculinas. Não podia suportar o pensamento de outra mulher nos braços de Leon. — Já é tarde. Estou fatigada. Por favor, deixe-me em paz.

— Não consigo deixá-la em paz, minha querida. — Seus lábios provavam a fragrância feminina misturada com gardênia. — Bárbara Royston não está aqui porque a convidei. Nunca foi minha amante. Desde que nos casamos, nunca mais tive uma mulher fixa. Eu tinha meus casos, nunca neguei, mas todos passageiros e sem importância. — Enquanto falava, depositava pequenos beijos na testa, nariz, face e pescoço de Emily.

— Quero acreditar em você, mas...

— Acredite em mim, meu amor — Leon murmurou com voz rouca, capturando-lhe os lábios em um longo beijo.

De repente, ela sentiu aquele desejo familiar e incontrolável que experimentava todas as vezes que o marido a tocava. Seu corpo a traía. Dizia uma coisa, mas reagia ao contrário. À medida que o prazer aumentava dentro dela, esquecia Bárbara Royston, William Addison e todo o resto da humanidade. Era como se no mundo existisse apenas Leon e o prazer que seus lábios lhe proporcionavam.

Quando ele a afastou, ambos estavam ofegantes.

— Leon... eu...

— Se algum dia a encontrar outra vez nos braços de Addison, juro que o matarei.

Ele sentia ciúme! Aquele pensamento a fez exultar de alegria. Com a confiança renovada, pressionou os lábios no pescoço do marido, nos cabelos e em toda parte que encontrava pelo caminho. Entre beijos ardentes, deu-lhe um ultimato:

— E se algum dia ousar dividir suas fantasias com outra mulher, juro que será a última coisa que fará na vida, Leon Devereux.

Ele estava rindo quando Emily o empurrou para a cama. Por um momento seus olhares se cruzaram e o riso foi desvanecendo, dando lugar à sensualidade. Leon sugou-lhe os lábios como um homem faminto. Em seguida a fez terminar o que começara.

Imbuída de um novo poder, Emily explorou-lhe os locais mais recônditos e secretos. O corpo másculo se regozijava de prazer. Ela queria mais... e mais. Tudo que ele tivesse para dar. E ao mesmo tempo resistindo quando o marido tentava concluir o ato de amor.

— Mais — dizia Emily. — Quero mais.

Num movimento rápido, Leon livrou-se daquela doce tortura e, posicionando-se sobre ela, penetrou-a, enterrando-se fundo na maciez do corpo feminino. Por um momento, ambos ficaram imóveis. A respiração suspensa. Naquele momento, os lábios de Emily buscaram os dele, num beijo tão profundo que lhe tocava a alma. E então atingiram juntos o auge do prazer, em ondas violentas, como se navegassem em mar revolto em meio a uma tempestade.

Como sempre, ao final, as lágrimas rolaram pela face de Emily. Leon beijou-as,

exultando de satisfação. Houvera um tempo em que aquele choro o perturbava. Mas agora sabia que era uma irrefutável prova de satisfação feminina.

— Acho que estou caindo no precipício — ela sussurrou, sonolenta.

— O quê? — ele perguntou, notando que Emily havia adormecido.

Algumas horas mais tarde, Leon afastou as cobertas e levantou-se da cama. Aquela noite ainda não terminara. Tinha um encontro com Bárbara Royston. Faria o que fosse necessário para proteger a esposa das maquinações de uma mulher fria e ciumenta.

Em uma pequena sala de estar privativa com vista para o lago, um homem e uma mulher conversavam tranquilamente. A dama vestia camisola, mas o cavalheiro trajava roupa social e um sobretudo.

— Suponho que pensa ter ganhado a aposta — disse Bárbara Royston. — As aparências indicam que não consegui atrair a atenção de Leon Devereux.

Aceitando um cálice de brandy, o homem deu de ombros.

— Não me admiro que tenha pensado que poderia atraí-lo. Mas onde você errou, Bárbara, foi em arranjar um encontro com ele em público. É evidente que o homem temia que a esposa se ofendesse se cortejasse você abertamente. Ao que parece, ela o mantém no cabresto.

— Você até pode estar certo — ela disse, suspirando —, mas...

— Mas?

— Leon estava relutante em se encontrar comigo em particular. Você acredita que tentei todos os truques femininos? Detesto perder uma aposta!

O homem riu.

— E ele prometeu encontrá-la mais tarde?

— Sim, mas só quando ameacei fazer uma cena em público, eu não desisto fácil.

— Acho que talvez ainda possa ganhar a aposta. Mas, afinal de contas, eu não deveria encorajá-la, e sim cobrar-lhe o que me prometeu.

— Você realmente está empenhado em levar-me para a cama, não é?

— Desde o primeiro momento em que a vi naquele salão de festa apinhado em Montreal — o homem admitiu de pronto.

— Ainda assim, existe algo por trás disso que ainda não consegui entender — ela argumentou, provocando-o.

— Bobagem! Meu único desejo era tê-la para mim. Você não aceitou a minha proposta, então lancei mão do seu ponto fraco, o jogo. Você será minha, Bárbara. É melhor se acostumar com a ideia. — O triunfo brilhava nos olhos do homem.

— Ainda não ganhou a aposta. Prometeu-me 24 horas.

O cavalheiro levantou-se, tomou-a nos braços e a beijou. Suas mãos se moveram para dentro da camisola e, com um movimento rápido, deslizou-a pelos ombros dela, até fazê-la cair ao chão. Bárbara gemeu, e as mãos fortes do homem subiram até aquele ponto do pescoço feminino que pulsava pela excitação. Quando ela abriu a boca para

protestar, a pressão em sua garganta se tornou mais forte. E foi aumentando cada vez mais. Bárbara tentou lutar, mas não tinha forças para contê-lo. Em questão de segundos, tudo estava acabado. Ela deslizou como uma boneca quebrada e caiu sem fazer barulho.

A última coisa que o homem fez antes de sair foi colocar uma jóia entre os dedos inertes de sua vítima.

Capítulo XIX

Emily acordou ao ouvir seu nome. Um sorriso de satisfação brilhava em seus lábios. Antes que pudesse aproveitar a sensação de bem-estar que lhe inundava cada célula do corpo, a voz que a chamava mudou de timbre, tornando-se dura, mais insistente.

— Emily!

Desorientada, piscando e esfregando os olhos, levantou-se e procurou o robe. A voz vinha do lado de fora da porta. Mas não era de Leon, e sim de Peter. Esperara acordar nos braços fortes do marido naquela manhã. Franzindo o cenho, foi atender à porta.

— É sobre Leon. Não se desespere. Ele está bem. Mas precisa vestir-se depressa e vir comigo. Sir George quer falar com você. Aguarda-a na biblioteca.

Havia algo estranho no ar.

— Onde está meu marido?

A hesitação de Peter era quase imperceptível.

— Essa é a questão. Não sabemos.

— Mas... mas ele estava aqui comigo.

— Então deve ter saído no meio da noite — concluiu o cunhado.

Emily vestiu-se às pressas e, em seguida, desceu a escada. Apesar de tentar manter a compostura, fervilhava por dentro. Como Leon poderia ter saído no meio da noite feito um ladrão depois de tudo que acontecera entre eles? Não sabia se deveria sentir-se alarmada ou insultada.

Outros pensamentos mais assustadores começaram a assaltá-la. Os cavalheiros costumavam duelar nas primeiras horas da madrugada e Leon não era o homem mais popular de York.

— Não me digam que ele se envolveu em algum duelo! — Foram suas primeiras palavras quando Peter lhe abriu a porta da biblioteca.

— Não se trata de um duelo — começou sir George, meneando a cabeça. — Oh, pobre moça, não há como dizer isso de uma forma mais amena.

— Quero saber a verdade. Diga-me o que aconteceu a Leon.

— A noite passada, seu marido foi surpreendido no ato de cometer um assassinato.

— Assassinato?! — Emily exclamou, horrorizada. — Quem...

— A sra. Bárbara Royston.

Levou algum tempo até que Emily conseguisse recuperar a voz.

— E Leon confessou? — perguntou, incrédula.

— Não exatamente... Ele resistiu à ordem de prisão e desapareceu.

A meia hora seguinte foi a pior na vida de Emily. Seu único consolo era saber que o marido estava seguro. Pressionava as têmporas, tentando aliviar a dor que sentia, mas era um esforço inútil. Como se não bastasse tê-la deixado sozinha no meio da noite para ir se encontrar com a amante, testemunhas juravam que quase o pegaram cometendo o crime. Santo Deus! Ela teve que lutar contra a onda de náusea que a acometeu quando soube que a vítima fora encontrada segurando uma abotoadura com as iniciais de Leon Devereux. Conhecia aquela jóia. Fora ela mesma que o presenteara no Natal.

— Seu marido deve ter perdido quando estrangulou a vítima — observou sir George.

— Como ele resistiu à prisão? — Emily perguntou, angustiada.

Foi William Addison quem lhe respondeu:

— Empunhou uma pistola e nos rendeu a todos, enquanto escapava. Só depois descobrimos Bárbara Royston no chão, morta.

A imagem da mulher como a conhecera no salão de dança veio-lhe à mente. Não podia conceber que tamanha beldade acabasse assim. De repente, tudo ficou claro em sua mente. Não sabia como aquilo acontecera, mas tinha certeza de que não fora obra de Leon.

— Meu marido pode ter muitos defeitos, mas não é um assassino — protestou, encarando cada um dos cavalheiros presentes no aposento. — Quem são essas testemunhas que o viram saindo do quarto da sra. Royston? Talvez estejam mentindo. Ele tem muitos inimigos aqui em York. Até ser encontrado e contar o que aconteceu, ninguém pode saber a verdade.

— Emily — disse Addison com toda a calma, como se falasse a uma criança. — Não está sendo sensata e sabe disso. Por que um homem inocente fugiria? E quanto às testemunhas, eu fui quase um dos primeiros a chegar, logo depois do major Benson.

— Peter? — Se ele era uma testemunha contra Leon, isso constituía uma evidência irrefutável.

— Foi Leon, infelizmente, Emily — concordou o cunhado.

— Mas o que estava fazendo lá? E você também, William? Vocês o seguiam?

Houve um instante de silêncio, e então sir George falou:

— Eles estavam jogando carteadado. Jolly Roger é o maior cassino da cidade.

— Isso não faz sentido — conclui Emily. — Por que Leon mataria a sra. Royston?

— Quem pode dizer? — Os olhos do governador estavam cheios de compaixão. — Talvez ela o estivesse chantageando. Quem sabe ameaçou contar a senhora o que havia entre ambos...

Emily meneou a cabeça em sinal de negativa.

— Não pode ser. Todos vocês odeiam Leon porque é americano. Estavam apenas esperando um motivo qualquer para incriminá-lo. Bem, saibam que isso não vai ficar assim. Conheço meu marido. Não é um criminoso. Por que não acreditam em mim?

— Conte-lhe, Addison — pediu sir George.

— Eu tinha esperanças de que não chegássemos a este ponto — declarou William.

— Por favor — disse Emily. — Não sou uma criança. Contem-me toda a verdade.

— Avisei-a certa vez para ficar longe desse homem. Encontrei um dossiê sobre ele. Tenho quase certeza de que seu marido foi um membro da Le Cache-Cache. Isso lhe diz alguma coisa?

— Não — ela murmurou, desolada. Mas não era verdade. Emily sabia que aquela era a facção mais criminosa de La Compagnie. Lera sobre isso certa vez no jornal, quando fora aventada a possibilidade de a organização estar se formando de novo.

— Lady Emily — disse o governador. — Suspeitamos de que Leon Devereux foi membro dessa sociedade secreta formada na França. Pela sua expressão, vejo que tem conhecimento dela. Além disso, está em todos os jornais. Portanto, como vê, não podemos dizer que seu marido é incapaz de cometer um assassinato.

Seus pensamentos se encontravam em um turbilhão. Ela não sabia o que pensar, em quem acreditar.

— Peter, diga-me que não é verdade — implorou.

— Parece mais do que provável, minha querida — respondeu o cunhado, muito sério. Mas não se preocupe, pois Leon não corre perigo de ser acusado pelo envolvimento na seita. Na ocasião, ele era apenas um garoto. Todos sabemos que durante a época do terror, na França, homens faziam coisas insanas, que em circunstâncias normais jamais seriam capazes.

— De qualquer maneira — interferiu sir George. — Não vamos correr riscos. Já bastam esses estranhos acidentes. Para o seu próprio bem, a senhora precisará ser protegida contra Devereux.

A princípio a mente de Emily não registrou tais palavras. Tudo que ouvira era terrível demais. Leon membro de uma seita de assassinos... A sra. Royston assassinada... Parecia-lhe que sua vida virara de cabeça para baixo. Aquilo só podia ser um pesadelo!

— Acidentes? Que acidentes? — ela repetiu como um autômato.

Com toda a paciência, o cunhado relatou a série de acidentes que ocorreram na Inglaterra no ano anterior.

— Seu tio Rolfe ficou alarmado. Na ocasião pensou que faziam parte de uma vingança contra ele.

— Mas não passaram de meros acidentes — protestou Emily. — Poderiam acontecer a qualquer pessoa.

— Não, Emily — retrucou Peter. E descreveu o ataque que Sara sofrera quando escapou por pouco de uma bala assassina. — Era uma deliberada tentativa de assassinato. Você mesma caiu quando montava a égua de sua irmã, não se lembra?

— Meu tio lhe contou tudo isso?

— Tio Rolfe queria que eu tomasse conta de vocês — respondeu Benson.

Por um longo intervalo, Emily permaneceu em silêncio.

— Mas Leon não estava na Inglaterra quando os acidentes começaram — concluiu por fim. — Se o que dizem é verdade, ele não pode ser responsabilizado.

— Emily — redarguiu William —, um homem pode mandar seus agentes fazer o trabalho sujo.

— Jamais acreditarei nisso!

— Querida lady Emily — interveio o governador —, o que estamos tentando fazê-la entender é que existe uma possibilidade mais do que concreta de seu marido ser um assassino treinado. Isso não lhe parece razoável?

— Oh, muito razoável! Estão juntando todas as peças do quebra-cabeça. Eu entendo tudo isso. Mas falta um detalhe.

— E qual é?

Encarou cada um dos cavalheiros a seu turno, tentando conter as lágrimas que insistiam em brotar-lhe dos olhos.

— Que motivo teria Leon para eliminar minha irmã ou a mim?

— Não estamos dizendo que corre perigo. Na verdade acreditamos, ou melhor, esperamos que a senhora seja uma das poucas pessoas que estão a salvo dos objetivos assassinos desse homem.

— O que querem dizer com isso? — Emily já sabia qual era a resposta que receberia.

— Leon Devereux está casado com uma das maiores fortunas da Inglaterra. Você mesma me disse uma vez que o homem não desistiria do seu dinheiro, lembra-se? — questionou William. Com Sara, porém, é diferente. Se algo lhe acontecesse, a parte dela na herança passaria para você. Preciso dizer mais alguma coisa para convencê-la?

— Mas Leon é um homem muito rico — Emily protestou. — A fortuna de Sara não significa nada para ele.

— Como pode saber? Um homem ganancioso nunca está satisfeito com o que possui. De qualquer forma, se Devereux tiver algum juízo, já estará próximo à fronteira, pois sabe muito bem que se for pego enfrentará a corte marcial por assassinato. Mas no caso de estar escondido, esperando para completar o serviço inacabado, proponho que você e Sara sejam levadas para um lugar onde fiquem em segurança.

— Que lugar? — perguntou ela.

— Para a Inglaterra, é claro — respondeu William.

Quando voltou ao seu quarto, Emily tremia dos pés à cabeça. Recusou a oferta de Peter de ir buscar Sara para lhe fazer companhia. Precisava ficar sozinha. Além do mais, a irmã continuava dormindo e ainda não tomara conhecimento dos fatos.

Emily andava de um lado para outro como um animal enjaulado. Até que resolveu acalmar-se e dar sentido ao emaranhado de pensamentos que lhe preenchiam a mente.

Leon, um membro de La Compagnie! Acreditava naquilo. Uma retrospectiva de fragmentos de conversas que escutara convenceram-na da veracidade daquela

afirmação.

Sempre soube que havia um lado obscuro no passado do marido, que acontecera durante a Revolução Francesa. Em sua inocência acreditara que se tratava da tragédia que se abatera sobre ele e a família. Jamais, nem em um milhão de anos, pensaria naquilo.

Leon tinha sido um assassino de La Compagnie, o grupo responsável pela morte do pai dela. Para seu espanto, tal dedução não a horrorizava como julgara que aconteceria. Ao contrário, sentia-se penalizada pelo marido.

Por que Leon não lhe contara tudo? Não confiava nela? Será que achava que o desprezaria se soubesse a verdade? Talvez. Afinal, ela jamais escondera que considerava aquela seita pior do que o diabo. Mas isso fora antes de conhecer Leon de verdade. Ela desconhecia as causas que levaram um menino a seguir tal caminho, mas estava certa de que as circunstâncias deviam ser desesperadoras.

Em seguida, analisou os acontecimentos da noite. Bárbara Royston havia sido estrangulada, e as evidências contra Leon eram esmagadoras. Não só fora visto saindo dos aposentos dela, como resistira à prisão. Ainda assim, recusava-se a acreditar que ele fosse um assassino frio e calculista.

Tentou colocar as coisas em perspectiva. Leon Devereux não seria o primeiro nem o último homem a casar-se por dinheiro. Manter uma amante também era considerado um fato normal. Mas aquilo não o tornava um matador. Tinha de haver uma explicação plausível para aquele pesadelo.

A despeito de tudo, sua mente começava a fraquejar. Será que os "acidentes" foram ataques deliberados contra Sara, como dissera William? E se Leon tivesse se casado com sua irmã? Os ataques seriam contra ela, Emily?

— Não! — gritou alto. Mas uma vozinha em sua mente dizia: E se tudo que dizem for verdade?

De repente, uma calma extraordinária dominou-a. Se o marido fosse realmente culpado, a última coisa que ela queria era que fosse encontrado. Seria julgado por assassinato e... Oh, Deus! Isso nunca poderia acontecer. Para o seu próprio bem, Leon tinha de deixar o Canadá e jamais voltar. A única certeza que Emily tinha era que morreria se algo acontecesse ao homem que ela amava.

Estava satisfeita por não ter lhe contado sobre sua gravidez. Ele jamais a deixaria se soubesse.

Mas se tudo fosse verdade, Leon não desistiria tão facilmente. Era um homem tenaz. Esperara cinco anos antes de reivindicar seus direitos de marido. Um homem que aguardara tanto tempo por uma fortuna não a deixaria escapar sem uma briga.

De repente, Emily deu um soluço de horror. Não podia ser verdade! Não era apenas pela sua fortuna... Leon se importava com ela!

Esse pensamento não se sustentou mais que um minuto. Sua mente rodava em círculos. Leon nunca lhe dedicara sequer um pensamento até ser obrigado a casar-se com ela.

Por muito tempo andou de um lado para outro, abrindo e fechando gavetas. Bem mais tarde chegou à conclusão do único caminho que lhe restava tomar. Sir George lhe propusera que voltasse à Inglaterra em companhia da irmã. Era criancice, sabia, mas

parecia-lhe que toda a sabedoria do mundo naquele instante residia em tio Rolfe. Ela jamais a decepcionara. Saberla o que fazer, como sempre aconteceu quando ela e Sara ainda eram crianças.

— É um jogo muito perigoso — dizia sir George a seus companheiros. — Uma coisa é enganar lady Emily sobre um jogo de cartado, outra bem diferente é explicar a presença de vocês em Jolly Roger perante um tribunal.

— Pois sou de opinião que deveríamos ter dito a verdade — argumentou Benson.

— O quê? Que você, um oficial e um cavalheiro, desertou de seu posto para perseguir prostitutas em uma taverna? — retrucou o governador.

— Perdão, mas eu não estava a serviço.

— Isso não importa.

— Ora, ora, sir George — interveio William. — Sabemos que Peter não é o único oficial que se diverte com mulheres desse tipo.

— Não. Mas é o único oficial casado com uma Rivard. E a última coisa que preciso é de um Rivard no meu pescoço agora que os americanos estão a ponto de declarar guerra.

— De qualquer maneira, posso testemunhar a favor de Benson — declarou William. — Ninguém jamais saberá a verdade.

— Não quero que ninguém cometa perjúrio para salvar-me a pele — cortou Peter, pousando o cálice de vinho Madeira.

— Santo Deus, homem! — exclamou sir George. — Pense nas consequências. Poderia até mesmo se tornar um suspeito.

— Esse é um dos motivos pelos quais eu queria dizer a verdade. Molly seria meu álibi.

— Bem — disse o governador —, conte-me outra vez como tudo aconteceu.

— Eu estava saindo dos aposentos de Molly, que ficam no sótão. Acabava de chegar à escada, quando a porta do quarto da sra. Royston se abriu.

— E, como já disse — interveio William —, eu vinha subindo a escada.

— Pelo menos você era um participante do famoso cartado? — inquiriu sir George.

— Era.

— Continue, Addison.

— Tive sorte em ver a sombra do major Benson na parede, ou poderia não estar vivo agora. Não sabia de quem se tratava, então saquei a pistola.

— E foi aí que Devereux apareceu?

— Sim — respondeu Peter. — Em seguida tudo aconteceu muito rápido. William chamou-o, e ele entrou às pressas no quarto da sra. Royston e trancou a porta.

— Se tivéssemos sido mais ágeis, teríamos encurralado o homem. Mas, por um momento, ficamos chocados demais para agir — acrescentou Addison.

— O que não entendo é por que foram atrás de Devereux. O que levantou as suas suspeitas? — inquiriu sir George.

— Ele tinha uma arma na mão — respondeu o major Benson.

— Bem, mas o sr. Addison também — argumentou o governador.

— Acho que posso responder a isso, senhor — disse William. — Deve lembrar-se de que eu estava subindo a escada. Quando Devereux abriu a porta do quarto, tive uma visão parcial de seu interior e vi a sra. Royston caída no chão.

— Ah! Agora estamos chegando a algum lugar! — exclamou sir George, levando o cálice aos lábios.

— Depois Devereux retornou ao quarto e fechou a porta. Quando conseguimos arrombá-la — prosseguiu Addison —, ele já havia saltado pela janela. Disparei minha arma várias vezes em sua direção, mas não acho que o atingi.

— E quanto a você? O que pensa, major Benson? Acha que William conseguiu feri-lo?

— Eu não vi, senhor. Estava abaixado, examinando a sra. Royston.

Os dois jovens aguardaram em silêncio, enquanto sir George proferia seus pensamentos em voz alta.

— Acho que não há maneira de Devereux escapar dessa — concluiu o governador.

— Escapar, senhor — protestou Addison. — Meu tiro acordou a estalagem inteira, e não escondemos a identidade do assassino.

— Não entendo como Rivard permitiu que Devereux se casasse com sua sobrinha — disse sir George. — Tem certeza de que conhecia o passado dele?

— Sem sombra de dúvida. Mas por alguma razão inconcebível, confia inteiramente nesse assassino — informou William. — E foi o fato de Rivard ter retirado o dossiê do arquivo que me chamou a atenção em primeiro lugar. Mas eu jamais revelaria o segredo de Devereux se ele não tivesse assassinado a sra. Royston.

— A primeira providência a tomar é fazer com que as damas fiquem em segurança. Não descansarei enquanto não estiverem sob a proteção do tio — informou sir George.

— E quanto a Leon, senhor? — indagou Peter. — Devemos caçá-lo e trazê-lo a julgamento?

— Meu Deus! Claro que não. Quer dizer... para manter as aparências, devemos inventar uma história plausível. A última coisa que queremos é um escândalo dessa magnitude. Um julgamento seria catastrófico. Pensem na roupa suja que seria lavada em público! Além disso, se Devereux tiver algum senso, já estará longe daqui.

— E se não tiver? — persistiu Addison. — E se vier atrás da esposa?

— O homem é mais perigoso que um animal selvagem — disse o governador. — Seríamos tolos se tentássemos capturá-lo vivo, — Olhou para os companheiros e viu que não havia necessidade de explicar seus pensamentos.

Capítulo XX

Ficou decidido que quanto antes Emily e Sara deixassem York, melhor seria para todos. E como as damas não podiam viajar sem uma companhia masculina, William Addison ofereceu-se para protegê-las até que se encontrassem sãs e salvas sob a guarda do tio. Peter aceitou de bom grado essa oferta, pois era um oficial e deveria permanecer em seu posto.

A fim de evitar os olhares curiosos dos vizinhos, as damas ficavam a maior parte do tempo em casa. Aquilo era um tormento para Emily, pois Hester não perdia oportunidade de denegrir o caráter de Devereux.

Com Sara, esforçava-se em ter uma abordagem diferente. A ideia de ser alvo de assassinos apavorara a irmã, que se sobressaltava por tudo e por nada.

— Todo tempo — dizia ela — acreditei que Leon gostava de mim. Acho que jamais terei certeza de nada na vida.

Emily não sabia como responder àquilo.

— Nada vai me convencer de que meu marido é um assassino — disse, segurando ambas as mãos de Sara. — De qualquer forma, Peter tem razão em querer protegê-la. É apenas uma precaução até que a verdade apareça.

— Também não acredito que Leon queira me fazer algum mal.

— Esse não é o ponto, Sara. Nosso dever é protegê-la em primeiro lugar.

James Fraser era um assíduo frequentador da casa. Porém, se Emily esperava obter algum apoio ao marido da parte dele, logo se desapontou. Quando o assunto era Leon, o que sempre acontecia, o homem tinha pouco a dizer. Parecia-lhe que ele absorvia tudo que diziam e formava um julgamento, que guardava para si.

Antes do fim da semana, embarcaram na jornada que os levaria à Inglaterra. Iriam de barco até Lachine e, em seguida, partiriam para Montreal, de onde viajariam para Québec. Sua escolta era pequena, pois sir George achava que Devereux não era mais uma ameaça. Na semana seguinte, indígenas começaram a seguir a trilha deles. Fora alguns homens, a comitiva era composta apenas de sete pessoas: as três damas e a criada, o major Benson, William Addison e James Fraser, que gentilmente os convidara para ficarem em sua casa em Montreal até fossem feitos os arranjos da viagem marítima.

Peter tinha de retornar a York assim que deixasse as damas em seu destino.

— As correntezas em Lachine são espetaculares — informou James a certa altura. — Um dia desses construiremos um canal para tornar o St. Lawrence navegável até Montreal. Agora tudo precisa ser transportado por terra. Talvez tenhamos dificuldades em alugar uma carruagem nesta época do ano. Como já disse, as brigadas de peles com certeza estarão por lá. — Fraser não exagerava. A pequena cidade estava repleta de viajantes franceses, aventureiros do interior que pilotavam as canoas para os agentes da North West Company. — Os viajantes podem ser brancos no trato com as damas, mas não se preocupem. Eles reverenciam as mulheres, e o cavalheiro que insultar uma lady na frente deles é devidamente castigado. — De fato, os viajantes eram homens rudes.

Apesar disso, Emily, ao ver aquele bando de jovens morenos e de baixa estatura carregando as canoas, não se sentiu intimidada.

— O que há naqueles pacotes? — inquiriu Sara.

— Mercadorias para vender e alimentos. Já estão se preparando para o encontro de verão em Fort William. É uma jornada de quase dois mil quilômetros — disse James.

— Dois mil quilômetros! — exclamou Emily, admirada.

— Não se preocupe — respondeu James com um sorriso largo. — As canoas são mais seguras do que aparentam.

— Estou certa que sim — ela disse, mas por dentro pensou que preferia atravessar a nado os 2 mil quilômetros a ir a bordo daquelas geringonças.

Não tiveram dificuldade em encontrar acomodações para aquela noite. James, como sócio da North West Company, parecia conhecer todo mundo. Em Lachine, costumava hospedar-se na casa de uma certa sra. Deare, uma viúva cujo marido servira como agente da Companhia.

— Estou impressionado — murmurou Addison no ouvido de Emily, quando a sra. Deare pôs a casa à disposição de Fraser.

— Espero que não estejamos tirando as acomodações de algum pobre viajante — declarou Emily.

— Os viajantes são homens da selva, lady Emily. Não fazem questão de uma cama macia, nem perdem tempo com coisas que consideramos necessárias — respondeu James. — Esta noite e pelos próximos cinco meses, acamparão sob as estrelas. É a vida que conhecem e que amam.

Leon. Emily não podia deixar de pensar nele, imaginando onde se encontraria e o que estaria fazendo. Acima de tudo, esperava que estivesse em segurança. De qualquer forma, tivera a esperança de que de alguma forma ele lhe enviasse uma mensagem qualquer. Sabia que não estava sendo razoável, mas não conseguia evitar o pensamento de que fora abandonada pelo marido.

— Diga que está brincando comigo, James — as palavras da irmã interromperam seus devaneios.

— Com certeza não estou.

— Um massacre? Aqui? Em Lachine?

— Isso aconteceu há cem anos — explicou Peter, com seu jeito calmo. — Não existe a menor possibilidade de uma coisa dessas se repetir hoje em dia. Além disso, os iroqueses sempre foram amigos dos britânicos.

— Então quem foi massacrado? — perguntou a esposa.

— Colonizadores franceses — respondeu James — Naqueles dias, os franceses e os britânicos eram inimigos. — Deu de ombros e pegou seu copo de vinho.

O olhar de Hester era de aflição, e William confortou-a, afagando-lhe a mão, fitando James com expressão de ódio.

— Isso foi antes de existir a lei e a ordem — declarou Addison, dirigindo-se a Hester.

— Hoje, se uma mulher branca fosse raptada, o governador de Sua Majestade não descansaria enquanto os raptadores não fossem capturados e punidos.

— Cavalheiros — cortou Peter. — Estão esquecendo que há damas à mesa.

— Desculpe-me — retrucou James. — Minha intenção era apenas fornecer algumas informações sobre esta região. E como bem disse o major Benson, o massacre ocorreu há cem anos. Não existem motivos para se preocuparem.

Tarde da noite em seus aposentos, Emily lembrou-se da conversa ao jantar e estremeceu. Em uma noite como aquela, os habitantes de Lachine foram surpreendidos em suas camas e brutalmente massacrados. E quando, por fim, ela adormeceu, sonhou com James. Em um momento era um colonizador francês, em seguida um americano, e mais tarde um índio guerreiro com as faces pintadas. E não havia compaixão nos olhos negros que a fitavam.

Sara ia apagar as velas quando Peter entrou em seu quarto.

— O que faz aqui? — indagou ela, retirando a colcha da cama.

— Não se exaspere. Minha presença aqui é apenas para manter as aparências. Vou fazer uma cama para mim no chão.

— E desde quando liga para isso?

Peter tirou as botas e colocou-as perto das grades da lareira.

— Tem razão, eu não me incomodo com isso. Mas achei que você se importaria. Afinal, as pessoas esperam que um casal divida o mesmo quarto.

— Essa é boa! Agora quer me convencer de que se importa com o que eu penso? E quanto a Molly St. Laurent?

— Ah.

— Ah? É tudo que tem a me dizer? — Benson deu de ombros.

— O que quer que eu diga?

— Santo Deus, Peter! Nunca pensei que se rebaixaria a ponto de ter um caso com a prostituta da cidade.

As palavras mal lhe saíram da boca e notou a expressão de fúria do marido.

— Chame-me do que quiser, mas dobre a língua ao falar de Molly.

— Ainda ousa defendê-la?

— Ela é uma moça de bom coração e gosta de mim. Ao contrário da minha mulher.

— Não me diga que está apaixonado por ela. — Acostumara-se com a ideia de que Peter amava Molly desde a primeira vez em que a vira. A devoção daquele homem a divertiria se não fosse patética. E a simples hipótese desse amor acabar era inconcebível.

Na semana anterior, Sara resolvera sair de casa para um passeio de carruagem, a despeito dos protestos de todos, pois se sentia como uma prisioneira. E para seu espanto, ao passar por Jolly Roger, avistou os cabelos inconfundíveis do marido em uma das janelas da estalagem. Ele estava nos braços de Molly. Ela não era bonita, porém jovem e vulnerável. Sara a conhecia. Segundo sua costureira, era viúva e já sofrera bastante na vida.

Queimando de indignação, Sara despiu o robe.

— Quer que eu apague as velas? — perguntou Peter, impassível.

— Escute aqui, Peter Benson, não ligo a mínima se tem ou deixa de ter uma amante. Mas quando eu voltar a viver em uma sociedade decente, posso muito bem lhe pagar na mesma moeda.

— Pode arranjar um amante. Aliás, gostaria que o fizesse. Mas permita-me dar-lhe um conselho. Tente ser menos egoísta. Você ama apenas a você mesma, minha querida. E isso repele as pessoas que tentam amá-la — disse o marido sem alterar a voz, e, em seguida, apagou as velas.

Sara ficou paralisada na cama. Como ele ousara dizer que ela amava apenas a si mesma? Que opinião tinha de seu caráter! E ainda a acusara de ser egoísta! Aquilo não correspondia à verdade. Era uma boa moça tanto quanto Molly. E se Peter não conseguia enxergar isso, então devia ser cego.

Sara não sabia por quantas horas ficara rolando na cama em silêncio, ouvindo apenas o ressonar do marido. Após um longo tempo, sua raiva cedeu lugar à reflexão. Não era uma mulher fria e calculista, mas apenas infeliz. Essa era a razão de seus problemas.

Aquela verdade parecia tão evidente. Antes de adormecer, soube que fez uma grande descoberta: a Inglaterra não era a resposta. Se ao menos...

Na manhã seguinte, quando as damas acordaram e desceram para o desjejum, descobriram que os homens haviam saído para fazer um passeio até os silos.

— Que silos? — perguntou Sara.

— Da North West Company — informou a sra. Deare. — É onde as mercadorias são estocadas.

Sara fitou a irmã e descobriu que havia bastante tempo não olhava de verdade para ela. Não notara as olheiras profundas nem a expressão tensa e angustiada. Sentiu vontade de confortá-la, porém não sabia como fazê-lo. O que lhe diria? Perdera a oportunidade de consolá-la quando a crise foi deflagrada. Agora pareciam duas estranhas. Elas, que haviam sido unha e carne na infância.

Sem pensar, estendeu o braço por sobre a mesa e afagou a mão de Emily. A surpresa no rosto da irmã era evidente.

— Sinto muito, Emily. — E não disse mais nada. Naquele momento a porta se abriu e James Fraser entrou.

— Fui enviado para tomar conta das damas — anunciou ele. — Nossos companheiros de viagem estão se divertindo com os viajantes. E se saem muito bem ao manobrar as canoas. Eu vim buscá-las para um passeio.

As mulheres trocaram olhares de espanto e levantaram-se, resignadas.

Do lado de fora, uma carruagem os aguardava e seus pertences estavam sendo levados para lá. Não levaram casacos, pois a manhã estava quente. Mas, por sugestão de James, levaram seus guarda-sóis.

Ao chegarem ao cais, notaram a costumeira confusão. Várias canoas aguardavam o sinal de partida. E de uma delas, um viajante jovem acenou para eles. O que diziam em

francês era ininteligível para as damas.

— O major Benson e Addison, juntamente com o nosso acompanhante, estão envolvidos em uma corrida de canoas. Mas não se preocupem, vamos alcançá-los em St. Anne. E tenho certeza de que se divertirão com o passeio.

Antes que as damas pudessem protestar, foram guiadas por um viajante até um dos maiores barcos que se encontrava ancorado. O sinal foi dado e doze remos começaram a ser agitados na água.

O passeio transcorria alegremente. Os viajantes entoavam canções folclóricas. Sorrindo e dando de ombros, Emily forçou-se a relaxar. Encontrariam Peter e William em St. Anne e voltariam com eles para Lachine.

O passeio, no entanto, estendeu-se além do esperado. Mais de uma hora transcorreria e ainda não haviam chegado. Ao olhar em volta, Emily se deu conta de que mais duas canoas menores ladeavam seu barco. Examinou-as por alguns minutos e estranhou ao ver um dos viajantes de uma das canoas que destoava dos demais. Era impossível distinguir seus traços daquela distância, porém era mais alto e seus trajes eram diferentes. Parecia ser um, homem poderoso.

De repente, o comandante do barco fez um sinal e todos pararam de cantar, ao mesmo tempo em que os remadores agitavam os remos com mais força, levando a canoa na direção da terra.

Ao se aproximarem do cais, Emily reconheceu que onde quer que estivessem, ali não era St. Anne. Não podia avistar a igreja e o convento de que tão bem se lembrava de quando passara por lá da primeira vez. Franzindo o cenho, olhou em volta procurando algum sinal de Peter ou William. Nada.

Seu olhar interrogativo buscou James Fraser, mas o homem estava muito ocupado ajudando os remadores a amarrar o barco ao cais. Observou as outras duas canoas, que agora se encontravam mais próximas, e então o reconheceu!

— Sara — disse, alarmada. — Quando desembarcarmos, saia primeiro e não espere por ninguém. Deve haver algum caminho que leve a alguma casa. É questão de vida ou morte. Procure socorro ou se esconda. Não fale com ninguém. Faça apenas o que eu digo e não olhe para trás. Hester, você fique exatamente onde está. — As duas mulheres fitavam-na aterrorizadas. — Agora! — Emily ordenou.

A urgência na voz da irmã colocou Sara em ação. A jovem desembarcou e pôs-se a correr como um raio.

Tirando proveito do espanto momentâneo de seus companheiros de viagem, Emily empunhou seu guarda-sol na horizontal e jogou dois homens na água. No instante seguinte, correu para o cais, mas foi alcançada por um dos homens.

Hester permanecia sentada com a boca aberta, como se Emily tivesse perdido o juízo. Os demais homens começaram a balançar a cabeça e rir, divertidos.

— Emily!

Seu coração quase saiu pela boca ao ouvir a voz do marido. A canoa em que Leon se encontrava estava quase encostada no cais. Olhou em volta e certificou-se de que Sara não se encontrava à vista.

— Corra, Hester! — gritou ela. Em seguida, levantando a saia, desembarcou.

Não tinha ido muito longe quando braços poderosos a agarraram pelos ombros.

— Emily, meu amor! Não me reconheceu? — Um sorriso sincero pairava nos lábios de Leon. Seus olhos negros fitavam-na de cima a baixo, e então puxou-a num abraço que quase a esmagou. — Oh, Deus, esta foi a semana mais longa da minha vida!

Ela estava em estado de choque. Seus lábios não se moviam, enquanto eram pressionados pelos dele.

Quando Leon a afastou, tinha o cenho franzido.

— O que foi, Emily? Está aborrecida por eu não lhe ter enviado notícias? Não podia arriscar-me. E não deixei James levar-lhe uma mensagem, pois você acabaria revelando meu paradeiro a alguém. Mas o que há de errado, querida?

Aproximando-se, James Fraser interveio:

— Prepare-se para um choque, amigo. Sua doce esposa está certa de que você cometeu um assassinato.

A carranca de Leon intensificou-se.

— Isso não pode ser verdade — disse por fim.

— Pode acreditar — continuou James. — E os poucos amigos que você tinha em York também estão convencidos da sua culpa. Se o pegarem, será um homem morto.

Os braços de Leon tombaram e ele deu um passo atrás. Sua voz soou sem expressão:

— Eu devia ter esperado por isso — disse ele.

Emily permanecia muito rígida, fitando o marido. E, de repente, se deu conta de que cometera o maior erro de toda sua vida e talvez nunca mais tivesse a chance de repará-lo.

Capítulo XXI

— Assassinos! Patifes! Ainda vou vê-los enforcados por esse ultraje!

Ninguém dava muita atenção aos gritos de Hester. Os viajantes apenas riam, divertidos, e davam de ombros sem entender muito bem o que se passava. Leon e James estavam ocupados com os últimos preparativos da viagem.

As damas haviam sido trazidas para uma cabana abandonada próxima às docas.

Leon encontrou o que procurava e jogou um amontoado de trajes de pele sobre a mesa.

— Considerando o lugar para onde vamos, ficarão bem mais confortáveis vestindo isto — disse com um sorriso insolente. — Têm cinco minutos para se aprontar e nem um segundo a mais.

— O senhor não é melhor do que... — Hester fez uma pausa à procura do adjetivo

mais repugnante que conhecia.

Em outras circunstâncias, Emily talvez admirasse a coragem da mulher. Naquele momento, porém, sua mente estava cheia de perguntas sem resposta. A primeira foi direcionada a James:

— Onde estão Peter e William? O que fez a eles?

— Estão sãos e salvos. Trancados nos silos em Lachine, junto com o nosso acompanhante. — As próximas palavras foram dirigidas a Leon: — É verdade. Nenhum mal foi feito a eles. Bem, vou esperá-los lá fora. É melhor nos apressarmos.

— Para onde nos está levando? — perguntou Emily. — Para a selva?

Naquele instante, Sara e Hester começaram a chorar.

— O que você acha? — inquiriu Leon.

— Nunca vai escapar ileso — bradou a irmã de Benson entre lágrimas. — William e Peter virão atrás de nós. E se descobrirem que tocou em um só fio dos nossos cabelos...

Leon saiu da cabana batendo a porta.

Após um instante de surpresa, Emily correu atrás dele e segurou-o pela manga da camisa, fazendo-o virar-se para encará-la.

— Por que fugiu? — gritou ela. — Por que não ficou e explicou o que aconteceu no quarto da sra. Royston?

— Bárbara Royston era minha amante, não é verdade? Não creio que você seja tão ingênua assim. Deve saber o que um homem procura quando vai visitar sua amante na calada da noite.

Certa vez, quando ainda era criança, Emily caíra do alto de uma árvore. Naquele momento experimentava a mesma sensação. Era como se a respiração tivesse ficado retida em seu peito.

Quando Leon fez um gesto brusco, soltando-se, ela saiu do transe.

— Isso não explica o motivo de você ter fugido.

— Bárbara estava morta quando cheguei. Assassinada. Tentei sair do quarto, mas dois cavalheiros esperavam por mim. Um deles estava armado. O que mais queria que eu fizesse?

— Está querendo dizer que Peter e William... — Emily balançava a cabeça em sinal de incredulidade.

— Pense o que quiser. Mas entenda uma coisa: fará o que eu disser. E digo que, se você não se aprontar em cinco minutos, eu mesmo lhe arranco as roupas e a visto como deve ser. — Leon encaminhou-se até o píer e aguardou o sinal do início da viagem. James Fraser encontrava-se embaixo da sombra de uma árvore.

Mas Emily ainda não desistira.

— Não irei a lugar algum até saber aonde vai nos levar! — gritou a todos os pulmões.

— Para casa — Leon gritou de volta.

— Para a Inglaterra?

— Nova York — ele retrucou, virando-se de costas.

Na cabana, Hester e Sara já haviam vestido as roupas de pele. Sara estava pálida e silenciosa. Hester falava pelas três.

— Como alguém pode mandar damas decentes vestirem estes trapos de selvagens?! Desde o início, sabia que esse homem não prestava. É um estrangeiro. Quer nos levar para o lodo onde ele pertence. Isto é abominável. Meu irmão...

— Vamos para Nova York — cortou Emily. — Não sei qual a rota que tomaremos, mas é evidente que seguiremos pela selva. Leon está certo. Estas roupas serão mais confortáveis. Não sobreviveríamos um dia com as que trouxemos.

— Nova York? — As pupilas de Hester quase saltaram das órbitas. — E você acredita nele?

— Acredito. Sara, ajude-me com estes botões — pediu à irmã. — Não creio que meu marido tenha assassinado aquela mulher. E mesmo que o tivesse feito, não corremos perigo. Já teve muitas oportunidades de nos matar, se pretendesse fazê-lo.

— Você é uma tola — retrucou Hester. — Escreva minhas palavras. Uma por uma sofreremos um acidente fatal e...

A mulher estava à beira da histeria. Sem saber por que fez aquilo, Emily deu-lhe uma bofetada.

— Nada vai nos acontecer, entendeu? Vamos para Nova York. Já fiz essa viagem antes. Não é tão distante assim — disse, mentindo com compostura.

— Mas por que Leon quer nos levar para Nova York? — perguntou Sara.

— Porque acredita que estamos em perigo e que ficaremos seguras lá com ele.

— O que disse a elas?

O semblante de Leon não denotava emoção alguma.

— Nada.

— Não lhes disse nada?

— O que queria que eu dissesse?

— Não lhes disse que era inocente? Que foi pego em uma armadilha?

— O quê? Que suspeitamos de Addison ou de Benson ou de ambos porque estavam armados e esperando por mim do lado de fora do quarto de Bárbara Royston?

— Claro.

— Não. Não lhes disse nada pelo simples fato de que fui pego dentro do quarto com uma mulher morta aos meus pés. E, por falar nisso, onde você estava, James?

— Sabe muito bem onde eu estava. Já lhe disse. No meu quarto bebendo até cair. Quando ouvi um tiro, saí correndo...

— Então, naquela noite fatídica, nós quatro: você, eu, Addison e Benson estávamos na cena do crime. Agora resta saber em qual de nós as damas vão acreditar.

— Compreendo o que quer dizer — falou o amigo. Leon retirou o lenço que trazia

amarrado na cabeça e secou o suor que lhe escorria pelo rosto, sem afastar os olhos do rio.

— Não alcançarão nossa trilha tão cedo — continuou James. — O que nos dá um dia ou mais de vantagem. Mas não acha que está levando isso longe demais? Posso entender a sua raiva, mas deixar essas mulheres acreditar que somos os vilões... Elas estão apavoradas.

— Quando quiser sua opinião, pedirei.

— Ótimo. — Um minuto inteiro se passou antes que James prosseguisse: — A coisa mais fácil do mundo seria pegá-los em uma armadilha. Se eu fosse você, não me arriscaria. Iria me livrar deles para sempre.

— Um deles é inocente. Talvez até os dois.

— Você não acredita nisso, e nem eu.

— James, você é um...

— Selvagem?

— Salafrário ávido por sangue — respondeu Leon, rindo.

— E você não costumava ser tão escrupuloso.

— Nunca matei um homem a sangue-frio.

— Ah, não? E na França?

— Quem lhe contou sobre a França? — perguntou Leon, baixando os olhos.

— Le Cache-Cache. E agora, quem é o selvagem entre nós?

— Quem mais sabe sobre isso?

— Ela também sabe. Addison achou o dossiê a seu respeito no Gabinete de Guerra e somou dois mais dois. Benson e sir George também têm conhecimento. Tentaram convencer Emily de que você é um assassino perigoso e sanguinário. E, ao que parece, foram bem-sucedidos.

Leon soltou uma imprecação, antes de sair em disparada na direção da cabana.

Eles não iam em direção a Nova York. Viajavam para o oeste pelo rio Ottawa. Emily não conhecia aquela região, mas não era uma completa ignorante. Estavam se afastando cada vez mais da civilização. No entanto, guardou aquilo para si mesma, pois sabia que se externasse sua desconfiança, Hester e Sara talvez pulassem do barco. Esperava ter uma oportunidade de discutir o assunto com Leon, porém essa oportunidade nunca surgia. As três damas ocupavam o centro da enorme canoa, e Leon agia como timoneiro. James Fraser encontrava-se no outro barco. Oferecera-se para levar uma delas, mas à simples menção de uma separação, Hester tornara-se histérica.

As roupas de pele realmente eram bem confortáveis e permitiam-lhes maior liberdade de movimentos. Emily, porém, não estava certa de que expor uma parte das pernas daquele jeito fosse decente. Respirando fundo, forçou-se a relaxar. Sua gravidez já era de três meses e sua cintura começava a demonstrá-lo. Os seios estavam mais cheios e pesados. Muito em breve teria de contar a Leon. Tentou imaginar esse momento e estremeceu. Ele a obrigaria a ir para Nova York, onde seria bem assistida.

Mas ela não permitiria que isso acontecesse. Ficaria ao lado do marido e

enfrentariam juntos qualquer perigo que viesse pela frente.

Olhou para o céu e calculou que deviam ser umas oito ou nove horas da noite. O sol havia muito se escondera por trás do horizonte, mas o céu límpido e repleto de estrelas fornecia uma claridade brilhante. Em alguns minutos estariam aportando para passar a noite em terra.

— Vamos acampar esta noite. — O tom de voz de Leon era frio.

— Precisamos conversar — disse Emily.

— Sobre o quê?

— Sobre... tudo...

— Está bem. Sou todo ouvidos. Fale. — Ele não estava facilitando as coisas.

— Se ao menos você explicasse o que aconteceu...

— Não tenho de dar explicações para ninguém, muito menos para você. Agora, se me dá licença, preciso pôr mãos à obra.

Frustrada, Emily foi juntar-se às companheiras de viagem.

— Não adianta querer esconder-nos na selva. William e Peter vão nos encontrar — disse Hester.

— Quanto tempo acha que levará até que nos encontrem? — inquiriu Emily.

— Alguns dias. Talvez uma semana. Que diferença faz?

— Como pode saber? Conheço meu marido e sei que é um expert em construir trilhas falsas.

— Então, o que vamos fazer, Emily? — perguntou a irmã. — Para você está tudo bem. Sou eu que corro perigo.

— Acredita nisso realmente, Sara? Quando éramos crianças, vocês tinham tanta afinidade. Onde estava um, lá estava o outro.

— Isso era o que eu pensava. Na verdade, o que queria pensar. Não compreende? Você era a mais velha. Tudo sempre vinha antes para você. Para mim sobravam apenas os restos. Quando Leon chegou, fiquei tão feliz! Pela primeira vez na vida, eu era mais importante para alguém.

— Mas muito tempo depois que nos casamos, você ainda o amava. Lembra-se de que me pediu várias vezes que anulasse o casamento?

Sara deu de ombros.

— Não era amor. Eu estava errada. Todas as moças eram loucas por Leon, e eu achava que era também. Na verdade, ele nunca me encorajou. Foi tudo fruto da minha imaginação.

Impassível, Hester ouvia tudo.

— Esta conversa é muito interessante, mas sem propósito. Ainda não decidimos o que fazer.

— Já disse e repito. Se quisessem nos matar, já poderiam tê-lo feito. Oportunidades não faltaram — retrucou Emily.

Suas palavras pareceram convencer Sara, mas não surtiram nenhum efeito em Hester.

— Eles não são como nós. Quem sabe o que se passa na cabeça dessa gente. Devereux é um fora-da-lei e Fraser, um selvagem. Não me espantaria se tentassem vender-nos aos índios. Nesse caso, jamais seríamos encontradas.

— E por que fariam uma barbaridade dessas?

— Porque somos aristocratas e eles, uns párias. Isso é uma vingança. Não conseguem enxergar? Por que nos vestiram como aborígenes? Sentem prazer em nos humilhar — insistia Hester.

Emily meneou a cabeça.

— Está deixando sua imaginação ir longe demais.

— Então, por que estou aqui? Por que não me deixaram em Lachine? Sou uma dama da nobreza. É isso que eles têm contra mim.

— Até eu falar com Leon, não faremos nada — decretou Emily, encerrando o assunto.

Pelos próximos minutos Leon parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. As canoas precisavam ser descarregadas e viradas em terra. Uma fogueira foi acesa para cozinhar a única refeição quente do dia e espantar as criaturas da noite.

Por fim, sentaram-se todos em volta do fogo, saboreando sopa de ervilhas e broa de aveia. Após o jantar, os viajantes não perderam tempo em acender o cachimbo e passá-lo de mão em mão.

James Fraser ofereceu-se para acompanhar as damas até a maior lona, que fora montada para que dormissem juntas.

Leon ficaria em uma das canoas. Não havia dado nem dez passos naquela direção quando sentiu uma mão segurando-o pelo braço.

— O que quer?

— Precisamos conversar — respondeu Emily.

— Não estou com vontade de conversar, e sim de dormir — ele disse, indicando a canoa.

— Deixe-me ir com você. — Aquelas palavras ficaram suspensas no ar. O corpo de Emily começou a tremer. Sentiu que poderia arder no calor que se apossou dela. — Por favor.

Sem dizer coisa alguma e com Emily em seu encalço, Leon encaminhou-se até o local onde passaria a noite.

Embaixo da lona estava muito escuro, e seu marido era pouco mais que uma sombra. Mas ela não precisava de luz, pois seus sentidos conheciam aquele homem muito bem. Seu cheiro, seu gosto, seu toque. No momento em que Leon se aproximou dela, foi como se o chão lhe fugisse dos pés. Os lábios dele estavam apenas a alguns milímetros dos seus quando Emily conseguiu dizer:

— Leon, precisamos conversar.

— Conversar nunca resolveu nada entre nós — ele sussurrou com voz rouca. As

mãos movendo-se pelas costas macias de Emily. — Sabia que me deixou maluco o dia inteiro, com essas roupas que não conseguem esconder as curvas deste corpo maravilhoso? — Inclinou a cabeça para beijar-lhe os mamilos intumescidos. Queria perder-se naquela feminilidade sensual.

Ergueu-lhe o queixo com uma das mãos e sentiu os lábios macios abrindo-se num convite sedutor. Deitou-a com muita delicadeza sobre os vários cobertores que improvisavam uma cama, até que ela ficasse embaixo do corpo viril. Levou alguns segundos para perceber que Emily se esquivava de seu abraço.

— Não podemos. Todos vão saber o que estamos fazendo embaixo desta lona — ela queixou-se.

— Já sabem.

— Mas... vão nos ouvir... — Apesar de não poder ver-lhe as feições, percebeu que Leon estava sorrindo.

— Eu não estou fazendo barulho algum. Além do mais, eles estão muito ocupados cantando, meu tesouro.

— Você... seu... seu... — Deu-lhe um beliscão no ombro que o fez gritar.

— Agora sim, vão pensar mal de nós — gracejou Leon, enterrando o rosto na cascata de cabelos macios.

— Leon, eu não estou brincando!

— Nem eu — murmurou e a beijou longamente.

As mãos de Emily, então, libertaram-lhe o sexo rijo e o acariciaram da maneira que ele lhe ensinara.

Leon gemeu baixinho e, sentindo que não aguentaria muito tempo mais, retirou-lhe a mão.

— Está perdendo o controle? — murmurou ela, revelando uma satisfação felina.

— Após duas longas semanas sem você, o que esperava?

Bem mais tarde, quando Emily conseguiu recuperar a voz, voltou a insistir que precisavam conversar. Tinha que saber toda a verdade.

Suspirando resignado, Leon virou-se de lado, encarou-a e, apoiando a cabeça em uma das mãos, começou a falar:

— Meu caso com Bárbara Royston terminou muito antes de eu voltar à Inglaterra para buscar você. Fui vê-la naquela noite, pois tinha certeza de que nos causaria problemas. Quando cheguei ao quarto de Bárbara, ela já estava morta.

Fez uma pausa e continuou:

— Há outra coisa que você precisa saber. Ela e o marido tinham um acordo. Cada um vivia sua vida e, para manter as aparências, passavam algumas semanas juntos durante o inverno. Bárbara teve muitos amantes. Eu fui apenas mais um.

Emily aguardou em silêncio. Sabia que o marido tinha muito mais para contar.

— Nunca quis que você soubesse que fui um membro de La Compagnie. Se alguma vez puser as mãos em Addison, sou capaz de matá-lo por ter lhe revelado o meu segredo. Não admito que ninguém questione minhas ações naquele tempo. A única coisa que

quero é esquecer. E essa é a única explicação que vai obter de mim.

Beijou-a de leve, como se a estivesse testando. Ao sentir que Emily correspondia ao seu beijo, acomodou-se contra o corpo macio de tal modo que uma folha de papel não passaria entre eles.

Sara removeu a coberta e caminhou até a porta improvisada da tenda.

— É um absurdo. Como podemos dormir com essa cantoria toda? Será que esses viajantes não param de cantar um só instante?

— E precisamos nos levantar cedo amanhã — respondeu Hester. — Onde está Emily?

— Ela precisava conversar com Leon.

Sara afastou-se alguns passos da tenda e, de repente, James materializou-se a sua frente.

— Oh, será que sente prazer em me assustar? — reclamou Sara.

— Não espere acordada por sua irmã — ele disse de maneira cínica.

— O quê? Onde está Emily?

— Dormindo com o marido.

Sara ergueu a mão e o teria esbofeteado se o homem não tosse mais ágil e lhe segurasse o braço. Com um gesto rápido, a fez desequilibrar-se e cair em seus braços. Antes que Sara pudesse saber o que estava acontecendo, já se encontrava bem distante da tenda, onde ninguém podia vê-los.

— Você nunca imaginou como seria? Nem sequer uma vez? Eu já... — James sussurrou-lhe no ouvido com voz persuasiva.

— Do que... está falando?

— Quero fazer amor com você. Diga que me quer também. — Sara estava tentada, não apenas porque James a atraía, mas também por ser uma esposa enganada. Ninguém traía lady Sara Brockford impunemente. Hesitou apenas alguns segundos, pois sabia que sua decisão já fora tomada muito tempo antes.

— Eu quero, mas não posso.

— Porque sou metade índio?

— Não. Acredite-me. Não ligo a mínima para isso. Se me conhecesse melhor, saberia que nós, os Brockford, não nos incomodamos com as origens de um homem. O que ele se tornou é o que conta.

— Então, por que não pode?

— Você não entenderia.

Por um instante, ela desejou que James anulasse seus argumentos, beijando-a com paixão. Ou que a seduzisse até não ter mais vontade própria. Mas ele não fez nada disso. E apesar de seu respeito por aquele homem crescer, não pôde deixar de achá-lo um tolo.

— Foi minha tia Zoe. A forma como nos criou. Enchendo nossas cabeças com histórias de honra e tudo mais. Pode não acreditar, mas eu sou uma moça bastante

convencional. Não poderia trair meu marido, mesmo que ele fosse um monstro de duas cabeças.

James fitou-a como se fosse uma estranha.

— Seu marido pode vir a tornar-se pior do que um monstro de duas cabeças. Pode muito bem ser um assassino. Já pensou nessa possibilidade?

— Não... Não é verdade.

— Esqueça Bárbara Royston. Pense em você mesma. Benson lucraria com a sua morte?

— Eu... não sei. Não sei como foi feito nosso acordo de núpcias. Mas, mesmo que isso seja verdade, Peter continua sendo meu marido. Meu lugar é ao lado dele.

James nunca admirara uma mulher como admirava Sara naquele momento. Pela primeira vez na vida, o instinto masculino o impelia a proteger uma fêmea. E no afã de protegê-la, tornou-se cruel.

— Ele tem uma amante. Molly St. Laurent. Sabia disso? Seu marido não a ama. Se a amasse, a manteria com rédea curta. Não lhe daria tanta liberdade. Oh, Deus! Se você fosse minha mulher, apertaria seu pescoço até sufocá-la, se me fizesse metade do que faz a ele.

— Não culpe Peter pelos meus defeitos. Nunca lhe dei a chance de...

— Por que é um fraco. Admita, Sara.

— Não! É um homem bom. A culpa é toda minha.

— Ele já teve uma fila de amantes. Você não tem amor próprio?

O tapa que Sara lhe deu fez o rosto de James virar. Mas dessa vez ele não fez nada para detê-la. Tinha consciência de que merecera. Quando ela se afastou correndo em direção à tenda, ficou um longo tempo esfregando a face dolorida.

Pouco a pouco tomou consciência de que os viajantes tinham iniciado uma nova canção. Sorrindo com cinismo, foi juntar-se a eles à beira da fogueira.

Capítulo XXII

Na segunda noite de acampamento, ninguém tinha dúvidas de onde Emily iria dormir. Os viajantes prontamente montaram a canoa um pouco mais afastada das outras tendas. Quando Leon terminou o jantar, chamou-a.

— Emily!

— Deixe a moça em paz. — A voz de Hester soou estridente. Parecia uma tigresa defendendo a cria.

Emily tomou consciência de todos os olhares em cima dela. Até os barulhos da selva pareceram parar. Leon deu um passo atrás.

— Dê-me o braço, Leon. Tenho medo de tropeçar na escuridão — falou.

Quando o casal passou por Hester, a expressão da mulher registrou em primeiro lugar choque e, em seguida, indignação.

— Se a forçar, não será melhor do que uma besta selvagem — gritou ela sentando-se em um galho de árvore. — Será que essa mulher não vê que o marido é um assassino?

Sara nem se dignou a responder. Continuou tomando a sopa, enquanto estava quente.

Uma vez embaixo da lona, Leon passou o braço em volta dos ombros de Emily, fazendo-a deitar-se na cama improvisada.

— Durma, querida — murmurou. — O amanhã chegará antes que perceba, e temos um longo caminho pela frente. Não quero que se desgaste demais.

— Sei que estamos viajando para o oeste, na rota dos mercadores de peles, e isso significa que saímos do nosso caminho. Para onde vamos exatamente?

— Está me saindo uma mulherzinha bastante perspicaz, sabia?

— Não disfarce. Quero saber qual é o nosso rumo.

— Estamos indo para St. Marie. É um entreposto de comércio de peles entre os lagos Huron e Superior. É ideal para os meus propósitos. Ao cruzarmos o estreito, encontraremos um entreposto americano.

— E quanto tempo demora para chegarmos lá?

— Duas semanas.

— Duas semanas?! — ela se espantou.

— Não se preocupe, querida. Sei o que estou fazendo. Já fiz esta viagem inúmeras vezes.

— Não é isso! Existe algum outro motivo para irmos a St. Marie. Sei que deve existir.

— Por que diz isso, Emily?

— Eu... não sei. Intuição feminina, talvez.

Passou-se um longo tempo antes que Leon respondesse e, quando o fez, foi com relutância.

— Tem razão. Há outro motivo, apesar de eu não estar certo de que conseguiremos algo positivo. Quando a criada índia de Sara desapareceu, descobrimos que a moça é casada com um guia chamado Doucette e que seguiu com o marido para St. Marie. Quero fazer-lhe algumas perguntas. Lembra-se quando estávamos em Nova York e Sara ficou muito doente?

— Claro. Foi esse o motivo de termos vindo para York. — Leon deixou escapar um suspiro.

— Pois na ocasião eu estava mais preocupado do que deixei transparecer. Você está a par dos atentados em Londres?

— Estou. Peter me contou.

— Então pode imaginar o que pensei quando Sara ficou doente. Mandeí uma

mensagem a James, pedindo-lhe que fosse investigar. Para resumir a história, descobrimos que sua irmã estava sendo drogada, e acredito que a criada era a responsável.

Emily ficou muito séria; as faces pálidas.

— Você não confia em Peter nem em William, não é mesmo?

— Não confio em ninguém, ainda mais quando não sei o que há por trás de tudo isso. Todos nós, você, Sara e eu, fomos alvos. É preciso afastar-nos do perigo.

Era uma história fantástica e Emily não estava certa se acreditava ou não.

— E como acha que essa criada pode ajudá-lo? É isso que eu não consigo entender.

— Ela pode não saber de nada. Por outro lado, alguém pode tê-la infiltrado lá. Se não estiver muito cansada, meu bem, existem outras coisas que posso sugerir para manter sua linda boquinha ocupada — brincou para descontrair a tensão.

— Acha mesmo que a criada pode identificar o responsável por todos esses crimes?

Leon parou de beijar-lhe o pescoço e roçou-lhe os lábios com a língua.

— Acho.

— E pensa que sabe quem é?

O suspiro do marido traiu um leve traço de indignação.

— Sim.

— Quem?

— Peter Benson, ou talvez William Addison.

— Mas que motivos eles poderiam ter para assassinar a sra. Royston?

Leon parou de beijá-la, afastou-se e deitou-se de costas.

— E que motivo teria eu para matá-la? Não tente disfarçar. Por que não admite que ainda não está convencida da minha inocência?

— Não é isso — Emily negou com veemência. — É só que Peter e William não parecem... — Aquele era o momento de parar. Quando percebeu ter saído de terra firme e pisado em areia movediça, ela tentou justificar-se, porém já era tarde demais. — O que eu quero dizer é que ambos vêm de ótimas famílias aristocráticas. Sei que não estou me expressando direito, mas nunca houve nada no passado deles que desse margem a...

— Enquanto eu já fui um assassino — concluiu ele.

— Eu não disse isso!

— Não? Mas é o que está pensando.

— Leon, por favor — Ela deu um profundo suspiro de frustração. — Se eu o julgasse um criminoso, acha que estaria aqui com você? A noite passada... pensa que permitiria que fizesse amor comigo?

Dedos longos e fortes envolveram-lhe o pescoço delicado e apertaram-no, primeiro com suavidade, depois imprimindo mais força. A voz, todavia, estava rouca de sensualidade.

— Querida, Emily, supõe que foi a primeira mulher a usar o sexo para impedir-me de matá-la? A vida de um assassino tem suas compensações, sabia?

— Não acredito em uma só palavra do que está dizendo — ela disse, virando-se de costas e afastando-se o mais que pôde e o exíguo espaço permitia.

Na manhã seguinte, Emily foi despertada pelo canto rítmico dos viajantes. Estendeu a mão e encontrou apenas o vazio no local onde Leon dormira. Sentindo todos os músculos do corpo doloridos, deslizou por baixo da canoa virada, levando a roupa de cama consigo. Demorou apenas alguns segundos para dobrá-la e amarrá-la junto com as roupas de pele.

Dois dias na trilha da selva e já se acostumara à rotina. Ainda estava escuro, mas em breve levantariam acampamento. O único desjejum seria um copo d'água. Os viajantes eram homens obstinados e durões. Três horas se passariam antes que parassem para fazer a primeira refeição do dia. Naquele momento, ela venderia a alma por um café bem quentinho, pensou. Deu alguns passos e notou que estava próxima à água. Lavou o rosto com movimentos rápidos e eficientes. Os viajantes estavam impacientes para zarpar.

Quando o sinal foi dado, Emily pegou sua sacola e dirigiu-se à canoa. Relanceou o olhar pelas sombras à procura de Leon. Ao avistá-lo ajudando a carregar os barcos, correu em sua direção como uma flecha.

— Sei que passou a noite comigo. Nem adianta negar — acusou ela.

— Não é momento para iniciarmos uma discussão — ele retrucou.

— Nunca é o momento.

— Já lhe disse que pode dormir onde quiser. Se tem medo de mim, sugiro que passe as noites na tenda de Sara e Hester, ou onde desejar.

Alguém o chamou e Leon afastou-se. Emily teve vontade de arrancar os cabelos. Sentia uma frustração imensa em relação a Leon, a si mesma e ao mundo, que lhe parecia tão injusto. Um dos viajantes aproximou-se e, apesar de ser da mesma altura dela, pegou-a como se fosse uma pena e depositou-a no centro da canoa. Suas companheiras de viagem já se encontravam em seus respectivos lugares.

— Estamos indo para St. Marie — anunciou Sara.

— Falou com Leon? — perguntou a irmã.

— Não. Foi James quem me disse. Na noite passada, quando vocês se recolheram. — Sara mal podia encará-la.

— E o que mais Fraser lhe contou?

— Bem, que ele e os viajantes vão se separar de nós ao chegarmos lá. Seguirão para Fort William.

Aquilo era novidade para Emily. Ocorreu-lhe que talvez James estivesse construindo uma trilha falsa para afastar a atenção sobre Leon. Um olhar de esguelha para Hester convenceu-a a manter tal pensamento para si mesma.

— Ele mencionou uma moça? A mulher de um guia?

— Não para mim. Talvez tenha dito algo a Hester.

Por um momento Hester fingiu ser surda. Pouco a pouco sua expressão foi se alterando e Emily deduziu que ou sabia de alguma coisa sobre aquela criada ou a curiosidade a mataria.

— Que guia? — perguntou a dama por fim.

— Um tal de Doucette — informou Emily. — A garota foi sua criada, Sara. A índia que fugiu.

— E o que eles querem com ela? — inquiriu Hester. Emily hesitou alguns segundos, imaginando se estaria traindo a confiança que o marido depositara nela.

— Leon acha que ela poderia ajudá-lo a provar sua inocência.

— Minha criada? — Sara fitou a irmã como se esta tivesse perdido o juízo. — O que aquela serviçal poderia saber? Nem consigo me lembrar direito dela. Recordo-me apenas que era bastante tímida.

— Pois eu me lembro muito bem dela — declarou Hester. — Tinha dedos leves. Nada estava a salvo daquela infeliz. Pratos, colheres, arranjos de cabelo. Infelizmente só descobri tarde demais. Se não tivesse deixado o emprego por livre e espontânea vontade, eu a teria demitido. E é essa a mulher que Devereux pensa que vai ajudá-lo a limpar o nome? Deve estar insano! Que tribunal daria ouvidos a uma ladra? Ele é culpado, Emily, e quanto mais cedo acreditar nisso, mais segura ficará, ajudando-nos a escapar das garras desse homem.

— Não vou deixar meu marido.

— E quanto a você, Sara?

— Eu... não vou deixar minha irmã.

Na primeira parada do dia, as damas aproveitaram a oportunidade para esticar as pernas.

— Isto é pior do que um pesadelo — comentou Sara. — Fico esperando acordar a qualquer momento. Não sei o que pensar, em quem confiar.

Avistaram um arbusto de amoras, e Emily afastou-se para colher algumas. Sara seguiu-a, enquanto falava:

— Leon não é inglês. Deve ser culpado. Todas as evidências estão contra ele. Hester não tem dúvidas. Não adianta dizer-lhe que eu o conheço desde criança. Naquele tempo você o odiava.

— Eu... fingia odiá-lo — disse Emily.

— Então eu estava certa. Você ama Leon.

— É tão óbvio assim?

— Oh, não! Hester acha que ama William Addison em segredo. Houve um tempo em que eu também pensava o mesmo. Debatesmos o assunto a noite passada, mas acho que não consegui convencê-la.

— Mas isso é um absurdo! William é apenas um amigo e nada mais. — Mal Emily proferiu aquelas palavras, a consciência lhe doeu. Sabia que até mesmo Addison julgava que ela o amava.

— Sabe o que acho? — disse Sara. — Que tudo isso é um colossal mal-entendido.

Ou uma piada mórbida, ou...

Estava à beira das lágrimas, quando se ouviu o estampido de um tiro de pistola. Os melros sobre o arbusto voaram em disparada. Emily soltou um grito e correu em direção à tenda.

Sara vinha logo atrás dela. Ao se aproximarem, a cena que depararam paralisou-as.

Hester se encontrava no meio de um grupo de viajantes que estavam de olhos arregalados. De cabeça erguida, ela segurava uma pistola. Dava a impressão de uma serena indiferença.

Naquele instante, James Fraser arrancou-lhe a arma e aos berros dava ordens aos viajantes para que inspecionassem a canoa.

Leon e um grupo de homens examinaram o barco.

— Nenhum dano foi causado — anunciou ele.

Emily deu um suspiro de alívio. Temera chegar ali e encontrar soldados atirando em seu marido. James quase cuspiu fogo pela boca.

— Tente uma coisa dessas outra vez e Vossa Senhoria será pendurada em uma árvore pelas pernas como uma galinha! — gritou para Hester.

— Meu bom homem — retrucou ela, sem parecer intimidada. — Não pode culpar um prisioneiro por tentar escapar.

— Não estava tentando escapar. Estava tentando destruir as canoas, isso sim. Sabe o que acontece na selva quando não temos meio de transporte? Todos morreríamos e nem restos sobriam para ser encontrados.

Quando Fraser se virou e caminhou na direção de Leon, Hester voltou-se para as outras damas.

— Se pelo menos estivessem aqui para ajudar-me. Teríamos conseguido.

— Conseguido o quê, pelo amor de Deus? — gritou Sara.

— Isso nos atrasaria e daria tempo a Peter e William de nos acharem. Parece até que vocês duas não querem ser encontradas — Hester disparou.

Naquela noite, na hora de se recolherem, Emily se defrontou com um dilema. Não sabia se seria bem-vinda na cama do marido. Esperava que ele fosse chamá-la, mas Leon não deu o ar de sua presença. Resignada, abriu mão do orgulho e, dando boa-noite às companheiras, dirigiu-se para a canoa que os havia abrigado nas noites anteriores. Enquanto caminhava, estava consciente do olhar fulminante de Hester as suas costas.

— Leon? — ela chamou.

Não houve resposta.

Na manhã seguinte, quando Emily acordou, acreditaria ter dormido sozinha, não fossem os cobertores a seu lado que ainda guardavam o calor do corpo do marido. Puxou-os para si e inspirou o cheiro másculo. Não sentia medo dele. Oh, Deus!, esse era o último sentimento que nutria em relação àquele homem. Se ao menos acreditasse nela!

Faltava um dia para chegarem a St. Marie, quando a menor das canoas apresentou um vazamento.

— Os homens vão ficar para trás para repará-la — anunciou Leon. — Vão nos

encontrar em breve. Estas canoas menores podem navegar em alta velocidade, sobretudo quando estão sem carga.

Um viajante chamado Franchot ficou responsável pelo barco e pelos demais homens. Antes, porém, fora informado por Fraser do que poderiam encontrar. Além de Benson e Addison, era bem provável que os soldados também estivessem em seu encalço.

Franchot, no entanto, não era um covarde e, pela Virgem Maria, estava ansioso por uma boa briga. Já participara de muitas contendidas a faca na selva e nunca perdera nenhuma. Aqueles malditos ingleses queriam que os canadenses lhes beijassem as botas só porque estavam sob seu domínio! Pensavam que só por lhes oferecerem meia dúzia de empregos em regime de quase escravidão, teriam de ser-lhes gratos pelo resto da vida. Pois ele não pensava dessa forma.

A casa no meio do deserto pareceu a Emily uma figura em um livro. A princípio julgara ser uma miragem. Viajavam havia duas semanas sem encontrar uma só habitação. A única evidência de que outras pessoas já tinham passado por ali eram cruzeiros de madeira delimitando os vários cursos d'água por onde navegavam.

Conforme se aproximavam do litoral, Emily observava a casa de pedra. Havia chegado em St. Marie.

— Isso é incrível! — bradou ela à vista de campos cultivados, jardins floridos e belos cavalos em estábulos. Tudo aquilo incrustado naquela região selvagem dava a sensação de irrealidade.

— Como uma residência como essa pôde ter sido construída aqui? — indagou Sara.

— Deve ser a casa de James — respondeu Emily, lembrando-se da história que ouvira de Leon.

— É uma boa casa. — O tom de voz de Hester era de desdém. — Mas nem se compara com Osterley ou Rivard Abbey.

Sara não pôde deixar de encarar James, que deixou escapar um longo suspiro.

Contra sua vontade, o mestiço descobriu que estava ansioso por apresentar a família a Sara. Gostaria que ela ficasse bem impressionada com seus parentes.

Antes que a canoa tocasse o cais, um sino anunciou a chegada deles. Os trabalhadores largaram as ferramentas e se dirigiram à beira d'água. Os habitantes daquela pequena colônia saudavam-nos com excessivo entusiasmo.

Mais tarde Emily viria a descobrir que eles tinham um bom motivo para isso. A chegada de uma brigada de peles marcava tradicionalmente uma celebração. Uma outra coisa lhe chamou a atenção: Hester, Sara e ela eram as únicas mulheres brancas que ali se encontravam.

Aquela dança era diferente de todas as que já haviam assistido. Estava sendo realizada em um celeiro e os ritmos eram impetuosos, rebeldes. As damas se divertiam bastante. Até mesmo Hester parecia ter amolecido. E um dos motivos era que não estavam mais vestidas com roupas de pele. As irmãs de James lhes emprestaram vestidos, que, para seu espanto, não ficavam a dever nada aos que costumavam usar em Londres.

— Trata-se de mulheres e filhas de homens de posse — explicou Leon. — Aqui,

quando mulheres índias se casam com homens brancos, adotam seu modo de vida.

Tudo era muito interessante e em outra oportunidade Emily gostaria de continuar explorando o assunto. Naquela ocasião, porém, outras preocupações lhe assaltavam a mente.

— E quanto àquela índia? Já falou com ela?

— Não, porque Doucette tem uma cabana nos arredores de St. Marie. Para chegar lá leva quase um dia de viagem.

— Desejo do fundo do coração que essa moça possa ajudá-lo a provar sua inocência — disse, tocando-lhe o dorso de uma das mãos.

— Se ela jurasse que foi Benson ou Addison, você acreditaria nela... uma índia?

A resposta de Emily demorou mais do que Leon esperava. Contraíndo os músculos da mandíbula, ele afastou-se para se juntar ao um grupo de homens.

Sara conseguiu um jeito de ficar a sós com James. Fazia muito calor dentro do celeiro, e ele então a convidou para um passeio pelos jardins. Guiou-a em direção aos estábulos, onde uma égua cuidava da cria.

— Sabia que eu nunca tinha visto mosquitos até vir para o Canadá? — comentou ela.

— Sabia. Nem ursos, nem lobos, nem porcos-espinhos, nem castores...

— A casa é bem bonita e a sua família, muito gentil. — Sara estava sendo sincera. A mãe de Fraser não era fluente em inglês, mas os filhos traduziam tudo que ela dizia. Eles a protegiam, e aquilo era tocante. O calor e a afeição que reinava ali a encantava. Era quase como se fossem ingleses como ela. A casa em que viviam, suas roupas, suas maneiras, o ritual do chá das cinco... Enganara-se quanto a James. Não era um selvagem, e sim um homem culto como qualquer um de suas relações. Envergonhava-se de si mesma pelo engano que cometera. Mas sabia que ele tivera sua parcela de culpa. Induzira-a a pensar assim.

— Conte-me sobre seus irmãos — Sara pediu.

— Não há muito para contar. Todos os rapazes são mercadores de peles e as moças casaram-se com mercadores de peles. Na nossa condição, não nos resta muito mais.

— Sua condição?

— Você sabe, somos mestiços. Seu povo nos olha com desconfiança. Não adianta termos frequentado boas escolas na Inglaterra. E não seríamos aceitos mesmo banhados em ouro.

— Mas em York são respeitados — argumentou Sara. — Nenhuma porta se fecha para você.

— É verdade... quer dizer, até certo ponto. Os pais de moças casadoiras, por exemplo, querem distância de mim.

— Ora, James! Desde quando liga para moças casadoiras? Você é quem deve correr a quilômetros de distância delas.

— Não, se uma delas fosse você.

Um calor intenso invadiu o corpo de Sara e seus lábios tremeram.

— James... eu vim com você até aqui para nos despedirmos, e não para ser cortejada. Amanhã você irá para Fort William, enquanto nós seguiremos em direção à fronteira americana.

— Quero que saiba que... nunca vou esquecê-la. Gostaria que nos despedíssemos como amigos. — Ele tomou-lhe ambas as mãos e por um momento cogitou beijar aqueles lábios tão desejados. — Sara, diga-me a verdade. Se fosse livre, eu teria alguma chance? Danação! O que me importa que não seja livre? Isto não precisa ser uma despedida. Não, se não quisermos que seja.

Antes que ela pudesse responder, foram interrompidos pelos irmãos de James, que se aproximavam.

— O que querem aqui? — ele bradou em tom irritado.

— Mamãe nos mandou procurá-lo.

Sara aproveitou a ocasião para erguer as saias e correr em direção ao celeiro.

Matthew tinha vinte anos e Nathan, quinze, e ambos idolatravam o irmão mais velho.

— Por que a dama estava chorando, James? — perguntou o caçula.

— Sara estava chorando? Não reparei.

A conversa foi abruptamente interrompida quando Matthew, pegando James de surpresa, derrubou-o na grama, onde iniciaram seu passatempo favorito: medir forças.

— Você está ficando velho, mano.

— Desista, pirralho, antes que eu o machuque — respondeu Fraser.

Nathan, que nunca soubera quando estavam brincando ou lutando para valer, começou a gritar.

— Mãe, venha depressa! Eles estão lutando outra vez!

James ria. De repente, uma sombra cruzou por sobre os lutadores e ambos pararam.

— Chegaram notícias de Franchot. Benson e a sua turma deverão chegar aqui pela manhã — informou Leon.

— Ótimo — respondeu James. — Estou pronto para uma boa briga.

Capítulo XXIII

— Quanto tempo levará para repará-la? — Sob o olhar inquisitivo do major, o guia passava as mãos pela canoa virada de cabeça para baixo. O dano era grave. O barco se chocara com uma rocha submersa e talvez nem tivesse conserto. Mas Gaboury resolveu esconder esse fato do major. Conhecia Benson e sabia que era um homem difícil. Não

aceitava falhas, nem mesmo forças da natureza. Tinha sempre que encontrar um culpado. Respeitava o major, mas não gostava dele.

Peter tentava não demonstrar sua impaciência. Gaboury não era um de seus homens e não estava acostumado a pular toda vez que um superior gritava uma ordem.

— Sr. Gaboury — repetiu, muito calmo. — Quanto tempo acha que vai levar o reparo? Uma hora? Duas horas?

O guia cuspiu no chão.

— Apronte-se para partir quando o sol estiver sumindo. — Após dizer isso, virou-se para dois de seus homens, jovens viajantes, porém experientes, e gritou-lhes suas ordens.

Eles puseram mãos à obra e em pouco tempo montaram uma fogueira, e um pote com resina de pinheiro fervia em cima dela.

— Verifiquem nossa munição e víveres. — O major se dirigia a um por um dos soldados, dando instruções redundantes.

William Addison recostava-se em um bloco de granito. A pistola repousava no bolso do casaco. Quando Peter se aproximou, disse-lhe:

— Espero que isso não seja nenhum truque. Não confio nesse Gaboury e nem nos seus viajantes.

— Nós somos sete, e eles são sete, mas não se esqueça, meus homens estão armados com mosquetes. — William fez uma carranca e Peter riu. — Mosquete pode não ser a última palavra em armas, mas nas mãos dos homens certos pode causar um grande estrago.

— Verdade?

— Um soldado treinado pode carregá-lo e atirar três vezes em um minuto.

— Voltando ao assunto de Gaboury, tem certeza de que ele não está nos despistando?

— Absoluta. Em todos os cantos há sinais de que as mulheres continuam com eles.

— Graças a Deus!

— Devemos agradecer a Deus por James Fraser estar com eles.

Os dois amigos já haviam tido aquela conversa antes. Atribuíam o fato de ainda não haver acontecido nada às damas devido à presença de Fraser. Uma vez que ele e Devereux se separassem, ninguém poderia prever o que aconteceria. Jamais aventaram a possibilidade de Leon ser inocente e, portanto, de as moças não correrem perigo.

Um grito de alarme fez o major sacar a pistola. Antes que pudesse usá-la, porém, um zunido de tiros passou sobre sua cabeça.

Ambos se deitaram com o intuito de se proteger. Quando a fumaça clareou, o major notou que a situação era insustentável. Não apenas o campo estava cercado de homens, como metade das armas de seus soldados não tinha mais préstimo.

Não se surpreendeu ao perceber que estavam sendo atacados por índios. O que o espantava era o fato de Devereux ser capaz de contar com tamanha lealdade! Fraser deveria saber que, ajudando-o, estava se colocando também no papel de fora-da-lei.

— Joguem as armas ao chão! — veio a ordem. Nenhum dos soldados se moveu, apesar de saberem que encaravam a morte. Não que fossem tão bravos, mas o major Benson estava no comando. Sua palavra era a única a que deveriam obedecer.

O momento era de tensão. Peter repetiu a ordem, e o suspiro de alívio era quase audível.

James Fraser comandava os índios e ordenou que colocassem as armas em uma pilha. Foi Leon quem abordou Peter e William.

— Eu fico com isso — disse, apontando para a arma de William.

William tremia, mas não de medo, e sim de raiva.

— Vocês dois serão enforcados por isso — bradou. — Outros soldados virão atrás de nós. Nunca conseguirão escapar.

Os acontecimentos seguintes foram muito repentinos. Ao entregar a arma, Addison inadvertidamente disparou-a e a bala passou raspando pela cabeça de Leon. Em uma fração de segundo, atiraram de volta, atingindo Addison.

— Parem o fogo! — ordenou Leon, abaixando-se para ajudar o ferido.

Enquanto isso, James olhava em volta para saber quem havia atirado. Tinha sido seu irmão caçula.

— Ele atirou primeiro — defendeu-se Nathan.

— Poderia ter dado início a um massacre, seu pirralho! — bradou Fraser. E voltando-se para Leon: — Como está ele?

— Nada bem. A bala se alojou na bacia.

— Está morto?

— Não. Apenas desmaiado. Aqui não podemos fazer nada para estancar o sangue. Precisamos levá-lo até St. Marie. Por que não mandou parar o fogo? — inquiriu Leon a James por entre os dentes.

Antes que o amigo pudesse responder, o major Benson disse:

— Este homem precisa de um médico.

O médico mais próximo encontrava-se a seis quilômetros de distância.

Foi James quem retirou a bala da bacia de William. Esperava que Leon o fizesse, mas este fora irredutível.

— Por quê? — Quisera saber James. — Você é quem deveria fazer isso. Suas mãos são muito mais firmes que as minhas. Deveria ter sido um cirurgião.

— Pare com isso. Sou imune aos seus elogios. E mesmo que fosse verdade, eu não o faria.

Aquela discussão acontecera na sala de estar da casa de Fraser. O ferido fora posto em uma mesa no centro do aposento. Recuperara a consciência e fazia um estardalhaço devido à dor que sentia. Leon retirara-lhe a calça e as botas. Nathan trouxera um frasco de láudano e com cuidado contava as gotas em um copo com água.

— Não costumava ser tão melindroso — insistiu James.

— Não se trata disso. Você removeria uma bala do corpo de Benson? — retrucou Leon. — Claro que não, pois se algo acontecesse, Sara nunca saberia se tinha sido você o culpado.

— Aceito o argumento. Vou fazê-lo — declarou o amigo.

Quase uma hora mais tarde, Leon saiu à procura das damas. Encontrou-as na sala de jantar, andando de um lado para outro.

— O ferimento de Addison é grave, mas não é letal. Se não infeccionar, terá chances de se recuperar. — Ignorando o burburinho de perguntas, aproximou-se de Charlotte Fraser e disse-lhe gentilmente: — Vamos precisar de um quarto no andar inferior, onde o sr. Addison possa convalescer. Terá de ficar de repouso por algum tempo e requer cuidados constantes.

— Há um quarto no final do corredor que será adequado às necessidades desse senhor — informou a irmã de Fraser, após confabular com a mãe.

Em seguida Leon virou-se para Hester. Ela levantava os braços assumindo o controle da conversa.

— O que é, Hester? — perguntou ele.

— Devemos depreender que a sra. Fraser e suas filhas tomarão conta do sr. Addison?

— Exatamente — concordou Devereux.

— Mas...

— Escutem com bastante atenção o que vou dizer. Neste momento, o major Benson e seus homens estão presos na Cadeia Comum. — Ignorou a respiração ofegante de Sara e prosseguiu: — James e outros homens se encontram com eles agora, vigiando-os. Se tentarem vê-los, serão impedidas. Além disso, se Addison não estivesse ferido, também estaria lá. Ele é nosso prisioneiro e permanecerá incomunicável, com exceção de algumas pessoas designadas por mim e por James. De qualquer forma, ele não está em condições de receber visitas.

Permitiu-se um breve sorriso e continuou:

— Devo informá-las de que os homens que foram destacados para vigiar Benson e Addison estão armados.

Emily foi a primeira a se recuperar do choque.

— Está esperando algum tipo de ataque, Leon?

— Tolinha! Ele acha que nós podemos libertá-los — retrucou Hester.

— Não se trata apenas disso — informou Leon. — Mas devo concordar que me passou pela cabeça. E agora, senhoras, se me dão licença, tenho um encontro para o qual já estou atrasado.

— Encontro? Com quem? — indagou Emily.

Hester era a mais sagaz. Rapidamente somara dois mais dois.

— Vai ver aquela moça, não é? A que já foi nossa criada. — Leon assentiu com um gesto de cabeça.

— Devereux, você é um tolo — advertiu-o Hester. — Aquela garota é uma índia e

uma ladra. Mesmo que jure sobre a Bíblia, ninguém acreditará nela.

— Eu acreditarei nela — retrucou ele. — Devo estar de volta amanhã à noite. Estejam prontas para partir comigo.

Quando Leon se virou para sair, Sara o chamou.

— Mas o que acontecerá a Peter e aos outros?

— Serão libertados em um ou dois dias, quando estivermos em segurança — ele respondeu por sobre os ombros.

Após Leon deixar o aposento, a conversa das damas tornou-se esporádica e marcada por longos silêncios. Meia hora mais tarde resolveram recolher-se, pois os acontecimentos do dia as deixaram exaustas.

No alto da escada, Hester gritou o que estava pensando:

— Para mim chega. Não vou a lugar nenhum. Devereux não pode me obrigar.

A moça ficou apavorada quando o marido lhe disse que um mercador de peles da Inglaterra viria até sua cabana. Sentiu ímpetos de pegar seu bebê e se esconder na floresta até que o homem partisse. Doucette, porém, não permitiria.

Além do mais, se o marido caísse em desgraça com os brancos, ela e o filho morreriam de fome.

Não. Isso não podia acontecer. Tinha seu orgulho. Afinal, era mulher de um caçador de búfalos. Acompanhava-o a todo lugar. Nenhuma outra mulher sabia esfolar um búfalo ou secar-lhe a carne como ela. As outras mulheres a invejavam por isso. Doucette era mais importante do que os maridos delas e ganhava mais dinheiro do que um mero viajante. Tratava-se de um bom provedor. Tinha um gênio difícil, era verdade, mas nunca fizera mais do que esbofeteá-la de vez em quando. Alguns homens surravam as esposas quase até a morte. Homens como seu ex-marido, a quem Doucette dera uma surra e o avisara de que se algum dia tornasse a procurá-la, arrancar-lhe-ia as orelhas.

Doucette era forte e a protegeria. Os outros homens o temiam. Prometera-lhe que o mercador de peles apenas lhe faria algumas perguntas e iria embora. Não tinha nada a temer. Não fizera nada de tão ruim. Ainda assim, naquele momento ela preferia estar junto de sua gente com o filho, longe do alcance dos brancos.

Leon entrou na cabana de um único compartimento seguido de Doucette. Havia uma mesa rústica e só uma cadeira perto da lareira. O cheiro de restos de peixe e tabaco inundava o ambiente.

Como alguém poderia viver assim? Mas não deveria surpreendesse, Leon pensou. Doucette e homens como ele não criavam raízes. Eram aventureiros. Daí a um mês, talvez ouvisse falar de pastagens melhores e levaria sua pequena família para lá.

A moça aparentava ter pouco mais de dezesseis anos. O que teria visto no marido? O homem parecia um vilão de histórias infantis. O cabelo era longo e rebelde e na cabeça usava um chapéu com uma pena. Vestia um casaco feito de cobertores e calça de couro.

Leon resignara-se à pouca sorte. Não lograria sucesso ali. Pensou em Emily. Jamais permitiria que a esposa passasse o resto da vida com uma nuvem de suspeita a respeito de seu caráter.

Bem, já que estava ali, seguiria com seus propósitos.

Falando primeiro em francês e depois em inglês, disse:

— Sou americano e, quando sair daqui, vou atravessar a fronteira para o meu país. Não voltarei a estas paragens. Ninguém mais vai lhes fazer perguntas além de mim.

A mulher não era fluente em nenhum dos dois idiomas, e o marido traduziu as poucas palavras que conseguiu proferir.

— O que deseja saber?

— Você foi criada de lady Sara — disse Leon e aguardou que a mulher ajeitasse o bebê de modo a colocá-lo para mamar. — Tentou envenená-la? — indagou abruptamente.

Por um momento a mulher ficou terrificada, em seguida disparou uma torrente de palavras ininteligíveis, que o marido traduziu. A resposta, contudo, foi um inequívoco "não". Também, o que Leon esperava ouvir?

— Sabe quem tentou envenená-la? — insistiu Devereux. Dessa vez, a moça não esperou que o marido traduzisse.

Assim que as palavras saíram da boca de Leon, ela começou a balançar a cabeça em sinal de negativa.

— Lady Hester disse que você furtou algumas coisas. — Quem respondeu foi Doucette:

— Ela não rouba coisas. Apenas quebra pratos ou estraga lençóis quando os põe para secar perto do fogo e então os esconde de modo que ninguém os acha mais.

— E onde os guarda? — perguntou Leon.

Outra conferência com o marido, e este respondeu:

— Quando ia ao banheiro nos fundos da casa, levava-os debaixo das saias e os jogava na latrina.

Era um truque utilizado por criados e crianças para escapar do castigo.

Leon fitou a garota, captando-lhe a dilatação das pupilas, antes que baixasse os olhos. Estava apavorada. Suas próximas palavras não foram planeadas.

— Mas você não escondeu tudo. Estou certo de que guardou alguma coisa. E eu não sairei daqui sem que me entregue.

Marido e mulher olharam-no espantados. Doucette foi o primeiro a se recuperar e começou a fazer ameaças. Em um segundo, Leon segurou-o pelo pescoço.

— Entregue-me já o que quer que ela escondeu! — bradou ele.

Doucette fitou aqueles olhos muito negros e, apesar de não ter conhecimento de que o homem a sua frente já tinha sido um assassino, o instinto lhe avisou que seria perigoso enfrentá-lo. O americano parecia mais sinistro do que o próprio demônio. Para derrubá-lo, um homem precisaria da ajuda da Virgem Maria e de todos os santos. Virando-se para a mulher, ordenou-lhe que obedecesse.

Quando ela se recusou, o homem levantou a mão como para esbofeteá-la. Segurando a criança com força contra o peito, ela correu até a lareira. Uma das mãos deslizou por dentro da chaminé, procurando algo. Um momento depois retirou uma mochila de couro e entregou-a ao estrangeiro.

Dentro havia um livro. Leon rapidamente o abriu e virou as páginas. A maior parte delas continha desenhos e esboços feitos a tinta. De repente, o livro se abriu em uma página específica. Ele fitou a face da moça e, em seguida, a folha a sua frente. Era o esboço de seu rosto. Sabia que os índios eram supersticiosos quanto às imagens, mas não entendia o propósito daquilo.

— Por que ela ficou com isto? — perguntou a Doucette, ainda segurando o livro.

— Estava com medo de que a sua alma a abandonasse se não ficasse com o seu retrato.

Leon tornou a olhar para a página com o desenho e, depois de alguns segundos, exclamou:

— Meu Deus! O que foi que eu fiz?!

Hester acordou na manhã seguinte e por alguns minutos permaneceu embaixo das cobertas, de olhos cerrados, sentindo uma sensação de paz. Tendo chegado a uma decisão na noite anterior, nunca dormira melhor. Tudo voltara a ter perspectiva. Era tão simples!

Vestiu-se com esmero, pois queria aparecer em sua melhor forma. Não estava com pressa. Não iria a lugar algum. Além do mais, ainda faltavam algumas horas antes que Devereux chegasse. Saiu do quarto cantarolando. Estava de bom humor e percebia que a casa da sra. Fraser era muito melhor do que imaginara de início. Parecia uma casa inglesa.

No fundo da escada, de frente para a porta, um cavalheiro que ela não conhecia encontrava-se sentado em uma poltrona com uma pistola na mão. Hester cumprimentou-o amigavelmente e seguiu seu caminho.

Quando entrou na sala de estar, deparou com jovens sentados em volta do aposento ocupados em vários afazeres. Dois deles sentavam-se à mesa absorvidos em um jogo de cartas. Outro estava em uma cadeira e aparentava dormir. Outro ainda limpava as botas. Devereux não exagerara. Todos portavam armas.

À entrada de Hester, o burburinho de vozes parou. Fraser caminhou em sua direção.

— Como está o paciente? — perguntou Hester, e seus olhos fitaram uma porta à direita.

— Está melhorando — respondeu Matthew, repetindo as palavras da mãe.

— Isso já é alguma coisa — comentou ela. — E onde estão as damas?

— Na cozinha.

Hester não pediu permissão. Agradeceu e cruzou a porta que levava aos fundos da casa.

Após alguns momentos, Matthew voltou ao jogo de cartas, coçando a cabeça.

Quando Hester abriu a porta da cozinha, encontrou Emily e Sara junto ao forno, retirando broas assadas com uma longa pá de madeira.

— Por que estão aqui? — perguntou-lhes.

— Mandamos a sra. Fraser e as filhas para a cama. Acredita que além de ficarem

cuidando de William a noite inteira, ainda teriam de assar pão antes de ir descansar? — informou Emily.

— Não fazia ideia de que vocês eram tão... prestativas — disse a dama, andando em volta, abrindo gavetas e inspecionando tudo.

Emily encarou-a. Julgou que era uma mulher bonita quando se permitia sê-lo.

— Olhe aqui, Hester — disse Sara. — Não seria demais a ajuda de outro par de mãos. Ainda temos muito que fazer aqui. Os homens precisam ser alimentados e têm o apetite de um cavalo.

— Deus me livre! Jamais sonharia em interferir no seu trabalho. Francamente, Sara. E eu que achei que você não sabia sequer cozinhar um ovo. — Sorrindo, retirou-se.

As duas irmãs fitaram a porta fechada.

— Para falar a verdade, Emily, eu não sei como cozinhar um ovo.

— Eu sei que não. Mas a refeição que vamos preparar é mais simples e consta do nosso cardápio.

— E qual é?

— Sopa de ervilhas com broa de aveia.

A mulher esperou que o fogo se espalhasse, antes de sair do celeiro e fechar a porta. Sentiu pena da égua e sua cria. Mas apesar de gostar de animais, não podia deixar que eles a detivessem. Era uma questão de vida ou morte.

Notara no dia anterior que o sino ficava localizado sob uma velha mesa de carvalho no jardim, perto da casa. Era mais pesado do que imaginara. Segurando-o com ambas as mãos, fez os movimentos para acioná-lo. Ótimo. A fumaça já saía pelo celeiro e os animais começavam a inquietar-se. Em breve estariam urrando.

O som do sino chegou até a Cadeia Comum. De suas selas, os homens o escutaram ao longe, porém estavam envolvidos com a discussão que se travava entre Devereux e Benson.

Cinco minutos antes, Leon irrompera porta adentro parecendo um demente, gritando e obrigando o major a responder às suas perguntas. Por fim, jogara um livro em cima da mesa.

— Leia isso! — ele bradara. — De quem é essa caligrafia? — Peter leu a página que lhe fora indicada. Como em transe, ergueu a cabeça, e seus olhos vaguearam de rosto em rosto.

— Eu lhe fiz uma pergunta. — Leon parecia à beira de um assassinato. Não pregara olho na noite anterior e linhas de fadiga marcavam-lhe o rosto.

Peter umedeceu os lábios. Sua expressão era uma combinação de horror e descrença.

— Não acredito que Hester tenha escrito isso! Nunca soube que ela possuía um diário. Só pode ter sido forjado. Não vê?

— Então é de Hester — concluiu Leon.

Um silêncio profundo tomou conta da sala e o som do sino finalmente penetrou nas mentes dos homens. O jovem Nathan foi até a janela.

— Nosso celeiro está pegando fogo! — gritou. James correu até lá.

— Minha égua premiada! — ele gemeu.

— Dane-se a sua égua! — Leon gritou, dirigindo-se à porta. — Hester está lá com as mulheres.

Dentro da casa, Franchot, que vigiava a entrada, foi o primeiro a ouvir o sino. Correu para fora e logo notou o que acontecia.

— O celeiro pegou fogo! — gritou Hester e continuou a tocar o sino.

Franchot voltou para dentro, agradecido pela mulher ter tido o bom senso de tocar o sino, e foi chamar seus homens.

Com um sorriso, Hester observou-os sair. Em seguida, encaminhou-se até a casa.

— O que foi; isso? — perguntou Emily ainda na cozinha.

— O quê? — indagou Sara. — Daqui não se houve nada. A cozinha não faz parte da casa. A propósito, como saberemos quando esses pães estiverem assados?

Mas Emily não prestava atenção às palavras da irmã. Alguns minutos antes ouvira o som de um sino, além de outras coisas que lhe causaram uma vaga apreensão. Mas, afinal, Sara devia estar certa. Dali era difícil escutar o que se passava. Não devia ser nada de mais. Talvez fosse apenas sua imaginação.

Porém, pelo sim, pelo não, seria melhor sair para investigar.

— Sara, tome conta da sopa e não a deixe queimar.

— O quê? Aonde vai? Emily, volte aqui.

— Fique onde eu mandei, está bem? — Dizendo isso, Emily retirou-se, apressada, pelo corredor dos fundos.

A sala de estar encontrava-se vazia. Ela olhou em volta e notou que o baralho fora jogado com displicência em cima da mesa. Uma das cadeiras estava tombada. Um casaco com uma pistola em um bolso tinha sido deixado sobre a poltrona. Era óbvio que os homens haviam saído dali às pressas.

Sua inquietação aumentou quando a porta se abriu. Instintivamente deu um passo atrás.

Capítulo XXIV

— O celeiro está pegando fogo — disse Hester. Aquelas palavras atingiram Emily como um raio.

— Santo Deus! Por que não disse logo?

Sem esperar resposta, saiu porta afora. Ao se aproximar do incêndio, ouviu os urros dos animais e os gritos dos homens que os retiravam do celeiro em chamas.

— Peguei a égua e a sua cria — alguém disse.

A fumaça era tão densa que Emily só conseguia ver sombras se movendo.

Era inconcebível que tudo aquilo tivesse acontecido enquanto ela e Sara estavam envolvidas em tarefas culinárias.

Deu meia-volta e retornou à casa, chamando por Sara e Hester. Não tinha a menor ideia do que poderiam fazer para ajudar, mas estava certa de que devia haver alguma coisa.

Acabara de cruzar a sala de visitas, quando ouviu murmúrio de vozes. Seus olhos foram instantaneamente atraídos para o quarto dos fundos, onde repousava William Addison. A porta estava aberta. Aproximou-se. Era Hester quem falava.

Seu primeiro pensamento foi que Hester não deveria estar se aproveitando da situação para contrariar as ordens expressas de Leon. Retirá-la-ia dali sem fazer muito alarde e sem incomodar o ferido.

Hester encontrava-se sentada na beira da cama e apertava uma das mãos de Addison junto ao peito. Seu tom de voz era gentil, quase maternal. O paciente tinha os olhos abertos, porém parecia atordoado.

— Hester? É você?

— Sim, meu amor. Eu vim assim que pude. Pensou que o esqueceria?

Aquelas palavras pareceram agitá-lo.

— Você não deveria estar aqui. E se nos encontrarem juntos?

— Não há ninguém aqui. Eu cuidei de tudo. Não foi sempre assim? Mesmo quando éramos crianças?

William tossiu, e Hester recostou-lhe a cabeça nos travesseiros.

Emily ficou tão chocada que parecia ter criado raízes. Não conseguia dar um passo sequer.

— Não vou continuar com isso... não posso mais. Tudo que sempre quis foi você — murmurou ele.

— Calma, meu amor. Tudo será como sempre quis. Nunca mais vamos nos separar. E, de qualquer forma, não teria dado certo. Emily ama Devereux de verdade. Portanto não adianta prosseguirmos com o plano.

— Então me aceita? Assim como sou?

— Você é tudo que eu quero. Agora durma, William. Quando acordar, estarei a seu lado.

— Quase o peguei — falou ele. — Devereux! Quase o peguei.

— Eu sei. Mas isso não importa mais agora. Beije-me, meu amor. Uma última vez.

Emily assistia àquela cena com a mão pressionada contra a maçaneta da porta. Agora via Hester acariciando os cabelos de William e fitando-o como se quisesse memorizar suas feições. Addison tinha adormecido.

— Eu o amo, William. Sempre o amei.

Quando a Hester ergueu um dos braços, Emily vislumbrou o cintilar de uma faca. Abriu a boca para gritar, mas antes que emitisse qualquer som, Hester desferiu um golpe

no pescoço de Addison. Ele contraiu-se em um espasmo, porém não fez ruído algum. Foi Emily quem soltou um grito de pavor.

— Nãaa! Oh, meu Deus! Não!

— Olá, Emily — saudou-a Hester com toda a naturalidade e, sem hesitar, dirigiu-se a uma das gavetas.

Emily não conseguia ver o que a mulher estava fazendo, mas parecia-lhe que puxava algo pesado com ambas as mãos. E então viu-se frente a frente com uma enorme espingarda. Percebia agora que cometera um grave erro. Deveria ter fugido quando tivera a chance. Tentando ganhar tempo, exclamou:

— Você e William eram amantes!

— Amantes? Sim, sempre fomos, mas não da forma que está insinuando. Desde crianças nossas almas pertenciam uma à outra. Não espero que entenda. — O tom de voz de Hester era plácido. Ninguém acreditaria que acabara de assassinar um homem — Ele nunca a amou. Fui sempre a mim que ele quis.

— Mas... ele queria que eu anulasse o casamento. Ia se casar comigo.

— E a deixaria no momento em que se casassem, sua tola. Não foi justo de sua parte fazer-nos acreditar que não gostava de Devereux. Se soubéssemos que o amava, teríamos escolhido outra moça.

— Com uma fortuna igual a minha, suponho.

— Naturalmente. William e eu juntos não dispúnhamos nem de dois centavos. — Hester deu um passo à frente e depois outro.

Emily prendeu a respiração. Estava aterrorizada. Mas ainda assim conseguiu perguntar:

— Foi William quem matou Bárbara Royston, não foi? Para que Leon levasse a culpa?

— Devereux teria de ser eliminado, ainda mais depois de haver consumado o seu casamento. Além disso, você mentiu para William, fazendo-o acreditar que o amava.

— Eu não menti para ele! Nunca quis ferir os sentimentos de ninguém.

— Bem, não tenho tempo para esta lengalenga, querida. Preciso agir rápido. Você entende, não é?

Emily não sabia se era imaginação, mas seus ouvidos captaram a distância o som da voz de Leon. Precisava ganhar tempo, antes que Hester puxasse o gatilho.

— E sobre Sara? — perguntou depressa. — O que ela tem a ver com tudo isso?

— Ora, como você é obtusa! Com a morte dela, a sua fortuna passaria para você.

— Então... minha queda do cavalo? Aquilo foi armado para Sara?

— Claro! Pobre William! Quando a viu, pensou que todas as nossas esperanças tinham caído por terra. Estava certo de que você tinha quebrado o pescoço.

— Está querendo dizer que todos nós somos alvos: Sara, Leon e eu?

— Minha querida, já lhe expliquei. Você nunca esteve em perigo.

— Não. Mas teria ficado se me casasse com William. — Sem saber como, Emily não

sentia mais medo. — Pois bem, isso nunca teria acontecido, Hester. E sabe por quê? Mesmo que tivesse ficado viúva, eu jamais me casaria outra vez, pois nenhum outro homem tomaria o lugar de Leon.

— Entendo — disse Hester, dando mais um passo em sua direção. — Acredito em você.

— Por que matou William?

— Não vê que não tinha outra saída? Se ao menos não tivesse sido ferido. Como poderia deixá-lo continuar sofrendo e depois enfrentar um julgamento por assassinato?

Emily não conseguia pensar direito, mas precisava continuar atraindo a atenção daquela mulher.

— Foi você também quem ateou fogo ao celeiro?

— Sem mais perguntas — disse Hester com suavidade — O tempo está passando.

Em desespero, a mente de Emily buscava uma saída. Qualquer coisa que não fosse ficar ali inerte. O horror e o choque a mantinham cativa. Não percebera que havia retido a respiração até que Hester ergueu ambas as mãos, apontando a espingarda na direção do seu coração. E então as imagens começaram a passar por ela como um caleidoscópio. Fechou os olhos e aguardou o estampido da arma.

— Leon! Oh, Leon... — murmurou baixinho.

Ouviu um ruído, mas não era um tiro, e sim o som de uma porta se fechando. Não estava morta, não tinha sequer um arranhão. Abriu os olhos e notou que Hester fechara a porta do quarto em sua cara. Seu alívio durou até ouvir uma explosão no interior do quarto. As pernas não conseguiram mais sustentá-la e então desmoronou no chão.

Foi assim que Leon a encontrou quando irrompeu pelo corredor. Emily ergueu os braços e indicou a porta fechada.

— Hester... e... William... — gaguejou. — Ela o matou e depois atirou em si mesma.

Os homens que chegaram logo em seguida tentavam arrombar a porta do quarto, mas estava emperrada.

— Vá pela janela — ordenou Leon a Matthew. — Leve alguém com você e tenha cuidado. — Passou os braços em volta de Emily e ergueu-a. — Você está bem? — Ela assentiu.

— Foi horrível! — conseguiu murmurar antes de desfalecer nos braços do marido.

Após alguns instantes, o rosto pálido de Peter Benson entrou em foco.

— Sara... Onde está Sara?

Oh, Deus, Sara. Emily tinha se esquecido da irmã. Começou a soluçar.

— Está... está na cozinha...

Peter não esperou que continuasse. Saiu como uma flecha. James Fraser fez menção de segui-lo, mas foi impedido pelo braço forte de Leon. Os dois homens se encararam como a medir forças.

Naquele instante, a porta do quarto de William se abriu e Matthew apareceu.

— Ambos estão mortos — anunciou ele.

Sara virou-se ao ver Peter Benson entrar pela cozinha. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces coradas. Se ficou surpresa por ver o marido ali, não deixou transparecer.

— A broa queimou — informou, consternada.

— Estou vendo — ele respondeu, dando um passo à frente.

— A sopa de ervilhas também.

— É. Estou sentindo o cheiro.

— Eu não sabia que sopa podia queimar.

— Não é uma grande tragédia.

— Suponho que vai me dizer que conseguiu fugir da cadeia e fez Leon prisioneiro. É esse o motivo de toda essa comoção?

— Não fugi da cadeia. Fui libertado. Sabem que sou inocente. — Estava a centímetros de distância da esposa.

— Oh, bem... já deve saber que Emily e eu não corremos perigo com Leon.

— Sei disso.

A respiração de Sara era pesada.

— Suponho que esteja contente em me ver pelas costas. Partiremos hoje para a América. Logo depois do desjejum. — Deu um soluço e virou-se.

— Eu não quero vê-la pelas costas.

— É muito gentil de sua parte dizer isso, mas sei que deve estar ansioso para voltar para Molly. Você mesmo me disse que a ama, lembra-se? — Sara assoou o nariz era um lenço bordado que encontrara no bolso.

— Se algum dia eu disse tal coisa, foi uma grande mentira. Só amei uma mulher na vida, e essa mulher é você, Sara. Oh, Deus, quase morri quando julguei que a tivesse perdido!

Ela virou-se para encará-lo com os olhos muito abertos.

Peter não pôde mais controlar tantas emoções: alívio por Sara estar viva, horror por descobrir que a irmã era uma assassina, compreensão de que a vida era frágil e transitória, e, por fim, a determinação de reivindicar a mulher que ele amava. Se não pudesse tê-la com gentileza, a teria pela força.

Com tais pensamentos, beijou-a até tirar-lhe o fôlego.

— Peter?

— As coisas serão diferentes entre nós de hoje em diante. Aonde eu for, você irá. Minha cama será a sua cama. Nunca mais vai me fechar do lado de fora do seu quarto. — E como aquele tom de voz autoritário não lhe caía muito bem, murmurou com mais suavidade: — Sara, diga alguma coisa!

Ela envolveu-lhe o pescoço com os braços.

— Sim, Peter. Eu digo sim.

À noite, durante o jantar, Peter Benson anunciou que tinha algo a dizer aos envolvidos naquela questão. Quando os demais se retiraram, cinco pessoas

permaneceram em seus lugares: Peter, Emily, Leon, Sara e James. Ninguém sorria. Estavam todos dominados pelo terror dos acontecimentos daquele dia. Peter levantou-se e foi fechar a porta da sala. Em seguida voltou a seu lugar à mesa. Tinha nas mãos o diário de Hester. Sua expressão era grave quando o pousou em cima da mesa.

— Temos um problema — disse ele. — Vasculhei o quarto de minha irmã tentando encontrar... não sei bem o quê, sua última vontade, um testamento? Uma carta? Hester não deixou nada. — Fez uma pausa. — Apesar de achar que posso convencer as autoridades de que se trata do diário de Hester, ele não cobre todos os acontecimentos, pois foi roubado muito antes do assassinato da sra. Royston. Isso deixa Leon em uma encruzilhada. Ele não tem como provar que é inocente dessa morte.

— Mas por certo — interferiu Emily — eu posso provar. Hester me contou momentos antes de...

— Possivelmente — respondeu Benson. — Mas já considerou o fato de que terá de retornar comigo para York?

— Não permitirei isso de forma alguma — disse Leon.

— Está bem. Então tenho uma sugestão a fazer. — Os dois homens se encararam e era como se só eles estivessem na sala.

— Estou ouvindo. — Peter clareou a garganta.

— Pretendo forjar uma carta com a caligrafia de Hester, exonerando-o totalmente do assassinato da sra. Royston. Além disso, tenho intenção de deixar claro que você nunca foi membro de La Compagnie ou que esteve envolvido em qualquer complô contra Sara ou Emily. — Peter encarou um por um. — Isto é, com a sua permissão, é claro.

— É uma ideia esplêndida! — exclamou James, falando por todos.

— Peter, já pensou no escândalo que isso acarretaria? — A voz de Leon soava grave.

— Já pensei nisso, e Sara concorda comigo. — Segurou a mão da esposa, e ela lhe dirigiu um olhar brilhante de admiração. — Eu sei que o que pretendo fazer é contra a lei. Mas a minha consciência não me deixaria em paz se não tentasse desfazer o grande mal causado por um membro da minha família.

— Concordo plenamente — disse James, servindo uma rodada de brandy para aliviar a tensão.

— Há alguns fatos, no entanto — prosseguiu Peter —, que não estão claros para mim. Proponho fazer um resumo do que sei e tenho também algumas perguntas. O que conta é o seguinte: desde crianças, minha irmã e William Addison se amavam. Nenhum dos dois possuía um centavo. Então engendraram um plano para que William se casasse com uma moça rica. Escolheram Emily. Mas como ela já tinha marido, sua primeira providência seria eliminar Leon.

Emily assentiu e encarou a irmã. Um pensamento lhe veio à mente. A ex-esposa de Addison fora dada como morta em um acidente. Santo Deus! Não mencionaria aquele fato. Para sua tranquilidade de espírito, nem sequer pensaria no assunto.

— O plano era o seguinte — continuou Peter. — Após um intervalo considerado adequado, Emily sofreria um acidente. Então a fortuna dela passaria para Addison, e ele e Hester se casariam.

— Hester admitiu isso pouco antes de... acabar com a própria vida — informou Emily. — E quando eu lhe perguntei sobre Sara, disse-me que, com a morte dela, sua fortuna passaria para mim.

— Malditos gananciosos! — exclamou James. — Ainda bem que encontraram o que mereciam.

— Entendo também que Leon era um obstáculo que precisava ser removido — prosseguiu Benson. — O que não consigo compreender é por que pensaram que com o desaparecimento de Leon, você aceitaria se casar com William. Não há nada sobre isso no diário de Hester — ele disse fitando Emily. — Não estou me referindo ao tempo em que estava na Inglaterra, e sim depois que veio com seu marido para a América.

— Emily não tem culpa alguma nisso — respondeu Leon, passando o braço pelos ombros da esposa. — Addison estava obcecado com a ideia de conseguir casar com ela.

— Não! — Emily proferiu a palavra antes que se arrependesse. Afinal, não era momento de pensar em si mesma, quando a vida do homem que amava estava em perigo. Não seria poupada.

Umedeceu os lábios e prosseguiu:

— Em Nova York... isto é... William e eu nos correspondíamos, não de forma regular. Ele me escreveu uma vez... duas... e eu respondi. Não queria ferir seus sentimentos. Ele dizia que queria vir visitar-me. Escrevi-lhe de volta dizendo que não seria conveniente. O que mais poderia dizer? Não venha porque não quero?

— Foi quando Hester teve a ideia de dopar Sara com pequenas doses de narcóticos. Não o suficiente para matá-la, mas para que ficasse doente — concluiu Benson. — Sabia ou esperava que isso levasse você até York. E funcionou.

— Foi isso que aconteceu? — perguntou Emily.

— De acordo com o diário, sim.

— Fui eu o culpado de não ter descoberto tudo isso, mas a criada fugiu e ninguém sabia da existência do diário — disse James.

— Quando cheguei a York — continuou Emily, disposta a ir até o fim. — William estava mais ardente do que nunca. Tentei lhe dizer que não havia esperanças para ele, mas não me acreditou. E... ele... me beijou... e...

— Isso não vem ao caso agora — Leon a interrompeu. — O fato que não se encaixa é por que Hester decidiu matar William e suicidar-se.

— Acho que é evidente — disse Peter. — Hester sabia que você estava determinado a encontrar a criada, a esposa de Doucette. Devia suspeitar de que a moça estava com o diário. William não podia se mover. O jogo estava acabado e... — Sua voz falhou. Levantou-se e foi até uma das janelas contemplar o lago. Não havia uma pessoa naquele aposento que não sentisse sua dor. Assassina ou não, Hester sempre fora uma irmã amorosa.

Após uma pausa para que Benson se recuperasse, Emily disse:

— E no caminho de Lachine para St. Marie, Hester tomou conhecimento de que eu não ligava a mínima para William, pois era a Leon que amava. Então não havia como prosseguir com o plano.

— É verdade — informou Sara. — Hester e eu tivemos uma discussão a respeito disso, mas no fim ela aceitou a verdade.

— Que verdade? — perguntou Leon.

— Que era você que eu amava — disse Emily.

— Tenho uma pergunta — proclamou James. — É sobre Bárbara Royston. Não está claro para mim. Por que matá-la? Por que simplesmente não desaparecer com Leon?

— William não ousaria ser tão óbvio — Foi o próprio Leon quem respondeu.

O grupo continuou conversando por mais de meia hora, até que James anunciou estar pronto para recolher-se.

— Devo seguir viagem antes do amanhecer — informou. — Parto para Fort William.

Aquelas palavras lembraram aos demais que no dia seguinte todos tomariam rumos diferentes.

— Então isso é um adeus — disse Sara, caminhando com James até a porta, onde ficaram um pouco afastados dos outros.

— Retiro tudo que eu disse sobre seu marido — declarou James. — É um homem de excelente caráter. Não existem muitos como ele.

— Existem alguns — falou Sara. Seus olhos estavam úmidos. — E tenho a dizer-lhe que você é um deles, James. — Observou-o até desaparecer no alto da escada e então voltou à sala. Peter e Leon estavam envolvidos em uma conversa. Emily fazia um esforço enorme para conter as lágrimas.

— Você sempre teve um coração de manteiga — disse Sara, aproximando-se da irmã e estendendo-lhe os braços. Abraçaram-se como não faziam desde crianças. — Você me proporcionou uma imagem que jamais vou esquecer.

— Oh! — Emily pensou em seus esforços na cozinha naquela manhã.

— Minha irmã mais velha cheia de dignidade com um guarda-sol nas mãos, utilizando-o para derrubar dois pobres viajantes no lago.

— Você não deveria ter olhado para trás — acusou Emily.

— Fico contente de ter desobedecido. Assim guardarei aquela imagem na memória. Na nossa infância, éramos muito unidas. Eu sempre vim em primeiro lugar em seu coração, não é verdade, Emily? Só agora me dei conta disso.

— Éramos órfãs. A quem eu poderia amar mais do que minha irmã caçula? O que vai acontecer agora? Consegui convencer Peter a desistir do Exército e ir com você para a Inglaterra?

— Claro que não! — exclamou Sara, com ar scandalizado. — No meu casamento, é o marido quem toma as decisões.

— Esse dia está para existir — retrucou Emily, e ambas caíram na gargalhada, abraçando-se mais uma vez.

Emily esperou até que estivessem na privacidade de seu quarto para perguntar ao marido o que ele e Peter conversavam enquanto ela se despedia da irmã.

— Você parecia tão sério — comentou.

— Estava agradecendo a Peter por negar meu envolvimento em La Compagnie. Na carta que ele vai escrever, fará parecer que Addison inventou tudo isso para desacreditar-me.

— Fico contente com isso.

— É difícil acreditar que Peter e Hester descendem da mesma família. Ele é um homem direito.

— É como me sinto em relação a William. Houve um tempo em que achava que tínhamos muito em comum. Como pude ser tão tola?

Após uma pausa, Emily continuou:

— Leon, você leu o diário de Hester. Como isso pôde ter acontecido? Eles eram tão orgulhosos. Sei que ambos se escandalizavam com certos acontecimentos na minha família no passado. Sobre tudo Hester. Tinha padrões tão elevados!

Leon fitou-a de modo tão intenso que ela teve a impressão de que tentava ler sua alma.

— Esse tipo de gente apenas se importa com as aparências. Nunca foram como você e Sara, íntegras e autênticas. Queriam ser admirados. Sobrepueram-se aos outros.

— Nunca vou entender isso.

— Não. Uma mulher como você não entenderia.

Leon tirou o cachecol, o casaco e os dobrou em cima de uma cadeira. Estava rindo e balançando a cabeça. Em seguida aproximou-se da esposa, até que ficassem a milímetros de distância.

Involuntariamente os lábios de Emily se abriram para receber os dele. Mas, em vez de beijá-la, Leon falou-lhe naquele tom que parecia derreter-lhe os ossos e arrepiar-lhe os finos cabelos da nuca.

— Tem algumas explicações a dar-me, mocinha. Não se esqueça de que, há menos de uma hora, disse na frente de todos que me ama. Não tente disfarçar.

Capítulo XXV

O silêncio foi absoluto. Emily prezava a honestidade em todas as ocasiões, mas existia uma coisa chamada orgulho feminino. Ele estava rindo dela, e isso jamais admitiria.

Afastando-se para o outro lado do quarto, abriu a porta do guarda-roupa.

— Vamos nos levantar bem cedo amanhã, devemos deixar as malas prontas — Emily comentou.

O sorriso de Leon era irônico.

— Saem faíscas dos seus olhos quando esta zangada, sabia? Neste momento estão brilhando como ametistas.

Ela rangeu os dentes. O tempo pareceu-lhe voltar atrás, e era uma criança outra vez. E Leon Devereux era um garoto horrível que lhe infernizava a vida.

— Não tenho tempo para os seus joguinhos. Vou fazer as malas.

— Meu amor, não temos nada para empacotar. Esqueceu-se de que chegamos aqui com a roupa do corpo e que as que está usando não são suas? — Leon comentou rindo.

Emily virou-se para ele furiosa.

— Não vejo motivo algum para dar risada.

— Ah! Isso é porque não está no meu lugar. A vingança é um prato que se come frio, não é o que dizem? Pois estão certos. — Dizendo isso, jogou-se na cama às gargalhadas.

Naquele momento, Emily pensou que mesmo que fosse julgada, enforcada e esquartejada, não confessaria seu amor por ele. Amor? Que amor? Nenhuma mulher poderia amar um homem que se divertia a sua custa.

— Já estou cansada das suas zombarias. Vou para a cama — disse, reunindo um restinho de dignidade.

De um pulo, Devereux estava ao lado dela, segurando-a pelos ombros.

— Não terminei com você ainda, minha bela dama. — Os olhos negros flamejavam. O riso cessara em seus lábios. — Já deveríamos ter tido esta conversa há muito tempo. — Dedos fortes enterravam-se nos ombros delicados.

Emily debateu-se, e ele libertou-a de imediato, dando-lhe espaço para respirar.

— O diário de Hester provou ser uma leitura muito elucidativa em alguns aspectos — disse Leon em tom irônico.

— Oh! — O chão começava a fugir-lhe outra vez debaixo dos pés. — Eu... e Hester não éramos amigas. Nunca lhe contei nada a respeito de...

Leon cruzou os braços sobre o peito, encarando-a.

— Talvez não, mas Addison sim. E ele contava a Hester muitas coisas sobre você.

Emily começava a temer o que estaria escrito naquele maldito diário. Fitou-o com olhos muito abertos.

— O quê, por exemplo? — conseguiu murmurar.

— Corrija-me se estiver errado. Você lhe contou que eu era... — Ele começou a contar nos dedos. — Primeiro, um mulherengo; segundo, um jogador; terceiro, um desordeiro...

— Talvez eu tivesse exagerado um pouco — cortou ela. — Por outro lado, não pode negar que sempre teve uma reputação de selvagem e... no meu aniversário de dezesseis anos...

— Sempre voltamos a esse ponto, não é mesmo? A noite em que me surpreendeu com Judith Riddley.

O coração de Emily se contraiu em face daquela memória, mas não estava mentindo

quando disse:

— Nem me lembro mais disso.

— Por que acha que me casei com você, Emily?

Ela o fitou muito pálida e deu um longo suspiro antes de responder:

— Você sabe por quê. Fomos forçados a nos casar depois de sermos encontrados juntos após o incidente no quarto da torre.

— Esse não foi o motivo. Tente outra vez.

— Já lhe disse que não estou com disposição para esse tipo de jogo. — Ele tentava guiá-la para uma armadilha. Emily podia sentir aquilo, da mesma forma que sentia quando era criança. Forçava-a a dizer o que não queria e saía rindo dela — Então foi pela minha fortuna — disse Emily.

— Se eu estivesse à caça de uma fortuna, teria me casado com Sara.

— E por que não o fez? Quando éramos crianças, ela sempre foi a sua favorita. Quanto a mim, você não podia nem ficar no mesmo recinto que eu.

— Porque você tornava as coisas difíceis para mim. Mas estamos nos afastando do foco da questão. Ainda não deu a resposta certa. Não faz a mínima ideia do porquê de eu tê-la desposado, milady? Então, vou lhe dar uma pista.

Segurou-lhe a face com ambas as mãos, e seus lábios roçaram os dela bem de leve. Depois outra vez com mais pressão, até que lhe tomou a boca, sequioso. Quando se afastou, ela estava tremendo.

— E então? — insistiu Leon com voz rouca. Os olhos de Emily buscaram os dele.

— Você me deseja — disse por fim. — É isso, Leon? Foi por isso que se casou comigo?

Encarou-a de cenho franzido como um professor que fala com um aluno que custa a aprender.

— Está chegando perto. Não nego que quando estamos no mesmo quarto, sinto no ar a energia que sai dos nossos corpos. Mas é muito mais que isso. Emily, você não vê que eu...

Dessa vez, ele permitiria que ela saísse vitoriosa. Não sairia rindo, deixando-a com sentimento de frustração. Se ela quisesse, o teria a seus pés.

Antes que Leon dissesse mais uma palavra, Emily selou-lhe os lábios com os dedos. Sua mente foi invadida por imagens, sensações, fragmentos, compreensão de um tempo longínquo. E de repente deu a resposta inexorável.

— Nós sempre nos amamos! — ela exclamou. — Desde crianças.

— É verdade. Apesar de eu não ser mais uma criança quando a conheci. Mas você era, e foi isso que me afastou. Temia assustá-la com a força do meu amor.

— E por isso era tão perverso comigo?

— Era uma questão de proteger a mim mesmo e a você. Precisava fazê-la odiar-me.

— E quando descobriu que me amava?

— Ficaria chocada se eu lhe dissesse.

— Quero saber.

Leon a deitou com gentileza sobre a cama e ficou a seu lado.

— Quando a vi beijando aquele garoto e você me atirou no lago. Fiquei louco de ciúme.

— Verdade? Leon, eu não tinha mais que treze ou catorze anos! Eu também o amava naquele tempo. Se não tivesse sido tão detestável comigo, eu teria descoberto.

— Ainda bem que não descobriu. Pense como a nossa situação ficaria insustentável. Eu não tinha um tostão. Você era tão jovem! Seu tio sabendo de tudo...

— Meu tio sabia? — ela perguntou, incrédula.

— Quem você acha que sugeriu que eu viesse para a América? Foi para o meu bem. Deu-me a chance de provar que podia vencer por mim mesmo. O marido de Claire me emprestou o dinheiro para que iniciasse o meu negócio de comércio de peles. Estava determinado a não voltar à Inglaterra de mãos abanando. Afinal, você era lady Emily Brockford, uma grande herdeira. Sabia que não deveria nem ousar beijar a barra da sua saia...

Ela beliscou-lhe o ombro.

— Não diga isso! Nunca mais repita uma bobagem dessas! — Leon deu um meio-sorriso e prosseguiu como se não tivesse sido interrompido:

— Quando senti que já tinha algo a oferecer, voltei para você.

— Foi no meu aniversário de dezesseis anos? — Ele beijou-a de leve nos lábios.

— Foi. E fiz uma confusão dos diabos. Emily, de uma vez por todas, precisamos exorcizar os fantasmas do passado.

Ela baixou os olhos, não por timidez, mas porque sabia que não poderia ocultar a dor que aquelas lembranças lhe evocavam.

— Lembro-me que naquela noite, quando você me beijou, fiquei assustada.

— Não é de admirar. Eu estava sedento de você. Além disso, não tinha uma mulher havia... nem sei quanto tempo. Não queria nenhuma outra mulher. Só você. Mas Rolfe nos viu juntos e me disse que você era muito jovem para se casar. Praticamente me obrigou a dar-lhe tempo para se tornar uma mulher. Talvez em um ano ou dois...

— Está indo rápido demais — disse ela, apoiando a cabeça em uma das mãos. — Você pediu minha mão a tio Rolfe naquela noite?

— Sim.

— E ele recusou?

— Sim.

— Acho que vou estrangular meu tio da próxima vez que o vir. — Mordiscou o lábio inferior e continuou: — Então você começou a beber e infernizou a noite do meu aniversário.

— Agora sabe por quê.

— Suas esperanças foram por terra. Estava desapontado e procurou alento nos braços de Judith Riddley.

Leon ficou alguns minutos em silêncio. Depois ergueu-lhe o queixo, até que seus olhos ficassem no mesmo nível.

— Não vou pedir desculpas por todas as Judith Riddley que passaram por minha vida enquanto esperava você crescer. Nem pense nisso.

Emily roçou o nariz no dele.

— Não estou lhe pedindo isso. Mas tome nota de uma coisa. Não sou mulher de dividir meu marido com outras, entendeu?

Leon estreitou-a nos braços com ternura e puxou-a para si, até que ela ficasse por cima dele.

— Em meu coração está gravado o seu nome. Nenhuma outra mulher pode entrar lá. Só você, Emily. Só você.

Beijou-a demoradamente e, em seguida, moveu os lábios pela curva do pescoço delicado, pelos ombros, orelhas...

— Vezes incontáveis paguei pelos erros daquela noite — ele confessou. — Sabia que poderia tê-la na minha cama no momento que eu quisesse. Você sabe disso também. Mas, mesmo assim, eu tinha de lidar com a aversão que você pensava sentir por mim, e isso me deixava inseguro. Só esta noite obtive a certeza de que me ama, já que você o declarou na frente de todos.

— Quando eu tinha dezesseis anos — disse Emily —, meu coração foi ferido e meus sonhos, destruídos. Eu queria amor, romantismo, e fui forçada a um casamento por conveniência.

— Não era esse o tipo de união que sempre sonhei para nós. Por isso parti. Mas não conseguia ficar longe de você. Quando voltava, era sempre a mesma história, cada vez mais você me demonstrava sua aversão, e seu tio me cobrava a promessa que eu lhe havia feito.

— Promessa? Que promessa? — indagou Emily.

— Eu deveria estar louco para aceitar tal absurdo. Não, na verdade, estava desesperado. Teria prometido qualquer coisa que o fizesse concordar com o nosso casamento. Depois do fiasco com Judith Riddley, julguei tê-la perdido. Um casamento, em quaisquer circunstâncias, era melhor do que nada.

Emily sentou-se na cama e abraçou os joelhos.

— Agora é que não estou entendendo mais nada. Está me dizendo que fez um acordo com tio Rolfe?

— Exato. Prometi-lhe que daria tempo para que você se recuperasse e se tornasse uma mulher, antes de consumir o nosso casamento. Ele foi duro comigo. Exigiu cinco anos, e eu concordei. Foram os cinco anos mais longos da minha vida — confessou Leon, abraçando-a.

Emily tentou desvencilhar-se.

— Você e meu tio são dois demônios. Como puderam tramar pelas minhas costas como se eu fosse uma... mercadoria?

— Uma vez me perguntou por que minha irmã Claire parecia não gostar de você, lembra-se? — indagou Leon.

— E você disse...

— Não importa o que eu disse. A verdade é que Claire sabia que estava loucamente apaixonado por você. E achava que você não me devotava a mesma paixão. Caso contrário, há muito teria vindo ao meu encontro. Em suma, eu era infeliz, e minha irmã a culpava por isso.

— Achei que ela ouvira dizer que eu queria anular o nosso casamento e que William Addison era meu pretendente.

— Isso também. Até eu cheguei a pensar que a havia perdido para ele.

— Nunca ameí William.

— Mas como eu podia saber disso? Você já não era mais uma criança e o seu ódio por mim parecia crescer a cada vez que eu a via. Talvez tivesse sido isso que me deu esperanças. Se eu lhe fosse indiferente, acho que a deixaria livre.

Emily recostou a cabeça no travesseiro e encarou-o.

— Por que não me disse simplesmente que me amava? Assim não teríamos perdido todo esse tempo.

Leon fitou-a com o olhar nublado. Seus olhos pareciam ainda mais negros, se é que isso era possível.

— Teria acreditado em mim? Acho que não. Além disso, você era minha esposa. Nosso casamento tinha se tornado real. E eu era quase o homem mais feliz do mundo.

Emily fitou-o sem palavras. Como fora capaz de inspirar tamanha devoção em um homem como aquele? Não havia nada de especial nela. Era apenas uma moça comum.

— Por que eu? — Emily perguntou com sinceridade. — É isso que não consigo entender. O que o fez me amar?

Leon passou-lhe o braço pela cintura e beijou-lhe a face.

— Você era... diferente. Especial. Eu via em você todas as coisas que ficaram para sempre perdidas na minha infância durante a Revolução Francesa. Honestidade. Integridade. Virtude. Isso me fez admirá-la desde o primeiro momento em que a vi. E mais tarde, quando essa admiração se transformou em algo diferente, eu já me encontrava no meio de um turbilhão de emoções... E lutei contra esse sentimento do único jeito que sabia: desprezando-a.

Emily aconchegou-se a ele.

— Fico feliz por você ser um homem persistente. Se não tivesse ido me buscar à força, talvez eu tivesse me casado com William, e Deus sabe o que teria acontecido.

As mãos fortes de Leon deslizaram-lhe pelas costas, como para afugentar todos os temores da mente da mulher amada.

— Eu deveria tê-lo desafiado para um duelo quando os vi juntos em Londres, em Carlton House, mas tive medo de que, se o matasse, você me odiaria para sempre. Se tivesse feito isso, nos teríamos livrado de muitos problemas.

No silêncio que se seguiu, cada um reviveu os eventos da última semana. Emily estremeceu e aconchegou-se mais ao peito viril. Não queria lembrar o passado. Era o futuro que lhe interessava.

Com um sorriso tímido, disse:

— Nosso filho vai nascer em solo americano. — E para dar ênfase àquelas palavras, segurou a mão do marido e levou-a até seu ventre.

Quando compreendeu o significado do que acabara de ouvir, Leon ficou atônito e não conseguiu emitir nenhum som. A boca estava aberta e os olhos tinham uma expressão de pânico.

Emily passou-lhe os braços em volta do pescoço.

— O que foi, querido? Não quer ser pai? Não será tão ruim, você vai ver.

— O quê?

Leon encarou os olhos que o fitavam e viu amor, confiança e tudo que um homem podia desejar da mulher amada.

— Oh, Emily, você acaba de me tornar o homem mais feliz da face da Terra!

— Espero ...

— Sim?

— Que nosso filho nasça à imagem do pai em todos os sentidos.

O amor que fizeram naquela noite foi infinitamente melhor, mais vibrante, mais emocionante, pois pela primeira vez se entregaram por inteiro um ao outro. Sem reservas, sem dúvidas. Apenas com a certeza de amar e serem amados.

— Eu amo você tanto que tenho medo de assustá-la.

A resposta de Emily foi algo ininteligível. Um suspiro que lhe saiu do fundo da garganta.

— Diga, Emily.

Aquela história de amor fora escrita havia muito tempo.

E assim abraçados, peito contra peito, dedos entrelaçados, olhos nos olhos, o mundo parecia ter parado para recomeçar a girar no próximo beijo, no calor dos lábios contra a pele macia. O desejo os consumiu com a rapidez de um incêndio e os levou ao centro daquele turbilhão vertiginoso de sensações em que não havia dominado nem dominador. E no ápice do prazer, Leon gritou o nome da esposa, como um brado de triunfo. Enquanto as lágrimas de Emily molhavam-lhe o pescoço.

Um longo tempo se passou até Leon conseguir retirar-se do aconchego macio daquele corpo amado. Com os lábios absorveu cada vestígio de lágrimas. Aquela era a melhor declaração de amor que ele poderia ter. A que era dita sem palavras. Observou-lhe o rosto sereno e notou que Emily adormecera. Leon, porém, permaneceu acordado, velando o sono de sua esposa. Pensando na ventura de tê-la a seu lado.

— Quero ter uma filha igualzinha a você — sussurrou-lhe no ouvido.

Emily não acordou, mas em resposta segurou a mão do marido e a levou até o abdome proeminente.

Pouco a pouco Leon foi relaxando. A brisa noturna soprava, balançando suavemente as cortinas da janela. E ao longe ele ouviu o chamado solitário de um lobo e a resposta distante de sua fêmea.

Um novo dia estava começando e prometia um futuro feliz.

Fim